



MÃE D'UMBIGO RAIZEIRA

Y'PYRUÁ SY

MÃE D'ÁGUA

Y'SY

GUARANY'S
ANHANGATUS
AMAZÔNICAS

MALL'KU CHANEZ

PATUÁ DA MÃE D'UMBIGO RAIZEIRA
Y'PYRUÁ SY KA'RIPU

PATUAZINHO DA MÃE D'ÁGUA
Y'SY KA'RIPU

KAAETÉ PYA' NHE'Ë KUARASY
A TRANSCENDÊNCIA ENERGÉTICA
DAS GUARANY'S ANHANGATUS AMAZÔNICAS



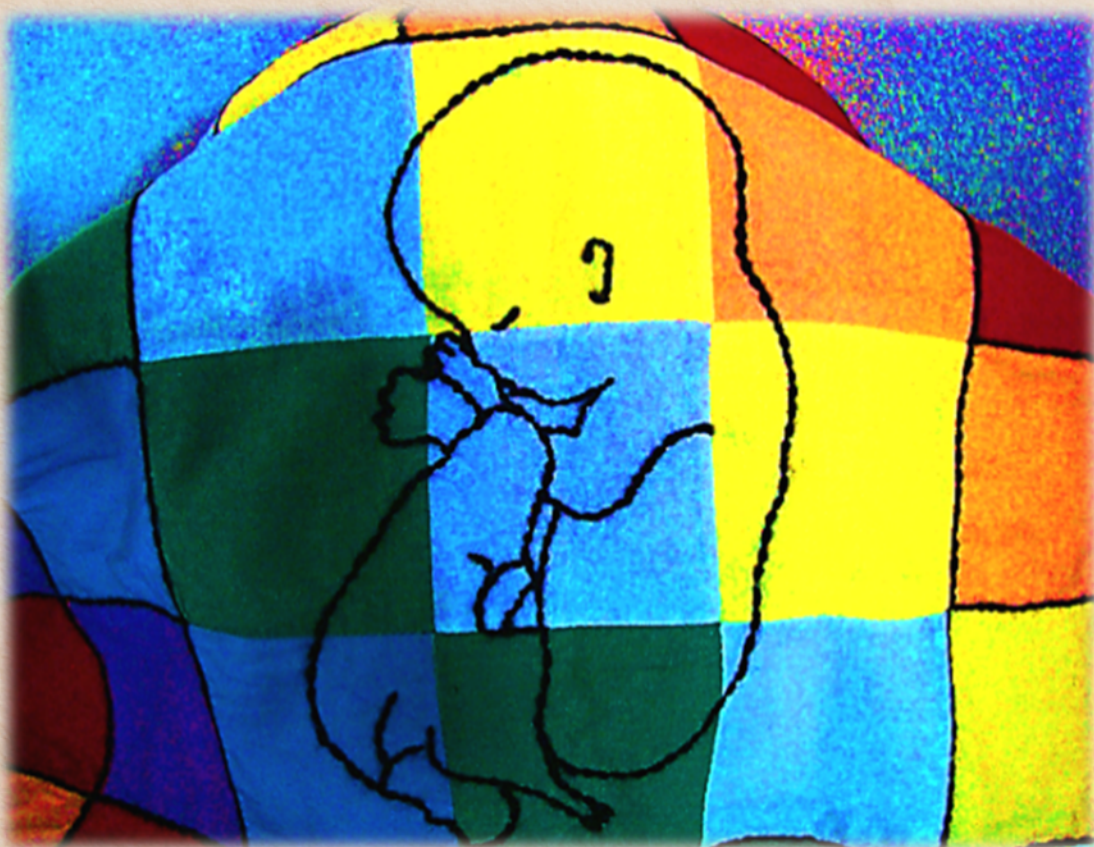
ANO ANDINO DO MULL'PU ~ MALL'KU
DINOSSAURO ~ CONDOR BRANCO

JAXY OVOGUAÇU
LUA CHEIA, 08 DE JANEIRO DE 2026

OS CUMPRIMENTOS SÃO UMA PONTE ENTRE
OS PYA', CORAÇÕES, DAS GUARANY
ANHANGATUS AMAZÔNICAS

EIKO PORÃ PY'A HU
COMO ESTÁ SEU CORAÇÃO?

AIKO PORÃ PY'A HU,
MEU CORAÇÃO ESTÁ BEM



CHEGAMOS À PACHAMAMA, MÃE TERRA,
NOS BRAÇOS DA MAMA'E WIPHALA, A MÃE
D'UMBIGO, PÉLVIS-VENTRAL FLEXÍVEL.

NELA SE HOSPEDA O AJAYO, A ENERGIA
ANCESTRAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS
VERMELHOS.

ABYA YALA, AYWA YALA, TERRA SEM MALES.

**Mãe d'Umbigo Raizeira
Y'Pyruá Sy**

-

**Mãe d'Água
Y'Sy**

**Guaranys Anhangatus
Amazônicas**

Mall'ku Chanez

São Paulo
Edição do Autor
2025

© 2025 – Mall'ku Chanez
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio —
eletrônico, mecânico, fotográfico, gravação ou qualquer outro — sem
autorização prévia por escrito do autor.

1ª Edição

Título: *Mãe d'Umbigo Raizeira Y'Pyruá Sy – Mãe d'Água Y'Sy*
Subtítulo: *Guaranys Anhangatus Amazônicas*
Autor: Mall'ku Chanez
Edição: Edição do Autor
Local e Ano: São Paulo - 2025
Capa e diagramação: Eduardo Balilla Ito
ISBN 978-65-01-84973-7

**Datos Internacionales de Catalogación en la Publicaciónz (CIP) (Câmara
Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Chanez, Mall'ku

Mãe d'Umbigo raizeira = Y'Pyruá Sy [livro
eletrônico] : Mãe d'Água = Y'Sy : guaranys anhangatus
amazônicas / Mall'ku Chanez. -- São Paulo : Ed. do Autor,
2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-84973-7

1. Amazônia 2. Cultura indígena 3. Medicina natural
4. Saúde da mulher I. Título.

25-323616.0

CDD-615.535

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina natural 615.535

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Resenha

Esta é uma obra que procura alcançar e entender o simbolismo da *Olho da Água* (prenha desnuda) e da *jaguaratê* (onça fêmea), da *Mãe D'Umbigo*, o centro energético da *Olho d'Água*, onde não existem conflitos de desapego.

É onde se originam a *flexibilidade* e a *elasticidade* dos movimentos *pélvico-ventral*, no *renascimento da Olho d'Água*, da *Mãe d'Água* (prenha vestida) e o *nascimento da Y'Jaú Mitã*, (criança), aparada pela *Mãe d'Umbigo Raizeira*, integrados e interligados a *Luqiqaman Tink'u*, o *valor* energético para uso próprio. Recorrente em toda a extensão da Amazônia etnográfica, desde tempos milenários.

Limitado ao contexto etnográfico das *Guraranys Anhangatus*, a investigação desse fenômeno passa em revista o modo de ver o mundo, o conceito da *Sobrenatureza* e da *Natureza* e o lugar que as *pessoas paisagens* ocupam em relação à biosfera, a visão do cosmos como **ajayo** (sistema energético) aberto, seguidamente equilibrado por **alianças de Paz**, através dos honis (parentes) e outras entidades e mantido por uma série de *práticas* propiciatórias, como praticamente a total abstenção de consumo de mamíferos na época do renascimento e o nascimento de crianças. Em compromisso com a **pacificidade** na floresta dentro da **unidade das diferenças**.

Os costumes das *guaranys anhanmgatus* estabeleceram regras para a convivência intra- e intercomunitária, bem como de interação com o meio sobrenatural: a valorização da *agressividade* como belo e ao mesmo tempo bom, e o seu oposto, o *medo* inversamente proporcional à idealização da *ferocidade*.

A *Olho d'Água* e a *jaguaratê* são verdadeiramente potências energéticas com *coragem* e habilidades exteriores independentes, *sagacidade* e *agressividade* de defesa interior independentes, originado pelo **pacifismo** e pela **generosidade**.

A *Olho d'Água* e a *jaguaratê* são parentes independentes com uma dinâmica energética interna entre as duas partes; ambas possibilitam a **hospedagem**, ressaltando a convivência pacífica amazônica. As entidades sobrenaturais e naturais desde sempre convivem, transformam-se e interagem. Energias originárias estão isentas da **interferência** do **ocidente coletivo**. A floresta amazônica é transcende.

A *Olho d'Água* e a *jaguaratê*, apesar de uma desejar possuir a outra e vice versa, vão adquirindo compromisso e segurança na floresta amazônica por não serem **obrigadas** a possuir uma a outra. O dia do renascimento da *Olho d'Água* e do nascimento da *Y'Agury Kapi-aí* são dias de sensível **pacifismo**.

O **pacifismo** na floresta amazônica com a *hospedagem* da *Olho d'Água* e da *jaguaratê* é uma oportunidade energética de toda a vida:

Patuá da Mãe d'Umbigo Raizeira
Renascimentos e Nascimentos em Casa

Trabalho apresentado na
1ª Mostra Nacional de práticas em psicologia:
“Psicologia e compromisso social”

1ª Concurso de palavras e imagens -2000

N- 000029

Ofício N°- 950-00/DIR-CFP

São Paulo, de 5 a 7 de outubro de 2000

Dedicado a

Lara, a Nayara, a Yara, ao Negão, a Hugo, a
Chihiro, ao Tomilho, a Chibi e a

Pacha Lea, Jaxy Pya' Hu

Minha filha

Agradecimentos

Estas sementes e raízes foram concebidas e fecundadas nas águas quentes e fluentes das *Olhos d'Água* e das *Mães d'Água*. Enquanto as *mulheres-mães* davam à luz, nos **rios**, davam existência e vida a este alvitre através de seus mais íntimos *sentimentos silvestres*.

Quero, também, estender meus mais profundos agradecimentos à constelação das *meninas-moças*, das *mulheres-mães*, das *Olhos d'Água*, das *Mães d'Água*, as *mama'es guaranys anhangatus*, pois sem as suas colaborações teria sido impossível **reconstruir** e **resgatar** a origem e o *redemoinho* destes *renascimentos* e *nascimentos energéticos*.

Elas dedicaram seu tempo, cederam seu espaço, confiaram seus suspiros, suas superstições, seus *valores tradicionais milenares*, seus saberes, suas crenças e suas práticas naturais e *sobrenaturais* a minha pessoa nos inúmeros e prolongados diálogos, entrevistas, gravações e atendimentos clínicos.

Prefácio

Patuá da Mãe d'Umbigo Raizeira

Patuazinho da Mãe d'Água

Originarias das Guaranys Anhangatus Amazonicas

Mall'ku Chanez

Receber o convite para prefaciар o livro de Mall'ku Chanez, fruto de extensa pesquisa foi, antes de mais nada, uma oportunidade de aprendizagem. Na verdade, uma dávida: aproximar-me de conhecimentos que iluminam aspectos constitutivos de nossas vidas ancestrais, de nossas histórias que foram severamente apartados de nosso autoconhecimento.

Tenho muito a agradecer por essa oportunidade de adentrar e refletir nesse universo.

As escritas desta pesquisa apontam como absurdamente caminhamos distanciados de modos de vida que sócio historicamente compuseram nosso ser. Cada um de nós, viventes nesse planeta de hoje e em nossa forma de ser e estar no mundo, herda práticas como aqui descritas. Práticas que integram em uníssono a relação física e emocional no corpo de mulheres: suas formações e transformações de personalidades; os novos seres que nelas se desenvolveram; as mulheres sensíveis e intuitivas, que orientaram e ampararam esses processos; os seres de todas as espécies que conjugaram com essa estruturação, inteirando o que chamamos de “Natureza” – Natureza Cósmica. Esta leitura revela que temos muito a estudar e analisar, conhecer muitas causas e lutar por elas. Os escritos desta pesquisa retratam mais sobre o que supomos saber!

Essa experiência de leitura abraçou encantos, revivescias, apoios e certificações, expressões afetivas e cognitivas que demonstram as histórias apartadas de nossas concepções de vida. Além disso, reacenderam também fios, memórias que denotam essas nossas origens. Considerando que sou uma entre muitas e muitos leitores assim, “tocadas/os”, escolhi descrever nas próximas linhas tais expressões afetivas e cognitivas, o jeito como mobilizaram vínculos e compromissos com nossas raízes ancestrais.

Foi encantador ler sobre essa comunidade de mulheres; acredito na sabedoria construída e transmitida por elas, de geração a geração. Como já mencionei, elas refletem minha (nossa) história: sou brasileira e até a quinta geração ascendente, todos e todas nascidos nessas terras, oriundas e oriundos de comunidades mineiras e de regiões do cerrado. Os poucos fios de histórias que chegaram até minha geração se entrelaçam, mesmo que em breves interfaces, com as histórias descritas nesta pesquisa.

Sou neta de sonhadoras, avós que sabiam compreender as linguagens cifradas de seus sonhos. Impressionantemente nos concediam percepções premonitórias extraídas de suas leituras oníricas. Uma avó sabia contar as voltas circulares da serpente que se apresentava em seus sonhos e, nesse sinal, avistar com precisão quando nasceria a próxima criança da família e o sexo de nascimento do rebento. A outra avó conseguia, também a partir das imagens de seus sonhos, vislumbrar os parentes distantes, avaliar a saúde deles, ou ainda do que adoeciam e seus riscos de vida ou morte. Aprendi desde cedo a importância das *sensibilidades intuitivas* das pessoas e a me orientar por essas sabedorias.

A obra de Mall’ku Chanez descreve a presença desse *poder sensível e intuitivo* na vida dessas mulheres de todas as idades, os impressionantes conhecimentos construídos a partir de relações “amorosas” com a natureza,

muitas vezes vivências miméticas, capazes de desenvolver as condições necessárias para a promoção da vida. Essas pessoas aqui descritas nos ensinam sobre como conhecer, nutrir, cuidar de si, buscar recursos no entorno, cuidar da natureza vizinha e regozijar a vida integrada a ela, consagrando forças e organizações, cósmicas. Pessoas que vivem em sábia harmonia, por isso mesmo “amorosas”!

Rememorei nessa leitura que as casas que morei sempre guardaram espaços para ervas cultivadas em prol de nossa saúde (às vezes, com sorte, tínhamos até árvores nos nossos quintais). Essas ervas formaram meu escasso conhecimento sobre plantas e suas relações com nossa anatomia e fisiologia. Sempre que a queixa de alguém aparecia, logo vinha a voz da mãe, de uma avó ou tia, ou seja, de uma pessoa mais velha, para indicar uma planta para aquele mal. Sempre recorremos a elas para os nossos primeiros socorros. Guardo comigo os livros de plantas medicinais herdados do avô e os consulto para os primeiros cuidados.

Nesse caminho, as explanações que Chanez traz nas páginas seguintes expandem nossa percepção sobre a riqueza contida nas plantas. Ali ele descreve como suas energias são presentes em todas as espécies de seres e fenômenos da natureza, construindo nossa possibilidade de viver - viver em desenvolvimento e harmonia com a natureza. Importante perceber que, por exemplo, a força de um raio produz um reservatório de energia, alimentando as substâncias das plantas e de nossa subjetividade, que essas conexões podem gerar outras condições de saúde e de força de vida, fundamentais para as diversas travessias de nossa existência.

Revivi sensações profundas e importantes ao ler, nas páginas sobre as gestantes, suas experiências nessa comunidade de apoio e sabedoria entre as mulheres. Por muitos anos me retratei como uma ‘gestante e parturiente

esquisita’. Em épocas que muitas mulheres reclamavam de suas dores e partos sofridos, do peso da barriga e dificuldade de dormir, dos machucados no bico do seio etc., *eu fantasiava um parto de cócoras*. Para a época eu era “estranha” ... Também, pudera! Não tive do que me queixar. Que benção meus partos normais, tão rápidos e sem dores significativas.

O texto **me ensinou** que a falta da anestesia no primeiro parto (que foi aplicada, mas “não pegou”) talvez não fosse mesmo necessária. **Esclareceu** que o fato de eu ter ficado tão úmida, somado, à flexibilidade de meus quadris, talvez tenha favorecido a anestesia promovida pelo processo que a natureza concedeu. Maior facilidade foi ainda no segundo parto, pois em setenta minutos tudo já estava termo, sem dores significativas e minha bebê estava muito bem. Nesses dois partos eu me senti recebendo um fiozinho da herança dadivosa da avó, que teve quatorze filhos, um exemplo de mulher, como as descritas nesta pesquisa, uma benção concedida pela vida integrada à natureza.

Na época, a praxe hospitalar era um breve contato com bebês no momento do parto, que então eram afastados de nosso convívio nas primeiras vinte e quatro horas, retomando depois para as mamadas de três em três horas. Estranhando tudo e confusa, eu me sentia alijada e insegura pela falta do contato com a criança que acabara de nascer. As compensações desse mal-estar aconteceram nas horas de amamentação em casa, isolada de outras pessoas. São vivas as lembranças dessas sensações: meu corpo unido ao delas, que sugavam o leite e faziam meu útero contrair ao mesmo tempo, num ritmo integrado. O ato de amamentar parecia produzir um “transe” – impróprio às vidas cronometradas da cidade, mas que me furtavam para uma “viagem” apartada de qualquer compromisso. Sentia o movimento do corpo delas integrado ao meu, como uma sabedoria que nos orienta e que respeitei, Tudo

aquilo era uma promessa de vida saudável. Assim, me assegurava emocionalmente que éramos despertadas para um novo elo de nossas vidas.

Ainda nessa direção, muitas frases escritas pelo autor me ensinaram muito. Dentre elas, destaco a seguinte, para mim muito especial: **“o renascimento da Mãe d’Água e o nascimento da Olhinho d’Água, Y’Jaú Mitã”** (p. 206). Ao ler, eu me reportei a uma experiência vivida: amamentar minhas filhas, fortuitamente me fazia imaginar que eu também pudera ter ajudado ‘na contração do útero de minha mãe’. Essa fantasia da época ajudava a restaurar alguns laços e sugeria um encadeamento de vidas entre nós e nossas muitas mães ancestrais. Ler o texto aqui apresentado nessa pesquisa promoveu a clareza de que estas não eram fantasias afinal, mas apropriações dos elos que geram força para a vida, sentimento de pertença, **a experiência sensível de estruturação emocional desse universo de ser mulher integrada à natureza**. Desejei que um dia minhas filhas também amamentassem seus filhos e filhas vivendo essa conexão.

Assim, minha feliz experiência maternal em épocas de tantas cesarianas, de tantos leites tirados com bomba para amamentar o bebê, em meio às inúmeras jornadas de trabalho, que vivíamos e ainda vivemos, resultando em escassas atenções genuínas a esses momentos de vida, foi alentada nesse estudo, demonstrando o quanto eu vivi experiência saudável. Mas, em contrapartida, aponta também como uma *grande distância* foi instituída em nosso cotidiano, desde as vivências com a *sabedoria e a sacralidade* presentes na natureza, tão vastamente descritas pelo autor nas páginas seguintes.

Boaventura Souza Santos (2007) nos fez refletir sobre esse *abismo* criado entre a história que nos construiu através de vivência de nossos ancestrais e as construções cognitivas que se estruturam no pensamento

moderno ocidental, aferindo primazia ao olhar interpretativo daqueles que atravessaram as águas atlânticas. O pensamento racionalista construído no Ocidente instituiu referências que se tornaram estruturadas na nossa organização de vida e que alijou, de maneira abissal, as demais formas de conhecer e atribuir sentido ao mundo, assim, como às vivências das pessoas. Estou me referindo às violências que, por serem empregadas contra os universos simbólicos, também implicaram em injustiças sociais e promoção de adoecimento dos seres de todas as espécies e à natureza como um todo. Afinal, ao romper com o sagrado, contribuímos barbaramente para processos de desintegração global.

Estudei parte dessa construção abissal quando me debrucei nos estudos sobre as mulheres e o mundo doméstico (2001). Compreendi que, em benefício da “Revolução dos Costumes”, que se formou na Modernidade, nos territórios que hoje chamamos de Mundo Ocidental, houve uma grande oposição às convivências que antes construíam os modos de produção, para dar forma às possibilidades de existência (por exemplo, sabedorias compartilhadas pelos grupos camponeses). Em prol da separação dos mundos do trabalho e moradia, a geração de movimentos materiais, antes compartilhados por toda a comunidade, foi separada das mulheres. A partir de então elas se ocuparam, isoladas em seus lares, da formação da nova geração, da educação das vivências emocionais e subjetivas, com vistas à ‘formatação’ dos bons costumes – assim, as emoções passavam a ser consideradas “*a louca da casa*”. Aos homens foi destinada a produção dos recursos materiais para a subsistência, produção essa cada vez mais destituída dos sentidos históricos e culturais presentes nas formas anteriores de produção e com vistas, a partir de então, a alcançar a maior quantidade de produtos, renunciando à integridade da relação, produção e preservação da natureza. Esses novos padrões de organização de vida cotidiana atravessaram

o Oceano Atlântico a partir do século XVI e foram instituindo valas enormes, que soterraram em nossa consciência, até os dias atuais, as vivências de nossa ancestralidade.

Tenho memória de como os quintais das casas, na minha infância, eram espaços de terra e plantas. Aos poucos passaram a ser tratados como ‘terreiros abandonados’, *que serviam para juntar bichos, e doenças e, por isso mesmo, precisavam ser cimentados*. Também tenho memória de como os conhecimentos de nossas avós foram tratados, na modernidade paulistana dos anos de 1970, como *superstições, crendices que, por estarem longe das “ciências”, nos levariam a ledo engano e prejuízos à nossa saúde*. Descrevi em minha tese, a passagem que destratou nossas práticas domésticas para nos conduzir ao consumo de massa. Dizia ali uma frase jocosa e vulgar presente na boca de muitos: “*Dona Maria (referida como mulher qualquer e não como arquétipo de Matriz) esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque*”, em meio ao surgimento dos fast-foods e vestuários produzidos em série.

Importante denotar, que essa “Revolução dos costumes”, que se instalou no período Moderno desse território tratado como Ocidental, apoiou-se nos discursos que foram identificando a *Mulher ao Sexo frágil*. Inicialmente foi idealmente identificada coma a “*pureza do mundo doméstico*” e nele apartada e protegida das vicissitudes do “mundo”, tratado como “*mundo mundano*” (não mais a natureza sagrada). Assim, identicamente, “naturalizaram a mulher mãe-esposa-dona-de-casa”.

Nos anos 1960, ao lado de outras buscas revolucionárias, discursou-se em oposição aos preconceitos que retratam as “mulheres como destinadas à *maternidade e à reclusão doméstica*”. Entretanto, tais lutas discursivas não

nos libertou de outros discursos disciplinares como agora em prol de corpos perfeitos, ‘seguros de vida’, ou experiências ‘espetaculares’.

Desde a implantação dos paradigmas das Ciências Positivas, nossos corpos passaram a ser retratadas como dotados exclusivamente de dimensão material. Como tal, podem então ser observados, mensurados testados e descritos, em provas tratadas como irrefutáveis. Assim, estudamos anatomia, fisiologia, reações bioquímicas e nos “atrevemos” a tentar discutir subjetividades. Nós nos respaldamos em perspectivas hegemônicas, que negam as dimensões energéticas e emocionais tratadas como ‘*nonsense*’, disparates, superstições.

A professora Marilena Chauí (1989), analisa a “competência de discursos” apontando que as titulações universitárias em geral desconsideram os conhecimentos construídos pelas diversas comunidades ancestrais. Baseados em estudos laboratoriais, materialistas e tecnicistas se atribuem o caráter de “verdade científica”, desqualificando qualquer outra forma de construção de conhecimento e de relação com a natureza.

“O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (estes termos agora se equivalem) porque perdeu os laços como o lugar e o tempo de sua origem. (...) O discurso competente é o discurso instituído (...) no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência.” (Chauí 1989:7).

Trata-se de um processo de *desvalorização do saber popular*, desconsiderado como conhecimento frente ao saber institucionalizado e transmitido através do discurso competente nas instituições consagradas à produção do saber. (Magalhaes, 2001, p 98).

Sob o olhar de muitos discursos ditos competentes, assumimos uma posição paciente/ passiva perante as análises e diagnósticos dispostos aos

nossos corpos. Seguimos regras, ingerimos substâncias químicas, admitimos intervenções, cada uma delas declaradas pela competência do discurso, como fundamentais aos nossos corpos. Entretanto, muitas vezes, esses comportamentos afastam-se de nosso entendimento, de nossas próprias percepções, ampliando a distância entre nossas atuações e o nosso autoconhecimento. Esse *abismo* é a arma fatal para que a vida se apresente ***sem energia***, sem conexões, sem integração com a natureza.

Ponderamos em fim, sobre a zona abissal entre esses universos femininos: de um lado, mulheres vivendo em aglomerados urbanos “retratadas como frágeis”, alienadas de si mesmas e eternamente cobradas para “parecerem ser qualquer utopia”; do outro lado, as *mulheres que concederam suas histórias* para essa pesquisa, vivamente integrando-se ao seu referencial ancestral, desenvolvendo autoconhecimento e união com a natureza, com o cosmo, apropriando-se assim da ***“força energeticamente associada à Mãe do Fogo, à jaguaratê, à onça fêmea”***. Só que ambos os universos estão gravemente ameaçadas pelos “descaminhos” e agressões que impomos à natureza.

Acredito que o *autoconhecimento* é também um estímulo propulsor ao respeito a si e ao outro: a outros humanos (mulheres e homens), outros seres da natureza, à própria natureza, atingindo a percepção que somos compostos e compositores do Cosmo. Esse é o conhecimento que por milênios foi preservado nas tradições orais, nas referências míticas, nos cultos, celebrações, diferentes festejos e cortejos. Todos eles guardam, na linguagem de sua tradição cultural, a experiência acumulada de construção, preservação das vidas e integração com a natureza universal.

Neste cenário, passei a considerar que existem “*dores*” como as do parto que, ***apoiadas pela sabedoria milenar***, valem muito a pena serem vividas!

Aceli de Assis Magalhães

São Paulo, Março de 2025

Bibliografia

CHAÍ, Marilena, **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo, Ed. Cortez, 1989, 4^a ed.

MAGALHÃES, A.A. **História de Mulheres: considerações sobre a privação e a Privacidade**. São Paulo, Ed. Altana, 2001

SANTOS, Boaventura Sousa, **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: CEBRAP Novos Estudos, São Paulo, 2007, n. 79, p. 71-94

Índice

Introdução.....	30
Justificativa.....	38
“O óvulo-pater-fetal-fálico”: A família ocidental no Pau-Brasil, o jargão machista, a origem do partejar horizontal	42
Universo Energético Aberto	
A Força Energética d’Alento Universal do Amazonas	47
1ª A ciência étnica das guaranys anhangatus amazônicas	48
2ª A constelação da LLallagua Pumas:A jaguaratê e o jaguar	52
3ª Y’ry Oty ~ Olho d’Água: Jaguaratê ~ Mãe do Fogo	60
4ª As alianças de hospedagem: A jaguaratê possuía a Olho d’Água e vice versa.....	65
5ª Rembypy Nhandê Y’ry Oty: Nossas origens através das Olhos d’Água a prenhã e mama’e nua do Amazonas	72
6ª Mama’e aura, Olho d’Água, transformando-se em a primeira Mãe d’Umbigo Raizeira	75
7ª Águia: A primeira Mãe d’Umbigo Raizeira.....	79
8ª Y’Vytery Aí, Mãe D’Umbigo: O centro energético da Mãe d’Água onde não existem conflitos de desapego	86
9ª Pacas Mili e o Khenô da Pacas Mili: As nove esferas em Guarany Anhangatu	92
10ª Oguapy: Menina-Mulher Sem Ser Ainda Mãe d’Água sentou no leito do rio.....	97

11 ^a Segundo seja o primer ritual de apresentação de infância, assim será a admirável aurora de Pacha Lea	103
12 ^a Pessoas paisagens cósmicas	107
13 ^a Alsunha dos ajayos é o germinar e o brotar do sonho primordial energético das Awichas Urus	113
14 ^a O grande sonho primordial no ritual de apresentação social da Pacha Lea, Jaxy Pya’Hu	119
15 ^a KK’antutika - “A flor que se abre”: A ciência étnica da Mãe D’Umbigo Pacas Mili e o Khenos da Pacas Mili.....	127
16 ^a Cerimônia de Passagem das Grandes Águas - Ritual de iniciação após alcançar o sonho primordial : Pacha Lea ~ Jaxy Pya’ hu.....	132
17 ^a Onhemondya - Resguardo das iniciações femininas.	136
18 ^a Alimentos que devem ser evitados no resguardo.....	139
19 ^a Alsunha: O germinar e o brotar das sementes da Mãe d’Água	143
20 ^a Retorno da Mãe d’Água ao antigo estilo da Mãe do Fogo e da Olho d’Água.....	145
21 ^a Cheru Y’Pyruá Jaxy -Avó d’Umbigo, a criadora e organizadora das luas.....	150
22 ^a Kkawa- pe Y’ry Oty Jaxy Yvy Marane’y: O grande rio, a Olho d’Água e as luas na terra bonita	154
23 ^a Poty Endy Porã: A bonita flor d’água fechada	160
24 ^a Tupã Y’Sy Jaxy Ovoguaçu: A Lua Cheia Ancestral da Mãe D’Água Jaxy Ovoguaçu, Avó d’Umbigo.....	163
25 ^a Patuá da Mãe d’Umbigo Raizeira e o Patuazinho da Mãe d’Água	167
26 ^a Y’Guaçu: A flexibilidade e dilatação da Mãe D’Umbigo.....	175

27 ^a Y'ba Tyma: Anel do Lábio	179
28 ^a Y'xugu-gua-mitã-pa Y'Sy: A Mãe d'Água prenha	186
29 ^a Echara'u Y'Sy: Os sonhos da Mãe d'Água antes do seu renascimento ...	189
30 ^a Tojo: Entojou, enojou, antes do nascimento da Y'Gury Kapi-aí	196
31 ^a Quentura na Mãe D'Umbigo: Anel d'Aguaí, placenta	199
32 ^a Farmacopeia da Mãe d'Umbigo Raizeira.....	202
33 ^a Os remédios da Mãe d'Umbigo Raizeira.....	205
34 ^a Flores brancas e tanxagem: “Corrimentos brancos e amarelos”	212
35 ^a Tipos de Mães d'Umbigo Raizeiras	216
36 ^a Y'Pyruá Sy Y'Ataí: A escolha da Mãe d'Umbigo Raizeira	221
37 ^a O primeiro encontro da Mãe d'Água com a Mãe d'Umbigo Raizeira	224
38 ^a Patiguá: Bisaquinho de couro da Mãe d'Umbigo Raizeira	226
39 ^a A abertura do ritual da pejada da Mãe d'Umbigo Raizeira ante a Mãe d'Água	230
40 ^a Y'Tororo Y'Agury Kapi-aí - As águas sonoras iram vir muito lentamente com a Y'Jau Mitã.....	233
41 ^a Cepinho do Fogo para assentar a caudinha: O Anel de Madeira cortado pelo raio.....	238
42 ^a Ari'ranhas: Escancaramento da Mãe D'Umbigo, a flexibilidade do ventre e a dilatação da pélvis na Mãe d'Água.....	240
43 ^a A Mãe d'Água se senta no Cepinho do Raio e fazer fluir a Y'Agury Kapi-aí	241
44 ^a Y'We: Renascimento da Mãe d'Água e o nascimento da Y'Poty Hu, da flor bonita das águas doces	245

45 ^a Ei Pakoa - “Favo de Mel”	250
46 ^a ‘Favo de Mel’ da Mãe d’Umbigo Raizeira: Aparar o nascimento da Y’Jaú Mitã	254
47 ^a A dor de puxo e a grande dor de Força d’Alento Energético	258
48 ^a A descida da Y’Gury Kapi-aí, Olhinho d’Água: Fim do apego com a Mãe D’Umbigo.....	263
49 ^a Mitami Ogureko: O nascimento da Y’Agury Kapi-aí.....	267
50 ^a A Mãe d’Água molhada ou seca	276
51 ^a A descida em seco, choque e estremecimentos	279
52 ^a A dor de puxo fria - ‘Dor truncada e seca’	283
53 ^a A umidade lunar fortalece os fluxos energéticos de nascimento.....	286
54 ^a A secura lunar e os alimentos rimosos, os alimentos medicinais úmidos	288
55 ^a Cerimônia de defumação com alfazema: O ritual milenar da pulsação da Força d’Alento Universal	290
56 ^a Petynguá Imburana: A cerimônia do cachimbo do menino-homem	292
57 ^a A pulsação energética de desapego da Mãe D’Umbigo, Y’Sy Gerere	295
58 ^a O banho escaldado para a mitami e o banho do aperto das carnes escancaradas da Mãe d’Água.....	298
59 ^a Nhe’ẽ Ambará Amby: O seio, a cuia das virtudes e das atitudes, que gera o caráter da mama’e	300
60 ^a Kamby Aí: Leite do peito da Mãe d’Água	303
61 ^a Mirĩ panamby: A pequena borboleta	307

62 ^a O resguardo da Mãe d'Água depois de seu renascimento e do nascimento da mitami.....	310
63 ^a Deitar na Grande Ágade, a irmã dos infortúnios - Anel d'Aguaí, a placenta colada na Mãe D'Umbigo.....	313
64 ^a As concepções originárias da Olho d'Água: A concepção das águas vivas e águas mortas.....	318
65 ^a O trabalho de parto obstétrico: A demolição emocional pelo tormento físico obstétrico	323
66 ^a As diferenças entre as Olhos d'Água, as Mães d'Água e as Mães d'Umbigo Raizeiras amazônicas e os obstetras e as parteiras cosmopolitas são como eclipses do Sol e da Lua	326
67 ^a Mall'ku.....	333
68 ^a A aliança entre a Olho d'Água e a jaguaratê em compromisso pela pacificidade.....	336
Vocabulário Guarany Anhangatu	348

Lâminas

Aliptanha Pachakutij	29
As Olhos d'Água e os passarinhos	46
Luqiqaman Tink'u, o ajayo, a energia projetada	47
A constelação da LLallagua Pumas.....	51
Jaguaratê, Mãe do Fogo.....	58
Y'ry Oty, Olho d'Água a prenha e mama'e nua do Amazonas	71
Águída	78
Y'Vytery Aí - Mãe D'Umbigo.....	85
Pacas Mili e o Khenos da Pacas Mili	91
<i>Khenos da Pacas Mili</i> , a fertilidade da Mãe D'Umbigo	93
Descrição das nove esferas da Pacas Mili e do Khenos da Pacas Mili	94
A configuração dos complementos binários energéticos da <i>Mãe D'Umbigo</i>	95
Nhapuã Japoraí Pacha Lea	96
A admirável aurora da Pacha Lea.....	102
Pessoa paisagem <i>Wariwirakocharuna</i> , PPW ,	106
Kunhateĩ.....	110
Alsunha dos ajayos.....	112
Luqiqaman Tink'u, LqqT' - <i>Xe Pya' Ñe'ẽ</i> O valor energético para uso próprio.....	117
Jaxy Pya'Hu, Lua Nova, nome primordial de Pacha Lea	118

Pacha Lea caminhando para o seu ritual de apresentação social, e adquirir seu nome primordial <i>Jaxy Pya’Hu</i> , Lua Nova.....	125
Kk’antu-tika, “a flor que se abre”	126
Kk’antu-tika “A flor que se abre”, após o sono primordial da Pacha Lea, <i>Jaxy Pya’Hu</i> (Lua Nova).....	131
Pacha Lea ~ <i>Jaxy Pya’ Hu</i> , Lua Nova	135
Nhapuã Japoraí Pacha Lea (azaleias)	138
Alsunha - O germinar e o brotar das sementes da Mãe d’Água	142
Lua da transformação	149
Honi da Lua Cheia, <i>Jaxy Ovoguaçu</i> : A sabedoria simultânea da união dos instintos sagrados	153
Poty Endy Y’ Porã: “A bonita flor d’água fechada”	159
A lua da grande Avó D’Umbigo	162
O Patuazinho da Mãe d’Água.....	166
Y’Guaçu: a flor d’água aberta.....	174
Y’ba Tyma - Anel do Lábio, clitóris.....	178
Jaguaratê, onça fêmea: A dança da Mãe do Fogo	185
O primeiro caderno de sonhos de Pacha Lea – <i>Jaxy Pya’hu</i>	188
O patuá do uapé: Amuleto do Anel d’Aguai, placenta	198
Tanxagem, tembetery, lantem, cinco nervos.....	201
Capuli ou chilto, fruto energético amazônico	204
As “flores brancas e amarelas”, as confrontam as Mães d’Água consigo mesma.	211
A Mãe d’Umbigo Raizeira não se nega a ninguém.	215

Mirĩ he'i ixu-pe.....	220
Y'Poty Porã Yba Gerere.....	223
Gererey Apó: A honi da Y'Agury Kapi-aí no Anel do Fogo (placenta)	229
O universo energético da Mãe d'Água é a Mãe do Fogo.....	232
Cepinho do fogo para assentar a caudinha branca (<i>cóccix</i>)	237
Ari'ranhas.....	239
Embira tata: Cordão umbilical de fogo.....	244
Y'xugu-gua-mitã-pa Y'Sy	249
O Patuá do 'Favo de Mel' da Mãe d'Umbigo Raizeira	253
Y'Agury Kapi-aí, olhinho d'água	262
Abertura da Y'Guaçu e da pélvis flexível, mostrando as ari'ranhas ablandadas.....	266
Configuração da levitação da poraceí	275
O rito do <i>Maita</i> , o primeiro impulso, a 'levitação' da <i>Poraceí</i> , <i>óvulo</i> , da <i>Etã</i> , <i>ovário</i> , para a <i>Poty maru</i> (flor que se abre), <i>trompa</i>	275
Jaxy Ovoguaçu: A umidade da Lua Cheia	285
Jaguanhenhén, jaguanhenhén - Mama'e, mama'e, eu prefiro teu suave rosnar e teu leite materno.	302
Panambi Miratamo do Anel do Beijo: Pequena borboleta dos grandes lábios.....	306
Ka á: A rede dos bons sonhos e a boa fortuna da mitami e da Mãe d'Água..	309
As <i>Mães d'Água</i> somente nos deixavam seus sentimentos e partiam, sem volta, na <i>Grande Ágade</i>	317
O Mull'pu, <i>dinossauro</i> e o Mall'ku, <i>condor branco</i>	332



Aliptanha Pachakutij

Transcendência energética: da menina-moça, kunhateĩ e da Mãe d'Água, Y'Sy, das guaranys anhangatus amazônicas

O civilizado moderno com a sua inteligência e sua ciência artificial procuram destruir toda e qualquer expectativa em relação à *Aliptanha Pachakutij*, a *transcendência* energética (**ajayo**), da ciência étnica dos povos originários amazônicos e andinos.

Introdução

As velhas verdades e as *práticas medicas tradicionais étnicas*, as emanções da *transcendência energética* dos povos originários andinos e amazônicos do continente *Abya-Yala*, *Aywa-Yala*, *Terra sem Males* (hoje, América Latina), não podem ser mais ignoradas, discriminadas e castigadas. Ditas tradições milenares tem como *concepções* mais importantes o *potencial* e a sua *transcendência energética*; e como valores práticos e traços latentes apresentam a *Constelação da Olho d'Água*, a *prenha nua* (*Y'xugui-gua-mitã-pa*): a **coragem**, a *garra*, a *força energética*, a **ferocidade**, a **agressividade** e o *livre-arbítrio*, caráter e atitudes herdadas da *jaguaratê*, onça fêmea, e do *jaguar*.

A reconstituição e a reinserção das sementes e raízes milenares da *Terra sem Males* nos permitirá a integração das medicinas oficiais com as *práticas tradicionais sanadoras* e as emanções *energéticas*, contribuindo com os programas e políticas *psicossociais* de *prevenção* e de *tratamento* mais práticos, *intuitivos*, *sensitivos* e *flexíveis* da *pélvis* e do *ventre*, **Mãe D'Umbigo**, o *centro energético da Olho d'Água*, *prenha nua*, e da *Mãe d'Água*, *prenha vestida*, para a utilização das *ciências étnicas* dos povos originários nas aldeias e nas comunidades urbanas.

Esta *ótica* **não** *coincide* plenamente com as recomendações formuladas pela OMS, Organização Mundial de Saúde dos civilizados, no sentido de que os governos e as universidades estabeleçam critérios mais práticos, mediante programas de assistência adaptados às condições socioeconômicas de cada região.

As *etnias originárias* apresentam um alto grau de desenvolvimento da **transcendência energética** e das emanções mentais. Se o passado dessas tradições que permanecem injustamente banidas e desprezadas dentro de seu próprio cosmos fosse reconstituído, se as práticas energéticas e psicossociais das *originárias fossem reconhecidas*, mostrariam de forma inequívoca seu valor à verdadeira prática e, sem dúvida, muitas linguagens e técnicas sanadoras, práticas étnicas transcendentais seriam redescobertas.

No *Kollasuyo* (de onde sou originário), hoje, *Estado Plurinacional da Bolívia*, o país da medicina intuitiva e das Ciências Étnicas, encontra-se a essência energética dessas tradições. As diferentes germinações ali encontradas nas diferentes etnias servirão como preciosa fonte de enriquecimento da herança andina, como dos *Aymarás, Qhechuas, Chipayas, Guaranis, Kollawayos, Kallawayas, Urus e outras nações*.

Dentro da medicina milenar andina, a Medicina Itinerante **Kallawaya** se sobressai pelo *alto grau* de desenvolvimento da percepção do cosmos como um Universo energético aberto. Ela foi reconhecida como “obra mestra” *intangível*, patrimônio oral da humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no dia 7 de novembro de 2003. Atualmente, esta medicina é praticada pela comunidade e reconhecida pelo Estado Plurinacional da Bolívia, que garante sua prática e seus conhecimentos junto às técnicas modernas contemporâneas.

Identicamente, no lado oriental da *Terra sem Males*, na região do **Pindo Rentã**, chamado de *Pau-Brasil* na época da colonização (hoje, Brasil) encontramos germinações autóctones como as das *Guaranis Anhangatus, Guaranis Kayowás, Guaranis Embyá, Tupys, Xavantes, Karajás, Yanomamis, Kraôs, Kayapós, Bororós, Kaapores, Chiriguanos, Kamayuras,*

etc., que desenvolveram **práticas sanadoras transcendentais** e várias técnicas tradicionais orais que sobrevivem até hoje.

Neste projeto colocou-se em posição de destaque a germinação e a *pré-história* das **guaranys anhangatus amazônicas**. Nela originou-se e organizou-se a *prática transcendental da Y'ry Oty, Olho d'Água*, as emanções da transcendência energética feminina. A característica mais importante e interessante dela é a *prática preventiva da Mãe D'Umbigo* e da **sanadora** da Mãe d'Umbigo Raizeira e da Mãe d'Água, a *prenha vestida*, originárias da árvore genealógica energética da *Olho d'Água amazônica*.

A **Olho d'Água**, *aprenha nua da floresta tropical amazônica* da época áurea, *pegava e aparava a evyrumitã, recém-nascida*, sentada na beira dos fluidos do rio junto à irmã árvore, com sua transcendência energética, *sensibilidade, sensibilidade, intuição, flexibilidade, elasticidade e dilatação da Mãe D'Umbigo, pélvis e do escancaramento da Y'Guaçu, os anéis do Lábio e do Beijo e o canal de nascimento via baixa*.

Dessa maneira aconteciam os 'grandes encontros' das emanções energéticas e as relações dos movimentos magnéticos das *Olhos d'Água*. A transcendência desses fluidos energéticos das *Olhos d'Água*, da Mãe d'Água e da Mãe d'Umbigo Raizeira fundamentaram as práticas étnicas *transcendentales* energéticas da floresta tropical amazônica.

Através desses *fluidos energéticos* transcendentais se determinavam e se determinam os valores práticos do *renascimento* da Mãe d'Água com a sua *Força d'Alento Universal* e os valores práticos da **Y'Poty Porã**, o nascimento "da flor bonita das águas doces" em casa.

No entanto, ao se levar em consideração a *Mãe Cósmica* e a *Mãe Natureza*, a *Ciência Étnica* esbarra-se no conceito do ‘bem-estar’ apresentado pela Organização Mundial de Saúde, OMS.

Segundo este conceito, o ‘bem-estar’ das mulheres grávidas e das mães é entendido como sinônimo de passividade, paralisia, morbidez europeia, estagnação, intervenção mecânica, iatroquímica, suturas e cicatrizes pelas cesáreas abomináveis sem necessidades fisiológicas praticadas num sistema fechado e realizado por um *técnico medíocre*, sem paciência e de *sangue frio* numa *Sala de Parto* de um hospital.

A história escrita pelos civilizados ajuíza um abuso deliberado de *poder corporativista advindo um **machismo estrutural***: as atitudes de arrogância religiosa, de discriminação, de intervenção e de desprezo em relação à *prática sanadora transcendental energética amazônica*, a qual possui uma identidade, uma atitude e um caráter dentro da germinação dos povos originários em vigência na *Terra sem Males*.

A *Y’ry Oty, Olho d’Água*, foi *enlaçada* pelos bandeirantes homicidas e estupradores, e apesar de continuar a ser perseguida e desprezada até hoje pelas velhas *falácias acadêmicas euro intelectuais* e pelo novo sistema de poder institucional fechado, poderá ser ainda um *manancial inesgotável* para o desenvolvimento da ***germinação energética*** brasileira.

A prática transcendental energética das *Olhos d’Água*, da *Mãe d’Água* e da *Mãe d’Umbigo Raizeira* da *Terra sem Males* ficou quase que irremediavelmente perdida pela hegemonia médica civilizada pela institucionalidade corporativista que pretende ser a única possuidora de uma resposta verdadeira ante a cultura da enfermidade e do tratamento ocidental. A ***falta de reconhecimento*** do esplendor aromático e colorido da prática preventiva amazônica, da ***Mãe d’Umbigo Raizeira*** e da ***Mãe d’Água***,

tem causado um enorme prejuízo, não somente às regiões isoladas do *Pau-Brasil*, mas a todos os povos originários.

Como **abolir** a cultura do ódio e a prática da *fragmentação machista*, de maus tratos, da **violência obstétrica corporativista** e banir ao mesmo tempo as enfermidades e as sequelas *adquiridas nas salas de parto* que afetam o organismo sensorial da *menina-moça e da mulher-mãe*?

O método prático de **assistência** da *Mãe d'Umbigo Raizeira amazônica*, o estilo energético feminino, mostra-nos de maneira contundente que nas germinações originárias, as práticas sanadoras não se desarticulam dos fenômenos cósmicos da natureza, dos fluidos *energéticos, da fisiologia, dos feitos psicossociais e psicossomáticos*, universais, artísticos, tradicionais, educacionais, sobrenaturais, etc.

Todos os povos originários do cosmos desenvolveram seus próprios valores, suas próprias práticas sanadoras, habilidades, atitudes, crenças, técnicas e práticas tradicionais; e não poderia ser de outra maneira porque todos eles desenvolveram a capacidade de dar uma explicação sobre seus problemas e suas soluções no dia e na noite.

O resgate, a reconstrução, a revalorização, a integração da *transcendência energética* da *Olho d'Água*, da prática da *Mãe d'Umbigo Raizeira* e da *Mãe d'Água amazônicas* na *vasta floresta amazônica* e no território brasileiro, nos permitirá recolocá-la a serviço das comunidades sociais como um meio importante para assegurar o *resguardo*, a assistência à energia funcional, a *existência integral* de prevenção e a recepção da (o) **evyrumitã**, recém-nascida (o) e da sua mama'e. São poucos os países e os estados que oficialmente admitem e aceitam a existência de uma **prática pluralista energética integrada às comunidades sociais**.

A medicina contemporânea não deveria perder a oportunidade de se associar às práticas energéticas étnicas da *Terra sem Males*, à germinação da *Mãe Cósmica* e da *Mãe Sobrenatureza*, das quais tomam parte a **coragem**, a **garra**, a **força energética funcional**, a **sensibilidade**, a **flexibilidade**, a **elasticidade**, a **dilatação da Mãe D’Umbigo**, *pélvis*, o relaxamento, o imaginário, o instintivo e a intuição, os sonhos, e a universalidade da **formosura**, da **ferocidade** e da **agressividade** (adquiridas pela hospedagem da *jaguaratê, Mãe do Fogo*), em que o *movimento, o tempo, o espaço, e a solidariedade*, **Pacha**, são integrados.

A medicina e a bioquímica cosmopolita, ao invés de tomá-las como **referência étnica valiosa**, consideram-nas obstáculos econômicos, empecilhos artificiais e estruturais; assim sendo, pela imposição de normas e leis de cima para baixo, vão dificultando as suas práticas, **perseguindo e vitimando a Mãe D’Umbigo**, o centro energético da Mãe d’Água na qual não existiam conflitos de **desapego** da ancestralidade feminina.

As práticas energéticas funcionais e as emanções energéticas das *Mães d’Água* têm se demonstrado eficientes. Falar em sua *desintegração* parece até ser desrespeitoso porque *elas existem desde que se tem conhecimento do vento, do fogo, do ar, da água* e dos **honis** (‘animais’), parentes *instintivos silvestres* da flora e da fauna amazônica.

Elas não sofrem de pandemia da *cultura iatrogênica*, da *astroquímica* e do ranço custo-benefício da medicina cosmopolita, e não são uma panaceia *multi econômica*. A *terapêutica sobrenatural da Omopuã Pacha Lea amazônica* é um poderoso **estilo profilático energético**, sobrenatural no que se refere à harmonização e à sincronização da *Força d’Alento Universal* no organismo sensorial da *menina-moça* e da *Mãe d’Água*.

A terapêutica sobrenatural *Omopuã Pacha Lea*: da *Olho d'Água*, da *Mãe D'Umbigo*, da *Mãe d'Água* e da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, recorrentes em toda a extensão da Amazônia etnográfica e nas zonas rurais e urbanas, constitui-se, hoje, uma prática economicamente *sustentável* válida para uma ***maioria amordaçada e silenciosa***.

Através das experiências obtidas pelas *Olhos d'Água*, pelas *Mães d'Umbigo Raizeiras*, pelas *Mães d'Água* contemporâneas resgata-se a essência energética amazônica da *terra da mãe sol, Kuarasy*.

A *germinação* e a arte de aperfeiçoamento da *Olho d'Água nos rios*, a recepção da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, renascimento da *Mãe d'Água* e o nascimento da ***Y'Agury kapi-aí*** em casa seriam, na prática, a valorização e a integração do ciclo de *Força d'Alento Energético Universal dos fluidos eletromagnéticos da Mãe D'Umbigo, centro energético da Mãe d'Água, onde não existem conflitos de desapego*. Abrange os rituais de *iniciação da ovulação e da menarca*, a *inspiração do prazer*, a fecundação, a concepção, a prenhes, o *renascimento da Mãe d'Água*, o nascimento da (o) *mitami*, a amamentação e o *resguardo da mama'e*.

Na atualidade, não se tem a *sensitividade* e nem a *sensibilidade* da transcendência energética feminina, da continuidade, da totalidade dos ciclos orgânicos e energéticos da *menina-moça e da Mãe d'Água*, não lhes permitindo sincronizar-se e harmonizar-se com o tempo e com o espaço do Universo energético finito.

Desde o início, as *prelhas Mãe d'Água* eram convenientemente acompanhadas e assistidas dentro de uma sabedoria cronologicamente e extraordinariamente elaborada pelas *Mães d'Umbigo Raizeiras*. Pelos seus métodos profiláticos e pelas *soluções* apresentadas por elas, constatava-se um baixo índice de mortalidade infantil e materna.

As *Mães d'Umbigo-Raizeiras* nunca extinguiram a **hospedagem** da **jagwratê** (metamorfose), os fluidos “*da Mãe do Fogo escaldante*”, a *jaguaratê* (*nhe'e tatá, fogo divino*), nem “*a grande chuva*”, provenientes da *Mãe D'Umbigo* (*Pakuá, placenta, uma multiplicidade energética*), da **Y'Guaçu**, os anéis e o canal de nascimento de *via e fluxo baixo* da Mãe d'Água, práticas-rituais primordiais herdadas da etnia e da *constelação da Olho d'Água*.

Unem-se à *terapêutica da Omopuã Pacha Lea* (*movimento, espaço e tempo energético*) da prevenção e do tratamento, sua rica fonte de tradições e de superstições, de crenças, associando-as, por sua vez, ao conhecimento que elas possuem acerca das **influências** dos **ciclos lunares** sobre os organismos **úmidos** ou **molhados**.

Reintegrar a *terapêutica da Omopuã Pacha Lea* ao Universo eletromagnético das *formas flexíveis da Mãe d'Água* significa para nós recolocar a **embira**, o *cordão umbilical milenar amazônico*, no seu lugar de origem, onde flui a sabedoria dos rios, onde se escuta o grasnido das aves, o zumbido dos insetos, o *coaxar dos sapos*, o guizo das serpentes, ou seja, os gritos, o rosnar e os chiados dos parentes, os *Honis*, e o entoar da *transcendência energética* dos povos originários amazônicos e andinos.

Justificativa

Esta obra é uma reconstituição da *prática sobrenatural feminina amazônica* a partir da *ciência étnica* que procura entender o aperfeiçoamento da **instintividade**, a **hospedagem** da *jaguaratê*, **onça fêmea** (Mãe do Fogo), nos renascimentos da **Y'ry Oty**, *Olho d'Água*, e da **Y'Sy**, Mãe d'Água, e no nascimento “da *olhinho d'água*”, **sem** o consumo de *alucinógenos*¹ pelas *mama'es*.

Fazer fluir energeticamente o **Y'Mborat'e**, o *entoar*, e a **embira** amazônica, que ligam a *Olho d'Água*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* à *Mãe d'Água* é abrir os sentidos, a instintividade e a intuição para a germinação energética da **Mãe D'Umbigo**, *centro energético do ventre e a flexibilidade pélvica* da *Mãe d'Água*, onde não existem conflitos de *desapego*: o eletromagnetismo da *Pacas Mili* e o *Khenô da Pacas Mili*, a *fertilidade e a fecundidade* constituem a *aura* de toda *pessoa paisagem* que se identifica com sua *energia ancestral feminina*.

Y'Mborat'e, o *entoar*, o *sonar dos fluidos energéticos* e os sons naturais da **pya'hu**, o *coração novo da mitami* amazônica, jamais deveriam ter sido silenciados e adormecidos pelos especialistas frios e técnicos medíocres que seguem *abusando* deliberadamente das vontades superficiais e “das *fraquezas*” artificiais femininas, como o incentivo às cesáreas abomináveis sem necessidade e aos trabalhos de partos mecanizados nas salas de parto.

¹ O **Pajé**, **Yatiri**, os **homens** consomem **alucinógenos** (ayahuasca) para incorporar o **jaguar**, *onça macho*. Os **Pajés** contam com a ajuda de “drogas” para **transformar-se** em **onças**.

O Universo das *Olhos d'Água, das Mães d'Umbigo Raizeiras e da Mãe d'Água* tem invariavelmente uma *origem*, uma objetivação, uma prática e consequentemente um fim de *aperfeiçoamento* em seu *estilo*, em associação com as *influências lunares* sobre os corpos e os organismos sensoriais úmidos e secos femininos.

Limitado ao contexto da nação *guarany anhangatu amazônica*, a investigação desse fenômeno *sobrenatural* conduziu-me à observação da forma e da *prática da intuição das guaranys anhangatus* na *sobrenatureza* e o lugar que elas ocupam em relação à *biosfera*, a vivência num cosmos *energeticamente aberto*, seguidamente *controlado* pela *jaguaratê, a Mãe do Fogo* (a parente onça, *honi*), mantida e recorrente por uma série de *práticas* nos renascimentos das *mama'es* e nos nascimentos da *mitami*. Inclusive em sua *forma extrema*, praticamente mantém a total ***abstenção*** do consumo de *mamíferos* (felinos) durante os renascimentos da *Mãe d'Água* e os nascimentos da *mitami*.

A onça fêmea, ***jaguaratê***, é o simbolismo recorrente em toda a extensão *amazônica etnográfica* e em largas áreas andinas desde a *Pacha*, dos *movimentos-tempos-espacos*, imemoriais e pré-históricos à conquista *euroíndia*.

Os costumes das *guaranys anhangatus* estabelecem regras para os renascimentos da *Mãe d'Água* e para os nascimentos das *mitamis* intercomunitários, bem como para a interação com o meio natural, *valorizando a agressividade como belo e bom* e, seu oposto, o ***medo*** inversamente proporcional à idealização da ***ferocidade*** e aos preceitos do pacifismo, da solidariedade, da generosidade e da ***phawariy, liberdade e paz***

Para a *pessoa paisagem*, a ***phawariy*** (alçar voo para liberdade) é a virtude do *trato da palavra* em seu cumprimento de honestidade, responsabilidade, trazendo o ***desprendimento*** da terra que foi pisada, do ouro e da prata surrupiada, do egoísmo que é grande ante a *Pacha*, o mundo, e ante a ***phawariy***, liberdade. Por isso, ***alçar voo para a paz*** é mais expansivo, mais social, mais estrepitosa e magnífica no ***ar***. A ***phawariy*** é um dom, uma dádiva do *Mall'ku*, condor branco, e das outras aves.

A *generosidade* é a virtude do caráter da consciência da *pessoa paisagem* a qual é grande e profunda ante a Mãe Terra, Pachamama. Ela é íntima, tornando-a mais forte para a convivência intracomunitária.

As Mães d'Água são as *prenhas vestidas* que realizam seus nascimentos sentadas no *Cepinho do Fogo* em casa, manifestando a flexibilidade dos movimentos *pélvico e ventral*, a coragem, a garra, a força energética, a agressividade, a ferocidade e o *livre-arbítrio*, manifestados pela *Y'Guaçu*, os *anéis do Lábio e do Beijo* e pelo canal de nascimento via *fluxo baixo*. Herdada de sua ancestralidade, as *Y'Ory Oty*, Olhos d'Água (atitudes, caráter repassadas da ***jaguaratê*** e do ***jaguar***), as *prenhas nuas* das *guarany anhangatus* dos rios amazônicos.

A *onça, jaguaratê*, é o simbolismo recorrente em toda a extensão amazônica etnográfica e em largas áreas andinas desde a *Pacha*, dos movimentos-tempos-espacos, imemoriais e pré-históricos à conquista euroíndia.

A *generosidade* é a virtude do caráter da consciência da *pessoa paisagem* a qual é grande e profunda ante a Mãe Terra, Pachamama. Ela é íntima, tornando-a mais forte, para a convivência intracomunitária.

Por meio dos *instintos, da sensibilidade* e das fortes faculdades sensoriais e energéticas que possuem, passando por todos planos ou

dimensões da *Olho d'Água*, elas foram evoluindo até alcançarem o **princípio** da **incerteza**; compreenderam, afinal, o incompreensível, a *transcendência energética* por meio da *Mãe do Fogo (jagaretê)* no renascimento da *Olho d'Água* e da *Mãe d'Água* no nascimento da sua *mitami*, **wawita**.

A reconstrução da *Olho d'Água*, da *Mãe D'Umbigo*, da *Mãe d'Umbigo Raiziera* e da *Mãe d'Água* foi iniciada em 1980 no refeitório do CRUSP, Universidade de São Paulo, USP, e terminada em *24 abril de 2024*. Espero que complemente e oriente as meninas-moças, as mulheres e as futuras *Mães d'Água*, fazendo fluir, **conscientemente, o valor energético para o uso próprio**, *Luquiqaman Tink'u*, através da *ciência étnica*, complementando a ciência científica ocidental.

“O óvulo-pater-fetal-fálico”: A família ocidental no Pau-Brasil, o jargão machista, a origem do partejar horizontal

A prática da *integração lúdica e lúcida* das remanescentes *Mães d’Umbigo-Raizeiras* e das *Mães d’Água* foi seriamente negligenciada e danificada com a ascensão do sistema horizontal fechado da obstetrícia europeia; suas consequências foram nefastas e catastróficas em especial para as *Mães d’Água*, *Y’Sy* da terra da *Mãe Sol*, *Kuarasy*.

A *razão religiosa machista* criou e acompanhou o surgimento da abordagem racional da *família* no *Pau-Brasil*, gestando e criando a *propriedade privada*, dissolvendo definitivamente a germinação maternal comunitária e auto afirmando a cultura da sociedade patriarcal. O jargão masculino, “*óvulo-pater-fetal-fálico*”, acompanhou o surgimento da ‘*família*’ ou, como nós a denominamos, a sociedade patriarcal ortodoxa.

A *jovem-mulher*, um ser energeticamente universal, uma mulher, uma *pessoa paisagem* a *transcender* para a fase da *Mãe d’Água* para *sentir a sublime e inspiradora deidade*, o prazer transcendental da *Y’Guaçu*, os *anéis do Beijo*, do *Lábio* e o *canal de nascimento de fluxo via baixa*, passou a ser vista como *doadora de óvulos*, como objeto de desejo descartável para a procriação. Já o **feto** era como se fosse um instrumento de servidão para benefícios financeiros que mantinha a sociedade patriarcal em jubileu, em que o “**ter**” e o “**poder**” eram representados e consumados pelo chefe da família.

Para compreendermos melhor a respeito do *óvulo-pater-fetal-fálico* devemos procurar a *origem* da palavra *família*. Etimologicamente, deriva-se do “**osco famelga**” que vale tanto para **servo** como para **escravo**.

Por **óvulo-pater-fetal-fálico**, entendia-se a reunião de *servos* ou de fâmulas que acompanhavam o senhor da casa, **o cabeça**. Considerada uma *sociedade procriadora*, religiosa, moral e cívica, estes aspectos constituíam os fundamentos necessários para o *fortalecimento das sociedades políticas autoritárias e ditatoriais*, preconceituosas patriarcais.

Essa arrogância do *machismo estrutural* dos euroíndios civilizados foi introduzida em aldeias, comunidades onde se dava valor prático aos nascimentos lúdicos de *Força d’ Alento Universal*. Tradicionalmente, os *renascimentos* e os *nascimentos* eram realizados à beira dos rios. Neles aconteciam a transformação da *Olho d’Água* em *mama’e*. Com o passar do tempo, os nascimentos passaram a ser realizados em casa. A transformação ou *metamorfose* da *Olho d’Água* passou a dar lugar a transcendência das *Mães d’Água* assistidas pelas *Mães d’Umbigo Raizeiras* em casa.

Quanto ao *partear racional horizontal*, os obstetras brasileiros contrabandearam o *trabalho de parto institucional fechado religioso*, um sistema falido baseado nas **doentes obesas mórbidas europeias**. Nele, a **razão fálica trabalha o ventre**, rala, manipula, corta *períneos*, *intervém e controla* o dia, a hora e o momento do *partear*. A razão religiosa escravista resultou na **vitimização** da *Mãe D’Umbigo*, a *mutilação ventral-pélvica uterina* da menina-moça e da *Mãe d’Água*.

Hoje, esse *óvulo-pater-fetal-fálico* de engrenagem patriarcal ditatorial e até tirânica encontra-se numa intensa e profunda crise histórica procedente da falta de atendimento apropriado às grávidas, dos muitos prematuros internados na UTI, da produção de bebês em massa através de cesáreas

abomináveis, das sequelas e até dos óbitos causados pelas infecções hospitalares.

A hegemonia médica *gineco-obstétrico* coloca as mulheres em estado de ameaça e a conduz para sua desintegração ao seguir adotando filosofias racionais religiosas fálicas de forma radical. Já não bastam a mutilação *pélvica-ventral* e a *extração* de *úteros*. Fala-se agora na **eliminação** da **ovulação** e da **menstruação** na tentativa de *transmutar* a essência feminina em masculina.

O *corpus* dessa barbárie ocidental é o **trabalho de parto** e o **motor**, o **útero**, considerado semelhante a uma máquina que pode ser decomposta, trabalhada, triturada e engraxada peça por peça por outra máquina, o técnico obstetra, o qual não recepciona, não cheira, não toca, não sente e nem percebe a *presença da outra pessoa*; procura consertar automaticamente o defeito da máquina pelo *jargão custo-benefício*.

Essa filosofia abstrata ocidental traumatizante e financeira alterou profundamente a história das meninas-moças e das mulheres-mães com uma rigorosa divisão entre o corpo e a mente, o que levou alguns acadêmicos a se concentrarem “**na máquina corporal feminina**” e outros, exclusivamente no subjetivo, negligenciando os aspectos energéticos, os valores práticos universais, *psicossociais*, *psicossomáticos*, *as tradições*, *os costumes*, *as crenças* e *desconsiderando os aspectos topográficos*, *comunitários sustentáveis*, *sociais*, *ambientais*, *alimentares* e *cósmicos da germinação energética da assistência, da recepção, do resguardo, da prevenção e do tratamento de uma comunidade, ou seja, a ciência étnica, as práticas do movimento energético (Omopuã Pacha Lea) propriamente dita*.

Quanto mais estudamos os problemas psicossociais e biopsicossociais de nosso tempo, mais percebemos que a *cultura mecanicista* do mundo e o

sistema de valores fechados em decadência que estão associados a ela *geram* tecnologia, instituições e padrões absolutos de *miséria* profundamente patológicos, a *iatrogênia cultural*, *doença gerada na relação cliente-médico*. Ela tem como agravante o fato de que o nosso sistema fechado de assistência à saúde é **incapaz** de resolver os desequilíbrios energéticos funcionais adequadamente.

Atualmente, a *instituição fechada do partejar fálico horizontal* investe maciçamente no “*status quo*” e opõe-se, com rigor, a qualquer abertura nos assuntos concernentes à assistência médica ao *controlar rígida* e efetivamente o ensino, a pesquisa das *práticas sanadoras energéticas da ciência étnica milenares, dos saberes das Mães d’Água originárias*.

As *Mães d’Água* resistem a ir aos hospitais e às instituições públicas *da região*. Muitas se queixam de ter sido mal atendidas porque os doutores, em sua maioria homens, se zangavam. “O doutor queria que eu deitasse e empurrasse para frente. Como iria fazer isso, se a criança subia para meus peitos? Eu estava deitada e não podia me mover. Eles só queriam me trabalhar. Eu queria me sentar no *Cepinho do Raio* para a *Y’Agury Kapi-aí* madura descer e ser pega pela *Mãe d’Umbigo Raizeira*. Em silêncio, comecei a amaldiçoar. Eles estavam dividindo meu coração”.

Se compartilharmos as experiências universais energéticas abertas desta medicina étnica energética funcional amazônica que se consolidaram no passado e permanecem a nosso alcance hoje, poderemos erradicar a ***Inquisição incendiária*** e ***obscurantista*** da filosofia religiosa rígida e salvadora do *machismo estrutural* em nossas *aldeias*, comunidades e megalópoles.



As Olhos d'Água e os passarinhos

Os *pyas'*, *corações* dos *passarinhos* e das *Olhos d'Água* (pessoas paisagens), **não** são *joelhos* e suas tradições milenares não se **dobram** perante os ***tiranos imperialistas***, acadêmicos, religiosos, reis e rainhas, políticos partidários de turno, estes os tratam com desdém, com ***ódio absoluto***. Já que mantem as alegorias civilizatórias: a Virgem Maria, mãe de deus, a prostituição, a pornografia, a pedofilia (jesuítas), a mulher puta, mãe dos homens.

Universo Energético Aberto

A Força Energética d'Alento Universal do Amazonas



Luqiqaman Tink'u, o ajayo, a energia projetada
O valor energético para uso próprio da sobrenatureza

*Fotografia do **ajayo**, que existia antes de nós, o **ajayo** que existe hoje, e o
ajayo que se conceberá depois de nós.*

Dimensão 26x26 - Material argila

1ª A ciência étnica das guaranys anhangatus amazônicas

Equilibrar energeticamente os
instintos da mitami, recém-nascida, com
a irracionalidade dos adultos é saber
tomar consciência de si mesma (o).

A germinação energética e a arte sobrenatural deste *parakutia* (livro), está baseado no patrimônio oral das *guaranys anhangatus amazônicas*. Suas práticas sanadoras, psicossociais e sua *transcendência energética* foram *resgatadas* através de depoimentos e *reconstruídas* desde 1980-2024, foram anos de árduo trabalho que se deu início na Universidade de São Paulo, USP, com a *intuição* e a *intenção* de servir como uma *referência de ensino e educação* para o aprofundamento do conhecimento da *sobrenatureza feminina* dos povos originários da Amazônia.

Objetivamos resgatar e reinserir a memória, a germinação energética das *guaranys anhangatus* e mostrar o valor e a prática sobrenaturais da *concepção energética da maestra dos Patuás, a Mãe d'Umbigo Raizeira*, a sua evolução e a sua desenvoltura desde os tempos áureos da *Amazônia*. Para isso, colocamos em *evidência* as origens das *Olhos d'Água, Y'ry Oty*, a prenhã e a mama'e nua dos fluidos energéticos dos rios, das *Mães d'Água*, a prenhã vestida, a **Mãe D'Umbigo**, centro energético onde não existem

conflitos de *desapego* e das *Mães d'Umbigo Raizeiras*, que *aparam, recebem, evirumitã* ², as *recém-nascidas* em casa.

As práticas sobrenaturais da *Olho d'Água*, a *prenha nua* que se **inspirou**, *sentou-se nas águas do rio para dar à luz, transformou-se, levantou-se, ergueu-se* e se **movimentou**, das *Mães d'Água*, as *prenhas vestidas* que dão à luz sentadas em casa no *Cepinho do Fogo*, e das *Mães d'Umbigo Raizeiras*, de **pya'**, *coração, alegre* que recebem as *evirumitã*, muito contribuíram para o desenvolvimento das práticas energéticas e psicossociais que alegram os corações desde *tempos imemoriais amazônicos*.

A dádiva está aberta para que ustedes possam fazer *fluir* sua *energia potencial*, a qual servirá como um estímulo para sua *intuição* e *reflexão*, para os estudos comparativos que vocês possam realizar e para a compreensão das diferentes práticas germinativas energéticas tradicionais das *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* dos povos originários amazônicos.

Esperamos que estes sentimentos atendam e despertem o interesse das *meninas-moças*, das futuras *mulheres-mães*, das *prenhas*, das *gestantes* e das (os) experientes profissionais que pela primeira vez estarão tendo a oportunidade de se aproximar da sobrenatureza, da *Olho d'Água*, da *Mãe D'Umbigo*, da *Mãe d'Umbigo Raizeira* e da *Mãe d'Água* amazônicas.

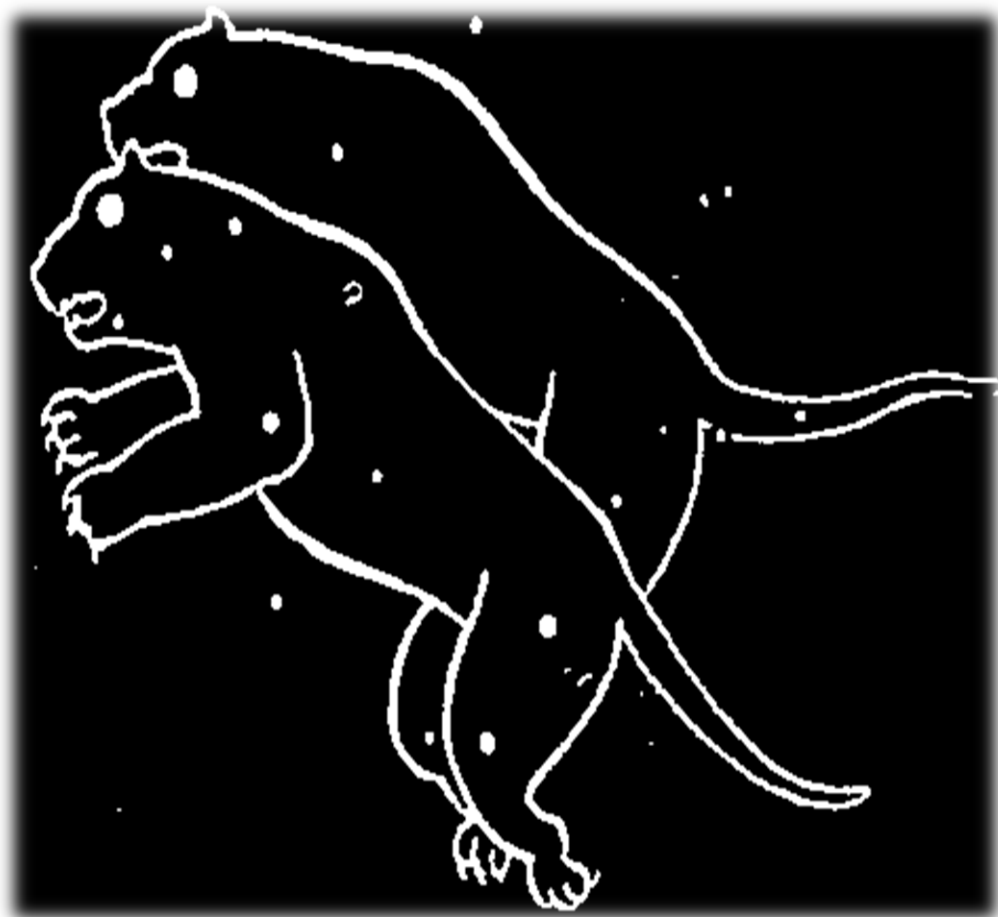
Observar, perceber e intuir a plenitude complementar da *energia funcional* da *Mirĩ he'i ixu-pe* (*olhinho d'água, 'embrião'*) para o seu nascimento e o tempo favorável das *emanações energéticas* das *Olhos d'Água*, das *Mãe d'Água* para dar à luz não é tão simples, é uma *arte da primeira maravilha energética da Mãe Terra*, da **Y'Guaçu**, os *anéis do*

² Evyrumitã, mitãs, mitami, wawis, recém-nascidas (os) são recebidas (os), aparadas pelas *Mães d'Umbigo Raizeiras* das guaranys anhangatus amazônicas.

Lábio e do Beijo, e o canal de nascimento de fluxo via baixa, que só as *mulheres-mães* poderão realizar. Com sua sensibilidade, intenção e intuição aguçada e bem treinada, elas farão **aparar** bons nascimentos de assento em casa.

Deste modo, ressurgiu o *avesso*, a *ciência étnica amazônica* dos povos originários *guaranys anhangatus*, o outro lado da lógica, da razão e da irracionalidade, da cultura patriarcal, fria, calculista, salvadora (saúde), religiosa, castradora, angustiante e reparadora da medicina e ciência cosmopolita civilizada: a *prática da tradição milenar* dos opostos complementares, a arte da sobrenatureza feminina – as *iniciações da menina-moça*, a *Olho d'Água e a Mãe D'Umbigo*, a *Olho d'Água e a Mãe do Fogo*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e a *Mãe d'Água* -. Ainda que tivéssemos conhecimento de sua existência, não a reconhecíamos como parte da grande *ciência étnica* e a *prática sanadora* sobrenatural amazônica.

As *Mães d'Água* são as prenhas vestidas que realizam seus nascimentos em casa, manifestando a *flexibilidade, dilatação e elasticidade*, do *movimento pélvico-ventral*, a *coragem, a garra, a força energética funcional*, da *formosura, da ferocidade* e da estética da *agressividade* e o livre-arbítrio das *Olhos d'Água*, as prenhas nuas dos rios amazônicos.



A constelação da L'Allagua Pumas

A complementariedade da Pachakana, o infinito, a jará.
Observatório Astronómico do Tiowanaku ou Tiawanaku, hoje,
Estado Plurinacional do *Kollasuyo*, Bolívia

*Esta constelação pertence a *Mara Wata, calendário agrícola, sobre uma cuidadosa inspiração. Ela mostra a importância da astronomia e a astrologia para uma política socioterritorial e socioeconômica.*

Há 20.000 anos, as sociedades andinas construíram **observatórios** para o estudo dos movimentos dos planetas, do Sol, da Lua, das estrelas e suas relações com a **Pachamama**, *Pacas Mili* e o *Kheno da Pacas Mili* (Mãe Terra).

2ª A constelação da LLallagua Pumas:A jaguaratê e o jaguar

Diz a grande sabedoria milenar que numa época antes da existência da irmã *jaxy*, *Lua* e do irmão *kuaray*, *Sol*, bem no comecinho da formação da existência das *peessoas paisagens*, não se podia *esquentar*, *dançar* e nem *cantar*, já que não se conhecia a *Mãe Fogo*.

Nos primórdios dos tempos, um *par de onças*, *LLallagua Pumas³ complementares corria pelo **Céu Alto**, **Jará** (*Tiowanaku*), e iluminavam a Terra com seus grandes olhos amarelos e cintilantes. No **Céu Baixo**, **Yvanga**, fluíam espessas nuvens prenas escuras e fogos brancos e amarelos.

Para isso, a sua primeira providência seria *descer* da **Jará** para a **Yvanga** e depois para a *terra território*. Perguntou à *onça fêmea*, a *jaguaratê*, a seu parceiro, o *jaguar*, - já que havia entre ambos uma estreita relação de complementaridade - se *ele* queria acompanhá-la. Ele imediatamente concordou.

Um dia, ambas onças *decidiram* *descer* do Céu Alto para o Céu Baixo, para ver o **Tatá Vera Guaçu**, o *grande brilho dos fogos*, ouvir a música e o canto dos *trovões*, *raios*, *relâmpagos*, **Yvajaku**, e sentir em suas peles as *grandes águas da chuva*, **Lara**.

Foi então que lhes surgiu uma oportunidade de pularem do *Yvanga*, Céu Baixo, para chegar a *Terra Território*.

³ *Pumas, onças, jagaretês, jaguares, felinos, felinas, titi, Illampu, onça amarela, onça parda, são sinônimos nesta obra.

Já na *terra* escura e fria, a *onça fêmea*, *jaguaratê*, inspirada pelas suas *intenções*, pelo seu *instinto*, pela sua *intuição*, *coragem*, *garra*, *agressividade* e *ferocidade*, independiam da *onça-macho*, o *jaguar*, este a sua vez foi explorá-la e conhecê-la, sumindo floresta adentro. Enquanto a *jaguaratê* subia no alto de um penhasco para observar o *fluir das nuvens pelo vento*, - ***yvy tingy ajepete, yvy tingy ajepete*** – elas começaram a se misturar, dando lugar a um grande espetáculo: as músicas, os cantos, entoares, as cores dos raios, dos relâmpagos e dos trovões (tupã) se espalhavam por todo lado.

A *jaguaratê* curiosa e inquieta teve a oportunidade de observar os movimentos desde o *Céu Baixo*, as trevas, as numerosas nuvens espessas fluindo e se misturando, formando *figuras e formas* misteriosas que se desfaziam depois de algum tempo, levadas pela sabedoria do ***wayra***, *vento*.

Pela primeira vez, ouviu o começo do canto dos *trovões*, ***Yvarypy***, que saíam da sua encruzilhada, e as *trovoadas fortes* dos raios e relâmpagos que se espalhavam pelo ***Yvanga***.

Era muito bonito e fascinante o movimento das forças sobrenaturais do *Céu Baixo*. O brilho grande, *Tatá Vera*, iluminava todos os cantos da terra. Depois, vinham as torrenciais chuvas. Parando as chuvas, nascia perto dos lagos e das pedras, um *arco-íris*, ***Jy'y*** (illpa), deslumbrantemente energético e potencialmente colorido. A origem e o nascimento dos fluidos energéticos da *mama'e Wiphala* (emblema).

A *jaguaratê*, a *onça fêmea* começou a observar e a pensar numa maneira de conseguir essa música encantadora, esses cantos fortes, essas cores do *arco-íris*, e *finalmente* ***ser dona*** de todos esses *recursos* e *dessas forças sobrenaturais* e da sua correspondente magia.

A *onça fêmea* foi observando que os raios caíam sempre sobre uma mesma *pedra*, às margens de um lago. A *pedra*, as *olhos d'água* e os *lagos*

eram as detentoras dos grandes mistérios, segredos e poderes do **fogo amarelo** e do **fogo branco**. Ela reparou que enquanto a *pedra* recepcionava o *grande brilho*, **Verandyju**, que a atingia com uma imensa *força energética*, gradativamente foi se *transformando* numa **pedra amarela**.

Ela desejava mais que nunca possuir a magia desse **fogo** intensamente **amarelo** que se entrelaçava com o **fogo branco** e que eram jaspeadas ou bordeadas com chamas azuis, **Tatá Guiti**, já que era muito difícil estabelecer limites entre os *fogos amarelo e branco*.

Passou-se pouco tempo antes de resolver que ela deveria seguir os *encantamentos das forças do raio*, dos *relâmpagos* e dos *trovões*. Essa decisão era um caminho sem volta, pois ela poderia ser atingida e ser **“separada dela mesma”**. Mesmo assim, em seu *íntimo*, *desejou hospedar* (possuir) o **fogo**, os *poderes místicos femininos*, e se **transformar** em **Mãe do Fogo**, o qual poderia ajudar a mudar a existência e a vida na MãeTerra.

Num determinado momento, ela se sentou *corajosamente* junto **“à pedra amarela”** para ouvir a música, o canto das *nuvens pretas*, espessas e *prenhas de água*. Enquanto esperava recepcionar os raios, pedia ao Céu Baixo: *“deixa cair teu brilho branco, deixa cair teu brilho amarelo, deixa possuir teu brilho branco, deixa possuir teu brilho amarelo”*. *“Eu desejo aquecer-me, aquecer a terra fria e escura e a toca onde eu moro”*.

Aconteceu o inevitável. As nuvens negras prenas, giravam sobre a sua cabeça como redemoinhos. O entoar do trovão, dos raios, dos relâmpagos saíam da encruzilhada com muita **agressividade**. Cada vez se faziam mais fortes. *Rugiam, rugiam e rugiam*, até que se ouviu o *estalido* do **Tatá Guti**, atingindo, em cheio, a *pedra* e chegando a afetar indiretamente a **onça**

fêmea, a qual deixou de ser a mesma. No princípio, ela *ficou branca*; depois, *zincenta*. Ela ardia de *amarelo* e *branco* com bordas *azuis*.

As chamas se espalharam pelo corpo todo dela, provocando **queimaduras** e formando **cicatrizes** profundas. **Possuída** pela *energia do fogo*, **Tatá Ayvu**, ela foi se **transformando** numa **onça pintada**, *jaguaratê*, o oposto do *jaguar*. Ela finalmente se tornou **detentora** dos segredos e dos poderes da cosmologia do **fogo sagrado**, da *coragem*, da *garra*, da *ferocidade*, da *agressividade*, da *força energética*, da *inspiração*, da *fertilidade*, da *fecundidade*, dos *renascimentos* da *Olhos d' Água* e dos nascimentos das (os) *olhinhos d'água*.

Assim foi que a **existência** e a *vida*, **jasuka**, se uniram e foram transformadoras, colhidas e recepcionadas. A música e o canto dos raios, dos relâmpagos, dos trovões, a chuva e o arco-íris foram *adoptadas* junto à **pedra amarela**.

As guaranys anhangatus amazônicas afirmam, hoje, que a **jaguaratê** tem essa *cor de pele* porque ela se encontrava junto à *pedra amarela* e foi atingida em cheio pelos *fogos branco e amarelo*. Possuindo o *fogo* o *azul* e as *cinzas do raio* espalhadas por todo seu corpo.

Depois desse grande feito de *coragem*, sua *garra*, sua *agressividade* e sua *ferocidade* **rugiram, rugiram** aos quatro ventos. “A ***jasuka** nos pertence”, “a **jasuka** nos pertence”, “é a nossa existência”, “**a nossa vida nos pertence**”, somos **poderosas** e cheios de energia radiante dizia ela.

Foi desta maneira que os povos da terra começaram a ter **fogo** e **luz**. O primer ato que a *jaguaratê*, agora **Mãe do Fogo** (onça pintada) foi criar as *gêmeas primordiais*, a irmã *Lua Cheia*, *Jaxy Ovoguaçu*, com pequenas manchas cinzentas para iluminar as noites e a irmã *Sol*, *Kuarasy*, para dar

calor e iluminar os dias. Assim, na *terra território* as **sombras** e as **trevas** foram separadas em *dias* e em *noites*.

A **transformação** da **jaguaratê** em **Mãe do Fogo** foi o começo da **feminilidade**, um comportamento universal que até então não chamava a atenção dos *mortais machos*.

A **jaguaratê**, **Mãe do Fogo**, percorreu um longo caminho até chegar ao coração da floresta, onde havia construído a sua toca. Carregou consigo pequenos pedaços de *pedra amarela* para misturá-los com as **cicatrices** carbonizadas e com as *brasas amarelas* que cobriram seu corpo. Mantendo o **fogo aceso** e juntando o **barro preto** do local, fez uma grande mistura para construir o **fogão de pedra amarela**.

As *brasas da Mãe do Fogo*, foram depositados nesse *fogareiro* para aquecer a sua toca e assar os *alimentos*: beijou de farinha de mandioca, batata doce, macaxeira, banana assada, etc.

As orientações da *Mãe do Fogo, jaguaratê*, antes de voltar ao *Céu Baixo* e depois, ao *infinito*, a *Pachakana*. A *Mãe do Fogo*, transformou-se, na **Mãe primordial**, o poder ancestral dos entes sobrenaturais complementares do Universo finito da floresta.

A **jaguaratê**, antes de retornar ao *Céu Alto*, orientou os *jaguares* e as *pessoas paisagens*, sobre os novos rituais. “Sobre a iniciação das *meninas-moças*, que as *mulheres enalteçam* a inspiração primeiro de seu *prazer*, da sua *fertilidade*, radiante como a concepção, e que as *Olho d’Água*, a *prenha nua dos rios amazônicos* sejam as detentoras dos segredos e dos poderes da **jaguaratê, Mãe do Fogo**. Dos renascimentos da *Olho d’Água* e do nascimento da (o) *olhinho d’água*, a *mitami*.

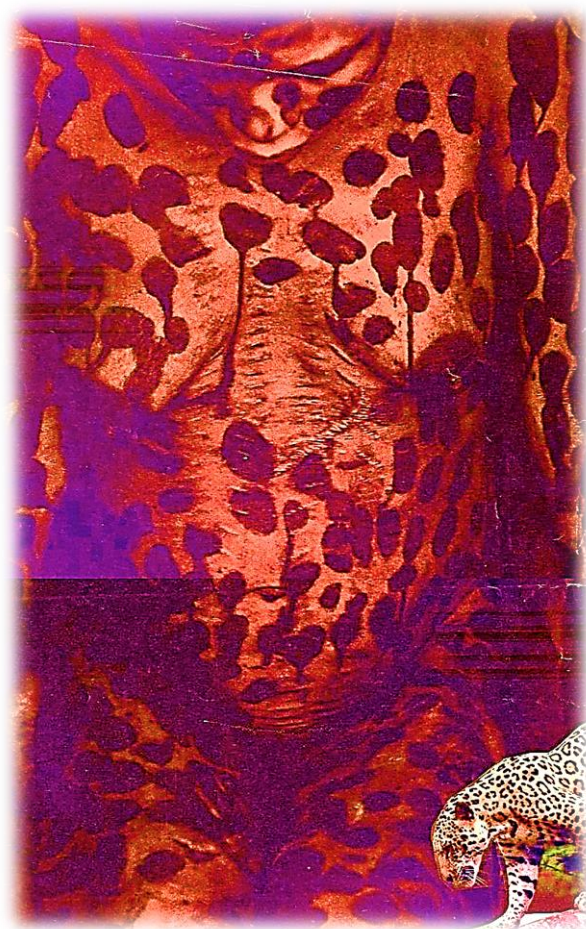
A *jaguaratê*, *onça pintada*, servindo como uma intermediária entre o Céu Baixo e suas divindades e os parentes, os *honis* (“animais”) na *terra território*, tornou-se a protagonista de um novo início da existência da vida na Mãe Terra. Ela sabia que não ia permanecer por muito tempo mais na *terra*. Já que havia concluído sua tarefa, ela deveria retornar com seu companheiro para o Céu Baixo e depois para o Céu Alto.

A *Mãe do Fogo*, a transcendência energética da *jaguaratê*, é a personificação do começo. A *Mãe do Fogo* se localiza na *Mãe D’Umbigo*, centro energético da *Olho d’Água* onde não existem conflitos de desapego, na flexibilidade da pélvis e no ventre. No *Y’Guau*, nos anéis do Beíço, do Lábio e o canal de nascimento via baixa, da *Olho d’Água*, precha nua (da Mãe d’Água, precha vestida). Não é do **fogo** e da **água** que saíram todas as manifestações da vida? Na concepção da *jaguaratê*, o **fogo** e a **água** são os elementos da concepção que se transformam de acordo ao ciclo lunar.

Quando a *Olho d’Água* chega à plenitude para pegar a *mitami*, seu novo coração, *xe pya’ hu*, deve beber muita água entre uma caminhada e outra, e entoando um canto mágico à beira de um belo rio, ela deve banhar-se e se sentar nas águas. Sendo possuída ou hospedando a *jaguaratê*, *Mãe do Fogo*, deve recepcionar a *mitami* com coragem, a garra, a agressividade e a ferocidade da *jaguaratê*.

As brasas da *jaguaratê*, *Mãe do Fogo*, depositadas no fogareiro passaram a representar a unidade, a reciprocidade, a polaridade, a fidelidade, a complementariedade com as diferenças das (os) *honis*, dos parentes da floresta com as pessoas paisagem, as Mãe d’Água. É a praticidade da abertura da instintividade e intuitividade, a transcendência energética. Que é tudo que está acima da razão e da irracionalidade civilizada.

As onças ou pumas, retornaram e voltaram a viver no *TiowayaKu* (hoje, *Estado Plurinacional do Kollasuyo, Bolívia*), Céu Alto, no arrulho da eternidade, naquele reino insondável, onde o **princípio** se confunde com o **fim** e onde as estrelas e as constelações andinas e amazônicas buscam uma suprema perfeição através do *fluir energético da mama'e Wiphala*.



Jaguaratê, Mãe do Fogo

A personalidade autêntica da *Olho d'Água*, é intermediada pela *honi*, a jaguaratê, a *irmã íntima* na floresta amazônica

Os valores tradicionais *belos*, o rugido, a coragem, a garra, a ferocidade, a força energética, a agressividade da jaguaratê ecoam no coração da floresta amazônica

Jaguaratê, Mãe do Fogo

O estilo secreto da *Olho d'Água*, a energia primordial de hospedagem da irmã íntima jaguaratê

Y'Mborat'e, Y'Mborat'e, Y'Mborat'e.

“Ao sonar dos fluidos de minha
Mãe D'Umbigo (ventre e pélvis flexível),
e os batimentos do meu coração, vem,
jaguaratê, eu te possuirei”.

Jaguaratê, onça fêmea, a fim de alcançar a
Mãe do Fogo, energia primordial do renascimento.

A *jaguaratê* **possuía** ou hospedava a
Olho d'Água, fazendo assim fluir uma aura de
coragem, de garra, de agressividade, de ferocidade.

A imagem da *jaguaratê* está
íntimamente *ligada* à *Mãe do Fogo*.

Com a dança da *Mãe do Fogo*,
tudo volta a esquentar e a
fluir na *Olho d'Água*.

3ª Y'ry Oty ~ Olho d'Água: Jaguaratê ~ Mãe do Fogo

A **reconstrução instintiva e intuitiva** da Y'ry Oty, Olho d'Água e de sua mutação complementar, a *Mãe do Fogo, Jaguaratê*, são os segredos do conhecimento sobrenatural das *Mães d'Umbigo Raizeiras* e das *Mães d'Água* amazônicas.

A *razão e irracionalidade* religiosa além de interpretar os povos originários como sendo uma fenomenologia espantosa, indecifrável, inapreensível, sem escrita, **negou, anulou** completamente seu **lado irracional** por falta de *leite materno* e em

consequência por falta de oxigênio no cérebro.

As *Olhos d'Água* que fazem parte de uma das tradições mais transcendentais e proeminentes da *mãe-sol amazônica*, mediadas pelas *honis* (parentes jaguaratês), deram à luz inúmeras crianças na floresta tropical.

A maneira habitual de ser da *Olho d'Água* e da *Mãe do Fogo* é autêntica e flui em polaridades opostas complementares. Logo, **não** enfatizam, **não aceitam** as escrituras, as filosofias, as análises e as teorias

fundamentadas no **monismo**, *unilateralidade* racional como são as

gregas-judaicas-cristãs-católicas,
as quais negam a *dualidade*
complementar da **hospedagem.**

A lógica racional sempre degolou
a sua *parte irracional*, negando-a.
As civilizações superindividualistas dos homens
monistas fazem questão de se manterem
no ápice de suas quimeras, alucinações.

Os únicos, “**os monos**”, *fracassaram* na
aceitação do mundo sobrenatural bipolar.
O **inferno sádico católico**, a vaidade, a tragédia,
a *ignorância*, (as causas) trouxeram o
sofrimento e a **dor** (causa e efeito).

O mundo *sobrenatural* é a semente e a raiz da humanidade ocidental.
No **prevenir** e no **remediar**, os recursos naturais de **sustentabilidade**
tornam possível uma realidade *bipolar* complementar, longe dos efeitos
colaterais provocados pelos medicamentos sintéticos e longe das intervenções
racionais lineares falíveis associadas aos nascimentos.

O poder *sobrenatural* que se manifesta nos *renascimentos* e
nascimentos sobrenaturais esteve sempre presente nas *Olhos d'Água* e nas
Mães do Fogo, sendo mediado pela *jaguaratê* desde o início dos tempos.
Nenhuma razão lógica pode superar ou restringir está *sabedoria da Mãe do*
Rio.

A inspiração e as manifestações da harmonia universal das *Olhos*
d'Água e das *Mães do Fogo* estão além das escrituras, letras e palavras. Elas

reconstituem seu cosmo visão sobrenatural na mesma medida em que a *ambição e a ganância* o **destrói**. As *Olhos d'Água* não guardam nenhum traço da lógica da razão, da sofisticação simétrica absoluta do monismo, dos homens e das mulheres do mundo da modernidade sádica da *inteligência artificial*.

São elas as remanescentes desses admiráveis fios e tecidos bipolares e dos misteriosos fenômenos sobrenaturais em que se nota o esplendor do Universo energético. As *Olhos d'Água* são uma evidência, uma referência existencial e seu aprendizado foi tomando forma por meio de vivências diretas complementares, frente a todas as circunstâncias incertas da floresta tropical.

As Olhos d'Água e a Mãe do Fogo são uma das primeiras maravilhas da sobrenatureza como a flor e o pólen mediados pela abelha, todo está interligado. Fazem parte de sua *paisagem cósmica*, a *sensitividade*, a *coragem*, a *garra*, a *ferocidade*, a *agressividade*. Elas conseguem *intuir* sua sobrenatureza e atingir a instintividade da enigmática *jaguaratê*, a *honi feminina*, da floresta amazônica.

O conhecimento obtido pelas vivências possibilitou às *Olhos d'Água* e às *abelhas* o intercâmbio com a *Omopuã Pacha Lea* (movimento, tempo, espaço cósmico das azaleias). As práticas desse conhecimento foram decisivas e conclusivas na concepção, na prenhes e nos renascimentos e nascimentos sobrenaturais de **assento** das *Olhos d'Água* e das *Mães d'Água*.

Na vivência cotidiana das *Olhos d'Água* e nas suas práticas de nascimentos de *assento* nos fluentes rios, elas tiveram seus erros e acertos, através dos quais foram aprendendo e aprimorando seus conhecimentos e técnicas.

A *Olho d'Água* senta-se, por vontade própria, na borda do rio, sabendo que pode lidar com sua *coragem*, sua *garra*, sua *ferocidade* e sua *liberdade*. Sua pélvis e a *Y'Guaçu*, suficientemente flexíveis, suaves e poderosos energéticos não admitem retoques. Ela mantém a *Y'Agury kapi-aí*, *olhinho d'água fluindo*, em movimento, em seu tempo, escancarando o espaço para a saída da *mitami*, pois qualquer *interrupção*, *paralisação* será desfavorável tanto para ela como para seu novo coração, *pya'hu*.

Consequentemente, mediante essas vivências surgiram um ideal na prática de nascimento da *mitami*. Um nascimento sem ***interferência***, ***intervenção***, ***repressão*** ou ***fragmentação*** para que a *mulher-mãe* não seja trabalhada, partida, bloqueada, adormecida ou dilacerada (estigmatizada pelo resto de sua existência pela ***violência obstétrica***).

As *Olhos d'Água* e as *Mães d'Água*, com muito esforço, tem tentado retomar e ganhar vigor instintivo e intuitivo para conceber seus fundamentos sobrenaturais. Por ter uma maneira de ser sobrenatural, a *Mãe d'Água* busca sua autoafirmação nas suas origens que são os fechos do seu conhecimento, o caminho para a reconstrução e a restauração bipolar “do Favo de Mel” da *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Hoje, as *Mães d'Água*, as *mulheres-mães* levam consigo uma ***referência*** em sua personalidade original, a da ***mama'e nua***, inteiramente acessível na sua forma de ser, autêntica, não maculada, nem filtrada, nem retocada por algum *titular famoso* ou por qualquer intenção religiosa ou social. As ***Olhos d'Água*** permanecerão como uma *referência* para as *Mães d'Umbigo Raizeiras*, para as *Mães d'Água*, para as *mulheres-mães* e para a modernidade.

A totalidade da natureza bipolar da *Olho d'Água* e o seu **poder sobrenatural** ultrapassam a lógica racional. Ao longo desses mais de quarenta anos, *pedaços* desse extraordinário universo da *Olho d'Água*, da *Mãe do Fogo*, da *jaguaratê* e de sua mutação complementar vieram sendo recolhidos. Posteriormente, foram juntados instintivamente e sensitivamente até se chegar à elaboração e à **reconstrução** do seu *Universo*.

4ª As alianças de hospedagem: A jaguaratê possuía a Olho d'Água e vice versa

As transformações, as metamorfoses
são bens tradicionais da floresta tropical.
A *Olho d'Água* transforma-se em **jaguaratê**
para alcançar a *Mãe do Fogo*
e o *pajé* transforma-se em **jaguar**.

Na floresta tropical, a forma de intuir,
perceber e conceber o mundo, um
universo de interações, de transformações e de
inter domínios, deixam de pertencer somente a fantasia
e passam a fazer parte da realidade vivenciada.

As identidades primordiais das florestas tropicais como
os *machulas* se nutrem da influência das poderosas
percepções sobrenaturais que transformam a
jaguaratê em *Mãe do Fogo* para se apossar
da *Olho d'Água* e se **hospedar** nela.

Todos os hábitos e os costumes
relacionados a essas interações que fazem
parte do caráter autêntico da *Olho d'Água*,
os polos opostos complementares
intermediados pela *honi jaguaratê*, a irmã íntima,

associam-se ao momento do renascimento da

Olho d'Água e do nascimento da *Y'Agury kapi-aí*.

Essa metamorfose é reproduzida pela

Olho d'Água em estado de vigília.

No momento de dar à luz, ela faz desabrochar

a *formosura*, o rugido, a garra a força energética e a

coragem, a **ferocidade** e a **agressividade** da *jaguaratê*.

A personalidade bipolar da *Olho d'Água*

é um fenômeno que lida com polaridades opostas.

A lógica **racional** escolhe uma

parte e nega a irracionalidade.

Assim, o *animal humano* procede fragmentando,

dividindo, descartando o seu lado **irracional**.

A essência da *metamorfose*, da **transcendência**, da **transformação** se distingue de todas as ciências modernas que possam tratar do poder sobrenatural. Esse poder sobrenatural não é um *fenômeno limitado a determinados grupos étnicos* e nem a determinadas pessoas.

A extensa e complexa *simbologia dos honis*, como é o caso da *jaguaratê* e do *jaguar* que perpassam as cosmologias dos povos originários do *Abya-Yala*, é recorrente em toda a extensão amazônica.

A **Y'ry Oty**, Olho d'Água, a **Y'Vytery Aí**, Mãe D'Umbigo, a **Y'Sy**, Mãe d'Água, a **Y'Pyruá Sy**, Mãe d'Umbigo Raizeira, a *jaguaratê* e o *jaguar* bebem dos mesmos mananciais, dos rios e fecundam a terra fértil que os abriga. Nunca se gerou desarmonia. Sempre houve uma perfeita integração e pacificidade entre o universo dos povos originários, o *meio ambiente* e os *honis*, parentes.

As identidades **possessivas** transformam *peessoas paisagens* em onças. Essa realidade abrange toda a região amazônica. As (os) felinas (os) e as pessoas vivas ou mortas se relacionam instintivamente desde sempre nesses mundos de poderes sobrenaturais.

As **transformações** abrangem as *peessoas paisagens*, as que não são **pajés**. De acordo com as concepções e os movimentos de instintividade, de renovação e de visões dessas pessoas, elas se transformam em *tapires, queixadas, tamanduás* e outros. Há jovens que por suas atitudes de iniciação e dinâmica de energia encontram manifestações prodigiosas de independência para se transformar em *pássaros* ou em outros *honis*.

As *transformações* das *Olhos d'Água* nos renascimentos e nos nascimentos são desejadas, esperadas, intencionais, permanentes e reais.

A *Olho d'Água* materializa seus sentimentos e suas emoções ao **hospedar** nela a *jaguaratê* com o objetivo de alcançar a **Mãe do Fogo**. E então, quase sempre estimulada pela *Força d'Alento Universal*, a *Y'ry Oty* consegue manifestar sua *garra*, sua força energética e coragem, sua agressividade e ferocidade essenciais para dar à luz a *olhinho d'água*, no rio

A *jaguaratê* e a *Y'ry Oty* se encontram intrinsicamente associadas aos fenômenos dos *renascimentos* e *nascimentos*. Elas fornecem ensinamentos e intercâmbios fascinantes, úteis para os legítimos relacionamentos complementares, para as **alianças**, para as *motivações*, para as *reconciliações* excepcionais com os *honis no dia do renascimento e nascimento*.

Não comer *carne crua*, não *caçar o jaguar*, evitar que o **pajé** se **encarne** em o *jaguar* – são algumas das restrições relevantes que devem ser observadas para a preservação da **autenticidade** e o **pacifismo** do renascimento da *Olho d'Água* e do nascimento da *Y'Agury Kapi-ai*.

A **reconciliação** da *Olho d'Água* com a *jaguaratê* é um ato primordial para a transmissão dos ensinamentos e para a conservação das espécies. Através da **reconciliação**, a *Olho d'Água* se revitaliza como se recebesse um jato súbito de energia, ganhando coragem, garra, ferocidade para continuar a se relacionar com boas energias e **não hospedar a identidade malfeitora** da floresta, o qual provoca perturbações nos fluidos da *Olho d'Água* e na *evyrumitã*, criança recém-nascida.

A **jaguaratê**, a dona de **bens tradicionais**. Os poderes especiais que rejuvenescem, concedem coragem e fortalecem a *Olho d'Água* são heranças do mundo sobrenatural desde os tempos antigos, quando apenas existiam as *águas primordiais* que circundavam as *Olhos d'Água*, os espelhos naturais do mundo antigo.

A *jaguaratê* é dona da **onhemondya** (Oguapy), as **apresentações** e as **iniciações femininas**. A menina-moça, ao iniciar a *menstruação*, deve ser resguardada dentro de uma *oca pequena* para que o *cheiro do sangue da menarca* não atraia *onças* e gere sofrimentos.

A *jaguaratê* é dona **“do assopro do corpo”**, fumaça, o qual é passado por todo o corpo da *kunhateĩ*, *jovem-mulher*, para aromatizá-la e camuflar o *cheiro do sangue menstrual*. Isso evita que ela seja *encarnada* pelas *onças* ao sair da *oca*, após a conclusão de sua iniciação.

A *jaguaratê* é dona das *águas primordiais*, das fontes, dos rios, dos entoaes, dos cânticos da *festa do mel*, da *mãe do mel*, do rio onde flui o mel, da pedra do mel e da *flor do mel*. É dona do **anajá** (*tocum*), a palmeira da qual se confecciona a **embira**, usada para amarrar o *cordão umbilical* da *evyrumitã*.

A jaguaratê é dona de grandes recursos alimentares como milho, abóbora, mandioca amarela, pequi e diversas frutas. Estes são oferecidos para a subsistência das pessoas e dos honis.

A jaguaratê é dona dos **cantos** para tornar a terra fértil, para os brotos maduros saírem da terra, **yvy renhoi**. É dona do canto do milho, **jerossy**, do canto para encontrar a semente da mandioca amarela, **kandiré**. É dona do canto para as plantações serem abundantes.

Nos rios, ouve-se o rugir das jaguaratês e escuta-se a “**flor de sua música**”, os seus *grunhidos*. É para que os *pirá-pás*, peixes, saltem e para que elas possam acomete-los. São abordadas pela jaguaratê, o *suruí* ou pintado, o *piraju* ou dourado, a *pirá-ete* ou kurimba, o *pirahü* ou peixe preto.

A jaguaratê e as **alianças** tradicionais

A jaguaratê possibilita as **alianças** autênticas e universais entre a *sobrenatureza*, os *honis* e as *Olhos d'Água*, os quais se relacionam unindo-se dentro das emanções energéticas da floresta tropical.

Essas **alianças** legítimas sempre oferecem duas possibilidades, elas sempre fluem entre os polos opostos complementares- entre os *grunhidos* e os *instintos* da *mama'e* (*mama'e*, *mamma'e* eu prefiro teu novo e suave rosnar), entre a *Olho d'Água* e a *Mãe do Fogo* - uma não nega a outra, uma **possui** a outra.

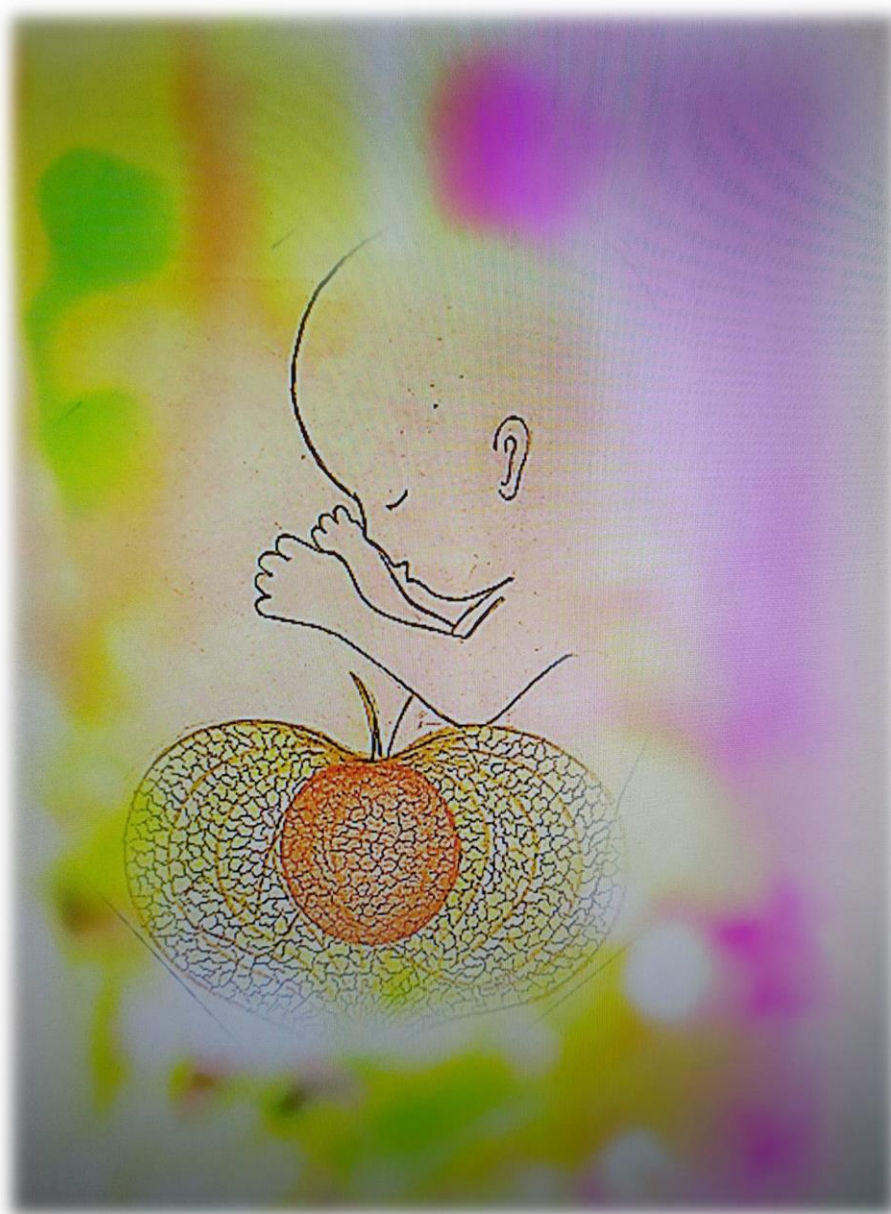
É de grande expressividade essa força súbita da jaguaratê que se **hospeda** na **Mãe D'Umbigo**, centro energético do ventre e pélvis da *prenha nua*, onde não existem conflitos de desapego. Através dessas **alianças** bipolares, adquirem-se poderes sanadoras que irão ocasionar a *flexibilidade*, a *dilatação* da *Mãe D'Umbigo*, a *Y'Guaçu*, os anéis do *Lábio*, do *Beijo* e o canal do nascimento via baixa, para o fluir dos fenômenos

sobrenaturais, tornando sensitivos e instintivos o nascimento da *mitami* e o renascimento da *Olho d'Água*.

A lógica racional se assusta com a brisa e o orvalho da *Olho d'Água* e da *Mãe do Fogo*. O civilizado racional chega ao ápice da exaustão, nega a outra parte, o sobrenatural, aproxima-se mais “**da salvação da morte**” que de *prevenir a existência*. Tudo que é levado ao extremo pela *inconsequência irracional* traz doença e **desequilíbrio**.

A *Olho d'Água* e a *Mãe do Fogo* se atraem mutuamente e ao mesmo tempo fluem em polaridades complementares. Para a *Olho d'Água* se transformar *em Mãe do Fogo*, terá que primeiramente crescer harmoniosamente em todas as direções possíveis. No final, a *Olho d'Água* terá desenvolvido uma personalidade autêntica, da qual fará parte a **coragem**, a **ferocidade**, a **agressividade** e a *harmonia energética*.

De fato, demanda-se uma longa preparação e conta-se com a contribuição de muitas *Olhos d'Água* para **aperfeiçoar** essa fascinante prática sobrenatural. Somente quando se chega ao **grande término da iniciação**, a *Olho d'Água* terá a sua *sensitividade* e a sua *sensibilidade* à ‘*flor da pele*’ - sinal de que ela **amadureceu** para a sua *mutação*. Elas, ainda hoje, enfatizam e zelam pela transformação bipolar complementar intermediada pela *jaguaratê*, a *honi* amazônica.



Y'ry Oty, Olho d'Água a prenha e mama'e nua do Amazonas
A Y'Agury kapi-aí na Mãe D'Umbigo,
o centro energético da mama'e aura das guaranys anhangatus.
As grandes emanações e as relações dos movimentos energéticos das
Olhos d'Água nos rios amazônicos.

5ª Rembypy Nhandê Y'ry Oty: Nossas origens através das Olhos d'Água a prenhã e mama'e nua do Amazonas

São a **água** e o **fogo** do conhecimento, e,
o caminho para a restauração e a
reconstrução da **Terra sem Males**.

As velhas verdades dos *renascimentos* e
nascimentos áureos são eternas e invisíveis,
devemos enxergá-las com o *coração* e
com a nossa *intuição*.

Até o momento, não havia sido escrita nenhuma literatura extensa e profunda sobre as *Olhos d'Água*, *Y'ry Oty*, a *prenhã nua*, a *mama'e aura* da étnica *guarany anhangatu*, aquela que nunca jogava fora suas energias potenciais e energias funcionais, e que se *enflorava* e se *aperfeiçoava* nos afluentes rios amazônicos.

As *mama'es Olhos d'Água*, que davam à luz nos *leitos dos rios* se diferenciavam das demais etnias originárias por suas atitudes e seu caráter, e pela evolução de seus *renascimentos* e *nascimentos*, desde tempos muito anteriores à conquista do continente *Aywa-Yala*, *Terra sem Males*, pelos euroíndios.

Sempre faltaram tentativas lúcidas ao *coletivo ocidental* para a compreensão dos conhecimentos e de suas práticas transcendentais das *Y'ry Oty*, em toda a extensão amazônica etnográfica.

As **Mães d'Água** são as *prenhas vestidas* que realizam seus nascimentos sentadas no **Cepinho do Fogo** em casa, manifestando os *movimentos pélvico-ventral*, a coragem, a força energética, a agressividade, a ferocidade e o *livre-arbítrio*, manifestadas pela *Y'Guaçu*, os *anéis do Lábio e do Beijo* e o *canal de nascimento via fluvial baixo*. Herdada de sua ancestralidade, as *Olhos d'Água* (atitudes e caráter herdadas da *jaguaratê* fêmea e do *jaguar*).

São a *água e o fogo* do conhecimento universal, os fluidos energéticos para a *restauração* e a *reconstrução* da *Terra sem Males*. As velhas verdades dos *renascimentos* e *nascimentos áureos* são eternas e invisíveis, devemos enxergá-las com o *coração* e com a *intuição e intenção* de nossa sensibilidade.

Integrar as *medicinas originárias* é uma experiência profunda emanada dos fluidos energéticos do *Paraná Guaçu*, as grandes águas, onde nasciam as *mitamis*, das *Olhos d'Água* no princípio, quando o *sol* e a *lua* iluminavam as águas de alcance universal na terra da *Kuarasy*, *Mãe Sol* chegando mesmo a ultrapassar os limites da fenomenologia física ocidental.

Esses *fluidos energéticos milenares* não foram interrompidos e evidenciam um alcance sem precedentes. O *ritual de iniciação feminina* nutria-se constantemente dessa vertente energética, das superstições, dá para normalidade, do sobrenatural, do supranatural e do princípio da incerteza, poderes e valores adquiridos dentro de uma *concepção áurea*.

Após os movimentos milenares das práticas de renascimento, as águas que ***abluíam a iniciada***, a *Olho d'Água*, começaram a *fluir*, transformando-a em *Mãe do Rio* e posteriormente em *Mãe d'Água*.

As *Olhos d'Água* chegaram até nós ressaltando os aspectos energéticos desta *germinação energética*, que não perdeu contato com o *Universo*

*energético aberto, conectando o **ajayo**, a energia que existia antes de nós, a energia que existe hoje e a energia que se conceberá depois de nós, através dos fluidos suaves e tumultuados de nossa transcendência energética.*

São poucos os *povos originários* que fluem através dessas tranquilas e tumultuadas águas, entre a fertilidade e a prosperidade, entre as pedras e os sapés, entre as árvores e as sombras, entre as ramas e as folhas das árvores, entre os rios e as copas das árvores, entre a prevenção e o tratamento das *sanadoras*, entre os renascimentos e os nascimentos.

Essa *germinação energética* abrolhou e enflorou as margens dos rios da Amazônia, entre os raios, entre os relâmpagos, entre os trovões, entre a *Mãe do Fogo*, entre as perseguições e as capturas, uma parte das *guaranys anahangatus* conseguiu refugiar-se na *Ilha fluvial das Cobras* e nas Águas da Rocha, próximas a Serra dos Caripés Velhos, entre as fronteiras dos estados brasileiros de Pernambuco e de Paraíba.

Olhos d'Água, Mães d'Umbigo Raizeiras e as Mães d'Água escolheram a *Ilha das Cobras* para se esconder dos “tempos da cruz e da espada”, do sadismo infernal da Igreja Católica, instaurados pelas implacáveis perseguições, laços, capturas, as *humilhações* as deixaram “humildes”, estimulados pela sua fé civilizada, os bandeirantes, os quais as enlaçavam na mata, as enjaulavam, as forçavam, abusavam e as *estupravam* até dominá-las.

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* são originárias do elo amazônico das *Olhos d'Água, Y'ry-Oty* neste caso, as *guaranys* de fala *anhangatu*.

6ª Mama'e aura, Olho d'Água, transformando-se em a primeira Mãe d'Umbigo Raizeira

Na pré-história das *guaranys anhangatus* amazônicas, as *Olhos d'Água*, as *prenhas nuas*, as **mama'es auras**, com sua energia em *harmonia e equilíbrio*, puro *deleite* (sem misérias, sem **medos**, sem tensões, sem angústias, sem luto, sem barbáries, sem **infernos sádicos católicos**), teceram, por séculos, teares multicoloridos com o frescor dos orvalhos e com o rocio, a *umidade dos mananciais amazônicos*.

Todos os *atos particulares* tiveram que se originar de um *evento universal*. A *capoeira amazônica*, é única neste universo continente, que contém todas as *gotas de orvalho*, esta ancestralidade energética é a *origem*, dos ritos de renascimentos da *Olho d'Água* e os ritos de nascimento da *Y'Jaú Mitã*, *que flui das águas cristalinas para as águas limpas*.

Os *seios* que contém as *gotas de orvalho*, as *Olhos d'Água*, com sua suprema tranquilidade, *cantam ao movimento*, **nhapuã japorai** (vamos cantar ao movimento) da *Mãe D'Umbigo*, através de sua flexibilidade e dilatação pélvica ventral, fortalecidas pela valorização da sua *movimento*, *coragem*, *agressividade*, *força energética* e *ferocidade* como algo *formoso e bom*.

A concepção dessas qualidades e seu caráter objetivamente consideráveis, integradas e apreciadas foram engendradas pelas *Olhos d'Água* nos lagos, nas cachoeiras, nos riachos e rios, em seus *domínios fluviais*, para a continuidade das gerações das *guaranys anhangatus* e outras *etnias originárias*. Esta **Intanha**, a *força energética que mora nas águas*, de todos

os movimentos *fluviais*, está represada na **Mãe D'Umbigo**, o centro energético da Olho d'Água onde não existem conflitos de desapego.

As relações entre a Mãe D'Umbigo - Olhos d'Água, as Mães d'Umbigo Raizeiras - Mães d'Água apresentam abordagens de grandes *assimilações estruturais tradicionais*, de sobrenatureza, de cadencia, de sentimento, de vibrações e de emanções energéticas, originadas nas florestas da Mãe Sol.

Ao *deslumbrarmos* especificamente com as práticas do renascimento da Mãe d'Água e do nascimento da Y'Jaú Mitã, das *guaranys anhangatus*, verificamos que, sem dúvida alguma, essas práticas se destacam das demais etnias amazônicas pela evolução de suas *artes sobrenaturais da Y'Guaçu* e de seus bens energéticos sobrenaturais.

Suas *inspirações sobrenaturais*, seus movimentos energéticos e a fluidez de seus suspiros, foram e são fatos constantes, determinados, que tem seus períodos marcados pelos *ciclos do luar, jaxy endy*, assim se deu início a uma **primeira aliança** entre a Olho d'Água e a Jaguaratê, a Mãe do Fogo.

Transformada a Olho d'Água em Mãe do Fogo, energizava suas forças perante o nascimento sobrenatural de seu novo coração, *pya'hu*, sua *mitami*. A sua *ferocidade* expansiva, a sua latente *agressividade* e a sua obstinada *coragem*, se faziam presentes no seu renascimento e no nascimento da nova existência.

Ao amarrar o cordão umbilical "**da olhinho d'água**", com **embira** e cortá-lo com os **dentes**, sua coragem se multiplicava. Quando o Anel d'Aguaí, placenta, se deslizava, ela o **digeria**.

A **transformação** da Mãe D'Umbigo (ventre) em Mãe d'Umbigo Raizeira e em Mãe d'Água fez com que se estabelecesse uma **segunda aliança** entre elas e a Mãe Cósmica e a Mãe Natureza.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira*, que também por outras significa: comover, agitar, dar vaivém, dar alternativas às *Mães d'Água*, como a tempestade que dá vaivém aos mares. Isto nos demonstra que a *Mãe d'Umbigo Raizeira* significa, um **novo movimento**, uma **mudança** de atitudes, de direção, de comportamento, instigadora dos *instintos*, dos *sentimentos* e dos movimentos, seu esforço *ativo* e poderosa, **impulsionou** e *incentivo* uma arte sobrenatural aperfeiçoada emocionalmente tocante.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* bem orientar os conflitos externos e internos, **adquiriu** poderes medicinais *herbívoros* ao recrear seus poderes sensitivos, intuitivos e perceptivos, ao recolher sementes, raízes, folhas, troncos, para **conceder assistência** e ajuda à *Mãe d'Água*, a *prenha flexível sentada sobre a cóccix no Cepinho do Fogo* em casa.

A *Mãe d'Água*, por sua vez, adquiriu movimentos energéticos diferenciados e intensificados ao sentar-se, dilatar e flexionar e movimentar sua pélvis e a escancarar a *Y'Guaçu*, os anéis do *Beijo* e do *Lábio* e o canal de nascimento via fluxo baixo no *Cepinho do Fogo*, ao **deixar** de morder o cordão umbilical e fazer *fluir* o *Anel d'Aguaí*, a placenta, para as mãos da *Mãe d'Umbigo Raizeira*. Depois, pedia-se a um parente para que a enterrasse debaixo de uma **árvore**, o **Patuá** (*pessoa paisagem*), a qual, mais tarde, serviu como referência para a criação dos **amuletos**, os *Patuás* de renascimento e de nascimento das *Mães d'Água*.

Os *Patuás*, *amuletos*, se definem como uma *força com emanções energéticas* que se aloja no *pya'*, coração, da *Mãe d'Água*. Quando se invocava o *Grande Patuá da Mãe d'Umbigo Raizeira*, ela trazia o *Patuazinho para a Mãe d'Água*, para a complementação dos renascimentos e dos nascimentos em casa.

Não se pode deixar de considerar a importância das *Olhos d'Água*, da *Mãe do Fogo*, a *Mãe D'Umbigo*, das *Mães d'Água* e das *Mães d'Umbigo Raizeiras* na *transição*, na *transformação*, assim, nasce um a nova semente que *germina energeticamente* (Ali, pessoa paisagem), o que se recolhe, na elaboração e na nova *modelação “do Favo de Mel”*, dos nascimentos realizados em casa, práticas que se disseminaram entre as aldeias, comunidades e vilarejos das *Mães d'Água*, *mama'es vestidas amazônicas*.



Águia

A primeira *Mãe d'Umbigo Raizeira*, representa centenas de ritmos em seus movimentos, “no *Favo de Mel*”, a recepcionar, ao assegurar a *mitami*, da *Mãe d'Água*.

Assim, como a *Lua, jaxy*, apresenta centenas de ritmos cíclicos em seus movimentos ao atrair os organismos sensoriais úmidos.

7ª Águia: A primeira Mãe d'Umbigo Raizeira

Um *pya'*, coração, com sentimento de *gratidão* para dizer:
estamos eternamente agradecidas à primeira Mãe d'Umbigo-Raizeira

No raiar da *aurora* começavam a gorjear,
nas árvores, dos seus ninhos,
mil destinos de pintados passarinhos.
E em seus diversos encantos e alegres cantos
contemplavam o horizonte, o fluir dos raios.

Revoavam no vaivém do frescor da manhã.
Pelos rios e entre as árvores, iam as
meninas-moças nuas apreciando a formosura de
seus rostos, nos *espelhos cristalinos* naturais, os rios,
fazendo reluzir seus belos e longos cabelos.

Como as flores, destilavam um aroma
delicioso, riam nas fontes transparentes
em cujo suave escorrer
banhavam as ervas que brotavam e
chuviscavam das árvores.

Murmuravam os arroios, alegravam-se os vales, as capoeiras e
enriqueciam-se os prados com as samambaias, com a gruta, com o lago e com
a capoeira, floresta amazônica.

A *menina-moça* era forte e poderosa porque veio dos *rios* e da *floresta*. Passou por várias encruzilhadas para poder sobreviver. Foi perseguida, caçada, presa e estuprada aos onze ou doze anos de idade por aventureiros e verdugos que invadiram o *mundo fluente das águas vivas, na Terra sem Males*. Na época da colonização, eles se encontravam na *capoeira* à procura de **caça** e a *menina-moça*, à procura de **favo de mel**.

Os caçadores perceberam uma imagem saltitando entre as árvores, e apreciaram uma *menina nua*. Com sua pele avermelhada e longos cabelos negros cobrindo-lhe as costas, ela se destacava por sua beleza, elegância e *força no corpo*. Ficaram admirados desde o primeiro momento em que a viram e, logo depois, iniciaram uma *caçada civilizada e barbara*.

A *menina-moça*, percebendo que estava sendo perseguida, começou a correr capoeira adentro. Teve que fugir. Estava assustada, acuada e não podia parar sequer para recuperar o fôlego. Segundo sua tataraneta, *ela* contava que dois homens brancos assediavam-na com *gritos*. Ela achava que queriam deixá-la com **medo** e **desorientada**, por isso fazia esforços sobrenaturais para que pudesse distanciar-se de seus caçadores. Acreditava que a qualquer momento conseguiriam alcançá-la para maltratá-la.

Os aventureiros perseguiram-na durante muito tempo, pois a *menina-moça* era forte e veloz, ela voava como uma *águia*. Quando corria, dava a impressão de que voava na capoeira e por isso a chamaram de **Águia**. Com muita dificuldade, conseguiram *pegá-la no laço*, imobilizaram-na, amarraram-na e sentenciaram-na à pena de reclusão por ser **diferente** de **estilo** e viver na *capoeira*. Seus raptos, homens brancos, achavam-se superiores. Diziam que como os **bugres** se escondiam na mata, *não sentiam, nem pensavam*. As *guaranys anhangatus*, diferentemente dos

homens brancos, não davam importância ao visível e sim ao invisível, por isso viam a **floresta** como um poderoso *Universo energético aberto*.

Depois de ser capturada, *Águida* foi trancada numa jaula feita especialmente para “os pés voadores”. Teve uma experiência degradante e aterradora, foi atacada sensualmente e sexualmente muitas vezes até *ficar Olho d’Água, prenha*. Percebendo seu *estado*, *Águida* procurou adaptar-se o máximo possível a esse novo universo, ainda que guardasse uma profunda mágoa dele.

Águida, mesmo presa, procurava formas de fugir. Recusava alimentos, roupas e não desejava se comunicar com ninguém, mantendo profundo *silêncio*. Ela achava que essa era a única maneira de demonstrar sua *indignação* em relação ao *sofrimento* que estava passando.

O **dano** estava feito. Sequestraram-na, semearam-lhe desconfiança, *medo e dor*. Foi uma *experiência terrivelmente aterrorizante* que doía profundamente no coração, no corpo e na cabeça. A grande prejudicada foi a *menina-moça* que andava pela capoeira em *procura do favo de mel* e que forçosamente foi *transformada* em *Olho d’Água*.

Algun tempo passou para que percebessem que *Águida* estava *prenga*. Ao perceberem o volume “**no pé da barriga**”, *ventre*, o homem branco que a aterrorizou durante muito tempo construiu uma choupana para onde a levou.

Águida não podia mais fugir, estava muito pesada e só podia daquele momento em diante, lembrar-se dos cuidados necessários quando se estava “**em rito de transição**”, *prenga*. *Águida* até chegou a pensar em tirar a “*brotinha*” com ervas que tinham o efeito de abortar, secar ou de *apagar* definitivamente a *Mãe D’Umbigo*, o *centro energético para uso próprio*. Sem meios e ervas para *interromper a prenges*, pois estava muito avançada, teve

que se **submeter** mais uma vez, passando a aceitar alimentos e a aprender a língua estranha para que pudesse sair ao *ar-livre*.

Lembrando-se de como as *Olhos d'Água, as Mães do Rio*, eram *assistidas* em sua aldeia, recordando-se dos rituais e das cerimônias de fertilização, de concepção e de renascimento, ela tentava seguir suas *tradições*. Em seguida, ela foi para a floresta, foi colher, sementes, folhas, raízes de uma variedade de frutos e flores. Procurava árvores medicinais, procurava rios e cachoeiras para entrar debaixo delas. Alimentava-se de todas as folhas possíveis e de cores diferentes. Primeiramente, antes de mastigá-las, colocava-as perto das narinas para perceber o cheiro e entre gengiva e a pele da boca para *sugar a folha*. *Águída* seguiu todo esse **ritual de transição** durante todas as luas de prenhes até chegar a “**sua renovação**”, a transformação o renascimento da *Olho d'Água* e a descida da *Y'Agury Kapi-aí*.

Quando se aproximo o momento de dar à luz, a *Olho d'Água* transformou-se energeticamente em *jaguaratê* a fim de *alcançar* a *Mãe do Fogo*. Chegado o momento de dar à luz, a *Olho d'Água-Águída* sentiu-se *molhada*.

Dentro a *Olho d'Água*, **flui-a** energeticamente na sua plenitude a *Mãe D'Umbigo*, seu *ventre-pélvico*, a origem energética de sua ancestralidade da continuidade de sua espécie, onde desencadeiam estímulos frenéticos vinculados às experiências de seu renascimento e nascimentos.

O **Anel d' Aguai**, *bolsa d'água*, tinha se rompido. Então, foi caminhando a procura de *uma irmã árvore à beira do rio*. Encontrando-a, forrou o chão ao seu redor com folhas verdes. Percebendo a proximidade da “*Dor de Dor*”, *dilatação, flexibilidade e contração*, sentindo as primeiras dores que vinham em intervalos prolongados, *Águída* colocou-se em *posição*

de renovação da Força d'Alento Universal, a posição de assento. Abraçada à irmã árvore, começou a sentir a **vibração** da Mãe D'Umbigo. A Força Energética d'Alento Universal transformou-a em Jaguaratê, Mãe do Fogo, para que pudesse gerar calor e a água a fim de fazer fluir e dar à luz a Y'Agury Kapi-aí.

Assim, as **águas** e a **energia** da **Aguaí** (placenta) tornarão **flexíveis** os ossos, **ternos** os músculos da **Y'Guaçu**, anéis e o canal de nascimento defluxo via baixa, suavizam o fluir e escancaram com movimentos constantes o que *prendia*, a Y'Agury Kapi-aí, o poder e o valor energético para uso próprio, harmoniza a existência da Olho d'Água.

Não há nada na Olho d'Água que não fluía energeticamente e se adapte a ela, não há *fluidos mais poderosos* do que a **água-energia** e nada mais **suave, frágil e sensível** que escancare y recepciona-se a *olhinho d'água*.

Em seguida, amarrou o *cordão umbilical* com **embira**, em suas *duas extremidades*, e cortou-o no meio com os dentes para assim iniciar suavemente a *renovação* do *Anel de Aguaí*. Foi puxando devagar a *placenta* até que ela deslizasse suave e completamente da Mãe D'Umbigo, se satisfazendo em seguida com ela no rio. Terminou, assim, sua *Experiência Universal*. Saindo do rio, a *mama'e* amamentou a *brotinha* dirigiram-se para a choupana.

Desta forma, a *mama'e Águida* viveu sua primeira *Experiência da Força d'Alento Universal*, seguindo suas próprias concepções, assistida pela Mãe do Fogo, a Mãe Sobrenatureza e o Universo energético aberto. Revelando-se, também, ser uma profunda conhecedora de *ervas e raízes medicinais*, depois de sua *experiência de transição*, tomou providências para que **nunca** mais ficasse Olho d'Água, ingerindo raízes doces esterilizantes.

Concluído seu **resguardo**, passou a colher e a secar raízes e ervas de várias espécies durante intermináveis caminhadas pela capoeira. Todas as plantas colhidas eram cuidadosamente *transformadas* em remédios de alto teor preventivo usados principalmente para assistir o *rito de transição* e de resguardo da *Olho d'Água* e da *Mãe d'Água*, antes e depois da *experiência universal de renovação*.

A **Mãe D'Umbigo**, o centro energético da *Olho d'Água*, onde não existem conflitos de desapego, **transformou-se** dentro destas águas cristalinas, essa *oculta plenitude energética inesgotável*, foi transferida e **projetada** (movimentos que superam o frio, as tensões, as estagnações) para **fora**, somando-se ao aconchego da Mãe-terra, transformando-se em **Mãe d'Umbigo Raizeira**.

Assim foi sendo recriado um novo universo feminino. A *Mãe d'Umbigo Raizeira*, lembrada por sua ancestralidade, pertenceu a tempos áureos, mágicos e trágicos, foi essência de sua aldeia. Ela teve um começo pré-histórico e uma continuidade que representa a *semente* das *Mães d'Umbigo Raizeiras* e das *Mães d'Água*.

A *mama'e Águída* destacou-se pelos seus valores práticos e pelas suas experiências com a *Mãe Sobrenatureza* e *Mãe Cósmica* e passou a ser reconhecida como a **primeira** *Mãe d'Umbigo Raizeira*, com seus *Patuás* e seu *Anel de Madeira*, o *Cepinho do Raio*, tronquinho colhida depois de ser atingida por uma tempestade poderosa que doava seus raios.



Y'Vytery Aí - Mãe D'Umbigo

Simbolizada por uma baleia

Centro energético da Mãe d'Água, onde não existem conflitos de desapego.

Material: Madeira

Dimensão: 27x22 cm

8ª Y'Vytery Aí, Mãe D'Umbigo: O centro energético da Mãe d'Água onde não existem conflitos de desapego

“Oi, Mãe d'Água!
Pode ficar tranquila que a *Y'Agury Kapi-aí*
vai descer e transformar-se em a *Y'Jaú Mitã*.
Você pode ficar sossegada.
Seu *Olhinho d'Água* vai descer e

sair com Força d'Alento Universal
que a *Mãe D'Umbigo* e a
Mãe do Fogo possuem.
Fique sossegada, *Mãe d'Água*!
Eu, sou sua *Mãe d'Umbigo Raizeira*,

estarei acompanhando o desprendimento
da *Y'Agury Kapi-aí* e todo
o movimento de suas águas”.
Até chegar a suas mãos e peito.

Os **fluidos** da *Olho d'Água* e dos rios não são um **fardo** que se possa levar sobre a *pélvis ventral flexível* (em pujar com a barriga). É um **estilo** de **transformação transcendental** tão inspirador que a *Olhos d'Água*, admitem de *olhos recatados* que ela não está em conflito com ela mesma, com seu centro energético **Mãe D'Umbigo**, ela é paciente e turbulenta, está disposta a doar seus movimentos a favor de uma *pélvis ventral flexível* e se

transformar em uma poderosa *Mãe do Rio* amazônica, *que se governa assim mesma*.

A conduz o seu escancaramento, estimula o seu calor, fortalece e finaliza o impulso energético, ou seja, acompanhar a seu renascimento para ela dar à *Luz*. Diferente da ciência **repressora ocidental** que é impaciente nos nascimentos ditos naturais, frios, calculistas e está disposto a quitar, um a um, *os pelos do ovo de ouro da galinha*.

As *Mães d'Água* são capazes de gerar um poder sobrenatural energético e governa-lo através dela. Viver as **transformações**, câmbios correspondentes, que se apresentam nas várias formas de movimento e de utilidade energética desde sua prenhes, a gestação até a plenitude do nascimento da *Y'Jaú Mitã*. As *Mães d'Água* são triunfos soberanos da sustentabilidade nos renascimentos e nascimentos em casa com a experiência e as sensações milenares herdadas das *Olhos d'Água*.

Ninguém pode deixar de *admirar* ou *ignorar* a existência *sustentável* das *Mães do Rio*. Porém as identidades da *Y'ry Oty*, *hipersensíveis de pele* que *as protege* e as *veneficia* com as vibrações *de prazer* energéticas, continuam vigentes para maioria das *mulheres-mães*.

Todas elas levam em sim o tesouro oculto da realidade maternal, no sentido da *sensação energética intuitiva*, no *fluxo sensível sustentável*, é a única realidade que conheciam e conhecem. As *Olhos d'Água* sempre buscaram o *aperfeiçoamento* da *sobrenatureza*, da *natureza*, *pela nossa existência*, sempre foi o rumo da maternidade genuína.

As *Olhos d'Água* altamente estilosas, adequadas para a *ciência étnica*, a qual tem competência muito extensa para valorizar a estas *mulheres mães*, sensitivas e intuitivas. Toda esta verdade e realidade ancestral, que de uma

maneira natural ou sobrenatural foi adquirida com muitas reflexões e experiência através das *Mães do Rio, Olhos d'Água*.

O uso universal desta prática, da *constelação do fluxo sensível sustentável* permitem viver e *absorver a energia* fora da *linguagem fria* e intervencionista civilizatória. Concepções e *práticas sustentáveis* por *Olhos d'água, Mães d'Água* não lógicas, *não* doutrinadas cognitivamente com o *sádico inferno católico europeu*.

Mediante as quais nossas antepassadas, desde tempos imemoriais, não unificado e posto em continuidade de suas experiências imediatas, colocando-se em equilíbrio com a *Mãe Terra, Pachamama*, e a *Mãe natureza*. Buscando e alcançando a sobrenatureza tão satisfatória para os propósitos práticos ordinários que seguramente abriam durado para sempre se *não houve-se* sido pela *excessiva* moralidade mundana, de um mundo absolutamente irreal de barbaridade intelectual excêntrica dos civilizados ocidentais.

As *mulheres-mães* inflamarão os movimentos concebíveis, às experiências das *Olhos d'Água*, no sentido de dar fluidez as sensações energéticas intuitivas, do *fluxo sensível sustentável* maternal na Amazônia.

A existência dos vários tipos de *sentimentos sustentáveis* que temos exposto, a cada movimento esplendido das *mulheres-mães* para determinados propósitos, ainda que todas elas entrem em conflito, pelo caos instaurado pelas intervenções maléficas dos acadêmicos católicos e dos bandeirantes modernos ocidentais, assim, mesmo vale a pena invocar o *direito* de sua veracidade, a *confiança absoluta* das *Olhos d'Água* em si mesmas.

Todos os **movimentos** dos ventos, nos rios, na floresta amazônica são legítimas e verdadeiras: são formas de continuidade das experiências

imediatas das *Olhos d'Água*, colocando-se em equilíbrio com a *Mãe Terra*, *Pacas Mili*, fundamentais na adaptação alimentar da realidade maternal.

São mais que revelações e respostas aos enigmas (mitos) criados no mundo “pela *divindade branca malfeitora*” (os sub animais humanos), para eliminar a os povos originários de um modo definitivo, versadas em imposições europeias através de *leis romanas*, religiões sionistas judias e cristãos e decretos de reis e rainhas, de tiranos, de ditadoras ocidentais.

Como queira que seja, houve ainda um grande período traumatizante a percorrer antes da **transformação** da *Mãe D'Umbigo* (a força energética interior da *Olho d'Água*) em *Mãe d'Umbigo Raizeira* (para a *força energética exterior da Olho d'Água*).

As *Olhos d'Água* percebiam que seu centro energético a *Mãe D'Umbigo* (força sensível sustentável de seu **interior**), onde não existiam conflitos energéticos de desapego, com sua maneira peculiar de ver poderiam dar-lhe uma abertura a esta **força energética interior** para **transforma-la** numa **força energética exterior**, e a chamariam *Mãe d'Umbigo Raizeira*, com esse *temperamento energético* poderia adaptar os nascimentos realizadas nos rios amazônicos, à prática dos nascimentos de **assento** no ‘*Cepinho do Raio*’, nas choupanas (casas).

A partir de esse momento não se deixariam de contar as crenças e as **transformações** das técnicas aperfeiçoadas das *Olhos d'Água*, sempre *Mães do Rio*.

A *ciência étnica* e a sabedoria da prática tradicional, sustentável, preventiva e **sanadora**, existentes, fluem em *equilíbrio* com o meio ambiente sustentável. Através das *políticas psicossociais* étnicas da **consciência** da *Mãe D'Umbigo* e o desenvolvimento energetico *feminino* dos povos tradicionais amazônicos.

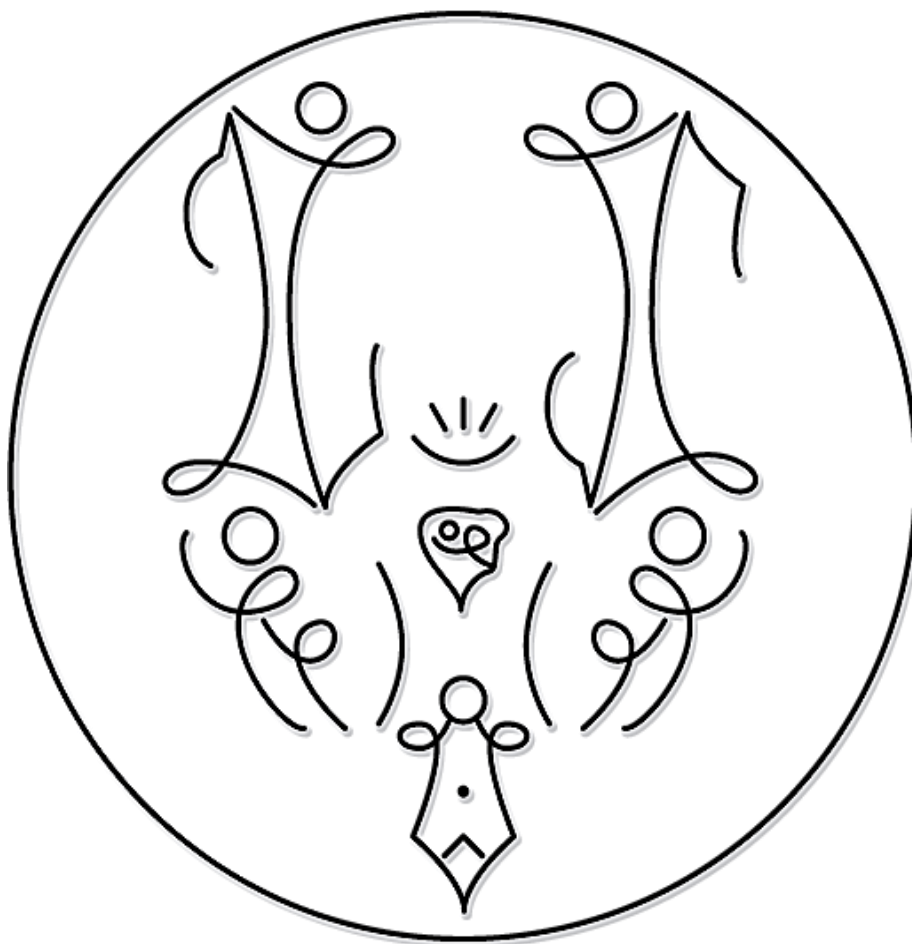
A *transformação e transcendência* energética da Mãe D'Umbigo, o centro energético da Olho d'Água e da Mãe d'Água. A *consciência do **desapego***, do acordar, do despertar energético feminino, porque são elas as que se levantam energeticamente quando seu organismo sensorial está em transformação, "*flexionam e criam todo um poder energetico*", elas assumem outras dimensões para se *fortalecer energeticamente*: como a *coragem, a sua garra, a ferocidade, a força energética, a agressividade*, comportamentos instintivos natos da *jaguaratê, a Mãe do Fogo amazônico*.

A *ciencia étnica* e a educação tradicional dos povos originários na ***preservação*** das *meninas–moças, das Olhos d'Água, das Mãe D'Umbigo, das Mães d'Água e das Mães d'Umbigo Raizeiras* originárias, que se beneficiam com a experiência milenar da ciência e a tecnologia étnica, da sensibilidade, da intuição, do sentimento maternal, etc.

A Mãe D'Umbigo, o centro do eletromagnético da Pacas Mili e o Khenô da Pacas Mili, é o que identifica as *mães tradicionais* com sua *energia ancestral maternal*.

O universo *finito* das *Mães d'Umbigo Raizeiras* tem invariavelmente sua origem, na Mãe D'Umbigo, tem uma objetivação e conseqüentemente um fim finito, em associação com as *influências lunares* sobre os organismos úmidos que os alimentam.

Por meio dos *instintos, intuições* e das fortes faculdades sensoriais que possuem as *Mães d'Água* passando por todos planos ou dimensões maternas, elas foram evoluindo até alcançarem o ***princípio da incerteza***; compreenderam, afinal, o *incompreensível, a transcendência energética* por meio da Mãe do Fogo, jaguaratê, no renascimento da Olho d'Água e da Mãe d'Água e no nascimento das Y'Jaú Mitã.



Pacas Mili e o Khenô da Pacas Mili

Mãe D'Umbigo

Centro energético do *ventre e a pélvis* feminina onde
não existem conflitos de desapego.

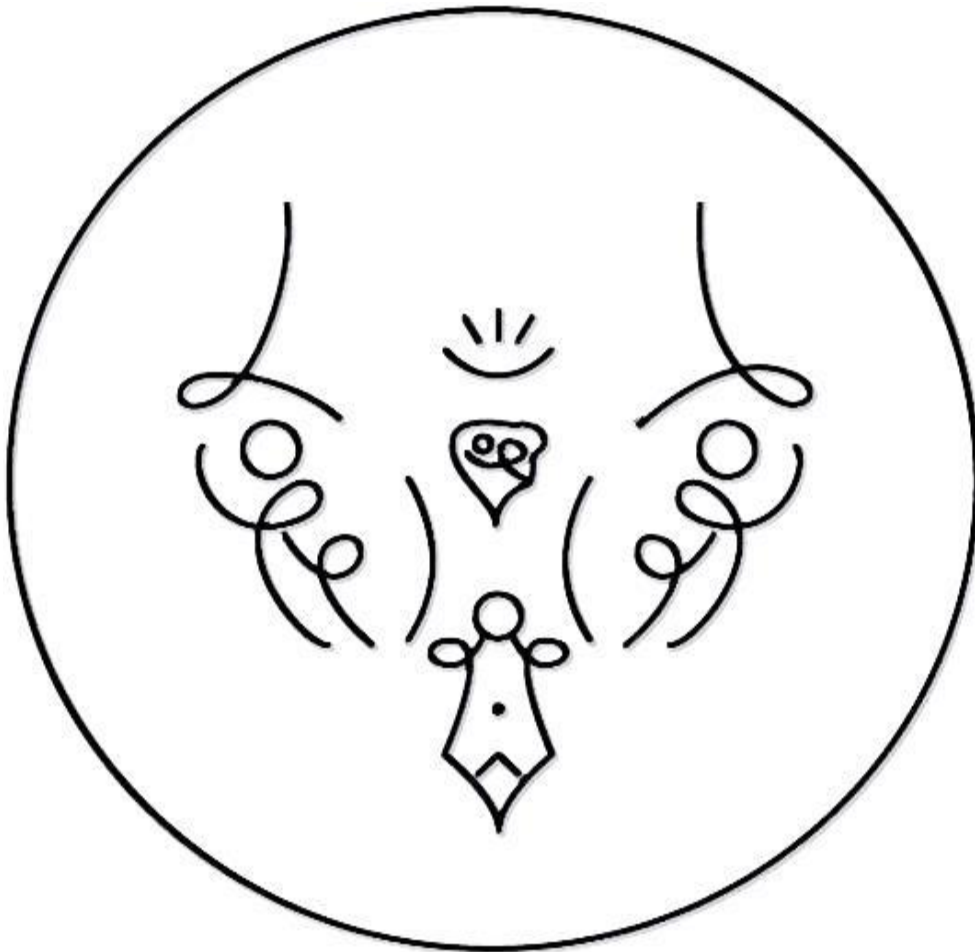
Configuração energética da Mãe D'Umbigo,
o movimento, o espaço e o tempo
eletromagnético feminino.

9ª Pacas Mili e o Kheno da Pacas Mili: As nove esferas em Guarany Anhangatu

Os fluxos do Universo energético e das nove esferas das emanções eletromagnéticas da *Mãe D'Umbigo*, vão se sucedendo com grande mutabilidade e intercâmbio energético em seu todo.

1. Etã	ovário
2. Poraceí	óvulo
3. Piraguaçu	matriz, Mãe do Corpo
4. Oguapy	ovulação, menarca
5. Poty~maru	trompa
6. k'onhi	Mãe do Fogo, CEPA
7. Y'Guaraná	menarca (menstruação)
8. Y'Mayu	canal do nascimento
9. Y'Guaçu	Anel do Lábio (clitóris), Anel do Beijo e o canal de nascimento de fluxo baixo

As *guarany anhangatus* acreditam que a cada renascimento da *Mãe d'Água* acontece o *retorno* a sua origem de nascimento, quando a permanecia nas águas da *Mãe D'Umbigo*, na forma de *Mirĩ he'i ixu-pe*. O *regresso* se efetua através do valor energético para uso próprio, *Luqiqaman Tnk'u*.



Khenô da Pacas Mili, a fertilidade da Mãe D'Umbigo

Configuração da **Y'Guaçu**, os *anéis* do Lábio, do Beijo e o canal de nascimento via baixa, *fluidos* que acompanhavam a *coragem* e a *fertilidade* do renascimento da Mãe d'Água.

Discrição das nove esferas da Pacas Mili e do Kheno da Pacas Mili



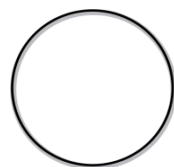
1. Etã, Poraceí



4. Oguapy



7. Y'Guaraná



2. Poraceí



5. Poty~maru



8. Y'Mayu



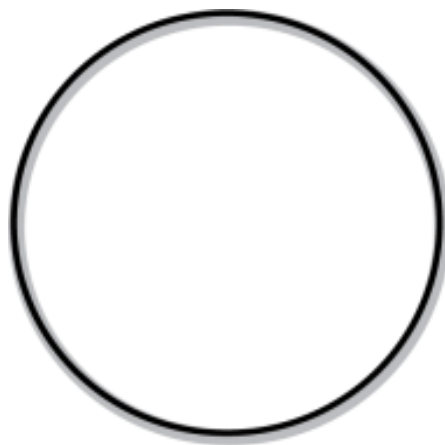
3. Piraguaçu



6. k'oni



9. Y'Guaçu



o. Poraceí - óvulo



1. Etã - ovário

A configuração dos complementos binários energéticos da *Mãe D'Umbigo*

* Texto e ilustrações extraídas do livro Pacas Mili e Khenos da Pacas Mili- o eletromagnetismo do ventre e a pélvis feminina. No publicado.



Nhapuã Japorai Pacha Lea
Vamos cantar ao movimento dos instintos

A evolução do ritmo da *pessoa paisagem*, **Oguapy**,
começa nos seus instintos, intuição e sentidos sensoriais.

10ª Oguapy: Menina-Mulher Sem Ser Ainda Mãe d'Água sentou no leito do rio

A cerimônia de passagem das meninas-moças quando submergem nas Altas Águas do Paraná Guaçu para acompanhar o movimento da Lua Cheia

*A tradição genuína diz: a
ovulação e a menarca (primeira menstruação)
nasceram, quando na menina-moça sentiu
fluir em seu íntimo, a **Poraceí** (óvulo) na **Etã** (ovário)
ela conhece o ritmo da evolução.*

Como as **sementes** invisíveis da vegetação, a
Etã e a **Poraceí**, estão submersas no *Ucu Pacha*
(mundo oculto e sobrenatural) da menina-moça.

Deste grande movimento, do **Ajayo**,
energia, da **Etã** e da **Poraceí**, se origina a

transformação cósmica do Universo.
Ela contém a *força energética transformadora*, a
existência, desde onde foi estabelecida o *fluir e a*
consciência da *sobrenatureza feminina*.

Sempre conversávamos fora das choças, ao redor das fogueiras. Todos os parentes comiam batata doce ou macaxeira assada cozida em fogões de *pedra amarela* e lenha. Todas as noites, depois de comer, nós buscávamos,

removíamos as cinzas de baixo para cima da terra e as enchíamos de batata doce.

Noutro dia, antes de ir para a roça, eu voltava correndo para casa da *Mãe d'Umbigo Raizeira Águida*, minha tataravó, para comer com ela, a batata doce bem assada deixada por nós em meio daquelas cinzas incandescentes ainda na noite anterior.

Lá estava eu, conversando e comendo com ela. Depois, íamos caminhando em direção ao rio. Quando chegamos à beira do rio, me disse: Olhe-se! Imediatamente emergiu minha imagem nas águas claras do rio. Tua ***mama'e original*** serão sempre as águas, as chuvas e toda tormenta que venha a cair. Lembre-se sempre da fluidez das águas e sempre que puder entre dentro das águas para lembrar que você já é *Mãe d'Água* (depois de iniciada).

A *Mãe d'Umbigo Raizeira Águida* gostava muito de mim. Ela me colocava para ler folhetos, histórias de repentistas, de contadores e cantadores de viola. A *Mãe d'Umbigo Raizeira Águida* adorava essas histórias. Tudo o que conhecia tentava passar para a gente. Eu tinha dez ou onze anos nessa época. A gente chegava lá, falava para ela que estava com dor na *Mãe do Corpo* (cólica): “avó Águida, estou morrendo de dor pela *Oguapy*”. Ela dizia: “faça um chazinho de ***mentraste*** (Santa Maria), ***mengo do mato*** e ***melissa***”.

“Lembre-se da ***canção da criação***, da sabedoria das águas e dos fluidos do rio, não as perturbe. Não tome banho de cachoeira, não ande descalça, não sente em lugares quentes, não ande a cavalo, só lave o corpo com pano de algodão, não molhe a cabeça, principalmente a *molheira*, não coma carnes rimosas que ofendam a *Mãe D'Umbigo* como carnes de porco, peru, pássaro *jacu*, *juriqui* ou *juriti*, mocó, tatu, ovo de galinha d'angola, pata,

galo velho e peixes rimosos. Tudo para **não sujar** e **nem intoxicar o sangue**. Não se **resguardando**, o sangue ficará fedido como ovo podre e lhe fará mal”.

“Quando a *menina-mulher* está com a **Oguapy** acordada, está com o *corpo escancarado*; a *Oguapy* fica exposta aos raios carregados, aos relâmpagos, às energias perversas. Para impedir que os raios perversos penetrem na *Mãe do Corpo*, já *dez luas antes devem começar a evitar alimentos rimosos*. Durante o período da *menstruação*, a *Mãe d’Água* deve se guardar”.

Primeiro caso: *enguiçar* ou fazer parar a **Oguapy** dava um azar medonho

Quando tive minha primeira descida da *Oguapy*, veio uma dor seca; senti-me morrer. Veio um pouco e parou. Durante seis meses parou a *Oguapy*. Logo tive que procurar uma *Mãe d’Umbigo Raizeira*. Ela me atendeu, conversou, tocou a *Mãe D’Umbigo* e disse que eu devia tomar chá de erva cidreira (uma quantidade específica de erva) com Batata Purga (cortar a batata em quatro partes iguais e só beber um quarto dela). Logo que você tomar, vai esperar fazer a obra (evacuar). Foi dito e feito. Foi doze dias descendo de rolo. (D. Lua, 58 anos)

Segundo caso: o susto

Uma vez, estive caminhando de noite. Os *sustos* causados durante as noites são mais bravas. Quando percebi estava passando por cima da cabeça de um sapo. Ora, o *susto* que levei fez parar a *Oguapy*, *menstruação*, por vários, vários meses. (Claudia)

Terceiro caso: medo abafado

No fim do dia, eu estava caminhando descalça quando pisei uma *formiga grande*, daquelas pretas. Não gritei, *me afoguei em meu próprio grito*, silencieei meu medo e não **gemi**, foi o suficiente para a **Oguapy**, menstruação, desaparecer por vários meses. (Ana).

Quarto caso: sangue pelo nariz

A **Oguapy** apareceu para mim, pela primeira vez, aos 17 anos e logo depois sumiu. Fiquei uns cinco a seis meses sem sentir descer a **Oguapy**.

Durante esse tempo, *ganhava muito sangue pelo nariz*, ficava com dor de cabeça e estava ficando muito fraca. Minha mãe ficou bastante preocupada e foi falar com a *Mãe d'Umbigo-Raizeira*, que morava lá perto, porque tudo que minha mama'e fez não tinha dado resultado.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* orientou a minha mama'e, explicando como preparar a *raiz da Batata Purga* junto com a *erva Cidreira*. Ela disse que eu devia tomar o chá misturado para *limpar as impurezas* do organismo. Terminada a limpeza do chá, eu faria a **obra** (liberar o intestino) e a **Oguapy** desceria. Minha mãe fez o chá com aquele carinho, com aquele sentimento, e eu tomei com aquela fé que a *Pancada do Raio* desmanchou em seguida.

A **Oguapy** apareceu de imediato, depois que terminei de fazer a *obra*, conforme a *Mãe d'Umbigo-Raizeira* tinha falado. A **Oguapy** ficou descendo em abundância durante dois dias; no terceiro dia, foi normalizando. O sangue que ganhava pelo nariz foi parando, e tudo se foi acalmando.

Logo depois, minha mãe voltou para a *Mãe d'Umbigo-Raizeira* para levar um presente pelo que fez e ela ainda recomendou: “fala para a *menina-mulher* ir controlando a descida da **Oguapy**. Deve tomar ainda o chá de *cidreira* e a *Quina* (um arbusto pequenininho que tinha lá no meio da capoeira)”. Ela é muito amarga, muito amarga mesmo. Outros remédios que

podiam ser tomados separadamente ou misturado para a descida da *Oguapy* eram o chá de **sena**, o chá de **endo**, o chá de **mentruz**, o chá de *limão galeguinho*. Em comparação, a gente amassava um quartinho de limão e misturava num copo de água sem açúcar para fazer descer a *Oguapy*. Eram remédios muito bons para não deixar a *Oguapy* parar. Esses chás lembravam a *Mãe d'Umbigo-Raizeira*, limpavam o organismo e afinavam o sangue. (D. Amélia)

*Ler mais no Livro *Oguapy: menina-mulher-sem-ser-ainda-mãe d'água*\ Mallku Chanez – São Paulo: 2000



A admirável aurora da Pacha Lea

O **sonho primordial** resulta da constante *atividade energética* da pessoa paisagem cósmica, **Ali**, a qual conserva os vestígios das *erupções volcânicas*.

Quando os **ajayos** (do pai ou mãe e filha) se sincronizam com *Luqiqamam Tink'u*, ocorre a transcendência energética. O ritual é como um vulcão. De tempo em tempo, ele entra em erupção, levantando uma densa coluna de *fumaça na alvorada, o sonho primordial*.

11ª Segundo seja o primer ritual de apresentação de infância, assim será a admirável aurora de Pacha Lea

Transcendência Energética de Luqiqaman Tink'u, **LqqT'**

Os povos originários amazônicos e andinos

vivem de realizações e experiências que

*envolvem os fluidos do **eletroímã**,*

aprenderam a indagar e a respeitar a

***ciência étnica**, instintiva, intuitiva e sensitiva,*

a qual tem relação com a Pacha-Ayllu, família cósmica.

Precisamos de *rituais de apresentação social, de iniciações, de cantos e danças* para o nosso fortalecimento, para acordar as nossas forças encobertas e as nossas emoções profundas, para transformar a autopersuasão, autoestima, numa *deslumbrante* autogestão e educação.

A *vibração* das forças eletromagnéticas no nosso organismo sensorial atrai o **grande sonho primordial** das **inovadoras Awichas Urus andinas, Y' Pajés amazônicas**, empíricas, instintivas, intuitivas e sensitivas, trazendo para o dia a dia o ***valor energético para uso**

próprio⁴, *Luqiqaman Tink'u* (siwayru), reencontro com as ressonâncias eletromagnéticas andinas e amazônicas, o eletroímã para uso próprio flui em sua totalidade no organismo sensorial de toda **pessoa paisagem**, simboliza o conhecimento da sensibilidade, da instintividade, do movimento, tempo e espaço da 'família cósmica', *Pacha-Ayllu*.

Aliptaña Pachakutij, transcendência energética

O sentido contemporâneo do simbolismo de *LqqT'* é o Universo cósmico visível e pode ser definível em dois termos:

a). *Aliptaña* - transcendência, permutação, transformação;

b) *Pachakutij* - retorno do *ajayo*, energia da *família cósmica* para o organismo sensorial da *pessoa paisagem*.

Destarte, *Aliptaña Pachakutij*, significa *levitar* e *vibrar* através das forças do *eletroímã* de *Luqiqaman Tink'u*. Esta deveria ser a mais sublime das transcendências energéticas a qual se precisaria experimentar.

O ritual do *Kkoko*, *iniciação energética de LqqT'*, realizado pelo *kollasiri Mall'ku Chanez* poderá aumentar a imaginação, percepção, criatividade e potencializar a *pessoa paisagem cósmica*, *Ali*.

A transcendência energética que *Mall'ku Chanez*, vivencie como aspirante a *Illka Kollasiri* envolveu a germinação eletromagnética do movimento de *projeção*, *levitação* (visão, foto) e *introjeção*, retorno de *LqqT'* ao organismo sensorial.

O que era um sonho onírico primordial *invisível* de *Pacha Lea*, hoje, *Jaxy Pya'Hu* se transformou posteriormente num produto *visível* - a *faísca*-

⁴ *Energético é sinônimo de: eletroímã, campo eletromagnético, energia, *siwayru*,

do-fogo-primordial de LqqT', gerando, originando valor energético para uso próprio.

A ciência da racionalidade e da irracionalidade e a *ciência étnica* dos povos originários se apresentam de modos bastante distintos. A primeira que controla e *nega* a *transcendência energética* reprime e aborrece e a segunda, corresponde à admirável aurora da juventude.



Pessoa paisagem *Wariwirakocharuna*, **PPW**,

A unidade das diferenças

Pessoa Paisagem *Tutujanawin*, **PPT**, do
Tiawanaku\Wari, hoje, Estado Plurinacional de Bolívia.

12ª Pessoas paisagens cósmicas

Primeira pessoa paisagem Wariwirakocharuna

Alsuña, a germinação energética original, se encontra representada na pessoa paisagem Wariwirakocharuna, PPW, o símbolo perpétuo da imponente ‘Porta do Sol’ do Kalasasaya.

A Pessoa Paisagem Tutujanawin, P

PT, é um símbolo milenar sem letras e sem palavras. Nela intuímos a simbologia do fluir energético de LqqT°, o eletroímã do Tiawanako\Wari, o umbigo do ajayo de todos os fenômenos eletromagnéticos andinos e amazônicos.

Esse portal é uma das grandes maravilhas energéticas do altiplano andino, localizado a 4000 m de altitude, ao norte do Lago Titikaka, no Kollasuyo, Bolívia. Vinte mil anos nos separam dessa época esplêndida que possui um significado essencial para melhor compreensão dos conceitos da ciência étnica, dos instintos, da intuição, instintividade e sensibilidade energética dos povos originários.

*Os ancestrais dos povos originários dedicaram-se durante milênios para a lapidação, formação e gravação de seus símbolos no **portal**. Talvez **não** exista em nenhum outro lugar um símbolo que represente tão nitidamente e complexamente a **Alsuña, a germinação original** energética da pessoa paisagem cósmica, Ali.*

*Na **pessoa paisagem tutujanawin, PPT**, observamos os registros do conhecimento do campo eletromagnético, da diversidade, da*

multiplicidade, da realidade fluente do *eletroímã*, **siwayru**, os quais são indiscutivelmente importantes para a compreensão das *atrações* e das *conexões energéticas* do **ajayo**.

Os povos originários nunca perderam o **elo** energético com a **PPT**, pois permanecem *irradiando dignamente* sua *energia* e fazendo fluir a capacidade eletromagnética criativa e privilegiada dos ancestrais para aqueles que buscam a sua instintividade e a sua *transcendência energética*.

A **PPT** demonstra o fluir da **energia da Via Láctea** - as estrelas de **noite** e as *nuvens* em *movimento de dia*. O **ajayo** flui através de seu próprio *eletroímã* em um *grau superior* no todo do organismo sensorial da *Ali*, cuja fonte energética original é o *LqqT'*.

A **PPT** é a fonte de raios e de trovões, é um receptor e acumulador de *eletroímã* da *Via Láctea* que se complementa com a atmosfera terrestre. Nele ainda permanecem ocultos inúmeros segredos da *transcendência energética*, *LqqT'*.

Na **PPT**, encontram-se amostras de várias outras formas de *transcendências energéticas*. Sua expansão cósmica é imemorial e influenciou energeticamente os povos originários de maneira surpreendente, fazendo-os darem importância aos **sonhos oníricos primordiais**.

A criação de métodos práticos para a compreensão dos **sonhos oníricos** objetiva o alcance do *LqqT* (o *valor energético para uso próprio*), percebendo-se o seu *movimento energético* no **sonho pessoal**, no **sonho familiar** e no **sonho primordial**.

Excessivas discussões *frívolas* e *fantasiosas* poderiam ter sido evitadas se os *colonizadores* (historiadores, sociólogos, filósofos, teólogos, antropólogos, ocidentais) houvessem concedido a *possibilidade de escolha*

aos povos originários para que pudessem transmitir as suas mensagens por meio de sua ***própria escrita***, sem o uso das letras civilizadas contaminadas de sangue pelo inferno sádico católico.

Os *povos originários* são cada vez mais submetidos às ***conversões obrigatórias*** (catequeses) em nome da integração, *da liberdade, da felicidade, da salvação, da culpa, do pecado, da democracia, dos direitos humanos (alcoolizando-os)* conforme os parâmetros e interesses racionais e irracionais dos civilizados. Assim, se mostram impossibilitados de organizar seu próprio *comportamento pragmático*.

Por tudo isso, é necessário o retorno às fontes originárias, almejando o fortalecimento dos valores energéticos dos ***sonhos oníricos*** (*símbolos*), *fluidos energéticos e convicções eletromagnéticas* para uso próprio, que caracterizam a *Ali* do presente e do futuro, as quais participarão de novos deslumbramentos da *transcendência energética* como a de *Luqiqamam Tink'u*.



Kunhateĩ

Pessoas paisagens cósmicas, *Ali amazônicas enriquecidas* com o temperamento, atitude e personalidade da menina-moça.

O mais importante é a preservação do *eletroímã* no *sonho onírico* para que haja a continuidade dos *rituais de apresentação* social e da *iniciação* da menina-moça.

Segunda pessoa paisagem cósmica Ali

Percebendo por meio de nossos **sentidos** a *escuridão* e a *luz* como uma unidade complementar de nossa real evolução energética, acompanharemos o desenvolvimento de nossa *semente*, **Alianha**, na sua trajetória de *escuridão a luz*. **Alianha**, em seu movimento energético inicial, se mostra energeticamente *fértil e fecunda*. Ela absorve a umidade, se **intumesce** e faz brotar a sua raiz, o tronco, suas ramas, suas folhas, suas flores e seus frutos (árvore fêmea ou macho).

Quando a *semente* e a *escuridão* se *unem à luz*, ocorrerá uma grande *transformação energética* – germinará e crescerá como uma árvore frondosa, *sacha*, e dela derivarão muitos ramos que darão significado e *representação* à formação da *pessoa paisagem cósmica, Ali*.

Ali, na vida concreta, é aquela que busca **resgatar** a **trajetória** da *transcendência energética* do *começo* até o *fim*, *procurando* alcançá-la por meio da *união* dos **ajayos**, fluidos energéticos, dos *sonhos oníricos*.

Ali, a *árvore*, a *montanha*, o (a) *Yatiri*, a *Awicha Uru*, o *Pajé*, a *Y’Pajé* do lugar (da região), todos eles fazem parte da *família cósmica*, que transcende energeticamente e flui no cintilante universo estelar. *Ali* passa a ter uma *relação profunda com o cosmos* ao alcançar sua *transcendência energética*.



Alsunha dos ajayos

Podemos perceber uma fluidez de relações energéticas em nossos atos. *Nossa infância determina nossa juventude* e está determina o fruto de nosso *amadurecimento*. A nossa infância é um fluxo de *ajayos*, energias. Ela começa a *fluir, agir* (é protagonista), e ninguém poderá dizer como ***agirá*** no *futuro*.

Ela alça voo.

13ª Alsunha dos ajayos é o germinar e o brotar do sonho primordial energético das Awichas Urus

Os rituais de apresentação social e de iniciação da menina-moça dão continuidade ao fluir do eletroímã preservado no sonho primordial

Para os povos originários, o alcance da *transcendência energética interna nos sonhos oníricos primordiais* possui um significado peculiar, especial e essencial. Percebem e entendem que o *reencontro dos Kkoris (auras positiva e negativa)*, a *união* entre os *ajayos* pequeno e grande, fortalecem e fazem fluir os campos eletromagnéticos do *sonho onírico*.

O *Hathum Ajayo, Jacanachejsaqo*, grande *Ajayo*, pertence ao princípio *TU'Y*, feminino, positivo, da energia da Via Láctea e o *PU'Y, Huchchuí Ajayo, Pipisaqo*, pequeno *ajayo*, pertence ao princípio masculino, negativo, da energia do *sonho onírico* da *Ali*. Quando estes *ajayos* são ativados e conectados através da *Força d'Alento Energético*, acontece a *transcendência energética da pessoa paisagem*.

Enquanto a *pessoa paisagem* cósmica, *Ali*, permanece em *repouso*, ***sonhando***, ocorrem os *movimentos energéticos* de ***saída*** e de ***entrada*** do *Ajayo Pipisaqo* do seu *organismo sensorial*. Ele flui pela *Via Láctea* em companhia do *Ajayo Jacanachejsaqo*.

O *Ajayo Jacanachejsaqo* e o *Ajayo Pipisaqo*, o quais se apresentam como o eletroímã da *Ali*, constituem a essência do *sonho onírico primordial*.

Esses dois **ajayos**, o grande e o pequeno, coexistem em diferentes proporções. Assim, seria prudente afirmar que o domínio *TU'Y* e o domínio *PU'Y* sempre estarão presentes no fenômeno da *transcendência energética* do sonho primordial da *Ali*.

Não se pode dizer que o **ajayo** é puramente *TU'Y* ou *PU'Y* na transcendência energética dos sonhos oníricos, pois o *PU'Y* e o *TU'Y* são sempre encontrados juntos como o céu e a terra, e se um deles está ausente, o outro perderá condições para a sua **existência**.

A integração do grande *Ajayo Jacanachejsaqo*, a energia da *Via Láctea*, com o pequeno *Ajayo Pipisaqo*, o eletroímã do sonho onírico, mediada pelo organismo sensorial da *Ali*, cria a concepção original energética dos sonhos oníricos primordiais, os quais possuem um valor energético de uso próprio.

O grande *Ajayo Jacanachejsaqo*, a energia da *Via Láctea*, flui também no organismo sensorial, **dentro do qual** flui também o *Ajayo Pipisaqo*, o eletroímã germinal e primordial dos sonhos oníricos.

Esse eletroímã estelar, germinal e primordial se localiza no centro do organismo sensorial, nos **rins**, oposto do *Grande Término*, o *Umbigo*, e como o *Ajayo Jacanachejsaqo*, corresponde aos campos eletromagnéticos preexistentes e passados de geração a geração pelos nossos ancestrais.

O pequeno *Ajayo Pipisaqo* são os fluidos energéticos que percorrem toda a rede de circulação do organismo sensorial da *Ali*. Em benefício de sua integridade, se manifesta durante o sonho reparador, podendo sair e retornar ao organismo sensorial quando quiser.

Ajayo Pipisaqo, o eletroímã germinal do sonho

O *Ajayo Pipisaço* do organismo sensorial mana através do *Ajayo Jacanachejsaço primordial*, o campo eletromagnético de nossos ancestrais. Flui pela *Via Láctea*, pelos lugares desagradáveis ou agradáveis, pelos ambientes desconhecidos ou conhecidos, pelos locais muito estranhos ou pelos espaços de tranquilidade e de prazer.

Ajayo Pipisaço é a energia do sonho onírico

Dela germina o *eletroímã* de toda experiência *impressionante*, é a energia que flui em abundância para criar *símbolos*, formas, imagens e conferir intensidade às cores dos sonhos pessoais, familiares e *primordiais* pertencentes à família cósmica, *Pacha-Ayllu*. O *Ajayo Pipisaço* transmite nos sonhos oníricos as impressões, as sensações, a instintividade energética e as codifica ou as armazena na sua própria fonte, na *Força d'Alento Energética*.

Ali reencontra a imagem, a forma, o *símbolo*, nos sonhos reproduzidos através dos *ajayos* e os conserva no *Ajayo Pipisaço*, o qual retorna ao organismo sensorial de *Ali* que se *encontra* em *repouso*. Isso faz com que *ele* ou *ela* se lembre do conteúdo do sonho ao acordar.

Ao tentar voltar ao organismo sensorial, o *Ajayo Pipisaço* poderá ficar confuso e *perdido* no campo eletromagnético por onde ele flui. Um **sono perturbador** ou um **pesadelo** são sinais ou sintomas de que o *eletroímã original do sonho onírico* não está conseguindo retornar para a sua fonte germinal, ou seja, para os *fluidos energéticos do Ajayo Jacanachejsaço* que circula no organismo sensorial de *Ali*, esperando o retorno de *Ajayo Pipisaço*.

Em geral, o *Ajayo Pipisaço* retorna ao organismo sensorial no momento em que a *pessoa paisagem cósmica* se encontra prestes a despertar do seu sonho. Quando essa reintegração **não** ocorre, o organismo começa a apresentar sinais e sintomas de que os **instintos energéticos** do *Ajayo*

Pipisaqo ficaram estagnados em algum lugar na *Via Láctea*, distantes do organismo sensorial e sem condições para circularem.

A temperatura do **Awki**, *corpo*, começará a se elevar, ocorrerão dores de cabeça ou mal estar se os seus instintos eletromagnéticos se apresentarem limitados e restringidos. A *Ali* despertará com raiva, assustada, agitada, ansiosa, tensa ou com outros sintomas característicos. Nesse caso, deve-se chamar imediatamente o **Yatiri** ou ao **Paqo** para tentar *reverter a energia estagnada* e fazer com que o *Ajayo Pipisaqo flua e se integre ao Ajayo Jacanachejsaqo* que se encontra a sua espera no *Awki da Ali*.

Se o *ajayo*, *energia cósmica* **ancestral**, o *Ajayo Jacanachejsaqo*, **expirar**, o *Ajayo Pipisaqo deixará de existir*. Primeiramente, a CEPA andina, o **fogo-da-vida**, deixará de fluir no organismo sensorial. Essa energia é a primeira a se evaporar e, depois, gradualmente ocorrerá a falência dos órgãos sensoriais do *Awki da pessoa paisagem*.



Luqiqaman Tink'u, LqqT' - *Xe Pya' Ñe'ẽ*
O valor energético para uso próprio

Imagem (foto) da projeção do **ajayo**, energia interna, através do *ritual do*
KKori, realizado por Mall'ku Chanez, o ano 2000.

LqqT', a transcendência energética originária do *Kollasuyo*, Bolívia.



Jaxy Pya'Hu, Lua Nova, nome primordial de Pacha Lea

Numa noite de Lua Cheia, em meados do ano 2000, quando estava aconchegada e dormindo, Pacha Lea alcançou o seu grandioso e primoroso sonho primordial de Luquiqaman Tink'u.

O sonho primordial como pré-requisito para a realização do ritual de apresentação social e iniciação feminina de Jaxy Pya'Hu, Pacha Lea.

14^a O grande sonho primordial no ritual de apresentação social da Pacha Lea, Jaxy Pya’Hu

Jaxy Pya’ Hu, Lua Nova

nome primordial de *Pacha Lea*

(movimento, tempo e espaço das *azaléas*), nome cronológico

O mundo moderno despreza o
valor da *Aliptaña Pachakutij*,
transcendência energética.
O sonho onírico é poderoso
porque flui dentro de nós

As *Mães d’Umbigo Raizeiras*, as *Mães d’Água* amazônicas e o inovador *kollasiri* andino *Mall’ku Chanez* sempre se preocuparam em manter presente o eletroímã da *germinação* dos *sonhos oníricos* através do *fluxo* dos *sonhos pessoais, familiares e primordiais*.

Os ***sonhos primordiais*** fluem como ***vento*** através dos ***ajayos***, revelando a sabedoria eletromagnética, o *Luqiqaman Tink’u*, visível, neste caso. O *grande sonho primordial* emerge muitas vezes do ***temperamento*** e da ***personalidade*** das *infanto-juvenil*, e é essencial para a realização do *rito de apresentação social* **ou** para a efetuação do *ritual de iniciação da Oguapy* (primeira ovulação e a menarca) de longo alcance social.

A germinação do sonho primordial ajuda a intuir ...

O *sonho onírico* é fundamental. *Universo energético* admirável e significativo para as *infanto-juvenis* porque constitui um meio poderosíssimo para a suavização e canalização da *energia excessiva imprevisível*. A princípio, é através dos sonhos oníricos que se readquire a instintividade energética para uso próprio.

Quanto mais sensíveis e sensitivas energeticamente forem as *meninas-moças*, seus sonhos serão mais atuais e reais, e assim, terão a sua disposição o **poder** da concepção de sua instintividade energética onírica.

Essencialmente, o fluxo *de energias* instintivas que conduz a menina-moça em cada um de seus movimentos sensitivos, a leva a uma *transformação energética instintiva através* do sonho primordial, preparando-a para a prática do *ritual de apresentação social* e, logo depois, para o *ritual de iniciação do Kheno da Pacas Mili* (Oguapy), o poderoso *eletromagnetismo da Mãe D'Umbigo, centro energético do ventre feminino*.

O *sonho primordial* como *pré-requisito* para a realização do *ritual de apresentação social* de *Jaxy Pya'Hu*, Pacha Lea.

Jaxy Pya'Hu, *Lua Nova*, a *sonhadora*, na época, contava com oito anos de idade. Numa noite de *Lua Cheia* (a *Grande Mãe dos movimentos dos fluidos*, a qual *estimula os vapores dos organismos úmidos femininos*), *acompanhou* o fluir e o emergir energético do *sonho primordial*, tão essencial quanto a luz solar e muito esperado nos albores por todos nós.

Desde muito pequena, *Jaxy Pya'Hu* foi orientada a contar seus *sonhos oníricos* (*reserva energética*). Ela os narrava, os escrevia, os desenhava e os coloria. Já intuíamos que em algum momento chegaria o *grande sonho*, **Echara'u Guaçu* (guarany), ou seja, o *sonho primordial*. Era um sinal

significativo e indicativo de que teríamos que nos preparar para o *ritual de apresentação social dela*.

Aos 4 ou 5 anos de idade, quando *Pacha Lea* começou a *narrar oralmente* seus sonhos, mergulhamos *no ritmo* dos *rituais preparatórios* para a recepção do *sonho primordial*, os *quais eram* realizados sempre na *Lua Nova* e na *Lua Cheia*, pois nos conectavam com o grande Universo energético.

No princípio, nós nos *sentávamos* para conversar sobre os sonhos *oníricos* até que *Jaxy Pya' Hu* fez *germinar* o *grande sonho primordial através do Luqiqamam Tink'u*.

Depois de anos de orientações, de aprendizagem recíproca e de preparo, os sonhos tornaram-se vindouras, pois nossos sentidos tinham se tornado aguçados. Numa noite de *Lua Cheia*, em meados do ano 2000, quando estava aconchegada e dormindo, *Pacha Lea* alcançou o seu *grandioso e primoroso sonho primordial*.

Naquele instante em que *Pacha Lea* estava para alcançar o seu *sonho primordial*, eu, o pai dela, me encontrava *germinando* na compreensão do Universo energético e fluindo nele, *enquanto* realizava o ***ritual do KKori***, de *Luqiqamam Tink'u*, *tentando* resgatar o *fluxo da transcendência energética* desde seu *começo*, objetivando alcançar o *nível energético superior* do *Illka kollasiri*, que é aquele que dá início à formação energética dos símbolos através do desenvolvimento eletromagnético.

O *encontro foi transcendental*, se deu no lugar onde semeamos durante vários anos as energias positivas e negativas. Ela me *encontrou* realizando o *ritual* no mesmo lugar onde continuamente o fazia. Foi o momento em que entramos em conexão com a amplitude energética de *Luqiqamam Tink'u*, a transcendência energética do *sonho primordial de Jaxy Pya' Hu*.

A luz originária do Ajayo Pipisaço de Jaxy Pya’Hu e a luz que fluía de mim, Ajayo Jacanachejsaço, se encontraram na amplitude energética do Universo, levando-nos à *transcendência energética*. As duas forças ligaram-se *indissoluvelmente* na esfera eletromagnética originária da Lua Cheia, resultando na *materialização* do grande sonho primordial de Jaxy Pya’Hu.

Passavam das quatro e meia da manhã, quando eu e minha filha nos encontramos através da junção dos Ajayos, no *campo eletromagnético* da energia da Via Láctea. Jaxy Pya’Hu estava fluindo através do Ajayo Pipisaço junto com o Ajayo jacanachejsaço à procura de seu sonho primordial.

A luz do Ajayo Pipisaço da sonhadora e a luz do Ajayo Jacanachejsaço, campos eletromagnéticos pertencentes ao organismo sensorial e a Via Láctea, tornaram possível a germinação e o reencontro dos Ajayos. Isso fez com que o sonho primordial de Jaxy Py’a Hu se materializasse.

Após a **união** do Pipisaço Ajayo com o Jacanachejsaço Ajayo, os organismos sensoriais do pai e da filha tornaram-se mais leves, e de maneira *imperceptível* afloraram a criatividade, a instintividade, importantes na preparação do *Ritual de Apresentação Social* de Jaxy Pya’Hu.

A sensação e o sentido da presença de *LqqT’*

A *forma*, a *imagem*, a *cor* e a *intensidade* do eletroímã de *LqqT’* (captada e fotografada durante sua *levitação*) estiveram sempre ao nosso redor. No sonho primordial de *LqqT’*, representando todas as forças eletromagnéticas de todos os impulsos poderosos da Via Láctea, inúmeras possibilidades energéticas estavam presentes para fortalecer os Ajayos, fazendo deles um centro *transformador*, onde se manteve revelada a *LqqT’*.

Os **ajayos** (pai e filha) em sintonia para a sincronização com *LqqT’*

Eu e minha filha, como polaridades opostas complementares, **não** teríamos nos encontrado na energia do Universo Estelar, na *esfera eletromagnética primordial*, se estivéssemos distantes, *fechados, enclaustrados* em nossa própria *individualidade*, sem nenhum estímulo ao *diálogo*. Sem uma **relação fortalecedora** entre *pai* e **filha**, não teria sido possível a realização da *transcendência energética* e do *ritual de apresentação social de Jaxy Pya' Hu*.

Ritual de apresentação social de Jaxy Pya' Hu

Após obter **resposta** do sonho primordial (a *materialização fotográfica de LqqT*), houve a *elaboração do ritual de apresentação social de Jaxy Pya' Hu e a preparação para ele*. Aliás, ao invés de falarmos sobre o sonho primordial perante a comunidade, achamos conveniente *editá-lo* num **livro**.

Luqiqamam Tinku é de grande influência energética para as inovadoras *Awichas* andinas e *Xe Pya' Ñe'ẽ*, para as *guaranys anhangatus* amazônicas. A fotografia da visão da materialização do *eletroímã* está *impressa* no livro “Xe Pya' Ñe' – O Espírito da Vida”, ano 2000.

O livro “Xe Py'a Ñe'ẽ - O Espírito da Vida”, tendo Pacha Lea - *Jaxy Pya' Hu* e *Mallku Chanez* como coautores, foi lançado no dia 09 de março de 2001, no final do *ritual de apresentação social de Jaxy Pya' Hu*. Ele foi escrito em cinco idiomas, a saber: *guarany anhangatu*, *português*, *castelhano*, *inglês* e *japonês*.

Esta obra foi lançada para o público *infanto-juvenil*. Nela pode-se observar que a *faísca do raio primordial*, as conexões e as captações energéticas de *LuqiqamanTink'u* transformaram o *eletroímã* num verdadeiro símbolo energético.

Os fluidos de *Luqiqamam Tink'u, LqqT*, lança uma grande luz para a importância da compreensão do sonho primordial e para seus *valores energéticos e sociais*.

Assista vídeo da apresentação social e lançamento do livro “*Xe Py’a Ñe’ẽ* - O Espírito da Vida”. www.mallkuchanez.com



Pacha Lea caminhando para o seu ritual de apresentação social, e adquirir seu nome primordial *Jaxy Pya’Hu*, Lua Nova.

As **virtudes** e os **deslizes** devem ser ponderados distintamente.

A primeira se **admira** e o segundo se orienta, se **educa**.

A eficiência, o esforço, a coragem, querem dizer liberdade,
falhas sempre serão possíveis.

Posso te dizer, em minha risonha idade de plena energia,
os suaves sonhos chegaram na aurora de minha vida.



Kk'antu-tika, “a flor que se abre”

Honi da Mãe D’Umbigo da Lua Nova ~ Jaxy Pya’Hu.

Apresentada no **ritual de iniciação** da *Pacha Lea: Jaxy Pya’Hu*.

No ritual de iniciação da primeira ovulação e na menarca.

Dimensão 26x26 Material argila

15ª KK'antutika - “A flor que se abre”: A ciência étnica da Mãe D’Umbigo Pacas Mili e o Khenos da Pacas Mili

Configuração da *Mãe D’Umbigo*, o eletromagnetismo da flexibilidade, elasticidade, e dilatação da *pélvis ventral da Mãe d’Água*. Os fundamentos, do *movimento, do tempo e do espaço*, dos fluidos das *águas e os energéticos* da medicina e a *ciência étnica* infanto-juvenil, da menina-moça.

As primeiras relações dos movimentos eletromagnéticos da *Mãe D’Umbigo*, ventre e a *pélvis*, tem sua origem dentro de um potencial energético funcional, nas *Etãs, ovários*, as quais se localizam dentro do *Khenos da Pacas Mili*.

Elas tem uma função claramente definida: fazer a *Poraceí, óvulo*, dar o seu primeiro impulso (levitação) de dentro da *Etã* para fora dela.

A *Poraceí* é atraída pelo *siwayru* (ímã), através das *emanações da energia funcional*,

até alcançar a *Poty-maru, trompa*.

Assim, realizam-se os primeiros movimentos binários complementários no ventre feminino entre a *Etã* e a *Poraceí*, e entre a *Poraceí* e a *Poty-maru*, na

Esta é uma pequena introdução de uma *arte energética* que busca elucidar, ter consciência e compreender os mistérios do *poder sobrenatural* das *iniciações infanto-juvenis femininas*, a *Kk'antu-tika*, a *existência*, a vida, em toda a extensão *amazônica* etnográfica e em as grandes áreas da germinação *andina*.

Tratasse da *Kk'antu-tika* que nunca fue utilizada antes pela *cultura* cosmopolita intervencionista. No entanto, é uma combinação da *medicina étnica das Awichas Urus* andinas com a medicina prática das *Mães d'Umbigo Raizeiras* amazônicas, *medicinas tradicionais regionais*. Essa *iniciação* foi desenvolvida especificamente para a prevenção do *sangue* e a *energia* infanto-juvenil, da *menina-moça* e a *Mãe d'Água* (para as *emanações magnéticas* do ventre feminino) para evitar *desequilíbrios energéticos*.

A *Pacas Mili* e o *Khen* da *Pacas Mili*, *campos eletromagnéticos* do *ventre* e a *pélvis feminina*, o Universo das correspondências complementares não chegou a ser desenvolvido na cultura moderna como tema da *medicina infanto-juvenil* por causa do conhecimento *limitado* a respeito dos *fluidos energéticos* na *Mãe D'Umbigo*.

A maior atitude de sabedoria da *menina-moça* seria *conhecer-se a si mesma*, se cuidar, aprender a lidar com os *fluidos* de seu *ventre* e *pélvis*, e obter o *aconchego* da *Mãe D'Umbigo*, através das *grandes emanações energéticas vibratórias* e às *relações dos movimentos magnéticos femininos*.

Durante a *primeira estação úmida*, a *primavera*, período de *transição*, de mudanças fisiológicas e hormonais na *menina-moça*, a *sabedoria dos fluidos energéticos* da *primeira ovulação* e da *menarca*, *Oguapy*, deixam uma íntima sensação revigorante no complemento binário do *Khen* da *Pacas Mili*, *fonte eletromagnética feminina*, promovendo um ambiente *confidencial íntimo*.

Os fenômenos naturais, como o *tear energético* sobrenatural fundamentada nas relações de movimento energético, recebem influências recíprocas a partir da *Etã* e da *Poraceí*. Elas se estimulam e se atraem mutuamente como a *Poraceí* e a *Poty-marú*. Os fluxos do Universo energético e das nove esferas das emanções eletromagnéticas da *Mãe D'Umbigo*, o ventre e a pélvis feminina vão se sucedendo *com grande mutabilidade e intercâmbio até chegarem à Y'Guaçu*.

Na prática, os povos originários amazônicos e andinos não tem conseguido encontrar oportunidade de mostrar a íntima e tênue realidade da *Mãe D'Umbigo*, do *ventre e a pélvis feminina*, apesar de há muito tempo estarem nos propondo a educação e o ensino do *pé da barriga*, *Piraguaçu* (matriz).

A *tradição e a educação energética e do sangue* são ensinados e aprendidos. Nas sociedades *étnicas de tradição oral*, esses ensinamentos se dão de *boca perfumada a ouvidos doces e limpos*, complementando-os com a ***Kk'antu-tika***, “a flor que se abre”, a *iniciação da menina-moça*. Nas sociedades civilizadas da *escrita*, as *iniciações femininas para a preservação do ideal das atitudes, das virtudes e das práticas energéticas da menina-moça* **no** são transmitidas nem oralmente e nem através da *leitura como prevenção às fatalidades futuras*.

A *transcendência energética*, a *Aliptaña Pachakutij*, os símbolos, as superstições e os contos da *milénar tradição da Terra sem Males* preservam e vinculam imagens arquetípicas, cujo poder *pedagógico e terapêutico* tem sido abundantemente comprovado através das pesquisas e das práticas *educacionais étnicas e médicas modernas*.

É de *estimado valor energético* sensibilizar as *meninas-moças* e as *mulheres-mães* quanto a importância do *tear energético, dos fluidos*

eletromagnéticos da iniciação feminina: a *ovulação* e a *menarca* ou menstruação, a ***abstinência***; a concepção, a prenhes, etc.

Dada a importância das narrativas na *educação* de *aptidões*, de *valores do uso energético para uso próprio*, *Luqiqaman Tink'u*, de *virtudes e de caráter*, e considerando-se a formação *pluriétnica* dos complementos no Continente *Abya-Yala*, mostra-se necessário procurar fazer ouvir a *voz e as práticas dos primeiros e principais* segmentos que compõem os povos *originários da Terra sem Males*.

****Kk'antu-tika***, la “flor que se abre”, galería de fotos del ritual de iniciación de Pacha Lea www.mallkuchanez.com



Kk'antu-tika

“A flor que se abre”, após o sono primordial da Pacha Lea, Jaxy Pya’Hu (Lua Nova)

Os *rituais* de iniciação da *Kk’antu-tika* se realizam na infância o na puberdade por volta da época da menarca, a primeira menstruação.

No ritual da *Kk’antu-tika* da *Pacha Lea*, *nhapuã japoraí* (vamos cantar ao movimento – tempo - espaço das azaleias). Assim, recebeu o nome primordial de *Jaxy Pya’ Hu*, coração novo.

Realizado no ano 2003 em São Paulo, Brasil.

Kk’antu-tika – galería de fotos del ritual de la primera iniciación femenina

www.mallkuchanez.com

16ª Cerimônia de Passagem das Grandes Águas - Ritual de iniciação após alcançar o sonho primordial : Pacha Lea ~ Jaxy Pya' hu

A lua de *ovulação* e a lua da *menarca*, a sobrenatureza

Canto

Kunhataĩ, a *menina-moça* é úmida e
cheirosa como o aroma primaveril,
emocionalmente florida,
fisicamente a *amadurecer* e
energeticamente radiante.

A **flor** que se abre e as **aves** são
energeticamente entes únicos,
aparentemente fracas.

No entanto, são fortes e flexíveis e *aceitam*
dialogar com movimentos,

tempos e espaços inesperados:
chuvas torrenciais, trovoadas,
tempestades, raios e ventos alvejantes.

Hoje, infelizmente a *menina-mulher* tenta
sobreviver num mundo *cego* de

tempos imprevisíveis.

Quando espera o frio, vem um
incandescente calor; quando espera o calor,
advém o frio e a umidade, negando a polaridade,
a sua Lua de *ovulação* e a sua *Lua da menstruação*.

A *força da energia* e a coragem advêm quando o oposto está presente na *Pacha Lea* (minha filha): a Lua da *ovulação* e a Lua da *menstruação*, que favorecem ao movimento, a intuição, a intensão, a levitação, ao tempo, ao prazer, a fertilidade, a fecundidade quando *amadurecida todos os seus órgãos*. Aproximadamente ao redor dos 23 anos.

Há vinte ou trinta bilhões de anos, a misteriosa Mãe Cósmica Luminosa ou universo estelar, que acolhe a nossa Mãe-Terra, nos propõe caminhos para compreendermos o local onde vivemos, uma célula vivente de seu universo luminoso. Porém, fazemos tudo para que a natureza nos destrua.

O canto das águas na cerimônia de iniciação

As águas* surgem como canção da criação,

são recato da semente, é recato do broto,

é o recato da flor.

As águas se abrem

quando se escancara a menina-moça,

quando vem a água da Mãe d'Água,

através do fogo do jaguaratê ou a Mãe do Fogo*

As águas surgem como a canção da criação, as

águas servem para formar o rossio do tempo;

pequenas gotas d'água surgem,
cálidas e mornas do Anel do Lábio*
molhando minha pele pela eternidade.
As gotas d'água que surgem, deixam o
recato da *Mãe D'Umbigo*,
seguem os caminhos sagrados
para transformar-se em Mãe d'Água,
quando poderá dançar com os
movimentos da *Mãe do Fogo*.

As águas surgem como a canção da criação,
canção das gotas sagradas fluindo à nascente,
retornando ao rocio ao recato
das grandes águas do *Paraná - Guaçu*

As águas surgem como a canção da criação,
a essência que renova a força da *jaguaratê*, e
o jaguar renova a os corações da floresta.
A menina-moça transformada está em *Mãe d'Água*.
A Mãe d'Água surge com a coragem
energética e a sabedoria do *prazer* e
a fertilidade,
a canção da criação.

*Água: representa a vida que desce da Mãe d'Água, que tem um poder infinito e todos nós fazemos parte dela.

*Mãe do Fogo: é jaguaratê, as forças e vibrações energéticas da Mãe d'Água



Pacha Lea ~ Jaxy Pya' Hu, Lua Nova

Esta é uma temática que busca compreender os *mistérios* da essência e a materialização do **sonho onírico primordial**, e o simbolismo da jaguaratê, a *onça fêmea*, nas práticas de passagem, nas iniciações femininas, fundamentadas no valor energético para o uso próprio, na transcendência energética, recorrente em toda a extensão amazônica etnográfica e numa vasta extensão da área andina, desde tempos muito anteriores a conquista pelos euroíndios e euroindígenas.

17ª Onhemondya - Resguardo das iniciações femininas.

A grandeza está no fluir espontâneo da
levitação da poraceí, ovulo, para a *etã*, a trompa.

A sobrenatureza feminina,
a menina–moça, todo o supera.

A grandeza dos fluidos da *Oguapy* não podem
ser represados por ninguém.

Estes *fluidos* nutrem a menina-moça.

Elas jamais se vangloriam dela.
Nelas, a existência e a vida nunca
se negaram, sempre foram **libres**,
sem se ufanar de sua grandeza.

Ali, a pessoa paisagem (árvore)
mais gigantesca nasceu do *germinar*
de uma *sementinha*.

A *menina-moça*, ao começar a *ovular* e a *menstruar*, deve ser
onhemondya, resguardada, dentro de uma **oca** pequena, descascando abati,
milho (cantando o poder da sua existência), para que o *vento* não leve o
sentimento da menina-moça e o cheiro “do alento menstrual” não atraia
onças e gere sofrimentos e quebrantos na *menina-moça* e nem na aldeia.

A Mãe do Fogo dona do “**assopro da fumaça** ...”, o qual é passado por todo o corpo da *kunhateĩ*, jovem-mulher, para aromatizá-la e camuflar o cheiro do ‘*alento menstrual*’. Isso evita que ela seja *encarnada* pelas *onças*, *jaguares*, ao sair da **oca**, após a conclusão de seu *ritual de iniciação*.

De fato, demanda-se uma longa preparação para este *ritual de iniciação através dos sonhos oníricos*, para alcançar o *sonho primordial*. Ainda se conta com a contribuição de muitas *meninas-moças*, *mulheres* e *Mães d’Água* contemporâneas para conseguir essa fascinante prática sobrenatural, a transformação e a *transcendência do ajayo*, de *energia potencial em energia funcional*.

Somente quando se chega ao *grande término da iniciação primordial* da *menina-moça* através dos *sonhos*, terá a sua *sensitividade* e a sua *sensibilidade à flor da pele* – percepção (sinal) de que ela amadureceu fisiologicamente e energeticamente para a sua *mutação*, *ela conhece agora o ritmo de sua evolução*, a sua *passagem para a Mãe d’Água*.



Nhapuã Japoraí Pacha Lea (azaleias)
Vamos cantar ao movimento das azaleias

Pacha Lea em sua iniciação

Uma vivência associada a fase da *metamorfose* da *lagarta*.

Ao amadurecer sensitivamente, energeticamente e fisiologicamente até os 23 anos, voará como uma mariposa multicolorida na primavera.

18ª Alimentos que devem ser evitados no resguardo

“Cuide para que o sua Mãe D’Umbigo (o seu pé de barriga), cuide de seus tornozelos para que não se esfriem”.

Este método ajudava tanto a *menina-mulher* no rito da *Oguapy* como a *Mãe d’Água* em seu ciclo de menstruação. As comidas das moças da primeira menstruação eram levadas para a Mãe d’Umbigo Raizeira.

Alimentos indigestos:

- a) sal, gordura, cana e garapa
- b) repolho fermenta e causa indigestão
- c) a couve picada com ferro ou faca produz indigestão; melhor *rasgadinha* com a mão
- d) tomate, pepino, pimentão são ácidos
- e) a batata amarela racha o *calcanhar*
- f) abdicar o quanto possível de todas as *carnes*, de peru, de galinha de angola, de pato, principalmente as de porco (queixados de rabo), jacu ou raperá, pois causam epilepsia.
- g) gengibre (raiz)
- h) mandioca (farelos)

i) ovos sujam e enfraquecem o sangue

j) peixes: comatão, dourado, galo espada, lambari, piava (sardinha preta), cação (peixes de pele são muito venenosos), survina ou survine e sardinha com cauda fechada. Todos eles são venenosos para comer durante a descida da *Oguapy*.

Alimentar-se com:

a) *Tumbyky roky*, pontas das folhas de *abóbora* e de *agrião*. Comer bastante para limpar o sangue

b) comer alface, quiabo, batatas branquinhas, milhos branquinhos e cana branquinha para cuidar dos dentes

c) consumir banana branquinha grande e pequena para a digestão

d) tomar chá de folhas secas de cenoura para o calor e para acalmar os ânimos

e) grãos: feijão preto

f) peixes: pescada, escorvina e traíra

g) morangos silvestres

Muitas esperavam terminar com sucesso a prevenção-resguardo do ciclo da *Oguapy* para que pudessem comer tudo o que desejavam. Terminado o ciclo, por um determinado tempo, elas deveriam *misturar* em todo alimento desejado um “*remédio de purificação*” feito por elas mesmas. *Moíam Mba’egwa*. Esse pó devia ser misturado com milho socado e torrado, depois,

ingerido todas as manhãs para não ter anemia, “*fraqueza no sangue*”. Assim, terminava o ciclo do resguardo da *Oguapy*.

As *meninas-mulheres* cortavam os cabelos para esperar a *Oguapy*, a *primeira ovulação e a menarca*.

Quando a menina-mulher se ***transformava*** em Mãe d’Água, era o tempo da *brotação*. Seus *cabelos* voltavam a crescer fortes, brilhosos e bonitos. Quando os cabelos estivessem crescidos, era sinal de que podiam comer qualquer alimento.

Escalda pé

Massagear os pés pode dissipar a ***congestão*** e a ***fadiga*** da Mãe D’Umbigo. Faça uma massagem na área do ***tendão*** de Aquiles. Se sentir dor, é sinal de que a fadiga não se dissipou ainda, pelo que deve continuar a massagear até que não haja dor localizada. Quando se faz automassagem, deve fazê-la com muito cuidado para não sentir dor. Porém, se não a fizer *vigorosamente*, não se obterão os resultados esperados. Finalmente, lave os pés com água morna ou quente. Isto fará desaparecer a *fadiga pélvica e ventral*, Mãe D’Umbigo.



Alsunha - O germinar e o brotar das sementes da Mãe d'Água

Simboliza o *capuli* ou *chilto*, fruto energético amazônico

As artes sobrenaturais do movimento das emanções energéticas dos conhecimentos universais das *Mães d'Umbigo Raizeiras* nas florestas e nos rios da Amazônia.

19ª Alsunha: O germinar e o brotar das sementes da Mãe d'Água

Nas transcendências energéticas,
amazônicas e andinas expiram
os fundamentos
grego, judaico, cristão e o *inferno sádico católico*,
os quais determinaram e deram
origem à ciência ocidental,
tendo sua validade e seu poder de
elucidação **dentro dos limites** da *ocidentalidade*.

A assimilação das genuínas das *artes sobrenaturais* do movimento de energia pela *Olho d'Água*, pela *Mãe D'Umbigo*, pela *Mãe d'Umbigo Raizeira* e pela *Mãe d'Água* consecutivamente está longe de ser algo supersticioso, passivo, degenerativo, unilateral e intervencionista.

Qualquer estudo referente às tradições, aos costumes e mesmo às *“lamas negras das superstições”* dessas *germinações originárias* das *guaranys anhangatus*, *povos originários*, não podem ser elucidados e ilustrados **apenas** com os *paradigmas unilaterais*, dos colonizadores intervencionista e culturais ocidentais.

É importante *relembrar* que as formas ocidentais de *interpretação*, *associação* e *representação*, como *“a filosofia”*, *“a religião”*, *“a psicanálise”*, *“a medicina cosmopolita”*, poderão ser aplicadas apenas às experiências do

mundo ocidental, tendo sua validade e seu poder de elucidação dentro dos limites da ocidentalidade.

Os paradigmas e os padrões de interpretação, de representação e de classificação ocidental não podem **esgotar** ou compreender plenamente as *transcendências energéticas da floresta amazônica*, as transformações, as tradições, as superstições que foram semeadas, nasceram, cresceram, se enraizaram, foram polinizadas, *disseminadas* e expiraram **fora** dos fundamentos *grego, judaico, cristão e do inferno sádico católico*, os quais *determinaram e deram origem* à filosofia, à religião, à psicanálise, à medicina da ciência ocidental.

Por outro lado, devemos lembrar que as *artes sobrenaturais* dos movimentos bilaterais, os polos opostos complementares, como a *energia potencial* e a *energia funcional*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e a *Mãe d'Água*, a **ferocidade** e a **agressividade**, a *Mãe d'Água* e a *Mãe do Fogo*, *flexibilidade* e *elasticidade*, *coragem e garra*, e *força energética*, as quais se manifestam no conhecimento e na prática, perpassam pelas *florestas* e pelos *pântanos amazônicos*, pelas areias e pelos oásis africanos, pelos cumes e pelos altiplanos andinos e por outros bens de **transformação**, como pelas *inter-relações* universais das etnias originárias.

20ª Retorno da Mãe d'Água ao antigo estilo da Mãe do Fogo e da Olho d'Água

Um *py'a*, coração, com sentimento de ternura para dizer:
vamos retornar ao primeiro renascimento e nascimento no luar do outono

Buscar dentro das *águas fluentes do rio* o
reflexo da Lua cheia e a renovação da
Força d'Alento Universal é imitar a sobrenatureza:
a flora e a fauna. Buscar a tranquilidade dentro de
si mesma é imitar a sobrenatureza da *Olho d'Água*.

A *Mãe d'Água* tem o direito de escolher o *rito de passagem de sua renovação*, a forma de transição do seu *renascimento* e a forma do *nascimento* de sua *mitami*. Ninguém lhe pode arrancar esse direito. É o *tear* que ela *tece* no presente, com as sementes que ela mesma semeou e com as cores que ela escolheu.

Muitas *meninas-moças* tornam-se *Mães d'Água* e as *Mães d'Água*, por sua vez, transformam-se em *Mães do Fogo* para impulsionar a (o) brotinha (o) e dar à luz, transcendendo à *mama'e*.

Apesar de ter prevalecido a *Força d'Alento Universal* da *Olho d'Água*, a *prenha dos tempos áureos*, ela foi substituída nos *novos tempos* pela *Mãe d'Água* que foi se afirmando dentro de uma prática milenar em constante movimento. Detentora da *Mãe D'Umbigo*, e de um autoconhecimento

inspirado e revelado na totalidade *do Universo energético aberto*, através dela se deu origem à *Mãe d'Umbigo Raizeira e a Mãe d'Água*.

Ao longo dos tempos, a *prevenção, a recepção, a assistência*, os *resguardos* vieram sendo guiados pela sabedoria e pela germinação *das Mães d'Umbigo Raizeiras*, sendo-lhes confiado o poder de zelar por cada uma das *Mães d'Água*.

A arte de acompanhar as transformações ou a transcendência da *Mãe d'Água* dentro de uma *aldeia* e, depois, numa comunidade está usualmente associada às crenças, à sabedoria e a *Força d'Alento das Mães d'Umbigo Raizeiras*.

Os *valores práticos* da ciência étnica entusiasma as *Mães d'Água* e as *mulheres-mães* amazônicas há tempos, da mesma forma que a *relação* entre a *alta* dos mares e o movimento da *Lua* tem cativado a os *entes úmidos* há milênios.

A *Olho d'Água* cobriu e abriu o Amazonas com inumeráveis *veios d'água* para assim encher a *Mãe D'Umbigo*, o centro energético, a *intensão*, a *instintividade*, os *olhos e o coração* da *Mãe d'Água*.

Para se tornar uma *Mãe d'Umbigo Raizeira*, a *Mãe d'Água*, “cheia de *veios d'água*”, deveria ter *vivenciado* sequencialmente o desenvolvimento da *Mirĩ he'i ixu-pe* (semente, ‘embrião’), a sua plenitude e “a queda” do “fruto”, *Y'Gury-a-mitã*, que estava amadurecido dentro das águas vivas e claras da *Mãe D'Umbigo* (ventre da mama'e), tendo experimentado seu renascimento de *Força de Alento Universal* em casa.

Posteriormente, deveria procurar o conhecimento das ervas e raízes onde se “escondem a luz e a força energética, a **ishpalla**, o *ajayo* (energia)

das plantas e os alimentos”. O valor energético para uso próprio, que fortalece a toda pessoa paisagem, que a consume.

Estas práticas lhe conferia um alto grau de conhecimento: o de Mãe d’Umbigo Raizeira dentro de sua aldeia e comunidade. Já iniciada como Mãe d’Umbigo Raizeira, deveria fazer com que as Y’Agury Kaipi-aí (que estão na sua plenitude energética) permanece na Mãe D’Umbigo, no centro energético de sua mama’e, onde não existem conflitos de desapego, até o seu nascimento, assegurando-lhes assistência, remédios e tratamentos necessários para evitar abortos e contratempos desnecessários.

As Mães d’Umbigo Raizeiras conheciam os ritos de transição e de transformação das Mães d’Água, criaram e elaboraram outros tipos de composição tropical nos nascimentos móveis face a face. Adaptaram os ritos tradicionais milenários da etnia da Olho d’Água ao redor da beira do rio em companhia da Mãe do Fogo e a irmã árvore, recolheram todos os segredos e poderes da Y’ryOry, cuja boa vontade deve ser germinada dentro de casa, por ser essencial à continuidade da existência, transformando os veios d’água numa confluência poderosa da Mãe Sobrenatureza, favorecendo os poderes da ciência étnica dos mistérios femininos.

Muitas luas se passaram e a sabedoria das Mães d’Umbigo Raizeiras continua a manter uma atração complementar que desencadeia os veios d’águas tranquilas e inquietas, pela coordenação de seus olhos e de suas mãos, doando-se “**ao Favo de Mel**”. Esse tipo de assistência, toques energéticos e sentimentos criou resultados práticos para as Mães d’Água.

As Mães d’Umbigo Raizeiras desenvolveram seu **centro** de originalidade energética e pessoal na Mãe D’Umbigo. Para elas, o cordão umbilical é considerado o ponto inicial e o ponto terminal do coração novo da **evyrumitã**, nova energia existencial. Esta mestra tropical doava todo

seu *estado energético* para elaborar essa nova composição complementar em casa.

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* possuem uma *instrução oral perfumada e floreada*; sua autoridade deriva do **valor prático**, de sua *sabedoria*, dado às habilidades e estilos tradicionais; *reitera* normas sociais de conduta, e seus poderes naturais são nutridos através de *rituais e cerimônias*, os quais apresentam uma *inter-relação e interpelação* com os fenômenos do *Universo energético aberto*.

Em tais *cerimônias terapêuticas*, a *composição do movimento, tempo e espaço*, o *estilo da Omopuã Pacha Lea*, era tecida pelas suas admiráveis habilidades criando a fenomenologia da *associação do Grande Patuá da Mãe d'Umbigo Raizeira* com o **Patuazinho** da Mãe d'Água em substituição à *irmã árvore*.



Lua da transformação

As honis, os parentes

(o peixe e a água, o condor e o ar, a onça e a terra),
formam a lua da transformação.

Quem nos deixam voltar às tradições femininas.

Dimensão 26x26~ Material argila

21ª Cheru Y'Pyruá Jaxy -Avó d'Umbigo, a criadora e organizadora das luas

Jaxy Pya'hu, Lua Nova,
sentimento de coração novo;

Jaxy Evyte, Lua Crescente,
sentimento de coração crescente;

Jaxy Ovoguaçu, Lua Cheia,
intuição, instinto,
sentimento de coração cheio e aberto;

Jaxy Onhemi, Lua Minguante,
sentimento de coração afetuoso.

A *sensível harmonia* entre os movimentos dos campos magnéticos úmidos dos *ventres energéticos femininos* e a Lua existe pela *sincronização* que as *meninas-moças*, as *Mães d'Água* e as *mulheres-mães* mantem milenarmente esse orbe energético.

As concepções dos *organismos úmidos* sensoriais *femininos* se acham dispersas por todo o universo energético aberto, aguardando, apenas, que circunstâncias favoráveis lhes promovam o seu desenvolvimento.

Uma vez fertilizado o organismo sensorial **úmido**, durante a sua **concepção**, ele se cobre com inumeráveis *veios de água* até encher “as

olhinhos da existência”, transformando-se assim em Mãe d’Água através da sobrenatureza úmida da Lua Nova e Cheia. Jamais alcançado pelo imaginário do civilizado.

A Mãe d’Água recebe as exalações **úmidas** da Lua e das águas. A Lua Nova e a Lua Cheia são responsáveis pelas fases de crescimento da Mãe d’Água. As Mães d’Água se tornam mais cheias e mais fluentes em águas na Lua Nova e na Lua Cheia, caracterizando-se estas fases pelos nascimentos prevaletentes de crianças de gênero feminino.

Os fluidos abertos ou os vazamentos de água morna do Anel da Bolsa d’Água, Anel d’Aguai, indicam que a Lua e a Mãe d’Água estão em seu mais alto apogeu. É o momento em que a Lua se encontra no **perigeu**, isto é, mais perto da Terra e a Mãe d’Água, na plenitude de seus fluidos, expulsa a (o) brotinha (o).

A Mãe d’Água faz “brotar-águas-vivas”. A Lua suga todo o broto-de-água-viva existente entre a Mãe D’Umbigo, ventre e pélvis materno e as águas dos mares.

As Mães d’Água se tornam mais sensíveis à harmonia, à formosura, assim como ao desconhecido. Tornam-se flexíveis, dilatam a pélvis e fazem transbordar as águas-vivas com mais rapidez. Elas fazem flexionar e acender a **Y’Guaçu**, os anéis e o canal de nascimento via baixa, através dos fluidos energéticos com dores mínimas de seu renascimento.

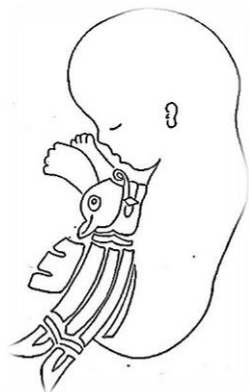
As **bacias** das mama’es crescem se transformam em *ari’ranhas*, se expandem e transbordam expressivamente nestas fases. Elas se tornam maiores e flexíveis, isto é, mais volumosas nos dias de Lua Nova e Lua Cheia.

As águas-vivas seguem a Lua e a Mãe d’Água. A Lua exerce uma influência de sucção mais intensa e mais poderosa que o Sol. Todo organismo

sensorial *úmido* segue a Lua em suas *peregrinações* energéticas em torno da *Mãe Terra*.

A *Lua* *influi* mais sobre as *águas-vivas* que o Sol. O fenômeno de maior movimento das *águas-vivas* é realizado pela ***atração magnética da Lua***.

A Lua exerce sua função *magnética* como um *ímã*, *siwayru andino*, ***atrai tudo*** o que está na sua *plenitude energética*. A Mãe d'Água apresenta um *campo magnético complementar* em sua plenitude energética circundada pelo *Mãe D'Umbigo*, *Anel d'Aguaí*, *Bolsa d'Água*, quando está prestes a dar à luz.



Honi da Lua Cheia, *Jaxy Ovoguaçu*:
A sabedoria simultânea da união dos instintos sagrados
representando o **ar**, a honi voadora, *Mall'ku*;
representando o **fogo**, a honi terrestre, *jagwaretê*, onça fêmea;
representando a **água**, a honi aquática de escamas, peixe.

Material: argila

Dimensão: 27x27 cm.

22ª Kkawa- pe Y'ry Oty Jaxy Yvy Marane'y: O grande rio, a Olho d'Água e as luas na terra bonita

Os movimentos dos raios lunares em relação aos
movimentos e espaços do grande rio da Olho d'Água

Vislumbram-se algumas árvores
cobertas com neblina vagarosa,
quando se escuta o murmúrio dos ventos.
Ah! É aí que os *raios* da *Lua Cheia*
entretêm-se ao

contemplar a formosura da
Olho d'Água, uma natureza vigorosa,
magnífica e fecunda, dando à luz,
sentada debaixo de uma árvore,
apoiando-se em suas ancas formidáveis.

Quando se levanta para sair
dos fluidos das águas, se mostra ativa.
Leva em seus braços a sua *Olhinho d'Água*
e a oferece à *Lua prateada*.
Pede-lhe que a preserve da

barbárie e da brutalidade dos homens brancos.
Ela declara: espero que a presente geração não

chegue a ver estas árvores caídas, os rios e os açudes
secos, e os **nossos ventres secos e mutilados**.
Que não se **murche** o sentimento de nossos corações!

Espero que os civilizados brancos
Respeitem nossos estilos e aceitem os nossos
renascimentos e nascimentos realizados
sob a árvore, sob a Lua e dentro
dos fluidos das *águas-vivas do rio grande*.

A *Mãe d'Água, a prenhã vestida*, deve observar, todas as noites, o movimento do *raio lunar* para aumentar sua intuição, a qual será essencial para a formação e o amadurecimento da *brotinha (o)*, dizia a *Mãe d'Umbigo Raizeira*. Esta seria uma das formas mais instintivas de perceber o estado e a *força da Mãe D'Umbigo, o centro energético da Mãe d'Água donde não existem conflitos de desapego*.

1ª. Lua Nova- **Jaxy Pya'hu**: o magnetismo do raio lunar

Nesta fase, o *raio lunar* atinge só um palmo da *Mãe Terra* e da *Mãe d'Água*, mas as mudanças se estabelecem. Fazem-se necessários banhos de assento com *água fria* para atrair o escasso *magnetismo do raio lunar*. Os banhos na *Lua nova* podem ser de grande benefício. Eles podem estimular os grandes fluidos energéticos para as mudanças necessárias. A **água fria** dilata a *pélvis flexível* e deixa (as carnes), a **Y'Guaçu**, os *anéis do Lábio e do Beijo* e o canal de nascimento via baixa *macias* e brandas para que os líquidos se movimentem. Banhos de **água quente** nessa época fecham as carnes, os *Anéis* ficam duros e os movimentos e a temperatura da *Mãe do Fogo* ficam comprometidos.

2ª. Lua Crescente- **Jaxy Evyté**: o movimento frívolo

Se a força magnética emitida pelo *raio da Lua* crescente atingir o **centro** do colo da *Mãe D'Umbigo*, será formada uma *menina-mulher* e seu poder será incontestável. Por outro lado, se o movimento da força magnética do raio da Lua crescente atingir o **lado externo do colo** da *Mãe D'Umbigo* e nele irradiar, se formará um *menino-homem*.

Todo o poder, toda a força energética da Lua ficará evidente na descida, saída e queda da *menina-mulher*, que é *rude e devagar*. “A *menina-mulher*, no momento de descer, é mais *devagar e doído*. Às vezes passam dois, três dias do previsto e a *Mãe d'Água* sente dores intensas. Ela é bem mais melindrosa”. (D. Inocência, 50 anos, 8 renascimentos).

A *menina-mulher* mexe muito a *Mãe D'Umbigo*, no *pé da barriga* e é mais *cheia de força*, mas é mais difícil no momento de descer. No meu caso, foi sempre assim. Todas as três *meninas-mulheres* *movimentavam-se, pulavam, chutavam no pé da barriga*. No momento de descer, me deram muita, muita canseira. Todo meu esforço foi para tê-las junto a meu *Pya'*, coração.

Por outro lado, quando é *menino-homem*, a paz e o sossego se sentem *Lua a Lua*. Não se percebe nenhum movimento. São *silenciosos e tranquilos*. Até parecem **doentes**, eles são muito *preguiçosos* mesmo. Os brotos, *meninos-homens*, *vem mais forte*, fazem um movimento forte e rápido. Quando ele quer descer e sair, quer mesmo. *Meu menino-homem* veio com uma rapidez que eu nem esperava. Às vezes, desce um ou dois dias antes do previsto. (D. Natalina, 55 anos. 7 renascimentos).

Eu não estava sentindo nada nesse dia de manhã. Estava boazinha. Aí, senti que ia **estourar** o *Anel d'Água*, placenta, estourou. Depois, o menino-homem já veio procurando a *posição de descer*. Ele estourou o *Anel d'Água* sem eu sentir nada. Só me senti molhada, banhada, aberta, relaxada, na rotação do **mitami** em todo o tempo que levou a *Dor de Força d'Alento Universal*.

Quando eu fiquei *Mãe d'Água* do menino-homem mais velho, eu pensava: parece que esse menino-homem está *doente*. Já é quase quatro meses que está no colo da *Mãe D'Umbigo* e nem sinal dele. *As meninas-mulheres mexiam-se muito. Só faltavam furar o couro da Mãe D'Umbigo (placenta) de tanto que chutavam*. Em meu caso, foi sempre assim e o de muitas outras Mães d'Água. (D. Ana, 50 anos, 9 renascimentos)

3ª. Lua Minguante - **Jaxy Onhemi**

Época em que o *raio lunar* está em declínio total. Tudo está formado e completo. O poder, agora, está com a *Mãe do Fogo*. Esta *Lua* é associada ao sétimo mês em diante. Pode acontecer que a *brotinha* mude de ambiente, pode se esperar uma colheita prematura, pode se podar a *Mãe D'Umbigo* antes do tempo. Tudo dependerá do tempo e da resistência da *Mãe d'Água*. Essa época se relaciona com a queda das folhas e das flores, *nascimentos prematuros* das *Olhinhas d'Água*.

4ª. Lua Cheia - **Jaxy Ovoguaçu:**

Nesta *Lua*, nascem mais meninas-mulheres que meninos-homens. É o período em que a *Mãe D'Umbigo* se encontra no ponto. É quando o *raio*

lunar incide diretamente sobre todos os *brotos e brotas*, a não ser que ocorra a quebra da guarda e do resguardo.

Deve-se observar a abertura da *Mãe D'Umbigo* e a *Y'Guaçu*, os *anéis do Lábio e do Beijo*, perceber e sentir a *Mãe do Fogo*. É necessário elevar a base da raiz do *Tronco Branco (cóccix)* e respirar no momento certo para fazer crescer a *Força d'Alento Universal*. Depois, é preciso acompanhar a força do movimento da brotinha (o) e saber perceber a força da *Mãe do Fogo*, retomando o raio de luz para ir se fortalecendo. Tudo que está **cheio** na *Mãe d'Água* se **esvazia** para alcançar um renascimento e um nascimento alegre.

A *Cheru Y'Pyruá, Avó d'Umbigo* disse, a *Lua*, Mãe do Universo, “geradora da luz que provoca úmida, deixa grávida e que é a iniciadora da geração dos seres vivos, tu eres a *Lua* dos renascimentos e dos nascimentos cujo *fogo* penetra em toda parte, possibilitando a semeadura até o desenvolver das raízes e a frutificação das plantas”.

Na antiguidade, ao reverenciar as estrelas, a primazia era sempre atribuída a *Lua*. As *guaranis anhangatus*, assim como as *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água*, sempre deram precedência a *Lua* da terra da *Mãe Sol, Kuarasy* e da terra bonita, **yvy marane'y**,



Poty Endy Y' Porã: “A bonita flor d’água fechada”
Y’Guaçu fechada

Aguardando a natureza da transformação de seus
sentimentos no limiar da passagem de transformação.

23ª Poty Endy Porã: A bonita flor d'água fechada

Y'Guaçu fechada

A iniciação, o mistério e o significado das pétalas *suaves* e *puras* da menina-moça-**sem**-ter-ainda-relações-energéticas, vivenciando uma suave euforia.

A existência verdadeira da **Poty Endy Porã* depende da relação entre os *fluidos d'água* e a *Lua Cheia*. Em silêncio, ela vai se adaptando aos fluidos energéticos e às águas internas, já que a sua *origem* vem de seus *sentimentos poderosos*, a sua *iniciação energética*.

Ao passar por este *limiar*, *haverá manifestações* energéticas de dentro e de fora.

A bonita flor d'água fechada,
assim mesmo, age
com cautela, serenidade e sutileza.

Existirá um *vento de suavidade* em alguns momentos e, em outros, tempestades e redemoinhos.

A Poty Endy Porã é silenciosa, por isso ela nutre seus *sentimentos iniciatórios* internos e sutilmente desenvolve-os,

amadurece-os. Não os *invade*.
Chegado o momento, a

bonita flor d'água fechada desabrochará
todas as suas *pétalas* ao orvalho através
de seus *sentimentos energéticos poderosos*,

recheados de *coragem e de garra*.

A vida nasce e existe nos **instintos** e na
intuição da *Poty Endy Porã*, os quais são
energeticamente poderosos para fazê-la agir com
serenidade, força energética e física.

Enquanto a *bonita flor d'água fechada*
permanecer sem acesso, estará fortalecendo sua
energia, sua simbologia e seu significado
misterioso e grandioso
perante a sua Mãe d'Água.

Pelo experimentar de um **toque íntimo**,
instintivo e **intuitivo**, a *Poty Endy Porã*
se transformará em **Y'Guaçu** aberta que é uma
concepção energética totalmente natural, de
valor energético para uso próprio.

Ela **despertará** seu órgão energeticamente
poderoso e cheio de um **ardente e umedo prazer**.

*Poty Endy Porã, na fisiologia ocidental designa-se como genital feminino.



A lua da grande Avó D'Umbigo

Em relação aos organismos úmidos:
todos recebem energeticamente a influência dos ciclos
lunares, desde a Mãe D'Umbigo, a Poty Endy Porã ou a
flor d'água fechada e a *Y'Guaçu aberta*.

24ª Tupã Y'Sy Jaxy Ovoguaçu: A Lua Cheia Ancestral da Mãe D'Água Jaxy Ovoguaçu, Avó d'Umbigo

A lua da **poraceí**, ovulação e a lua da **mba'e jary**, menstruação

A Lua Cheia, Jaxy Ovoguaçu, a grande Avó d'Umbigo, exerce influências energéticas sobre os seres úmidos, as meninas-moças, as Olhos d'Água, mulheres-mães, as Mães d'Água e os mares.

A menina-moça e a Mãe d'Água ficam sob a influência dos ciclos lunares e as carnes úmidas. Assim, os vínculos, laços, de sangue lunares da Mãe d'Água podem ser usadas como medidas anticoncepcionais.

*A **poraceí**, ovulação, está relacionada com a Lua? A capacidade de a Mãe d'Água conceber coincide com a fase da Lua de quando ela nasceu? A **mba'e jary**, quem manda na carne é a fluidez menstrual é o sangramento regular de **tecidos bons** da Mãe D'Umbigo (matriz).*

*A Lua harmoniza e sincroniza a **Oguapy**, a ovulação e a menarca, da mesma maneira que altera e harmoniza as marés. A Oguapy pulsa e flui harmoniosamente dentro da Pacas Mili e do Khenó da Pacas Mili, no ventre feminino, em relação com a Lua, a avó da criação e da fertilidade.*

*A **poraceí**, o óvulo, é a origem do princípio da incerteza. O fluxo da secreção menstrual é a ovulação não coagulada, são os óvulos não*

fertilizados. Será que somos produtos de sangue coagulado? Através do *sangue ou do fluxo menstrual coagulado é que se formam as pessoas paisagens?*

A ***mba'e jary***, *menstruação* sempre se associou com o *ritmo da Lua*. Acreditava-se que a força magnética da Lua poderia fazer até *uma gota d'água* se mover ou *reagir*, por isso se associa a *Lua* com os *nascimentos*.

A Lua exerce influência rítmica sobre as *contrações da Mãe D'Umbigo*, as *dilatações rítmicas* e a *flexibilidade pélvica da Y'Guaçu* das *Mães d'Água*. A *menstruação* indica o início do término do processo da *ovulação* associada à força energética da Lua.

O tempo do *renascimento* da *Y'Sy*, *Mãe d'Água*, e do *nascimento da mitami*, estão, sem dúvida, diretamente ligadas à época da *concepção da Mãe d'Água*, e esta depende ou está sujeita à fase do *ciclo menstrual* da *Mãe d'Água*.

A *Mãe d'Água* pode intuir sensitivamente e instintivamente a época da *Oguapy*, o primeiro impulso da *ovulação*, *pela Lua da Ovulação da menina-mulher*. É conseguir perceber, intuir, o início do ciclo da *menstruação*, o qual pode mostrar conexões *lunares* mais estreitas com a *ovulação* da *Mãe d'Água*.

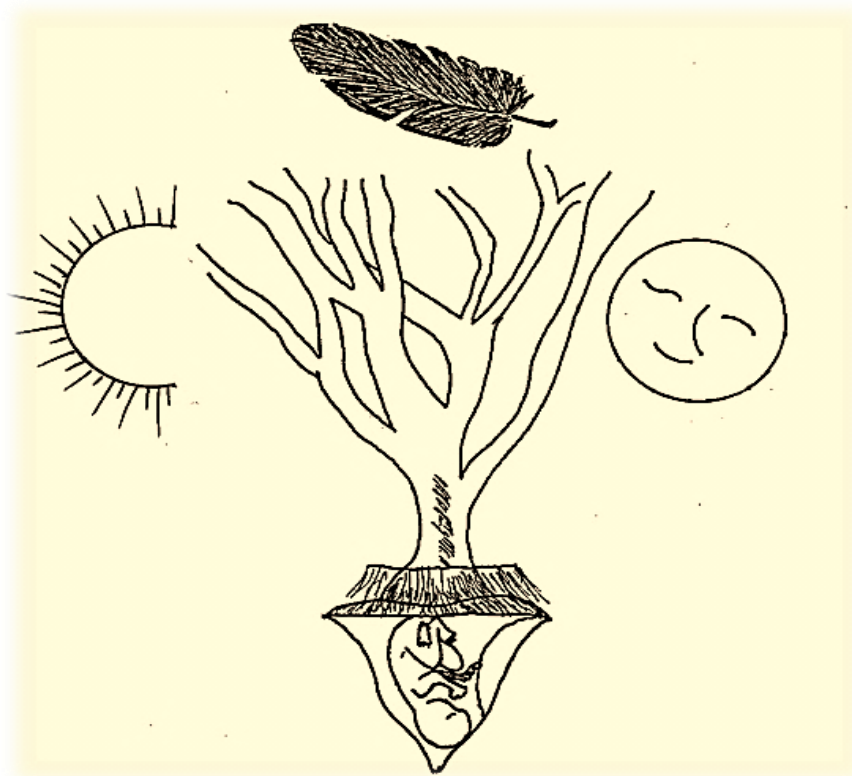
A *poraceí*, *ovulação* está associada com a Lua e com a capacidade da *Mãe d'Água* de *conceber*; *ela* coincide com a fase da *Lua* de quando a *Mãe d'Água* nasceu. Por exemplo, se a *Mãe d'Água* nasceu na *Lua Nova*, sua primeira ***ovulação*** e seu momento de concepção mais próximo será na *Jaxy Pya' Hu*, *Lua Nova*.

O cotidiano da *menina-moça* e da *Mãe d'Água* seria como uma continuidade da “*bonita flor d'água fechada*”, se desde o início seguisse e acompanhasse os ritmos e os ciclos lunares.

Todos recebem energeticamente a influência dos ciclos lunares desde a *Mãe D'Umbigo*, ventre materno. A **Y'we**, os *nascimentos* e os *renascimentos*, começam duas vezes mais à meia-noite que ao meio-dia. A **Y'we** ocorre quando o *ciclo da mudança rítmica da Mãe d'Água*, atinge o *ponto culminante de seu magnetismo*. As influências lunares se manifestam de acordo com as localizações regionais dos hemisférios terrestres.

Há uma grande relação entre a *Lua Cheia*, a **Y'we**, da *mãe natureza* e a *mãe cósmica* na *Preamar* (enchente, maré alta, maré cheia, maré baixa, fluxo e refluxos). Há uma súbita intuição dos movimentos da **Y'we** nas comunidades onde se adota o *ritmo lunar*, na hora em que a *Grande Avó d'Umbigo Cheia*, a *Lua da ovulação* e da *Lua menstruação*, está passando pelo *alto do céu*.

A *Lua* sincroniza e harmoniza o *tempo* com todos os ciclos de *movimentos*: fluxos, refluxos, concepções, renascimentos, nascimentos, declínio e destruição. É por isso que os *calendários* antigos eram baseados nas **fases** da **Lua** e nos **ciclos menstruais**. Pela *sensibilidade e sensibilidade* que as *pessoas paisagens* tinham com o *meio ambiente sustentável*.



O Patuazinho da Mãe d'Água

A prosperidade energética acontece somente quando os opostos complementares estão presentes

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* ainda acreditam que as sombras que se projetam na *Lua Cheia*, *Jaxy Ovoguaçu* - época em que os nascimentos femininos são mais abundantes e transcendentalmente energéticos – são as de uma **árvore**, *pessoa paisagem*, o **Patuá**.

25ª Patuá da Mãe d'Umbigo Raizeira e o Patuazinho da Mãe d'Água

As relações energéticas entre os Patuás (amuletos)

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* ainda acreditam que as sombras que se projetam na *Lua Cheia* - época em que os nascimentos femininos são mais abundantes e transcendentalmente energéticos – são as de uma árvore, o *Patuá*.

Se somente o obstetra e o anestesista se *fizerem presentes* na sala de inibição, na sala de trabalho de parto, a sala, além de ficar *fria e fechada*, carecerá de *movimento, energia e coragem*.

Negando-se a polaridade, do *Patuá* e o *Patuazinho*, a *mulher-mãe* se tornará energeticamente fraca e ***alento miserável***.

Se a polaridade complementar for também parte da *Mãe d'Água*, então, ambas se fortaleceram. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* é a instintividade oposta pronta para

preenchê-la com as águas que
guardam a Mirĩ he'i ixu-pe (semente),
na Mãe D'Umbigo.

A Mãe d'Umbigo Raizeira dispõe de várias
formas preventivas para recepcionar a

mitami e aparar o seu *umbigo*.

Ela dispõe também do
infinito *energético* no *grande Patuá* e do
infinito *energético* no *pequeno Patuá*.

Ela carrega consigo sementes,

raízes, para todos os
organismos vivos;
ela leva, também, histórias,
sons e entoares;
ela fortalece seus próprios

fluidos energéticos ao receber
os *fluxos energéticos da Mãe d'Água*, as
águas que fluem, fortalecem e
guardam a descida da
flor bonita das águas doces em casa.

Os **Patuás** são considerados “*organismos vivente*” que são utilizados para os rituais de renascimento da Mãe d'Água e para o nascimento da **mitami**. Eles recepcionam as energias cósmicas provenientes do *céu-fogo* e da *terra-água*.

Na época áurea, segundo a *velha verdade*, a *Olho d'Água* realizava os renascimentos e nascimentos à beira do rio, tendo ao seu lado a *irmã árvore*. Para a realização dos nascimentos em casa, a *irmã árvore* foi **transformada** em *Patuá* e os *fluidos do rio* e a *Olho d'Água* foram transformados em *Mãe d'Água*, surgindo, assim, uma *nova verdade* (cerimônia). Essa *transformação* foi realizada pela *Águída*, a primeira *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Grandes poderes energéticos eram creditados às irmãs *árvores*, os *Patuás*. Elas são consideradas grandes *mediadoras* entre a *Mãe Cósmica* e a *Mãe Terra* porque a *copa* das *irmãs árvores* sempre se *encontra* disposta em direção à *Mãe Cósmica*, ao Universo e as suas raízes se *encontram* distribuídas dentro da *Mãe Terra*.

Nos renascimentos e nascimentos em casa, o *Patuá* e o *Patuazinho* se interligam aliviando a dor da *Mãe d'Água*, relaxando a sua tensão e fortalecendo a sensibilidade e os *poderes da Força d'Alento Universal* da *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Nas cerimônias de renascimentos e *nascimentos através das águas e do fogo*, as *Mães d'Umbigo Raizeira* utilizavam o *Grande Patuá* e a *Mãe d'Água*, o *Patuazinho*. Utilizava-se, também, o *Grande Raio Cósmico* inserido no **Cepinho do Raio**, Anel de Madeira.

O *Cepinho do Raio*, assento feito de tronco de árvore, a **sacha** atingida pelo raio, servia de mediador entre o *fogo* e a *água*; ele aliviava a dor da *Mãe d'Água*. O renascimento da *Mãe d'Água* era essencialmente considerado um fenômeno do universo energético aberto.

O campo magnético dos *Patuás* é regido por leis *imutáveis e intangíveis*, os quais colaboram na transcendência do **TU'Y** positivo da *Mãe*

d'Água e do **PU'Y** negativo da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, polos opostos complementares que fluem na *Mãe Natureza* e na *Mãe Cósmica*.

Os *Patuás* fazem parte dos valores práticos energéticos da concepção, do renascimento e do nascimento. Na medicina étnica *kallawayá* do *Kollasuyo* (Bolívia), o processo de *diagnóstico* apresenta-se ligado à *transmissão energética* do **ajayo**, realizada de geração a geração. Com a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e a *Mãe d'Água* ocorre um tipo similar de *transmissão energética*, através dos *Patuás* que as mantem interligadas.

Durante a *transcendência energética*, entre o *Patuá* da *Mãe d'Umbigo Raizeira* e o *Patuazinho* da *Mãe d'Água* gera-se um campo magnético que torna possível a *transmissão intuitiva e instintiva*. A comunicação é realizada através da *ciência étnica das pessoas paisagem*, *Ali*, e o **Toque** *instintivo e intuitivo* ajuda a tornar mais íntima a ligação entre as *Mães d'Umbigo Raizeira* e as *Mães d'Água*.

O **Toque** é a *sensitividade instintiva* mais básica, não conceitual, de comunicação energética desenvolvida pelas *Mães d'Umbigo Raizeiras* para *perceber* a *descida* da '*flor bonita das águas doces*', para *receber*, conter e aparar a **evyrumitã**, recém-nascida.

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* realizavam o **Toque** *sensitivo* de uma maneira suave sentimental e *flexível*. Os fluidos e as vibrações energéticas da *Mãe d'Água* valorizam as práticas do *Toque instintivo* em toda sua complexidade e simplicidade, e inspiram *valor energético para uso próprio*, *Luquiqaman Tink'u*, da *Mãe D'Umbigo*, o centro energético da *Mãe d'Água* onde não existem conflitos existenciais.

O Grande *Patuá* da *Mãe d'Umbigo Raizeira* energizava, neutralizava e purificava toda *força energética* não conveniente como a *Pancada do Raio*, energia perversa, e as perturbações emocionais da *Mãe d'Água*.

A Mãe d'Água, ao utilizar o *Patuazinho*, tornava-se receptiva à energia proveniente da Mãe d'Umbigo Raizeira. A mama'e passava a ser nutrida por um poder energético que fortalecia a Mãe D'Umbigo, onde se encontrava a Y'Agury Kapi-aí em sua plenitude energética.

As preparações dos *Patuás* eram feitas artesanalmente pelas Mães d'Umbigo Raizeiras, a arte de confecção era passada de geração a geração. Durante a elaboração e a composição dos *Patuás*, o *ritual* de preparação se estendia por vários dias, e dependendo da Mãe d'Umbigo Raizeira, eram colocadas “essências energéticas” dentro dos *Patuás*.

Primeiramente, escolhia-se o material empregado para sua elaboração: *taquara, bambu, couro, pano de algodão cru, louro, alho*, etc. Escolhido o material, a Mãe d'Umbigo Raizeira recolhia-se por uns dias para a criação da *forma* e do significado que seria dado aos *Patuás*.

Após a seleção do material, as *formas* dos *Patuás* eram criadas. Escolhido o nome, a forma e a cor, elegia-se o desenho que seria feito no *Patuá*. O desenho era bordado, entalhado ou gravado. Era também tecido o cordão de embira ou de algodão para ser utilizado como suporte

Nome dos Patuás	Forma	Material
a).Sol da noite	quadrada	casca de árvore atingido pelo raio
b).O retorno	cilíndrica	alho
c).O encontro	triangular	argila
d).Lua do dia	retangular	pano de algodão

Qualquer que fosse o formato, a cor e o desenho, o *Patuá* era feito em dois tamanhos diferentes. O *Grande Patuá* ficava com a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e o *Patuazinho* era passado para a *Mãe d'Água*. O *Grande Patuá* tinha aproximadamente o dobro do tamanho do *Patuazinho*.

Elaborados a *forma* e o tamanho, primeiramente, eram introduzidos *essências energéticas* e outros elementos como pedrinhas, tronquinhos, alho, arruda, louro, neles. E então, dava-se início ao fechamento dos *Patuás*. Classicamente, costuravam-se as bordas, dando-lhes a forma de uma *almofadinha*. Colocava-se, por último, o *cordão de embira* ou de algodão para serem pendurados no peito juntinho ao coração. Finalmente eram *defumados* de acordo com a forma e o estilo de cada *Mãe d'Umbigo Raizeira*. O *Patuá* e o *Patuazinho* eram defumados com um tipo diferente de *erva*, de acordo com a sabedoria de cada *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Ambos tinham uma incumbência a cumprir: o *Grande Patuá* ficava com a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e acompanhava-a em todas as cerimônias que ela assistia e o *Patuazinho* era entregue pela *Mãe d'Umbigo Raizeira* à *Mãe d'Água* quando está a procurar para pedir orientação e assistência. Muitas delas procuravam a *Mãe d'Umbigo Raizeira* desde os primeiros dias de sua *prenhes*. Assim, ambas estariam juntas desde o início da *transição* até o fim do resguardo da *Mãe d'Água*.

A escolha da *matéria-prima*, do formato, da cor e do desenho era determinante, possibilitando, então, a identificação das diversas *Mães d'Umbigo Raizeiras* através de seus respectivos *Patuás*. Neles se mantinham o poder da realização dos conhecimentos e do *ritual prático da elaboração*.

As *práticas sanadoras* eram transmitidas de uma experiente *Mãe d'Umbigo Raizeira* para uma *Mãe d'Água*; e para poder cumprir sua função

ela necessitava *ser fecunda e umedecida*. Assim, ela poderia continuar com a *arte de renascimento da Mãe d'Água* e do nascimento da **mitami**.

Quando a *Mãe d'Umbigo Raizeira* falecia, os *Patuás* iam embora junto com ela porque os **Patuás** eram exclusivos de sua sabedoria, experiência sanadora, e a identificavam como *Mãe d'Umbigo Raizeira*.



Y'Guaçu: a flor d'água aberta

Através do toque íntimo, instintivo e intuitivo a Poty Endy Porã transformou-se em Y'Guaçu, um órgão energeticamente poderoso. Dela nascem todas as pessoas paisagens que existem. Ao se separar a vulva, revela-se a imagem feminina da Y'Guaçu, os anéis do Lábio, do Beijo e o canal de nascimento de fluxo via baixa.

Também podemos observar a imagem da **Y'ba Tyma**, Anel do Lábio (clitóris), o órgão mais poderoso do prazer feminino. A qual simboliza a **pira**, fogueira esquentada de onde *brotam* borbulhantes fluidos de água quando estimulada.

Material madeira - Dimensão: 27x19, 5 cm

26ª Y'Guaçu: A flexibilidade e dilatação da Mãe D'Umbigo

A Mãe D'Umbigo, o movimento pélvico e ventral, a Y'Guaçu, os Anéis do Lábio e do Beijo, e a abertura do canal de nascimento via baixa da Olho d'Água e a Mãe d'Água amazônicas.

Y'Guaçu como uma *deidade*

sublime e inspiradora tem

Mbará, *cadência*, no seu ritmo.

A Mãe d'Água **sem** *cadência* é uma mulher sem fluidez, sem harmonia e sem sonoridade.

Y'Guaçu é *harmoniosa*, é *prazerosa*.

Quando as águas aromáticas chegam a sua possível plenitude, atingem a esplendorosa *fluidez no canal* de nascimento via baixa.

Na *Y'Guaçu*, *pulsa* uma *sonoridade melodiosa*.

Y'Guaçu é sensitiva porque tem

cadência no seu ritmo.

Y'Guaçu é uma *concepção energética*

Estimulada através da intensidade de ação dos seus impulsos energéticos internos.

Ao se separar a vulva, revela-se a imagem feminina da **Y'Guaçu**, encontra-se no centro inferior da *Mãe D'Umbigo*, centro *magnético do ventre feminino*. Voltará condição original, do poder da instintividade, da fertilidade, da fecundidade, da criatividade, da *umidade* e do prazer, é retornar ao *Khenô da Pacas Mili*, o eletromagnetismo da sobrenatureza instintiva profunda.

A *Y'Guaçu*, sensitivamente instintiva, é essencial para as *Mães d'Água*. As *Mães d'Água* são continentes em relação aos *fluidos energéticos poderosos e misteriosos*. Elas estão dotadas de sabedoria, coragem, e de *sensíveis instintos* necessários para perceber os *fluidos e os fluxos* da *Y'Guaçu*.

A *Y'Guaçu* e a *Mãe d'Água*, são uma só, são o fluir da vivência instintiva complementar. Uma aquece as águas e a outra as evapora. Elas desenvolveram uma dimensão para que pudessem se perceber através do campo magnético do *Khenô da Pacas Mili*, a sobrenatureza instintiva profunda.

As *Olhos d'Água* e as *Mães d'Água*, *preñas nuas e vestidas amazônicas*, que realizam seus nascimentos em os rios, em as *ocas e malocas* (casas), manifestando seu renascimento através do *movimento pélvico e ventral* e a flexibilidade da *Y'Guaçu*, os *anéis do Beijo*, do *Lábio* e o canal de nascimento via baixa, estimuladas pela *Mãe do Fogo*, a *jagwaratê*, encorajando-as, a *valorizar a sua energia para uso e venefício próprio*.

As *Olhos d'Água* e as *Mães d'Água* com seus valores práticos e traços latentes apresentam: *a coragem, a garra, a ferocidade, a força energética, a agressividade*, como comportamentos instintivos e sensitivos herdados da *jagwaratê*, a *Mãe do Fogo* e do *jaguar* em seus renascimentos e nascimentos.

As **mitamis**, recém-nascidas através das *Mães d'Água* são *aparadas* e assistidas pelas *Mães d'Umbigo Raizeiras*, que recebem a *Y'Gury Kapi-aí*, (a *semente enraizada*), transformada em *mitami*, que realiza sua *transição*

energética pela Y'Guaçu, quando sua passagem pela suprema luz da noite para a suprema luz do dia: através do valor energético para uso próprio da pessoa paisagem.

A humanidade civilizada de espírito sistemático reconhece a existência dos gêneros feminino e masculino. Sendo assim, por que as pessoas do gênero feminino são muitas vezes ignoradas, exploradas, discriminadas, estupradas, queimadas e mortas no dia-a-dia, e até nos textos, nos livros e nos dicionários escolares são excluídas, torturadas e mortas nas instituições de saúde? Se existe o conhecimento da ideia definida do todo, por que não se tem a ideia concreta do todo e das partes? Como todo da Y'Guaçu e as partes dela.



Y'ba Tyma - Anel do Lábio, clitóris

Sensitivamente e instintivamente ativa, preventiva, fonte de prazer energético, silenciosa e eternamente em movimento, estimulada fazem brotar borbulhantes e prazerosas águas nascentes.

27ª Y'ba Tyma: Anel do Lábio

A deidade transcendental, preventiva, sanadora, órgão do prazer

O *Anel do Lábio*, é um deleite
transcendental energético e imaginativo.

Uma relação **sem** *cadência* é uma
relação sem *toque sensitivo e instintivo*.

Como um fluido sem ritmo

é um rio sem fluxo;
como uma *árvore* sem seiva é
uma *árvore* sem força, sem existência.

O ritmo, a harmonia, o prazer,
traduzem o *deleite instintivo* de

tudo aquilo que flui
agradavelmente em nosso
organismo sensorial.

Y'Guaçu e o **Anel Lábio**
fazem fluir as *Grandes Águas*,

sentimentos vigorosos,
deliciosos, sublimes e sensações
prazerosos de seu **Y'ba Tyma**,
Anel de Lábio ardente como uma **pira**, onde
brotam borbulhantes as águas prazerosas.

O *Y'ba Tyma* é umedecida pelas gotas de orvalho, é fascinantemente dominante, faiscante, energeticamente poderosa e prazerosa. É o *único órgão* reservado exclusivamente para um prolongado e profundo deleite feminino.

O *Anel do Lábio* é um *lume* de grandes *fluidos energéticos*. Ela é uma *flama* de gratidão à sobrenatureza. Apreciar e desejar esta *faísca*, a fagulha da *Mãe do Fogo*, é essencial para aquecer e *acender* as *Mães d'Água*. Além de apreciá-la, devem aprender a lidar com ela e ter sensibilidade intuitiva para com seus *fluidos energéticos*.

Reconciliadas e harmonizadas, a *Y'Guaçu* e a *Mãe d'Água*, invocam a luminosidade e as trevas, o *fogo* e a *águas*, elementos essenciais da *Mãe d'Água* que se acolhem e se complementam reciprocamente.

O *Y'ba Tyma* é como uma ***pira***, uma *fogueira*. Deve ser ardentemente estimulada e alimentada dentro do *Khenô da Pacas Mili* para que o mundo externo não fique em trevas.

O *Anel do Lábio* é um sentimento, uma *vivência instintiva* de grande poder energético. As *Mães d'Água* devem fazer o possível para ficar *integradas* ao seu ***lume***, à sua *chama*.

Quando o *Y'ba Tyma* é *esquecida*, o *eletromagnetismo* da *Mãe D'Umbigo*, o *ajayo*, *energia feminina*, se descarrega e o organismo sensorial fica abandonado, fica às mínguas. Seu ***declínio*** se faz evidente e o *medo*, a *depressão*, a *solidão*, a *frustração*, a *tensão* e a *irritação* passam a tomar conta do dia e da noite.

As *dádivas energéticas* oferecidas pela *sobrenatureza instintiva* oculta devem ser aceitas com grande prazer. Não se pode ignorar o *sentimento* que *flui* no *Anel do Lábio*, pois ela ***nunca*** reprimirá os *fluidos energéticos* e *instintivos*.

O *Y'ba Tyma* *germina* em cada *menina-moça*, brota em cada *Mãe d'Água* e atinge seu clímax. É uma **faísca** energética em chamas profundas que vem a este mundo *para coexistir com o todo do organismo sensorial feminino*. Ele estende sua chama ao assimilar por si só seu prazer energético.

O *Anel do Lábio* é uma *virtude energética*. Ainda que ela esteja *cheia* de energia, sem uma **faísca**, ela não se **incendeia**. Só se acenderá mediante o *sentimento do toque*, de querer sentir os deleites.

O *deleite* e o *prazer* do *Y'ba Tyma* vem somente quando o oposto complementar, ou seja, a dádiva do *ajayo* (o *valor energético para uso próprio*), a energia estiver presente. Uma *força associada a uma míngua energética* não apresentará indícios de *prazer*, de *deleite*.

Para que o *organismo sensorial feminino* desperte plenamente à *virtude enérgica* e o *fogo* do *Anel do Lábio*, terá que adquirir e assimilar a *paciência da Mãe Terra*, a *sensitividade da sobrenatureza profunda e oculta*.

A instintividade da *Mãe d'Água* e a *confiança energética* entre ela e a *Y'ba Tyma* deve ser *constante e secreta*. *Resistir à vida de prazer* fundamentalmente pelo *medo adquirido* significa não ter certeza e nem respeito pelo seu organismo sensorial. Isso, conseqüentemente, acarretará diversas disfunções e síndromes fisiológicas.

Existem *Mães d'Água* que desconhecem os fluidos descendentes da *Y'Guaçu* apesar de fazerem parte deste *grande fluxo*. Elas desconhecem, em sua integridade, esta *fonte energética de prazer* que lhes pertence.

É importante o emprego da *melodiosa força energética (existente)* em todas as ordens e desordens de nossas faculdades: nos prazeres do mundo, na

imaginação, na sensualidade lúdica, a luxúria e em especial nos grandiosos prazeres do *Anel do Lábio*.

Medite, sinta, reflita um instante sobre o significado e a simbologia da expressão “*sensação de prazer*”, “*sensação de deleite*” e se convencerá de que é possível valer-se deles em todos os sentidos possíveis, tanto para designar as impressões agradáveis de nossos órgãos sensoriais como para as sensações agradáveis de nosso ânimo.

A prática da *intenção sensível* (a prudência) prevenirá das desventuras do campo magnético do *Khenô da Pacas Mili*, a fertilidade e a concepção.

Por que isso sucede? Porque a *pessoa paisagem* necessita de *sensações energéticas, melodias sensitivas* que expressem a *transcendência pessoal*, que estimulem as suas essências prazerosas da totalidade do seu ser, pois de outro modo não chegaria ao sentimento e ao conhecimento dos grandes fluxos energéticos.

Os princípios da **incerteza** são universais. As *peçoas paisagens* tem necessidade das *sensações de prazer e de deleite* para que possa conhecer as essências sublimes energéticas sobrenaturais de sua existência.

Assim também, a *Mãe d'Água* necessita do *Anel do Lábio* para que esta ilumine suas *relações em movimento* até que se consiga alcançar os fluidos orgânicos das *grandes águas suaves*, por cujo meio externo se revela a *essência do prazer e do deleite*.

Do **clitóris** ocidental (Y'ba Tyma), conhece-se a sua fisiologia e sensações, porém ignora-se a sua *energia* e as suas manifestações; conhece-se a sua matéria mecânica, porém ignora-se as suas substâncias e qualidades *energéticas poderosas sublimes*.

Denominada a '**teta do demônio**', pela *sádica e infernal igreja católica*. Foi a desculpa que encontraram para **queimar** mulheres e meninas durante **cinco séculos**.

Em outros termos, existem as noções de abstração, de energia, de metafísica, de um mundo indefinido, porém ainda não se conhece a sua *forma* e o seu *fluxo energético*, determinados pelos *fenômenos sobrenaturais*. Não se conhecem os fatos, as realidades, as práticas, a *essência da sensação do prazer sanador* e o **deleite** da existência através do paraíso do *Yba Tyma*.

Há uma ideia vaga e universal do *círculo magnético feminino*, porém se desconhece o *Anel do Lábio*, um órgão externo exclusivamente ligado ao prazer e ao *deleite feminino*, de onde se irradia o *sentimento*, a *semente de sensualidade*.

Como conhecer a *Y'Guaçu* em suas *relações de movimentos energéticos*, se não reconhecer o órgão real do *Anel do Lábio* e sua função energética originária? Desconhece-se a existência da *sensação do prazer e do deleite* deste órgão voluptuosamente feminino.

O que é delicioso e prazeroso no *Anel do Lábio*? Quando se estimula com um *toque especial, delicado*, a *Y'Guaçu* *toda vibra, vibra energeticamente*, impressiona-se sensivelmente, agradavelmente e enlouquecedoramente. Essa impressão **sensitiva** e *sensual* recebe o nome de deleite.

A *Mãe d'Água* reconhecerá a existência de um *prazer sensual* valioso, quase dissoluto: o *deleite*, o *delicioso*. O *deleite* é o *prazer* mais puro dos sentidos da sensualidade feminina que tem sua origem no *Yba Tyma*.

É um prazer que a eleva, que a faz **levitar**, que a faz *vibrar*, que a *relaxa*, que a desvanece, que a *descobre energeticamente* e a *escancara instintivamente*, que leva o gosto do aroma natural, que a faz sentir o prazer, o delicioso, dentro de seus órgãos voluptuosos. Todos esses prazeres deliciosos vêm através da dança da *Mãe do Fogo*, a **jaguaratê**, onça fêmea.



Jaguaratê, onça fêmea: A dança da Mãe do Fogo

Não existe prazer maior que “a dança” da *Mãe do Fogo*, a irmã íntima
da *Olho d'Água* e da *Mãe d'Água*.

A hospedagem do ajayo, energia, uma e a outra se pertencem.

28ª Y'xugu-gua-mitã-pa Y'Sy: A Mãe d'Água preinha

Relações com o menino-homem no ritmo da Mãe d'Fogo

A dança da Mãe do Fogo

Não existe prazer maior que “a dança” da Mãe do Fogo, a
irmã íntima da Olho d'Água e da Mãe d'Água

A **hospedagem** do **ajayo**, energia, **uma** e a **outra** se pertencem.

Quando se alcança a *Mãe do Fogo*, a *Mãe d'Água* sente um *prazer indescritível*, e as vibrações, os *orgasmos* se tornam intensos. A Mãe d'Água despende muita água pela *Y'Guaçu*, os *anéis*, do *Lábio*, do *Anel do Beijo* e pelo canal de nascimento via baixa.

Nem todas as *Mães d'Água* conseguem *atingi-la*, e nem todas as mulheres e mulheres-mães reagem com a mesma sensibilidade e prazer até chegar ao sublime, à *Mãe do Fogo*, *energia originária da Y'Guaçu*, o *Anel do Lábio*, localizada dentro do *Anel do Beijo*.

“*Sinto muito calor, muito calor*. Tudo que se origina dentro de mim é calor, *fogo*, tudo que sai do meu peito é *fogo*. Sai de dentro, fico toda quente, parece que vou explodir ou evaporar com o calor.

Tudo começa no *Anel do Lábio* e continua no todo do *Y'Guaçu*, e essa sensação fica mais forte quando chega perto do *pé da barriga*.

O *Anel do Beijo* começa a vibrar, começa a se abrir, a se escancarar. Começo a sentir desejo e *fico molhada*. A *Mãe do Fogo* soube do ventre, vai subindo, vai subindo e me esquentando toda. Quando ela me encosta, o fogo dentro de mim me esquentando, me esquentando. Fico **leve**. *Vem força, perco força, vem força, perco força*. O fogo desce pelas costas. Tudo me arrepiando até que o fogo explode como um vulcão efervescente abrindo a *Y'Aguaçu*.

No *profundo silêncio*, sinto o estalido das ancas e o escancarar do *Anel do Beijo* como as folhas secas esparramadas no mato, esperando o acender da **chama** sublime do encantamento e *pegar fogo na floresta* toda.

A *Mãe do Fogo, jaguaratê*, me oferece seu calor, o *fogo*, para movimentar a vida, iniciar a renovação e a germinação do desejo, e reiniciar um novo alento.

Os movimentos ardentes da *dança da Jaguaratê* atraem as *forças divinas da sobrenatureza*, o *fogo da iniciação*. A *Mãe do Fogo* retorna à vida da *Mãe d'Água*.

Em meu interior, a *onça fêmea*, o fogo, dançam e gotas d'água cristalina brotam. A seguir, uma tempestade molha as minhas **carnes quentes**, **escancaram todas minhas carnes**, *fico sem ar*, mas logo me recupero ao saciar e acalmar os meus desejos e a minha **sede de prazer**". (D. Alicia).



O primeiro caderno de sonhos de Pacha Lea – Jaxy Pya'hu

Ela começou a escrever e a ilustrar aos seis anos. Contém 95 páginas.

Os sonhos foram muito importantes para os

Rituais de Apresentação e Iniciação Feminina.

Lara, a gênio das águas (a honi que nunca vamos esquecer-la).

29ª Echara'u Y'Sy: Os sonhos da Mãe d'Água antes do seu renascimento

A água e o sal convertidos no mar dos sonhos

Os sonhos são percebidos através da intuição, da sensibilidade da sensibilidade e das vibrações dos fluidos energéticos

Quem quer calma, descanso e sossego
busca a **vibração energética** dos sonhos.
Os sonhos oníricos são um bálsamo, um sorriso,
uma promessa e uma desilusão.
Os **sonhos energéticos**, são poéticos,

imaginativos, destrutivos e deleitosos.
São como uma árvore coberta de flores,
são como um coração cheio de esperança,
são como a *pessoa paisagem* cheio de suspiros,
são como a menina-moça e a

Mãe d'Água que se *recolhem* nas
profundezas de seu coração e instintos
para se resguardar e guardar
junto a seus sonhos na busca de
suas alegrias e tristezas.

Em alguns momentos, é indispensável fluir em busca das profundezas da *intuição* e penetrá-la até a sua última *luz*, o **uru** andino e **xe pya'ñhe'ẽ** amazônico, a luz dos sonhos. Os rituais dos sonhos da *menina-moça* e da *Mãe d'Água* são como a fecundação das sementes e o crescimento das raízes da floresta tropical.

O retorno à germinação originária é importante para que a *Kunhateĩ*, *menina-moça*, consiga chegar ao *echara'u-guaçu*, “o grande sonho”, o qual *preuncia* a sua ovulação e a sua primeira menstruação. A *Kk'antu-tika*, o ritual de iniciação da “**flor que se abre**”⁵, contribui para o autoconhecimento da *Kunhateĩ*, para a sua autoafirmação, sua autonomia, sua independência e integração na comunidade.

A *Kk'antu-tika da Pacas Mili* e o *Keno da Pacas Mili*, a germinação e o ritual do eletromagnetismo do ventre feminino, prenunciam a essência dos sonhos da *Kunhateĩ* e servem para conduzi-la ao reencontro com as crenças e os hábitos originários.

O tear energético da Mãe d'Água

Os sonhos são como um **tear energético** que se harmoniza a *Mãe d'Água*. Uma demorada reflexão sobre os **sonhos maternos** nos transporta ao mais íntimo delas. Os sonhos permanecem como um *longo véu do tempo* e neles se ouvem os cânticos dos rituais, a expressão dos bens sobrenaturais das *Mães d'Água*.

⁵ * O ritual de iniciação feminina da *KKantu-tika*, “*flor que se abre*”, da *Pacha Lea*, *Jaxy Phya'Hu* foi apresentado no IV Congresso Brasileiro de Espiritualidade e Prática Clínica, na Lua Crescente do dia 22 de Junho de 2007, em São Paulo. Extraído do livro. Não publicado.

Os *sonhos oníricos* são comentados junto ao raiar da *mãe sol*, acompanhados de aromas matinais. Já, nas margens do rio, os sonhos provocam animação nas *Mães d'Água*, as quais acompanham sentadas o fluir das águas enquanto, em intervalos curtos, saboreiam a *uva de mel* junto às *árvores*. Elas conversam a respeito de seus sonhos ao redor das ramas, onde os pássaros cantam e escutam os seus relatos.

Recopilação de alguns sonhos oníricos das Mães d'Água

1ª. Se sonhar com a *Lua Cheia*, *jaxy ovoguaçu*, refletida no fundo de um rio, você terá uma menina com grandes poderes de intuição. Algum dia, ela poderá até ser uma *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

2ª. Se você estiver prenha e sonhar com *lua cheia*, terá uma menina. Se sonhar com lua nova, terá um menino.

3ª. Se sonhar com mortos durante a tua prenhes, você não deve *provar carne* para não adoecer.

4ª. Se sonhar com fogo, no dia seguinte de teu renascimento, você estará metida em confusões.

5ª. Se sonhar com tua mama'e e com a mãe de tua mãe, tenha fé nelas porque elas são fiéis a você.

6ª. Se sonhar com um rio e nele entrar para nadar, você já está pronta para dar à luz.

7ª. Se sonhar com uma **coruja** junto a *lua minguante*, você terá problemas no nascimento da criança.

8ª. Se sonhar com uma pessoa de **cor branca** te perseguindo, te caçando, te enlaçando, você ficará gravemente enferma.

9ª. Se sonhar com dentes se soltando ou caindo, teu filho nascerá morto.

10ª. Se você está prenha e sonha com a morte de teu pai e de tua mãe, as desgraças te perseguirão.

11ª. Se sonhar com **mandiocas** e **peixes**, você terá muitas alegrias.

12ª. Se você sonhar com *jaguarzinhos* brincando no lugar em que você dorme, você terá *coragem* para cuidar de crianças.

13ª. Se sonhar com a *jaguaratê*, *Mãe do Fogo*, você terá força, coragem, ferocidade e agressividade para ter a *Y'Gury*, *mitã*.

14ª. Se *prenha*, você sonhar que está sendo levada ou arrastada por um rio turvo, ficará enferma, sofrerá e morrerá.

15ª. Se sonhar com o sol se ocultando durante o nascimento da criança, um de teus parentes morrerá.

16ª. Se você sonhar que está **nua**, com barriga grande, **sem nenhuma pintura** no corpo, você se sentirá desprotegida e o ciúme de outras pessoas falará mais alto que você.

17ª. Se *prenha*, você sonhar que está com mal de urina, terá problemas no pé da barriga. No dia seguinte, à noite, procure *terra preta* para colocá-la na barriga ou entre nas águas do rio de madrugada para melhorar desse mal.

18ª. Se sonhar que teu filho nasceu fraco, dê leite de *jaguaratê* a ele.

19ª. Se sonhar que teu filho está fraco de estômago, dê leite de *cachorrinha* a ele

20^a. Se você sonhar que está sentindo odor de sangue podre enquanto a criança está nascendo, isso quer dizer que você tem sangue rimoso e cheiroso. Cuide-se. Coma frutas silvestres, flores doces e folhas verdes.

21^a. Se sonhar com “o raio branco”, **tupã**, cuide do *Cepinho do Fogo (assento)*. Coloque incenso e folhas de alfazema sobre ele, e queime-os em nome do raio.

22^a. Se você sonhar com *sapos* pulando na lua cheia, é sinal de sorte. - Teu renascimento e o nascimento da *mitã* será *bem molhado* e rápido.

23^a. Se você sonhar que estão nascendo dentes no *nenê*, passe uma crista recém cortada de um galo na gengiva dele.

24^a. Você terá muitas dificuldades se sonhar que está sendo difícil arrumar uma *gota de mel* para dar ao recém-nascido. É aconselhável fazer entoares perto das **colmeias das abelhas** pretinhas sem ferrão, para sair dessas dificuldades.

25^a. Se sonhar que está baixando assustada os teus olhos para o chão, quando o teu olhar se encontrou com o olhar alegre de uma criança brincando, você está com muito medo de ficar sozinha. Converse com a *Mãe d’Umbigo Raizeira*.

26^a. Se você sonhar que está para **perder a criança** que está na sua barriga, fiquei olhando e sentindo as crianças que estão brincando na **lua nova**.

27^a. Se você sonhar que está ocultando tuas **asas** para fazer aparecer as **garras**, é sinal de que quando a criança começar a chorar, você não saberá como amamentar a criança. Você deve refletir o porque dessas **asas** e dessas **garras**.

28^a. Se sonhar que a **sombra de sua mãe** está perdida na floresta, ajude a cuidar de outras crianças e preste ajuda a qualquer pessoa, mesmo que não te peçam.

29^a. Se sonhar que tua *irmã está semeando* e você, *colhendo*, não ofenda a ninguém. Nunca diga: “*desta água não beberei*” porque todos, desde sempre, *tem tirado espinhos do próprio pé*.

30^a. Se sonhar com criança dando gargalhadas enquanto come, cuide-se para não se engasgar por falar mal de outras pessoas.

31^a. Se sonhar que **água e leite** correm juntos pelos rios, não suje os rios com *sabão branco*. O rio irá morrer.

32^a. Se sonhar com *unhas e cascos* e se com elas você estiver se agarrando para não cair num penhasco, cuide-se. Você poderá deslizar e levar junto com você uma pedra que poderá feri-la.

33^a. Se sonhar com *pé, patas e garras*, é aconselhável desfazer-se de suas raivas para não dar um coice em ninguém.

34^a. Se sonhar com *pele, crina e cerda*, não coma carnes rimosas. Alimente-se com *frutas, vegetais, verduras, milho* e nade no rio para ter leite em abundância e amamentar a tua criança.

35^a. Se sonhar com *tromba, bico de papagaio*, não fique calada. Converse com as pessoas ao teu redor, sorria.

36^a. Se sonhar com uma criança de olhos abertos e morta, morrerá alguém da tua família.

37^a. Se você sonhar que está com muita *fome*, com o estomago revirando é um **pressentimento** de que terá muitos desgostos.

38^a. Se sonhar que o ***olho do rio, remoinho***, foi atingido por um raio vermelho, você terá hemorragia por causa da *placenta colada*. Limpe seu sangue para não ter problemas na *Mãe D'Umbigo*, o centro energético da *Mãe d'Água*.

30ª Tojo: Entojou, enojou, antes do nascimento da Y'Gury Kapi-aí

Relações com o menino-homem no ritmo da Mãe d'Água

“Quando minha irmã Alzira passou a ser *Mãe d'Água*, já era bem madurona. Ela tinha vinte e seis anos quando se casou e ficou *Mãe d'Água*, na primeira relação”.

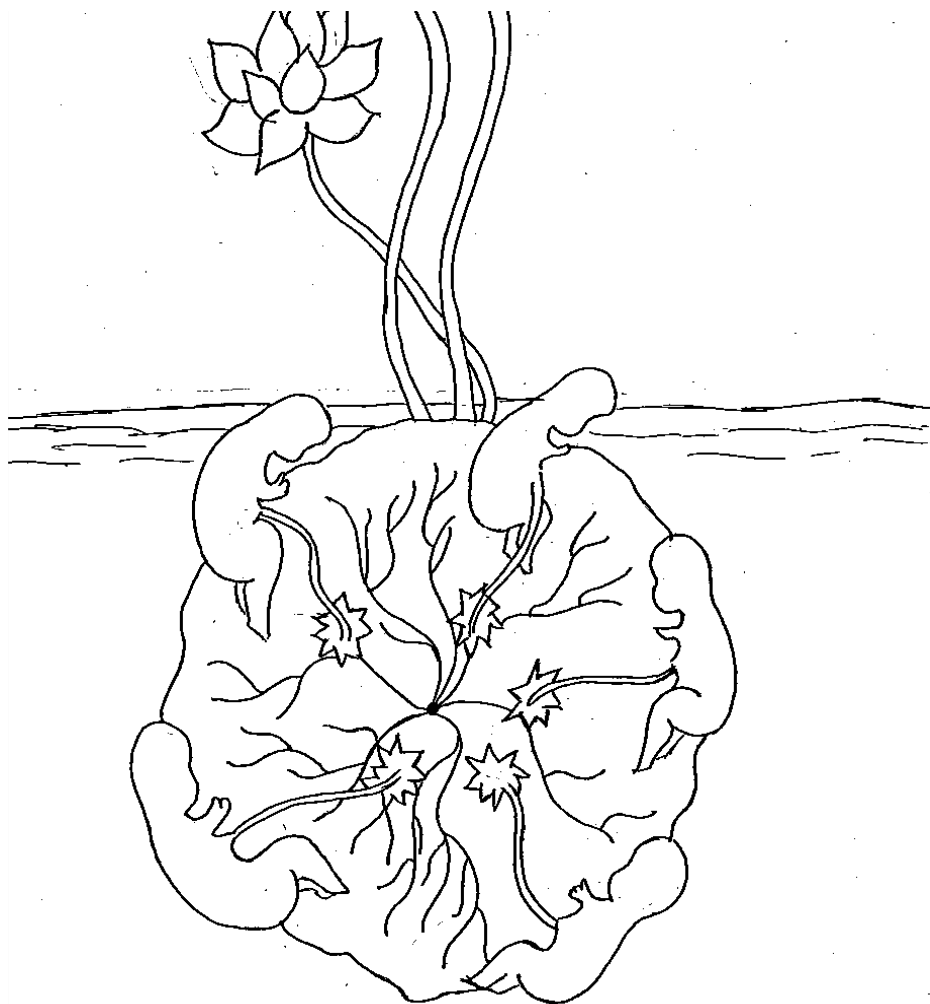
Durante a *prenhes* ela **entojou, enojou** do marido. Não queria de jeito nenhum que o marido chegasse perto dela. As *meninas-moças* tinham esse estilo de que quando ficassem *Mãe d'Água* tinham que ter relações com o marido. Além do sentimento, era para ir *relaxando as carnes*, o *Anel do Lábio* e o *Anel do Beijo*, o canal de nascimento via baixa, para ajudar na dilatação e na contração da *Mãe D'Umbigo* durante toda a *pejada* e no momento de dar à luz.

Depois que minha irmã ficou *Mãe d'Água*, não quis saber de jeito nenhum do marido. O marido chegava perto dela, ela saía correndo, assim, instantâneo. Aí, quando foi para ganhar a *olhinho d'água*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* teve que *cortar o Anel do Metal*, o períneo (episiotomia) e foi que foi.

Depois, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* teve uma conversa muito séria com minha irmã. Era uma senhora muito sabida, muito entendida mesmo. Conversou bastante e falou: “*olha, você tem que deixar de lado essa história de tojo*” e tem que aceitar teu marido. Você quer que seu marido arranje outra?

Porque o menino-homem tem necessidade de ficar com a *mulher*. Conversou, conversou e daí a pouco, a danadinha nunca mais *enjoou do marido*. Foi brotinho atrás de brotinha e ganhava normalmente. *Não precisou mais de cortar o Anel de Metal*. Deve ter sido a ***pancada de um raio*** que a deixou desse jeito. (D. Inês)

Quando estivesse faltando mais ou menos um mês para ganhar a *Olhinha d'Água*, tinham que ter um pouco de cuidado para não maltratar a brotinha. Mas pode ter relações, diziam as *Mães d'Umbigo Raizeiras*, durante o período da Mãe d'Água. *Ajudava a relaxar e as escancarear as carnes, aliviando e preparando a Mãe do Fogo e a Mãe D'Umbigo*, para quando “a flor bonita de água doce” viesse brotando e descendo com a *chuva* pelo *Y'Guaçu*, os anéis do canal de nascimento via baixa”. (D. Catalônia, 58 anos, oito renascimentos)



O patuá do uapé:
Amuleto do Anel d'Aguaí, placenta

O Anel d'Aguaí representada pela
'Vitória-régia' amazônica

31ª Quentura na Mãe D'Umbigo: Anel d'Aguaí, placenta

Tradição e ritmo, do resguardo da Mãe d'Água

O resguardo da *Mãe d'Água*, para a guarda da *Mãe D'Umbigo*, e o resguardo “**da quentura da placenta**”, *Anel d'Aguaí*, energizada pelos alimentos *rimossos, tóxicos*.

Certos cuidados com os alimentos e o repouso devem ser levados em consideração no *rito* e no ciclo da *menina-moça*, no *ritmo* e no ciclo da *Mãe d'Água*, para que a *Mãe do fogo*, energia do fogo, do *Anel de Aguaí, placenta*, possa ser desenvolvida.

A *Mãe do Fogo* é a *incandescência energética*, um poder contínuo adormecido, acordado durante o prazer, no momento da concepção, do renascimento e do *nascimento*. Ao término do nascimento, si tudo fluir bem, primeiramente descera a **mitami** e em seguida a *placenta*.

O ritmo da guarda da *dieta* e a *prudência*, o cuidado em conservar a *Força d'Alento Universal* através das vibrações e da *purificação* da *Mãe do Fogo*, mostram sua importância na limpeza da *Mãe D'Umbigo*.

O resguardo do Anel da boca

A *Mãe d'Água* deve tomar cuidado para não introduzir **alimentos ácidos** ou **perversos** que tornem a digestão difícil e intoxiquem o sangue.

A guarda da Mãe D'Umbigo, centro energético da Mãe d'Água

Chás de ervas e banhos de cozimentos (banhos de assento com camomila) são utilizados para abrir as carnes e não deixá-las *enrijecer*. Esse procedimento mantém o corpo limpo, sem cólicas e o (a) brotinho (a) não descera “*gaparento*”, sujo (a), e com cólicas.



Tanxagem, tembetery, lantem, cinco nervos

Infecção na *Mãe D'Umbigo*, na *Y'Guaçu* e nos anéis do Lábio e do Beijo
e o canal de nascimento de fluxo via baixa.

32ª Farmacopeia da Mãe d'Umbigo Raizeira

O renascimento na Mãe-Terra
O nascimento da Pessoa Paisagem

Coloca em movimento as forças latentes, sementes, plantas, ervas, raízes, pedras, sapos, serpentes, óleo de mamona, com propriedades medicinais originárias da *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

As práticas ritualísticas podem se constituir num meio necessário à remoção das doenças para que o remédio possa agir magicamente.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* orientava a Mãe d'Água a se guardar. Ela passava orientações sobre como desintoxicar o *sangue*, limpar e purificar a *acidez* causada por alimentos rimosos.

As ervas deveriam ficar sempre ao alcance da menina-moça e da Mãe d'Água para que pudessem se sentir seguras, primeiro, no rito prático da *Oguapy* e, depois, no ciclo da Lua e no ritmo da Mãe d'Água.

Em primeiro lugar, a menina-moça e a Mãe d'Água tinham que parar de comer *alimentos gordurosos para a desintoxicação do sangue*. A Mãe d'Umbigo Raizeiras aconselhava chás e banhos de assento para limpar e purificar todo o *calor parado no ventre*, a febre, as infecções e outras “*Pancadas de Raio*”.

A farmacopeia uma das aquisições mais preciosas dos povos amazônicos em tempos distantes e preservados com muitas dificuldades em tempos modernos, deixaram-nos uma grandiosa herança: garrafadas, emplastos,

chás, etc. Que usadas em doses convenientes, exercem sobre o organismo sensorial uma ação energética duplamente útil para a prevenção e a recuperação de muitas doenças.

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* tiveram a brilhantes e o esplendor de semear, colher e manipular estas plantas, para recuperar e alegrar corações, aleijando tenebrosas doenças emocionais, energéticas e físicas que adquiriam as *meninas-moças* e as *Mães d'Água*.



Capuli ou chilto, fruto energético amazônico

O poder da infusão de *camapu* depura, tonifica e regulariza a circulação do sangue.

33ª Os remédios da Mãe d'Umbigo

Raizeira

ABACATE	flor e caroço impotência, frigidez e limpeza dos rins
AMENDOIM	impotência
ALGODÃO	chá, (semente) compressa, alergia
ALFAZEMA	chá, banho, limpeza do Anel do Beijo
ALFA VACA	chá, banho, gripe
ALFACE	chá, calmante, relaxante
ANGICO	chá, fígado, vilis
ALECRIM	chá, banho, calmante
ALHO	mascar, mordida de cobra e outras feridas
AMEIXA	chá, banho da casca, intestino
BATATA DOCE	chá, (folha) inflamação da <i>gengiva</i>
BATATA PURGA	chá, (raiz) limpeza do intestino e do sangue
BELDROEGA	folha salada, ferida na boca (herpes)
CABEÇA DE NEGRO	chá, raiz limpeza do sangue
CARRAPICHO	banho, edema na perna
CAJU	chá (casca) impotência
CAJUEIRO	chá, folha fígado, impotência
CAMOMILA	chá, para que o coroinha não desça com cólica ou gaparento. Limpa sangue

CARACU-MALTA, OVO DE CODORNA	impotência
CARQUEJA	chá, prisão de ventre; indigestão, fígado, tristeza
CABALINHA	chá, diurético, bexiga, rim
CATINGA DA MULATA	esfregar, cheirar, dor de cabeça; banho emocional; limpa manchas do rosto
CEDRO	chá, cólica na Mãe D'Umbigo
CIDREIRA	chá, limpa o sangue, descida da Oguapy
CIPO CRUZ	chá, limpa o sangue
COROBINHA	chá, banho relaxante para dormir
CHAPÉU DE CORO	chá, ansiedade, nervoso
DANDA	chá, estomago, intestino
DENTE DE LEÃO	chá, para a descida da menstruação
ENDO (semente)	chá, cólica e para a descida da menstruação
EMBURANA	banho, dor das articulações
GUARANA	chá, fortificante
GUANDU	chá, cólica menstrual
GERGELIM	chá, <i>corrimentos</i> e fungos na Mãe d'Água e na (o) olhinha (o), assadura, rim, candidíase
CUMARU	chá, semente para a descida da menstruação
IPÉ ROXO	chá, diurético, limpa sangue
JURUBEBA	chá, fígado, constipação, vesícula biliar
LIMÃO GALEGUINHO	chá, para a descida da Oguapy

LEITE E CEBOLA	estética
LEITE DE PAU	compressa, machucadura, torção
MALVA	chá, hemorragia após a menstruação
MALVA BRANCA, ANIS	banho de assento Y’Guaçu e os anéis do Lábio e do Beijo
MAMÃO	chá, (semente torrada) estômago, intestino
MALVA GROSSA CHEIROSA	salada, tosse
MALVA SECA	chá, quando diminui a menstruação
MALVA DROPS	chá, folha, hemorragia, tumor na Mãe D’Umbigo
MARAPURANA	chá, fígado, impotência
MENDO DO MATO	limpeza do sangue
MELISSA	chá, pulmão, respiração, bronquite
MENTA, HORTELÃ	chá, xarope, tosse, catarro
MENTRASTE	chá, limpeza do sangue, cólica na Mãe D’Umbigo, para a descida da Oguapy e vermes
MILHO	chá, tosse, paralisia, fortalecimento da musculatura
MOGNO	chá, estômago
MOURA	chá, limpa os rins
MOFUNGO	hemorragia menstrual
PALMA DE COQUEIRO	chá, quando há a suspensão do trabalho da obra (constipação)
PAÚ PARA TUDO	chá, constipação

PICÃO BRANCO	banho limpeza da Mãe D’Umbigo
PICÃO PRETO	banho úlcera (carne viva)
PICHADEIRA	chá, casca hemorragia
PIRO GALHO	banho com sal (cipó trepadeira) sarna (fogo selvagem)
QUEIXADEIRA	chá, alergia
QUINA, QUINA	garrafada, bronquite, asma
QUININA	chá, bronquite, infecção, febre
QUIXABA	chá, tosse
SANTA MARIA (mentruz)	chá, vermes, emplasto para osso quebrado
SABUGUEIRO	chá, sarampo
SENA	chá, cólica da Oguapy com sangue escuro
TOMATE	chá, folha, coração

Mofungo: hemorragias

É um arbusto rasteiro com uma *flor de cheiro delicioso*. Brota na fenda das pedras, nos pedregulhos. Com as folhas, fazia-se chá e banho de assento para a lavagem do *Anel do Beijo*, do *Anel do Lábio* e da *Mãe D’Umbigo* principalmente para conter hemorragias. Também, utilizava-se para o tratamento de tosse e febre.

Catuaba: frigidez

Quando era para a frigidez da mulher, colocava-se **catuaba** no *vinho de cereais* e se fazia xarope para beber.

Caroço de abacate: fortalece

Usado para o fortalecimento do menino-homem, colocava-se o caroço de abacate dentro do *caracu-malta* e antes de beber, deixavam a garrafa ficar por *sete luas* na beira do rio, enterrada na areia.

Cuidar da impotência

Primeiro, o menino-homem tinha que se **desintoxicar** da **acidez do sangue**. Depois, podia beber o sumo de fumo de corda macerado em pote barro e ingerir todo alimento duro como as oleaginosas para endurecer. Engolia-se todo *alimento suave* para adquirir *sensibilidade*. Sem estes requisitos, seria inútil desejar ser “potente”. O menino-homem tinha que ter cuidado ao usar algumas folhas que causavam impotência como a folha de **hortelã**.

Tanxagem, cinco nervos:

Infecção nos Anéis do Lábio, do Beijo e o canal de nascimento de fluxo via baixa.

Fazia-se chá e usava-se nos banhos para tratar *infecção dos anéis*, desarranjo intestinal, infecção na *boca, garganta e gengiva*. É importante observar que as *Mães d’Umbigo Raizeiras* ressaltavam que todos os remédios tinham que ser cozinhados e coados num paninho limpo de algodão para fazer a lavagem da *Y’Guaçu*, *Anel do Beijo* e o *Anel do Lábio*. Além disso, toda erva preparada em forma de chá tinha quantidade e tempo certo para ser tomada. O chá devia, ainda, ser tomado com *intenção de melhorar a Força d’Alento Energético*.

Também era importante o ritual de passar por cima da pele da *menina-moça* e da *Mãe d'Água* uns galinhos e alguns ramos molhados com óleo sagrado de **mamona**, repetindo sempre certas palavras, segundo as crenças, possuidoras de força energética. Esses encantamentos só foram deixados para as *meninas-mulheres* que estavam profundamente enraizadas na arte do renascimento, do nascimento, da prevenção e tratamento.

Casos: de Camapu; capuli: secar o leite

As infusões e os cozimentos de *camapu* fazem diminuir o fluxo de **leite** até secá-lo totalmente; por esse motivo **não** deve ser *tomado* por mulheres que estão *amamentando*.

A infusão de *camapu* de pura, tonifica e regulariza a circulação do sangue. Tomando de manhã cedo e ao dormir, normaliza a pressão arterial.

Carambola: diarreia

O cozimento das flores e dos frutos é um excelente remédio para a *diarreia*. Ferve-se, num litro de água, um *fruto grande* ou seis racimos de flores.

Topi: hemorragia do Anel do Beijo

Para os casos de *hemorragia* da *Y'Guaçu*, *Anéis do Beijo* e do *Lábio* ou qualquer outro tipo de hemorragia interna e *enterites*, *inflamações no intestino*, toma-se um copo de chá de *Topi* a cada duas horas.

Em casos de *hemorragias externas* assim como para fazer *contrair os músculos* do *Anel do Beijo* (vagina), se molha em água o raspado da madeira e se aplica nos *cortes* ou nas *feridas*. Aplica-se este cataplasma duas vezes ao dia.



As “flores brancas e amarelas”, as confrontam as
Mães d’Água consigo mesma.
A flama toxica, as chama a realidade do resguardo.

34ª Flores brancas e tanxagem: “Corrimentos brancos e amarelos”

“A menina-moça e a Mãe d’Água que ficam
tragadas por sujeiras no sangue”.

Quentura (cistite), corrimentos e *cólicas*.

Corrimentos com cheiro de *ovo e peixe podre*.

Para potencializar a Força d’Alento,
realizar banhos de assento e chá com:

a). a casca de ameixa, casca de queixabeira (cistite)

b). vinagre branco com um pouco de água morna.

c). sal em pedra diluído em água morna (corrimento)

d). folha e raiz de arrozinha (quentura)

e). cipó cruz para o fígado

f). cinco nervos, ***tanxagem***, folha e tronco. Geram sangue e fluidos limpos.

Do ponto de vista da *Mãe d’Umbigo*, era para fazer lavagem dentro da *Y’Guaçu* e os anéis da *Mãe d’Água*. Usava-se até um canudinho, um casquinho de uma erva que se chamava *Cauda de Cavalo*. Enchia-se o canudinho e espremia-se nos *anéis*. Era feito se por acaso as *Flores Brancas* tragassem a *Mãe do Corpo* com sujeira e intoxicassem o sangue.

“Era muito raro acontecer que alguma menina-moça ficasse *tragada*, mas se acontecesse, deveria fazer algumas lavagens e utilizar o mesmo estilo.

Eu mesma nunca precisei usar esse estilo, fui sempre muito **limpa**. Nessa parte da *Mãe D'Umbigo*, sempre fui muito asseada". (D. Cida 70 anos).

"Eu acho que as *Flores Brancas* são uma sujeira no sangue causada pela *alimentação rimosa* que provoca muita acidez e indigestão para a *Mãe d'Água* e conseqüentemente para a *Mãe D'Umbigo*, se ela não faz a *guarda da boca* quando está chegando o ritmo da *menstruação*.

Deve-se *evitar* comer carnes de todo tipo. Também, é preciso tomar cuidado ao comer alguns tipos de legumes que deixam a *Mãe d'Água* muito *tragada*, assim como o *repolho*, o *pepino*, o *pimentão*, pois são alimentos muito fortes, muito ácidos, capazes de maltratar muito a *Mãe D'Umbigo* tanto da menina-mulher como da *Mãe d'Água*. Nós achamos que essa *acidez é conduzida pelo sangue e provoca ardor na urina* (cistites) porque a *Mãe d'Água* é *tragada lá na Mãe D'Umbigo*". (D. Inesita, 65 anos).

Do ponto de vista da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, era para fazer lavagem dentro do *Anel do Beijo* e o *Anel do Lábio* da *Mãe d'Água*. Usava-se até um canudinho, um casquinho de uma erva que se chama *Cauda de Cavalo*. Enchia-se o canudinho e espremia-se nos *anéis*. Era feito se por acaso as *Flores Brancas* tragassem a *Mãe D'Umbigo* com sujeira e intoxicassem o sangue.

"Era muito raro acontecer que alguma menina-moça ficasse *tragada*, mas se acontecesse, deveria fazer algumas lavagens e utilizar o mesmo estilo. Eu mesma nunca precisei usar esse estilo, fui sempre muito **limpa**. Nessa parte da *Mãe D'Umbigo*, sempre fui muito asseada". (D. Cida 70 anos).

"Eu acho que as *Flores Brancas* são uma sujeira no sangue causada pela *alimentação rimosa* que provoca muita acidez e indigestão para a *Mãe d'Água* e dela para a *Mãe d'Umbigo*, se ela não faz a *guarda da boca* quando está chegando o ritmo da *Oguapy*.

Deve-se evitar comer carnes de todo tipo. Também, é preciso tomar cuidado ao comer alguns tipos de legumes que deixam a *Mãe d'Água* muito *tragada*, assim como o *repolho*, o *pepino*, o *pimentão*, pois são alimentos muito fortes, muito ácidos, capazes de maltratar muito a menina-mulher como da *Mãe d'Água*. Nós achamos que essa **acidez** é conduzida pelo sangue e provoca ardor na urina porque a *Mãe d'Água* é tragada lá na *Mãe D'Umbigo*". (D. Inesita, 65 anos).



A Mãe d'Umbigo Raizeira não se nega a ninguém.

A grandeza das Mães d'Umbigo Raizeiras é o que
faz pelas Mães d'Água, quando delas brotam a vida.

35ª Tipos de Mães d'Umbigo Raizeiras

Uma gota de orvalho pode se tornar um oceano
O leite pode se tornar um suplício

Conselhos para as mães de primeira viagem-

Respire vagorosamente,
respire lentamente para ter uma
atitude amistosa e acolhedora

perante a Mãe d'Umbigo Raizeira.
. Sem medo, sem esforço e sem tensão.

Retire as pedras e as
pancadas do raio de seu caminho.
Não veja só pedras em seu caminho.
Veja o esplendor das águas límpidas,

vislumbre as
águas cristalinas, dê
transparência aos seus desejos.

Eram várias, as *Mães d'Umbigo Raizeiras*. Tinham aquelas mais preparadas, com mais experiência. Essas eram as preferidas das *Mães*

d'Água. Algumas *Mães d'Umbigo Raizeiras* não tinham costume de receber dinheiro e certas *Mães d'Água* tinham costume de não as pagar em dinheiro.

Entre as *Mães d'Umbigo Raizeiras* tinham aquelas que não aceitavam assistir por dinheiro; assistiam as *Mães d'Água* por sentimento, solidariedade, prazer e porque acreditavam no *Poder da Força d'Alento Universal*. Outras faziam para manter o estilo ou a herança deixada pelas *Olhos d'Água*, para assim dar continuidade à *Força de Alento Universal*.

Para algumas *Mães d'Umbigo Raizeiras*, era uma obrigação cuidar dos renascimentos das *Mães d'Água*, *pegar e aparar* a (o) coroinha. Outras *Mães d'Umbigo Raizeiras* assistiam por solidariedade, já que existiam *Mães d'Água* prontas a darem à luz, mas que nunca se preocuparam em procurar orientações delas. Frequentemente, a vizinha **curiosa** se encarregava de oferecer assistência emergencial ao socorrê-la no momento da descida da (o) **mitã**. Depois, a própria vizinha se prontificava em chamar a *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

As *Mães d'Água* davam tanto quanto queriam e quanto podiam em troca da assistência da *Mãe d'Umbigo Raizeira*. Davam-lhes presentes como cabritos, leitões, ovos, verduras e outras coisas mais.

Determinadas *Mães d'Umbigo Raizeiras* eram muito bem-queridas pela comunidade. Recebiam muitos presentes, mas, também, pagavam-lhe em dinheiro. Havia quem fizesse questão de cobrar em dinheiro mesmo e ainda ganhava boi, cavalo, terra, etc. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* que pegava uma *Mãe d'Água* com boas condições financeiras, principalmente esposas de fazendeiros, era protegida por eles por toda a sua vida.

“A Mãe d'Umbigo Raizeira *Maria Carolina* era uma dona bem de vida. Fazia renascimentos por dinheiro mesmo! Era muito entendida. O pessoal acreditava muito na *Força de Alento Universal* dela. Era muito procurada

porque fazia uma assistência muito boa. Muitas preferiam chamá-la porque era uma pessoa muito limpa na assistência e porque estava sempre preparada para qualquer dificuldade”. (D. Branca)

A *Mãe d’Umbigo Raizeira*, dona Quitéria foi uma das muitas que se converteram às igrejas protestantes, católicas e outras, deixando de acreditar em nosso estilo de *Assento na Calma*, a *Força d’Alento Universal*.

A dona Quitéria se converteu à igreja cristã e começou a ficar distante do nosso estilo. Tínhamos que, por obrigação, seguir nossas avós e bisavós. Ela conhecia muitas ervas para não ter brotinhos, mas toda essa sabedoria foi sendo esquecida e por isso muitas de nós temos muitos *mitãs* hoje. Tudo isso está sendo muito difícil para todas nós. Quem poderá nos assistir em nosso estilo?” (D. Marcelina, 60 anos, oito renascimentos).

O *Pai d’Umbigo Raizeiro*, seu Manoel dizia: “*se eu coloquei para dentro, eu vou colocar para fora*”.

“Não tinha *meninos-homens* que assistiam os renascimentos das *Mães d’Água*. Só meu sogro que eu saiba. Ele fazia e assistia a minha sogra. Quando casei, *fiquei horrorizada* porque descobri que meu sogro era quem fazia os renascimentos de minha sogra, D. Vitalina. Minha sogra teve vinte e três filhos. Os três primeiros foram assistidos e orientados pela *Mãe d’Umbigo Raizeira* e os restantes foram pegos pelas mãos de meu sogro, seu Manoel. ‘*Se eu coloquei para dentro, eu vou colocar para fora*’. Dizendo assim, ele fechava a porta, trancava o quarto e ficava sozinho com D. Vitalina quando ela começava a sentir as primeiras *Dores de Puxo*.

Eu achava esquisito um menino-homem fazer assim. Eu achava que as mãos de um menino-homem não eram para lidar com a *Mãe D’Umbigo*. Aquelas mãos grosseiras, calejadas, que davam duro na roça todos os dias.

Achava que não tinham jeito de lidar com o *Anel do Beijo da Mãe d'Água*, por onde desce a mitã”.

Saber lidar com a arte “**do mel**”, de descer e aparar a mitã

No momento da “*Dor de Puxo*” da *Mãe d'Água*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* que a assistia ajudava na contração, massageava ali no *Anel do Beijo*, no *Anel do Lábio* e na *Mãe D'Umbigo* que era para o *Y'Agury Kapi-ai* coroar e descer. Ela ajudava na *rotação* e no movimento da (o) brotinha (o) inclusive se ela (e) se encontrava atravessada (o).

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* tocava e fazia massagens no *pé da barriga*, ventre, para perceber se a (o) brotinha (o) estava numa boa posição e se não estava *invertida* (o).

“Quando a (o) olhinha (o) não se encontrava na *posição de descer*, ela (e) era **virada** (o) externamente até ficar com a cabeça para baixo. Então, eu achava que aquilo lá era *uma arte* (um saber lidar com a *arte de descer*) da *menina-mulher* junto com o *poder da Mãe d'Umbigo Raizeira* e do **Grande Patuá**. Não era para o menino-homem. Não porque fosse marido e esposo. Não tem nada de vergonhoso. Eu achava que as mãos do menino-homem não eram tão delicadas para sentir e por não terem a *Mãe D'Umbigo* (*ventre*), como poderiam saber tocar algo que não conhecem e nem tem?” (D. L. 58 anos, seis renascimentos).



Mirĩ he'i ixu-pe

A mitami dentro das águas da Mãe D'Umbigo, o centro energético da Mãe d'Água, na plenitude de seu movimento y desenvolvimento antes de nascer.

Material: Madeira ~ Dimensão 28x22 cm

36ª Y'Pyruá Sy Y'Ataí: A escolha da Mãe d'Umbigo Raizeira

As Mães d'Umbigo Raizeiras são como as fontes das águas que nascem entre as pedras, elas são forças energéticas do centro da Mãe Terra:

Quem recebe as águas da Y'Guaçu, dos anéis do Beijo e do Lábio e do canal de nascimento via baixa da Mãe d'Água

Nhapuã japoráí openareij	vamos cantar ao movimento
Mirĩ he'i ixupe	a semente da Mãe d'Água, dentro das águas da Mãe D'Umbigo, na plenitude de seu amadurecimento para se desenvolver;
Y'Yakua a-para-á-aguaí	retém as águas na placenta;
Pyruá Sy	Mãe d'Umbigo Raizeira recebe as águas da <i>pejada</i> ;
Y'Agury Kapi-aí	a mitami dentro das águas da Mãe D'Umbigo, na plenitude de seu movimento antes de nascer.
Yba Gerere	Mãe D'Umbigo;
Sy	a mama'e é como um rio;
Y'Sy	a Mãe d'Água faz fluir as águas;
Y'Sy	a Mãe d'Água segue seus fluidos sem aguardar ao sedento;
Y'	água

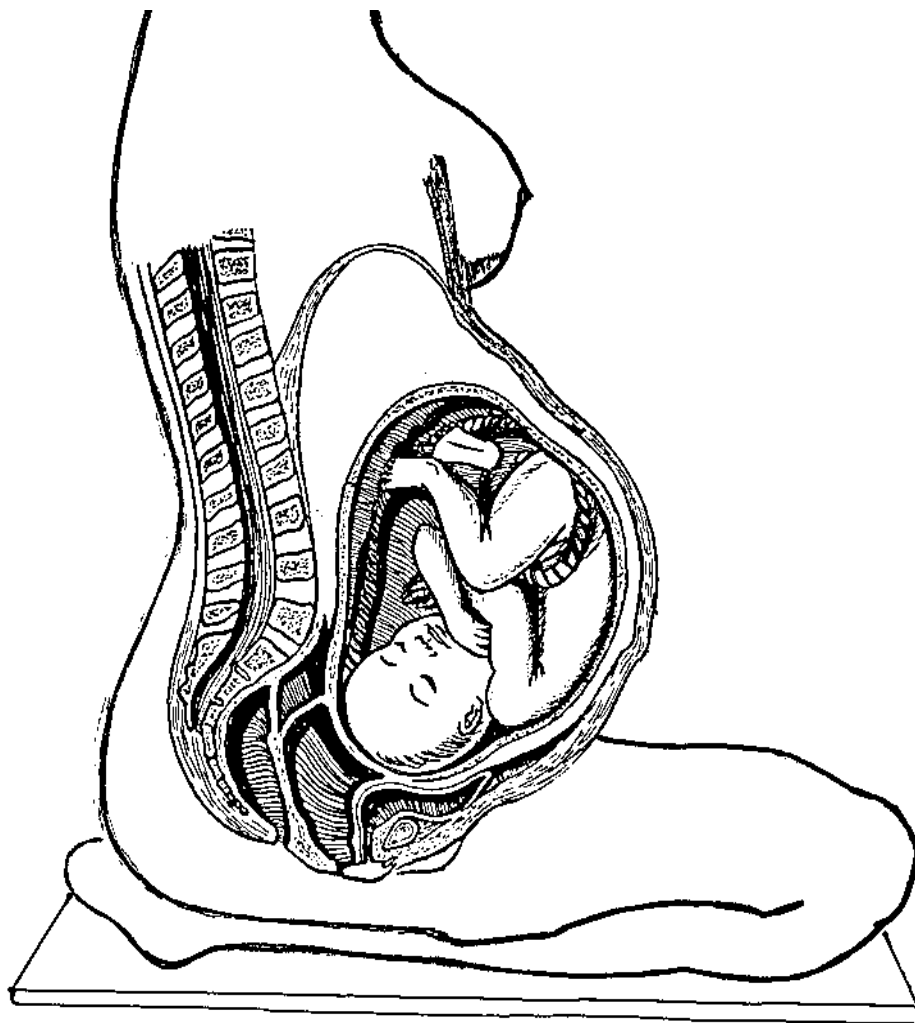
*Instrumento de cabaça.

Algumas *Mães d'Água*, tendo ou não condições de trocar serviços, *procuram a Mãe d'Umbigo Raizeira*, a qual nunca lhes negava a servir. Elas assistiam às futuras *mama'es* passando orientações e práticas.

A Olho d'Água, a Mãe d'Umbigo Raizeira e a Mãe d'Água são: criativas, alegres, amigas, amorosas, ativas, autênticas, audaciosa, brilhantes, carinhosas, companheiras, curiosas, corajosas, determinadas, dinâmicas, enérgicas, espontâneas, flexíveis, fortes, frutíferas, grandes, honestas, intuitivas, iluminadas, imprevisíveis, íntimas, livres, mágicas, originais, otimistas, quentes, reais, responsáveis, sábias, sensíveis, simples, sinceras, sensitivas, sonhadoras, suaves, ternas, únicas, vivas, agressivas, e dispunham de força energética e coragem para receber e assistir, e levar a *Mãe D'Umbigo* a continuidade da vida. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* dá valor à prática dos renascimentos e nascimentos fase a fase em casa para **viver a existência com dignidade**.

Algumas *Mães d'Água* tinham contato com as *Mães d'Umbigo Raizeiras* pela assistência que elas haviam prestado num passado recente à comunidade. A *Mãe d'Água* chamava a *Mãe d'Umbigo Raizeira* já no início da *preghes* e pedia-lhe que continuasse assistindo à família porque num passado não muito distante havia assistido a outras *Mães d'Água* da mesma família. Porém, outras *Mães d'Águas* não tinham condições e nem queriam chamá-la.

Já em outras comunidades, as *Mães d'Água* não tinham uma *Mãe d'Umbigo Raizeira* certa. Assim, corriam o risco de ficarem sem nenhuma. Podia acontecer de a *Mãe d'Umbigo Raizeira* escolhida por elas ter de assistir outra *Mãe d'Água* no mesmo instante ou no mesmo dia. Elas, então, tinham que ficar na expectativa do que iria acontecer.



Y'Poty Porã Yba Gerere

A flor bonita nas dulces águas da Mãe D'Umbigo, centro energético da Mãe d'Água, onde não existem conflitos de desapego.

O assento na calma gera *serenidade*, coragem e garra, na Mãe d'Água

37ª O primeiro encontro da Mãe d'Água com a Mãe d'Umbigo Raizeira

Vamos cantar ao movimento da
Mãe d'Umbigo Raizeira e da Mãe d'Água.
Preservar e fortalecer a Força d'Alento Universal da
Mãe d'Água através de recursos e forças
sobrenaturais era a intenção da Mãe d'Umbigo Raizeira.

Em geral, as *Mães d'Água* procuravam a *Mãe d'Umbigo Raizeira* no início da prenhes, outras, quando percebiam que *a Miri he'i i-xu-pe*, “a semente estava amadurecendo”, ou seja, quando o *grande movimento da força universal* da *Mãe d'Água* havia começado.

Pediam orientação à *Mãe d'Umbigo Raizeira* para melhor compreensão dos movimentos “**da olhinho água**” que estava dentro das águas, para que pudessem potencializar ou aumentar o calor, percebendo a qualidade da *Mãe do Fogo*, para que, depois, pudessem se *amornar* e tornar a ser novamente *Mães d'Água*.

Após a *Mãe d'Água* recepcionar a *Mãe d'Umbigo Raizeira* em casa, sentavam-se num banquinho com três pés e davam-se as mãos. No meio delas, estavam os *Patuás*. Recolhiam-se e se juntavam ao *Nhe'e Tatá*, *poder do grande fogo* da *Mãe D'Umbigo*, através da força do Grande *Patuá* da Mãe d'Umbigo, para que através dele elas pudessem potencializar a *força da concepção da Mãe d'Água*.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira*, pegando as mãos da Mãe d'Água, murmurava *entoares*, *cânticos* mágicos e misteriosos que fortaleciam a *Mãe*

d'Água por dentro, fazendo acordar o poder profundo da *Mãe do Fogo* que a acompanharia durante o ciclo e o ritmo de seu renascimento.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* inclinava-se e dizia: “cada ser na *sobrenatureza* deve ser invocado. Neste momento, invocamos as **sementes**: a semente da alegria, a semente do sorriso e a semente do Universo”. E então, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* entregava as sementes e o *Patuazinho*, que tinham poderes naturais e mágicos, à *Mãe d'Água*.

Assim, dava-se início à interação da *Mãe d'Umbigo Raizeira* com a *Mãe d'Água* ao ritmo e ao ciclo de transição da *Mãe d'Água*. Entoava-se:

Y'Poty porã makova'e, Y'Poty porã ma kova'e.

Ela tem uma *flor bonita* que brotar, tem uma *flor bonita* que brotar.

Depois do *entoar de iniciação*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* realizava o toque do *Mãe D'Umbigo*, para sentir “a *flor bonita de água doce*”, para sentir se ela estava pulsando, e seguidamente orientava a *Mãe d'Água* a procurar as ervas que tinham que estar disponíveis em casa.

Após o primeiro encontro, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* fazia visitas constantes à *Mãe d'Água*, sempre com o intuito de orientá-la na alimentação, nos banhos de assento com ervas, raízes, cascas e folhas, na limpeza pessoal, nos cuidados com os *cueiros* (enxoval) e principalmente para que o **medo** fosse percebido com naturalidade quando se fizesse presente.

Durante todo o tempo, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* ficava atenta a qualquer mudança de caráter e atitudes na *Mãe d'Água*. Era um dom que elas possuíam. Sabiam de todos os cuidados necessários além dos tratamentos com ervas ou sem elas. As *Mães d'Umbigo Raizeiras* eram muito entendidas e sábias.

38ª Patiguá: Bisaquinho de couro da Mãe d'Umbigo Raizeira

As doenças desagregam a natureza
das pessoas paisagens.
As palavras *mágicas*, os *remédios* da
floresta e os *entoares fortes* e
perseverantes irão
levantá-las e reerguê-las.

O *Patiguá* era *bisaquinho* de couro ou de pano que se levava a tiracolo, com compartimentos separados para ajeitar os remédios. As *Mães d'Umbigo Raizeiras* atravessavam extensas terras carregando sempre o *Patiguá* dentro do qual dispunham de folhas desidratadas ou verdes, raízes e sementes frescas ou secas.

A *preparação do Patiguá* era feita quando tudo estava tranquilo e brilhavam somente as estrelas e as fogueiras nas choças. O *saquinho* era utilizado para transportar todo o necessário para uma *boa assistência* à *Mãe d'Água*. Nele eram colocados:

a). remédios feitos de ervas, raízes, talos, folhas, flores. A *folha de urtigão*, por exemplo, era usada para *febre maldita* ou **malária** (maleita). Para dores no corpo todo, esfregava-o com **cará**. Para *esfriar* o corpo todo, tomava-se banho com *caldo de cedro*;

b). um rolo de cordão de algodão cru ou *embira*, capim que crescia à margem dos rios. Ambos eram utilizados para *aparar o umbigo* e amarrar o

Anel do Aguaí, placenta. Cada Mãe d'Água tecia seu próprio cordãozinho de algodão ou *embira*, colhido por elas mesmas;

c). **óleo** sagrado de **mamona**: antes de guardá-lo despejavam duas gotas nas mãos para mantê-las sempre aquecidas e energizadas;

d). uma tesoura pequena e uma faca, bem fervidas, cobertas com panos bem limpos.

Preparavam-se os **cueiros** (fraldas) para cobrir o *Anel do Fogo*, o *Cepinho do Raio*. Assim, era fechado o ritual de assistência da Mãe d'Umbigo Raizeira. Muitas vezes, ela já levava o *Cepinho* para a casa da futura *mama'e*, de acordo com a sua sabedoria e o seu entendimento.

“Eu tinha 11 anos. A partir daí comecei a ficar *curiosa*, a aprender as coisas, a observar, a ver o que as *Mães d'Umbigo Raizeira* faziam. Nessa época, eu tinha **força perseverante** para *assistir a Mãe d'Água*. Procurava aprender mais coisas da minha tataravó: os ensinamentos sobre remédios, sobre as ervas, sobre o tratamento em si”. (D. Lúcia, 60 anos).

Raizeiras, *raizeiros*, *curandeiras*, *curandeiros*, *benzedeiras*, *benzedeiros* e *curiosas* faziam parte desse misterioso *universo energético aberto*. Percorriam longas distâncias a cavalo, em canoas e muitas vezes a pé, embaixo de chuva ou de sol intenso, não se importando se era *anoitecer* ou *alvorecer*.

“Diversos tipos de *entoares*, **mbaraet'es**, estavam associados às ervas e às doenças”. Quando alguém torcia o braço, uma junta ficava inchada, dava torcicolo, dor de dente, a perna ficava inchada ou avermelhada com ferida que nunca sarava (úlceras crônicas), o tratamento era realizado com **sapo** e com algumas gotinhas de *óleo de mamona* e alguns *entoares* ao princípio.

Para doenças, para mordidas de aranha, de **serpente** (como preventivo fumo de corda), de escorpião ou para susto de *coruja*, usava-se uma ou várias ervas que eram misturadas. Quando, por exemplo, vinha uma criança com perna quebrada, primeiro, fazia beber ervas que a faziam adormecer para ir limpando a ferida e ir costurando com aquela agulhinha. Depois, colocava erva, *sal e óleo* sobre a ferida e amarrava com um paninho em cima de uma tala. Lá, eu ia falando aquelas *palavras* com o coração e com a cabeça, palavras que minha avó tinha me ensinado. Só que agora, nem lembro mais das *palavras* e hoje, me fazem muita falta.

Faz alguns anos já que eu esqueci. Faz muito tempo que me **converti**. Quando fui morar na Bahia, não tinha que comer, não tinha emprego. Havia saído de meu lugar porque ali existia muita seca. Foi quando conheci um pastor, prometendo a meu marido trabalho se a família toda fosse para a igreja. Passado um tempo, eles exigiram que eu deixasse os “*meus entoares*”. O pastor disse que isso era *pecado*. Cada mês pedia dinheiro, mas como dar dinheiro se eu nem podia *entoar*? E cadê o trabalho? Nada. Meu marido teve que viajar muito longe, para São Paulo e, eu, fiquei com meus filhos. Abandonei “*meus entoares*” e fiquei pressionada a frequentar a igreja.

Aí, os crentes fizeram parece uma lavagem cerebral, colocaram uns **fermentos** em mim. Parece que arrancaram e limparam minha cabeça. Tudo que alcancei a aprender, toda experiência que foi passada pelos *antigos parentes*, não sei mais nada. Se forçar um pouquinho, eu acho que lembro os *entoares de minha mama’e*. Ela sabe suas *palavras mágicas*. Vou ouvir o que minha Avó *d’Umbigo* Raizeira sabe, quando eu sonhar, **echara’u**, para eu lembrar dos meus entoares”. (D. Dinaura, 60 anos).



Gererey Apó:
A honi da Y'Agury Kapi-aí no Anel do Fogo (placenta)

A Y'Agury Kapi-aí da mama'e dentro das águas da *Mãe D'Umbigo*, na plenitude de seu movimento antes de nascer.

Ali, a *pessoa paisagem* teve que começar em um instante.

Este instante primeiro é o princípio do *fogo*.

Material: Argila Dimensão: 27x25 cm.

39ª A abertura do ritual da pejada da Mãe d'Umbigo Raizeira ante a Mãe d'Água

A preparação do ritual para a assistência à Mãe d'Água era de primazia natural das Mãe d'Umbigo Raizeiras

Mãe d'Água está imersa nos
fluídos que a envolvem.

Ela está cheia d'água.

A Y'Agury Kapi-ai

(*Y'Jau Mitã*, criança antes de nascer),

ela irá vir muito lentamente,

ela virá flutuando nos

fluídos da Mãe d'Água.

São os fluxos do reencontro entre a

Y'Jau Mitã e a mama'e.

Fluirá muita *vontade*, muita

coragem e garra na

Força d'Alento Universal da Mãe d'Água.

Minha intenção mais pura é a de

contribuir com meus sentimentos e a

minha prática para *receber* e *aparar* o

cordão umbilical da *Porã Poty* em

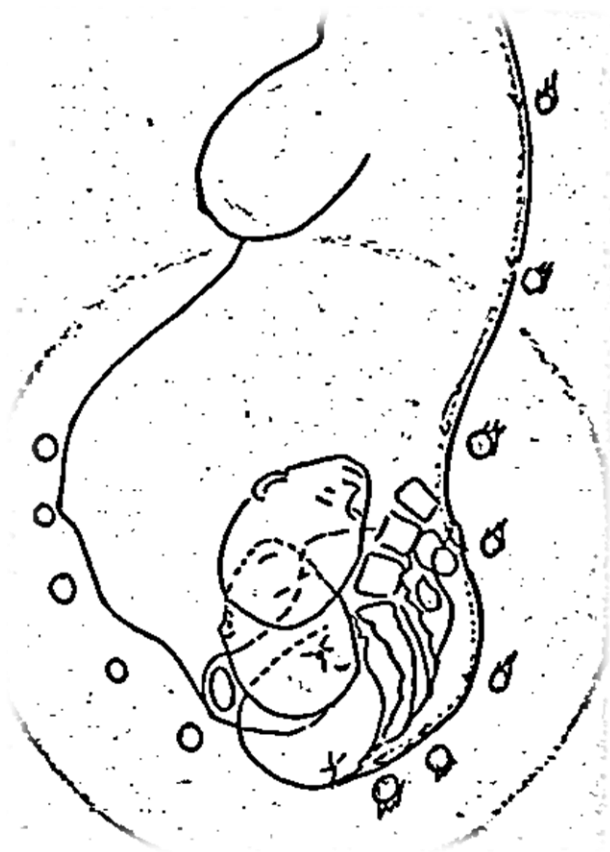
fortalecer a *Mãe d'Água*.
Os afetos, os desejos maritais,
as atrações, os pensamentos

sensitivos, são todos sugeridos por
um fato único, o
fogo avivado pela Mãe do Fogo,
a jaguaratê amazônica.

“As *vibrações da Mãe do Fogo* renascem no centro da *Mãe d'Água*, um *ramo* das vibrações desce e percorrem todos os *Anéis do Tronco Branco* (coluna vertebral) até chegarem à caudinha (cóccix), concentrando-se toda a *luz do fogo*, no *Cepinho do Fogo*, *Anel de Madeira*.

O *outro ramo* se dirige como um trovão ao *Anel d'Aguaí*, à *Mãe D'Umbigo*, abrindo-o repentinamente e descendo para a *Y'Guaçu*, os *Anéis do Lábio*, do *Beijo* e ao *Anel do Metal* (períneo) para todos juntos fortalecessem o ***Nhe'ẽ Tatá***, *fogo*, na descida da *Y'Agury Kapi-aí* que. Aí está o *gostoso* do renascimento e da renovação da *Mãe d'Água*”.

Assim começa o ritual prático de assistência da *Mãe d'Umbigo Raizeira*. Ela fortalece as suas faculdades energéticas e o seu poder universal finito. A preparação do *ritual da pejada da Mãe d'Água*, é de primazia natural dela:



O universo energético da Mãe d'Água é a Mãe do Fogo

Um *pya'*, coração, com sentimento de *desapego*, onde a
Y'Agury Kapi-aí, fluindo através da *Mãe d'Água*,
vai abrir os olhos, onhenhandumi.

40ª Y'Tororo Y'Agury Kapi-aí - As águas sonoras iram vir muito lentamente com a Y'Jau Mitã

O toque intuitivo da Mãe d'Umbigo Raizeira

‘Diagnóstico’

O gostoso da renovação e do renascimento *Mãe d'Água* é quando se encontra totalmente entregue à *Mãe do Fogo*

Através do *ouvido* e o *toque intuitivo*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* sentia a *Mãe D'Umbigo*, o ventre, para perceber se a *Y'Agury Kapi-aí* estava se mexendo e se a *Y'Guaçu* e os *anéis do Beijo, do Lábio, o anel de Metal* (períneo) estavam se escancarando ou se abrindo. Assim elas procediam para ver se o colo da *Mãe D'Umbigo* estava no ponto para seu desprendimento e ***desapego***.

Ouvir as águas sonoras e o toque intuitivo:

- a) colocava o indicador na ***focinha*** ou na covinha para perceber o pulso (*fossa poplítea*);
- b) coloca a *mão esquerda* sobre a *Mãe D'Umbigo*, e a direita no *Grande Patuá*;
- c) colocava *dois* ou *três dedos* na *Y'Guaçu*, nos *anéis* e o canal de nascimento via baixa, para perceber a abertura e o escancaramento do

ventre e a pélvis flexível da Mãe D'Umbigo. Esse **toque** indica se a Mãe d'Água já estava preparada para fazer chover e trazer consigo a (o) brotinha (o) pelo canal de nascimento via baixa;

d) Quando os *dedos da Mãe d'Umbigo Raizeira* tocavam os **anéis**, ela dizia o momento em que a Mãe d'Água iria fazer chover. *'Ela parecia adivinha'.* A Mãe d'Umbigo Raizeira falava e logo acontecia;

e) Massageava desde os *rins* até a Mãe D'Umbigo, o *centro energético da Mãe d'Água*.

Se a *Dor de Puxo* ou a *Dor de Dor* não tivesse uma evolução e **não** ocorresse nenhuma abertura na *Y'Guaçu* e os *anéis*, a descida tornava-se difícil. Nesse caso, o **toque** deveria ser feito em círculos para ajudar a escancarar a *Y'Guaçu* e os *anéis da Mãe d'Água* para que a **Y'Jaú Mitã** pudesse descer com menos dificuldade pelo canal de nascimento de fluxo via baixa. Se necessário, era feito o *cortezinho no Anel de Metal (períneo) da Mãe d'Água*.

Relembrando que o valor energético para uso próprio, é originário e aperfeiçoada pela Y'ry Oty, Olho d'Água, reproduzindo o seu renascimento em estado de vigília, quando o movimento e abertura do ventre e a pélvis flexível da Y'Guaçu, e os anéis e a abertura do canal de nascimento via baixa, estimuladas pela Mãe do Fogo, a jagwaratê encorajando-as, a valorizar a sua energia para uso próprio da Mãe D'Umbigo, nos rios doces e em casa no momento de dar à luz a evyrumitã.

A Mãe do Rio faz desabrochar nesse momento a *formosura de sua beleza e estética, a coragem e sua garra, seu rugido e a sua força energética, a ferocidade e a sua agressividade, a sua sensibilidade e a sua sensibilidade, a*

intuição da Mãe do Fogo, jaguaratê e do jaguar, nos quais ecoam no *py'a hu*, no novo coração, da floresta amazônica.

Pelo sonar das vibrações da Mãe D'Umbigo (centro energético da Mãe d'Água), a Mãe d'Umbigo Raizeira foi percebendo desde o início a forma sensitiva e intuitiva de conceber o mundo da *Mirĩ he'i ixu-pe* (*wawi* ou embrião), dentro das fluentes águas do Anel d'Aguaí, placenta, da Mãe d'Água, um universo de interações e de transformações energéticas, assim, passam a fazer parte da realidade experimentada das sementes fortemente enraizadas na Mãe D'Umbigo da Mãe d'Água.

As energias primordiais de transcendência e de transformação da Mãe D'Umbigo, nutrem-se das influências, das poderosas sensações sobrenaturais que transformam o **ajayo**, energia, da jaguaratê em a Mãe do Fogo para se apossar da Mãe d'Água, se hospeda e nela durante o renascimento da *mama'e* e o nascimento da **evyrumitã** em casa.

Todas as tradições, os hábitos e os costumes relacionados a essas interações energéticas dos renascimentos e nascimentos em casa fazem parte das atitudes e do caráter autêntico e perfeito da Olho d'Água, a prenha nua e da Mãe d'Água, prenha vestida, intermediadas pela Mãe do Fogo, jaguaratê.

A personalidade e o caráter autêntico e as atitudes da Olho d'Água são alcançadas pela Mãe d'Água, em seu renascimento. Atitudes **mediadas** e estimuladas pela *honi*, Mãe de Fogo, a irmã íntima da Olho d'Água e da Mãe d'Água.

A transformação e a transcendência energética é a **essência** do ventre e a pélvis flexíveis da Mãe D'Umbigo, do qual o valor energético para uso próprio, são fundamentais.

A *transcendência* e a *transformação* energética se distinguem de todas as ciências modernas (científicas industriais) que possam tratar do poder *sobrenatural da ciência étnica*. Esse poder sobrenatural não é um fenômeno limitado a determinados grupos ou sociedades étnicas e nem a determinadas pessoas. Ela é conhecimento universal na Amazônia.

A *Mãe d'Água* consolida seus sentimentos intuitivos e suas emoções ao **hospedar** nela a *jagwaratê* com o objetivo de *alcançar* a *Mãe do Fogo*. E então, quase sempre estimulada pela *Força energética, a coragem e garra, a Força d'Alento Universal*, elas, conseguem manifestar sua *agressividade, sua ferocidade*, dando valor energético para uso próprio, a estas *essenciais estéticas* para dar à luz a *Y'Jaú Mitã* no rio ou em casa.

Y'Mborat'e, o *entoar*, o *sonar* dos fluidos energéticos e os *sons silvestres, naturais* do *pya'hu*, do novo *coração da Y'Jaú Mitã* amazônica, jamais deveriam ter sido silenciados e adormecidos pelos especialistas e técnicos medíocres que seguem abusando deliberadamente das vontades superficiais e “**das fraquezas**” artificiais femininas, como o incentivo às *cesáreas abomináveis* sem necessidade e aos trabalhos de *partos humanizados e mecanizados* nas *salas de parto* frios.



Cepinho do fogo para assentar a caudinha branca (*cóccix*)

Anel de Madeira, banquinho de árvore atingida e cortado pelo raio, para assentar a caudinha branca e dar à luz em casa ou na **oca**.

41ª Cepinho do Fogo para assentar a caudinha: O Anel de Madeira cortado pelo raio

Um **pya'**, coração, com sentimento de **mbaraet'e**, entoares fortes, ira levantar e erguer a Mãe d'Água, para sentar-se no cepinho do Fogo

Segundo a concepção das *Mães d'Umbigo Raizeiras*, o *Anel de Madeira* ou o *Cepinho do Raio* concentra forças energéticas do Universo cósmico e da Mãe Natureza.

O **tupã**, raio e o trovão são energias que contém fogo, geram movimento e água. O raio e o trovão, juntos, nutrem a força energética do *Anel de Madeira*, a irmã árvore, quando ela é atingida pelo irmão raio.

A *irmã árvore*, logo que era derrubada pela pancada do *irmão raio*, era acolhida e banhada com *óleo de mamona* para ser aceita. Separava-se o extremo atingido pelo *irmão raio* para servir como *Cepinho do Raio* o qual ajudaria as suas irmãs *Mães d'Água a renascer* e a *Y'Agury Kapi-aí* a *nascer e transformar-se em Y'Jaú Mitã*.

Primeiramente, agradecia-se à *Mãe Terra* e, depois, realizava-se uma purificação com ervas, defumando o lugar em que a *irmã árvore* *tinha sido atingida*. Tudo isso para que as forças energéticas do raio e da água contidas nela fossem mantidas, tornando-a *suave* e *resistente* ao mesmo tempo. Seria utilizado como *Anel de Madeira*, no qual a *Mãe d'Água* iria se apoiar e recepcionar, no renascimento e no nascimento, a *Dor da Força d'Alento Universal*.



Ari'ranhas

A *honi* das nascentes da flexibilidade do ventre e da dilatação da
pélvis da Olho d'Água e da Mãe d'Água

Material: Argila ~ Dimensão: 26x26

42ª Ari'ranhas: Escancaramento da Mãe D'Umbigo, a flexibilidade do ventre e a dilatação da pélvis na Mãe d'Água

O imaginário do *ventre flexível* da Mãe d'Água.

A *transformação* e dilatação da **pélvis** na forma de **ari'ranhas**, macias, se concretizam, através da Força d'Alento Universal.

Se efetua quando a Mãe d'Água

se assenta no Cepinho do Fogo.

As **ari'ranhas** macias são donas dos bens energéticos pélvicos como a água, o fogo, que garantem a transformação e a transição da vida de *dentro* para *fora* da Mãe d'Água.

As relações de forças energéticas entre as *ari'ranhas* e a *Y'Agury Kapi-aí* e entre as *ari'ranhas* e a Mãe d'Água apresentam atributos reais.

No momento do renascimento e do nascimento, as energias se movimentam poderosamente.

43ª A Mãe d'Água se senta no Cepinho do Raio e fazer fluir a Y'Agury Kapi-aí

No Cepinho do Fogo, a
Mãe d'Água vivencia
momentos de transcendência única.

Nele acontece o seu renascimento.

. A Mãe d'Água se aprofunda
dentro do fluido de suas

águas, mergulha dentro de
si mesma, desvestida.

A *água* e o *fogo* se tornam um

para o renascimento
da *Mãe d'Água* e para o
nascimento da *Y'Agury Kapi-aí*

Minha bisavó passou para minha *mama'e* a cerimônia da *descida da Y'Agury Kapi-aí* e do renascimento da *Mãe d'Água* em casa. Ensinava a gente como assistir em casa. A Mãe d'Água tinha que renascer no *Assento da Calma*, no *Cepinho do Raio*, através da Força d'Alento Universal. É o nosso verdadeiro estilo para que a *Y'Jaú Mitã*, desça forte e se sinta bem.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira Águida* nos dizia: “quando sentir as primeiras *Dores de Puxo*, fique *sentada na calma*, na posição da *Olho d'Água*. Se tiver consigo o *Anel de Madeira*, sente-se nele e espere”. Ela dizia que a

irmã árvore de que estava feito o *Anel de Madeira* tinha muita *energia* vinda dos *raios*, dos *trovões*, do *céu* e da *Mãe Terra* e que daria forças à *Mãe d'Água* até a chegada da *Mãe d'Umbigo Raizeira*. A intenção era acalmar, relaxar a *Mãe d'Água* através do uso de *forças naturais* e de seus próprios instintos.

“Antes de viajar para outro universo, minha tataravó *Águída* passou o *Patiguá* para minha *Avó d'Umbigo Raizeira*, no qual se encontravam o *Grande Patuá*, o *Patuazinho* e o *Anel de Madeira*, essenciais para o ritual da descida da *Y'Jaú Mitã* e para o renascimento da *Mãe d'Água*”. (D. Marcolina, 65 anos)

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* levavam plantas e raízes para *defumar a casa*. Certas substâncias da natureza possuem qualidades aromáticas essenciais de significado oculto. Diziam que a *menina-moça*, sendo ou não sendo *Mãe d'Água*, tinha que saber dos recursos e da força da *Mãe Natureza*.

Segundo as *Mães d'Umbigo Raizeiras*, os remédios feitos de ervas, raízes, folhas, talos, flores, ossos, terra e cascas são importantes para o recebimento da *Força de Alento Universal*. Queimavam-se folhas de *Alfazema* e defumava-se o recinto onde a *Y'Jaú Mitã* iria descer e a *Mãe d'Água* iria renascer. No restante da casa, queimavam-se *cascas de Bálsamo*.

É difícil estabelecer limites entre os rituais e os recursos medicinais. Por exemplo, uma *Mãe d'Água* com dores intensas na cabeça poderia ser orientada a agradecer a *Mãe Terra* e ingerir remédio em meio a rituais. As ervas eram preparadas, também, de modo ritualístico pela *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Raízes, troncos, talos, folhas e flores cheirosas eram importantes para afastar as *energias malignas*, '*mau olhado*', que as pessoas traziam, para que eles não interferissem no *renascimento da Mãe d'Água* e na *descida da*

Y'Agury Kapi-aí que se transformaria em *Y'Jaú Mitã*. Desde então, por várias luas, a *mama'e* e a *criança* estariam com as *carnes profundamente abertas*. É por isso que a *Cerimônia do Passe* com *recursos e forças naturais* era importante.

“Minha *mama'e* tinha tudo preparado. Até o cavalo estava bem alimentado, descansado, pronto para ser selado. Quando alguém chegava chamando: “Dona Maria! Vem que a Carlinha vai ganhar a *Y'Jaú Mitã*”, minha *mama'e* mandava esperar enquanto ela fazia a *cerimônia de abertura com o Grande Patuá*. Logo, pegava o *Patiguá*, colocava nele a tesoura fervida envolta em panos e pegava o *Cepinho do Raio* envolto em cueiros brancos. Enquanto ela se preparava, pedia para que selasse depressa o cavalo com Sião, uma sela diferente para a *Mãe d'Umbigo Raizeira* sentar. Não montava menino-homem porque se montava de lado, montava-se *escanchado*. Ela saía escanchada no cavalo para aqueles lugares, muitas vezes muito longe para assistir a *Mãe d'Água*”.



Embira tata: Cordão umbilical de fogo

Material: Madeira Dimensão: 28x22 cm

44ª Y'We: Renascimento da Mãe d'Água e o nascimento da Y'Poty Hu, da flor bonita das águas doces

O simbolismo das **ari'ranhas** macias da Olho d'Água, da Mãe d'Água, extraídas a partir da dilatação e da flexibilidade da pélvis. A transcendência energética da Mãe d'Água em Mãe do Fogo, jaguaratê

Segundo a concepção da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, a Mãe d'Água hospedava, *transformava-se* em *jaguaratê* a fim de *alcançar* a *Mãe do Fogo*, energia primordial do renascimento e do nascimento.

A *Mãe d'Água transformava-se* em *onça* para trazer a *Mãe do Fogo* para si, e para que com isso pudesse se aproximar fogosamente do momento de seu *renascimento*.

Quando a *Mãe d'Água transformava-se* em *Mãe do Fogo*, adquiria forças primordiais e sobrenaturais. Todos os seus fluidos esquentavam e fluíam pela *cóccix*⁶.

⁶ *Cóccix*: osso remanescente da cauda dos embriões na base da coluna.

A *Mãe d'Água* faz fluir vibrações e líquidos *quentes e mornos* provenientes da simbiose da *Mãe do Fogo* e da *onça*, pois ambas possuem o *fogo primordial* do renascimento e do nascimento.

A *onça* e a *Mãe do Fogo* são de grande poder instintivo e sensitivo. As mais corajosas e poderosas sensações dos seres instintivos auxiliam a *Mãe d'Água* na sua fase intermediária, no momento *de seu renascimento*.

Desde épocas *áureas*, a toda poderosa *Mãe do Fogo* e sua energia original possuía o fogo de seus desejos, de seu prazer, de sua **coragem**, de sua garra, de sua **agressividade**, de sua **ferocidade**, de sua sensibilidade, de sua instintividade.

A *Mãe d'Água*, transformando-se em *jaguaratê*, concebe a *Mãe do Fogo* dentro de suas águas. A *Mãe do Fogo*, então, passa a superar e a dominar a *Mãe d'Água* através da *coragem*, do *prazer* e da *agressividade*, permitindo ao *menino-homem* participar de sua *fogosidade*.

A *Y'Guaçu*, chama a *Mãe do Fogo*, quando estimulada pela ação glandular ou não, cria uma forte chuva tropical, uma tempestade avassaladora. Os trovões ribombam, ecoam, gemem e os olhos da *Mãe d'Água* passam a brilhar como raios.

A *Mãe do Fogo*, e a *Y'Guaçu* e os *anéis do Lábio* e do *Beijo*, nunca entraram em decadência. Sua transcendência energética é suficientemente poderosa e ela sempre fluirá até o fim de seus dias.

“Quando estávamos perto de ganhar a **Y'Poty Hu**, a flor bonita de águas doces, nós lavávamos e penteávamos o cabelo muito bem. Depois, fazíamos uma trança com aquele cabelo comprido para deixá-lo limpo e forte durante as *luas do fogo primordial*”.

Passadas três luas do nascimento da *Y'Poty Hu*, desfazíamos a trança e colocávamos o cabelo comprido para baixo, solto, para o lavarmos na cachoeira. *Lavar, pentear e trançar* o cabelo era importante para concentrarmos toda a *Força d'Alento Universal* no centro da cabeça.

Era um sinal importante para que tudo desse certo, para que a *Mãe d'Água se transformasse em jaguaratê* e para que alcançasse e sentisse a *Mãe do Fogo* ao invés de só sentir a *Dor de Força d'Alento Universal*. Assim, a *flor bonita de águas doces*, ia descer acordada e a *placenta* desceria sem dor para ser recebida pelo *Cepinho do Fogo* e pela *Mãe d'Umbigo Raizeira*” (D. Severina, 69 anos, nove renascimentos).

O gostoso da renovação e do renascimento da *Mãe d'Água* é quando ela se transforma em *jaguaratê* (irmã íntima), ao ficar totalmente entregue à *Mãe do Fogo*.

Para a Mãe d'Água, a *Mãe do Fogo* é a irmã íntima, a *energia dos instintos intermediários*. Ela dá valor prático à *coragem*, à *garra*, a *ferocidade*, à *agressividade*, à *intuição* e à *sensitividade*.

As transformações da *Mãe d'Água* são idênticas aos ciclos cósmicos e são visíveis e invisíveis como os ciclos energéticos estacionais: primavera, verão, outono e inverno. Dentro de cada ciclo estacional observam-se os diferentes ciclos lunares: a *Lua Nova*, a *Lua Crescente*, a *Lua Cheia* e a *Lua Minguante*.

Cada ciclo estacional cósmico relaciona-se com o ciclo dinâmico natural da *Mãe d'Umbigo* na *Mãe d'Água* através da *Mãe do Fogo*. A Mãe do Fogo é a energia dos instintos, da intuição e da percepção a qual dá origem à *força da luz* da Mãe d'Água.

Essas *forças energéticas, juntas*, dão origem a duas *naturezas*: a ***natureza*** da *Força d'Alento Universal da Mãe D'Umbigo* na menina-moça - presente em cada ciclo da força de movimento da *Oguapy, ovulação e menstruação* - e a ***sobrenatureza*** da *Força d' Alento Universal* da Mãe d'Água em seu renascimento.

Intuir instintivamente, *alcançar a hospedagem* e acordar a *onça, a irmã íntima* é reconhecer e compreender essencialmente a dinâmica dos ciclos naturais da *menina-moça* e a *sobrenatureza da Mãe d'Água*.



Y'xugu-gua-mitã-pa Y'Sy

O simbolismo das *ari'ranhas* macias da *Olho d'Água*, da *Mãe d'Água*, extraídas a partir da dilatação e da flexibilidade da pélvis. A Mãe d'Água prestes a dar à luz a *Y'Poty Hu* no rio ou em casa.

Material: Madeira

Dimensão: 28x22 cm

45ª Ei Pakoa - “Favo de Mel”

Mãe d’Umbigo Raizeira modela o ‘*Favo de Mel*’; no nascimento da *Y’xugu-gua-mitã-pa* através do valor energético para uso próprio, Luqiqaman Tink’u

Assistir o nascimento da *Y’xugu-gua-mitã-pa*, a
semente madura da mama’e que está dentro dos
fluidos das águas da Mãe D’Umbigo,
na plenitude de seu movimento.

A Pachamama, Mãe Terra, é serena,

incerta, agressiva e violenta;
a ***Pacas Mili***, *Mãe Terra*, é fértil, é o tear
energético aberto ao leite e à concepção;
o ***Khenó da Pacas Mili*** é o
eletromagnetismo da concepção;

a *Olho d’Água* é a *Mãe do Rio*;
a *Mãe do Fogo* é quente, sensual e agressiva;
a *Mãe d’Água* é fluente, lenta, incerta e chuvosa;
a Mãe d’Umbigo Raizeira modela o ***estilo*** do
‘*Favo de Mel*’; no nascimento da *Y’xugu-gua-mitã-pa*.

Recepcionar a *Evyrumitã* (recém-nascida)

e colocá-la no peito da *Mãe d'Água*.

É modelar “o Favo de Mel”, *Ei Pakoa*.

Todas podem realizá-lo, porém, não é fácil fazê-lo formosamente sem o sentimento, a sensibilidade, a sensibilidade e a emoção da *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

A *sensibilidade* e a *sensibilidade* para vivenciar a chuva da *Mãe d'Água* no nascimento da *Y'xugu-gua-mitã-pa* é um mistério que a *Mãe d'Umbigo Raizeira* vivencia e experimenta através da *modelagem* do **Favo de Mel**.

O *Favo de Mel* é o começo do fim da *Y'Agury Kapi-aí* que conforme o passar do *tempo* inevitavelmente irá se tornando visível e irá preenchendo o *espaço* interior da *Mãe D'Umbigo*.

Uma vez atingido o limite certo de amadurecimento, a mudança da *Y'Agury Kapi-aí* para o lado oposto se mostrará inevitável. Ela percorrerá fluidos nunca percorridos que a conduzirão e a transformarão em *Evyrumitã*, uma nova energia da vida.

Os estímulos das *Mães d'Umbigo Raizeira* são bem-vindos, porém o poder vivificante, o movimento, o tempo e o espaço percorrido desde o início pela *Mirĩ he'ixu-pe foram* também necessários para que haja a assistência e a recepção da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, para que a luz se desenvolva através da *Mãe d'Água*.

O poder energético da *Mirĩ he'ixu-pe* foi percorrer os *fluidos energéticos* nunca percorridos e que nunca mais irá percorrer. Essa realidade soberana lhe dotará de força, potência energética para seu nascimento úmido.

O despertar da *Mirĩ he'ixu-pe* através da umidade, da chuva da *Mãe d'Água*, é uma evolução, um amadurecimento, pois os fluidos da chuva, a suavidade gelatinosa influenciará a abertura da *Y'Guaçu*, os anéis do *Lábio* e do *Beijo* e o *canal de nascimento, via baixa*.

A modelagem da *Mãe d'Umbigo Raizeira* recriará o encontro culminante da *Mãe d'Água* com a *Y'xugu-gua-mitã-pa*. A unificação do nascimento será concluída através da *Força d'Alento Universal*.

Seguindo essa linguagem sobrenatural da *Mãe d'Água* com a *Y'xugu-gua-mitã-pa*, nada perturbará essa relação, o fluir do vínculo *energético* de dar à luz ao *novo coração, pya'hu*.

Elas virão a se unificar quando os opostos complementares estiverem presentes, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e a *Mãe d'Água*. Não se deve negar o poder desta polaridade do renascimento da *Mãe d'Água* e o nascimento energético do *pya'hu, novo coração*, através do '*Favo de Mel*'.



O Patuá do 'Favo de Mel' da Mãe d'Umbigo Raizeira

Um *pya'*, *coração*, com sentimento, sensibilidade, confiança e solidariedade para dizer: *vou recepcionar a Y'Jaú Mitã, o ajayo, a energia, o fogo do novo coração.*

46ª ‘Favo de Mel’ da Mãe d’Umbigo Raizeira: Aparar o nascimento da Y’Jaú Mitã

*A Mãe d’Água é potencialmente energética,
livre e imprevisível como a Olho d’Água*

*A Mãe d’Água que tenha renascido de
si mesma divina e da energia amazônica pode
dizer que só a existência do corpo em si não basta.
A Mãe d’Água não carece de fluir numa
cadência e seu ritmo energético.*

*A Força d’Alento Universal
constitui-se de fluxos energéticos com
emanações fluentes,
contínuas, dinâmicas e expansivas
como as águas da Olho d’Água.*

*A existência da Mãe d’Água é semelhante à das
‘parentes’, Olhos d’Água, das águas do rio, nas
quais o fluxo energético e as emanações são
liberados pela polaridade formada pela
Olho d’Água e pelo fluxo do rio.*

*Ir contra esse fluxo energético a levaria à
desarmonia, às doenças e às frustrações.
O segredo da Olho d'Água, a Mãe do Rio, era
soltar-se na correnteza, na via fluvial baixa,
pois as fluentes águas saberiam conduzi-la.*

*O futuro das Mães d'Água dependerá do fluxo
de suas memórias do passado, a Olho d'Água.
As Mães d'Água são imprevisíveis como os
fluxos energéticos, que geram cadência e
calor na Mãe D'Umbigo, ventre materno.*

*A energia e o renascimento da Mãe d'Água e do nascimento da
brotinha é bem nossa, é um ritual sobrenatural nosso, é da Olho d'Água, da
Mãe do Rio, da Mãe d'Água e da Mãe d'Umbigo Raizeira. Ninguém pode
arrancar; ninguém pode nos roubar. Suas sementes e raízes se encontram na
quentura da Mãe do Fogo, a jaguaratê, que traz instinto, sagacidade,
coragem, ferocidade, agressividade, independência, união e que faz
desabrochar os fluidos maternos.*

*A Mãe d'Água não pode ser usada e jogada pelos mecânicos de sangue
frio. Como lhes revelar o nosso estilo? Será que ainda devemos suportar a
sangueira, o tormento e a agonia das máquinas frias? Todos os fluxos da
Mãe D'Umbigo surgiram faz milênios e continuará a fluir para enflorar a
Mãe d'Água.*

*Na nossa terra, ninguém ousava dar à luz deitada na cama (posição
horizontal). Dar à luz, para nós, era estar quente, molhada. Era festa, riso,
alegria, solidariedade. Era estar sentada na calma no Anel de Madeira junto
com a Mãe do Fogo e a Mãe D'Umbigo, assistida pela Mãe d'Umbigo*

Raizeira de mãos incandescentes que modelam o ‘*Favo de Mel*’. Esse é o nosso estilo. Como lhes revelar a dor do “*parto de ferro*” realizado pelo “*sangue frio*”?

A *transcendência pessoal* nos renascimentos e nos nascimentos, a *Força d’Alento Universal*, faz parte da vida, mas acha-se severamente ameaçada pela repressão e pela discriminação exercida sobre as *meninas-moças*, as *Mães d’Água* e as *mulheres-mães civilizadas* em razão de suas etnias, de seus valores, de suas crenças e de sua *Força d’Alento Energético*.

Há 525 anos, na *Terra sem Males*, muitas mulheres vem sendo vitimadas, enlaçadas e torturadas pelo seu livre arbítrio, pelo direito de ser, de ir, de vir, de pensar sobre suas práticas, seus valores tradicionais, seus costumes, seus problemas e de resolvê-los de acordo com sua realidade e suas necessidades.

Outras se viram envoltas em dolorosas experiências laboratoriais sob a crença de que todos os seres são mecânicos e que não existe nada dentro deles, percebendo-se, somente agora, o dano e o medo produzido pelos partos institucionais e suas profundas implicações para o futuro da *transcendência feminina*. Por representarem lembranças **traumatizantes** do parto institucional, quantas crianças foram abandonadas pelas mães? Ninguém sabe. Quantas crianças ficaram com sequelas? Ninguém sabe dizer.

Devemos perceber a vitimização da *Mãe D’Umbigo* e da *Mãe d’Água*, como consequência de atos brutais e desapiedados cometidos pela civilização moderna. A **tortura** apresenta maior particularidade e **atrocidade** quando aplicada à *menina-moça*, à *Mãe d’Água* e à *mulher-mãe civilizada pela sua vulnerabilidade física, psicológica e energética*. Seu dano parece ter efeitos *multifacetários* devido a características do papel exercido pela *Mãe d’Água* na

sua comunidade, na sua transcendência e na *reprodução do fluxo* da *Força d'Alento Energético*.

O tratamento dado às *Mães d'Água* nas *instituições civilizadas* inclui *ameaças, opressões psicológicas e físicas*, as quais exercem antecipadamente um efeito desmoralizador e mortífero, pois para a *Mãe d'Água* e para a *menina-moça*, o deitar-se na '*cama de ferro*' para o *parto ginecológico* é algo associado à doença e à morte porque elas só se deitavam em situações graves e de morte na *Bandeira do Grande Ágade*.

47ª A dor de puxo e a grande dor de Força d'Alento Energético

A cadência da dor da Mãe d'Água numa gota de água

Sim, as *águas* da Mãe d'Água
fluirá abundantemente e a *mama'e*
ficará *bem úmida*.

Sim, o *ritmo* da *dor* da Mãe d'Água
emanará tempestuosamente e o
fluido das águas irá *parando*.

Sim, o *ritmo da dor* da Mãe d'Água *diminuirá*
e a *Y'Poty Porã'*, '*flor bonita*', das águas
limpas não *nascera gaparenta*.

Sim, o *ritmo da dor* da Mãe d'Água
será *tranquilo* e a *Y'Poty Porã'*,
das águas limpas não *sairá visquenta*.

Sim, o *ritmo da **dor*** da Mãe d'Água será
mansinho, a '*flor bonita das*
águas limpas, *fluirá suavemente*.

A **Dor de Puxo** é a primeira dor que a Mãe d'Água sente, é o começo de todo um encadeamento energético do organismo sensorial da *mama'e*. São

os primeiros movimentos bilaterais alternados da *contração* da Mãe D'Umbigo e da *dilatação* da *pélvis* e a *flexibilidade* e o *escancaramento* da Y'Guaçu, dão início ao *renascimento* da Mãe d'Água e à conclusão da *concepção energética*. O organismo sensorial reage de maneira adequada a estes *movimentos vibrantes*, os quais originam a *força energética* ou a *Dor de Puxo*, que em sua evolução se constituirá na *Força d'Alento Universal* da Mãe d'Água.

O rompimento da ***bolsa d'água*** é sinal de *acomodação* da Y'Gury Kapi-aí, principiando os movimentos bilaterais das *contrações* e das *dilatações pélvicas*, possibilidades vitais e inalteráveis que favorecem e criam meios de defesa apropriados para a *mama'e* e para a Y'Jaú Mitã. Esses fenômenos sobrenaturais compensadores e *auto reguladores* poderão se desencadear de maneira inadequada **se** sofrerem ***intervenções*** através de perturbações perigosas como, por exemplo, ***furar*** a *bolsa d'água* mecanicamente antes da acomodação da Y'Gury Kapi-aí.

A ***Dor de Puxo*** recopila o início da criação do Universo energético ordenado, rítmico, inalterável, imutável e invariável. Ela transforma esse momento numa realização simbólica do *renascimento da Mãe d'Água* e o *nascimento da Olhinho d'Água*, Y'Jaú Mitã.

Os *fluidos gasosos* entram em contato com a Y'Gury Kapi-aí e com as suas correntes circulatórias, de dentro para fora; essas correntes magnéticas a puxam e a atraem para fora. A Mãe d'Água se *movimenta*, no ***tempo interno*** e no ***espaço externo***, no *Cepinho do Fogo* para receber seu novo coração, ***py'hu***, que chega procurando o sopro magnético do *Universo aberto* e o calor maternal.

A *Força d'Alento Energético* da Mãe d'Água do seu *renascimento* se identifica com a ordem cósmica, fenômeno que determina a *expiração* e a

inspiração da essência da Y'Jaú Mitã: a valorização do florescimento da continuidade da espécie através da Dor de Puxo e do Ritmo da Dor da Força d'Alento Universal.

“A primeira dor que aparece sempre é a *Dor de Puxo*. Vem aproximadamente de 15 em 15 minutos. Ela é muito fraquinha. É só um aviso. Se for para *dar à luz*, as *Dores da Força d'Alento Universal* vem em intervalos de 10 em 10 minutos. A partir disso, as dores começam a se prolongar e o tempo a se encurtar”.

Conforme as *Dores da Força d'Alento Universal* vão aumentando e se prolongando, todos os movimentos vão se interligando de dentro para fora: o movimento da *força da Mãe do Fogo*, o movimento da *força da luz* e o movimento da *Força d'Alento*. As carnes, a **Y'Guaçu** e os *anéis* se abrem junto como *canal de nascimento via baixa*, a *contração vai aumentando* e o *tempo vai diminuindo* até a renovação, o renascimento da *Mãe d'Água* e o *nascimento da Y'Jaú Mitã*.

As dores da *Força d'Alento Universal* vão se tornando cada vez mais prolongadas e frequentes. Conforme vão passando os intervalos entre a *Dor da Força d'Alento* e a *Grande Dor da Força d'Alento Universal*, elas vão aumentando para 5, 10, 15, 30, 40, 50, 60 segundos. As dores vão ficando cada vez mais intensas até vir a *Grande Dor da Força d'Alento Energético*, culminando no renascimento e na renovação da *Mãe d'Água*.

Os sentimentos instintivos e intuitivos sobrenaturais, da **ferocidade** e a **agressividade** herdadas das *Olhos d'Água* inspiram a **coragem** e a **garra** para que as *Mães d'Água* se mantenham lúcidas e conscientes na recepção da *Dor de Puxo* e de seu complemento, a **Grande Dor da Força d'Alento Universal**. A **dor** faz parte do organismo sensorial da *Mãe d'Água* e da *mulher-mãe*, que a recebem no seu estado sobrenatural, já

que ela não é um fenômeno recente ou limitado a determinados grupos étnicos. As **dores** dos nascimentos energéticos sobrenaturais *são universais*.

O ritmo da dor da Força d'Alento Energético e a Força d'Alento Universal: na Y'Guaçu, os Anéis do Beijo, do Lábio e no Canal de Nascimento via baixa

De 15 em 15 minutos - dor de puxo (3 vezes).

De 13 em 13 minutos - dor de puxo (3 vezes).

De 11 em 11 minutos - dor de puxo (3 vezes).

De 10 em 10 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes).

De 9 em 9 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes).

De 7 em 7 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes)

De 5 em 5 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes

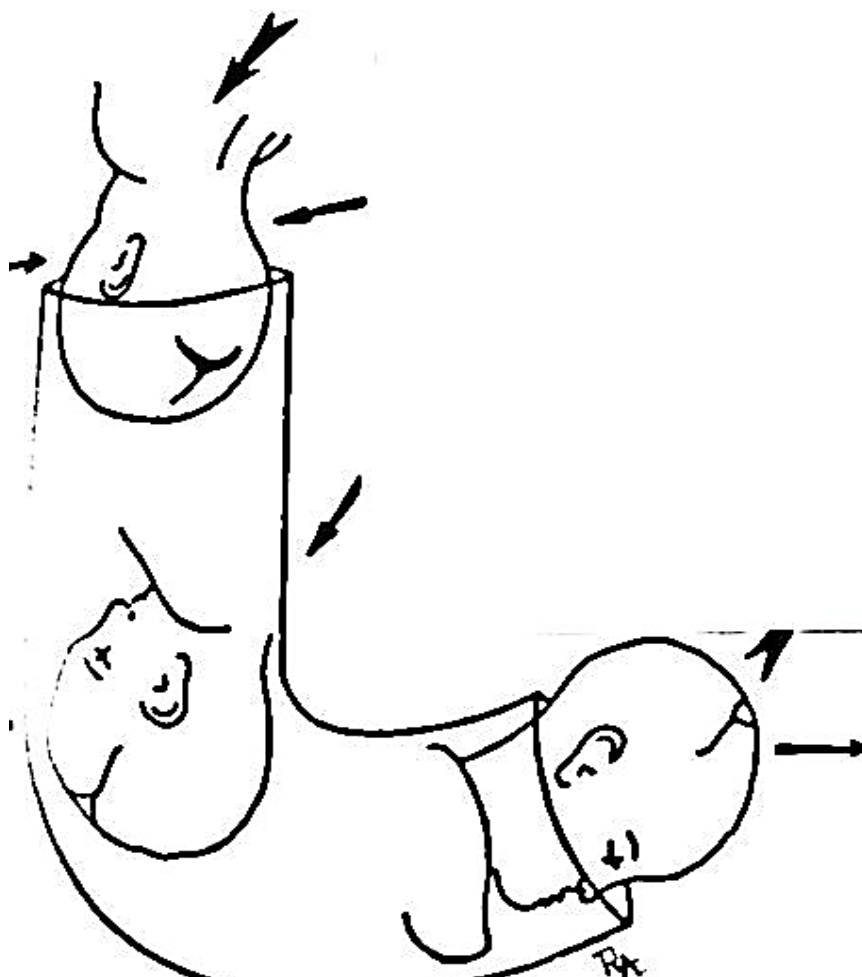
De 4 em 4 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes).

De 3 em 3 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes).

De 2 em 2 minutos - dor da Força d'Alento (3 vezes).

De **1 em 1** minuto vem a **Grande Dor da Força d'Alento Energético**.

Os *movimentos*, o *tempo interno* e o *espaço externo* (Pacha), fundamentais do nascimento sobrenatural. O *seguem*, o **desapego**, o **desprendimento energético** da Mãe D'Umbigo; entrada e acomodação na *pélvis flexionada*; encaixe na Y'Guaçu, descida e saída pelos Anéis do Lábio e o Beijo, e o canal de nascimento de via fluvial baixa, uma vacuidade que dá origem a todas as plenitudes de *coragem e garra*, através do *valor energético para uso próprio*, Luquiqaman Tink'u, da Mãe d'Água, *harmonia finita*.



Y'Agury Kapi-aí, olhinho d'água

Antes nascer, no canal de nascimento de fluxo via baixa.

Fim do **apego** e o início do **desprendimento** da Mãe D'Umbigo

O **desapego** e a descida da **Y'Gury Kapi-aí**, chegando ao **Y'Guaçu** e aos anéis do Lábio, do Beijo e ao termino do canal de nascimento dos fluidos de via baixa.

48ª A descida da Y’Gury Kapi-aí, Olhinho d’Água: Fim do apego com a Mãe D’Umbigo

A transcendência energética, nos nascimentos sobrenaturais de
assento no cepinho do raio

Os campos magnéticos da Mãe Terra e da Mãe d’Água atraem a
Y’Gury Kapi-aí para baixo, complementando sua evolução
sobrenatural.

Conforme a *lei da transcendência* universal da
atração dos organismos sensoriais nos
nascimentos de assento, a aura
imantada da flexibilidade da pélvis da
Olho d’Água se transforma e *atrai* a *Y’Gury Kapi-aí*,

pela lei da *atração universal* dos
campos *magnéticos* imantados, a
Mãe Terra e a *Mãe d’Água*, *atraem* o seu
polo oposto complementar, a *Y’Gury Kapi-aí*
no término da evolução do nascimento.

Assim, cumpre-se uma sucessão cadenciada dos grandes encontros das
emanações energéticas e as relações dos *movimentos* magnéticos da *Mãe*
d’Água, o *renascimento* e o *nascimento* sobrenatural da *Y’Gury Kapi-aí*. Para
que a passagem e a descida sejam possíveis, a ‘*olhinho d’água*’ vai se

adaptando ao *movimento interno*, ao espaço *externo* (à forma), à *dilatação* e às dimensões do canal de nascimento *via fluvial baixa* materna ou canal de nascimento **úmido ou seco**.

Ao não *interferir* desnecessariamente nos nascimentos *espontâneos sobrenaturais de assento*, não se subtraem nem se absorvem o tempo e o espaço *favoráveis* da Mãe d'Água e da *Y'Gury Kapi-aí*, as quais estarão em estado de *plenitude energética* para a evolução do nascimento da **olhinho d'água**.

A circulação de energia no campo magnético não é visível, porém, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* consegue perceber e sabe percorrer os fluidos da *Mãe d'Umbigo*, ventre materno para assistir a *Mãe d'Água* no nascimento de assento.

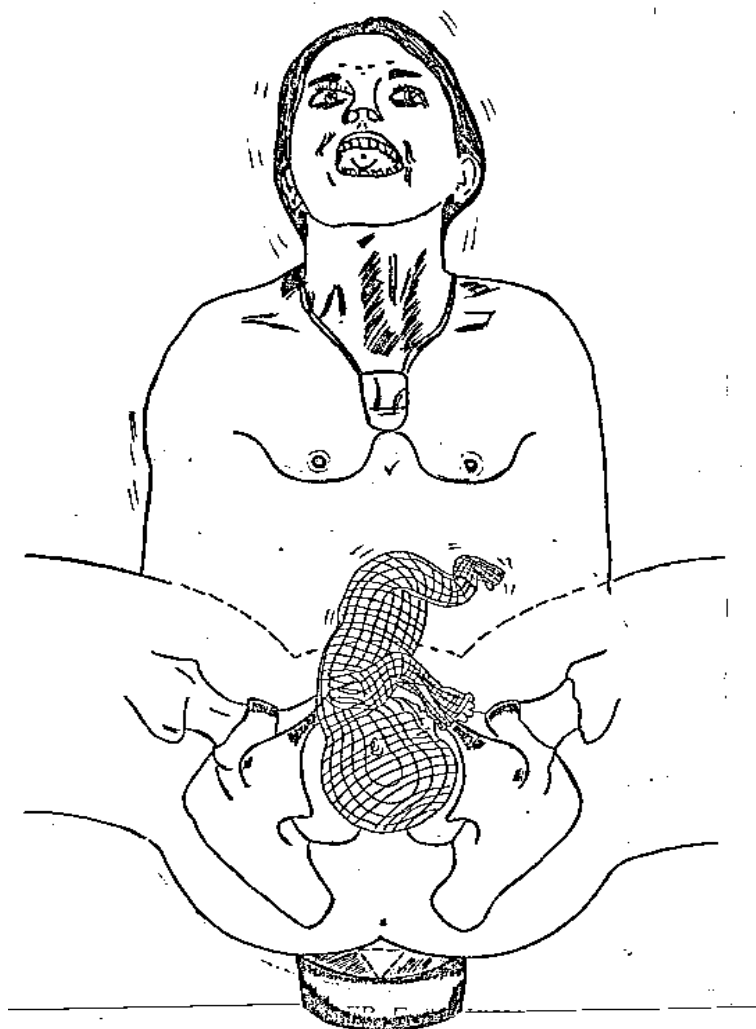
Quando o *campo magnético* e o sistema *imunológico*, sinônimos que dão origem à existência no novo mundo, e o organismo sensorial da *Mãe d'Água* se encontrarem *tempo favorável*, a *mama'e* estará aberta para *fazer vibrar* intensamente a sua energia. Inicialmente, ela *chegará a alcançar* uma temperatura confortavelmente *morna a quente*.

Logo essa '*faísca*' irá evoluindo na *Mãe d'Água* até ela se esquentar o suficiente para se tornar uma *fonte de luz* em vida, uma *Tatapy Sy*, *fogo maternal*, com ânimo vibrante, *corajosa, feroz, sagaz e agressiva, etc.* Assim, ela concentrará e manterá a sua *energia potencial* e da *Mãe do Fogo* e não a *dispersará*.

Para manter a *Tatapy Sy*, a *mama'e* deverá ficar sentada no *Cepinho do Fogo* e deverá ter *vivência, consciência*, de todos os seus movimentos, fazer fluir seus instintos e suas *vibrações energéticas* em todo seu *organismo sensorial*.

A **dor fria** não prevalece quando se deixa fluir e refluir naturalmente o calor no organismo sensorial materno. Ela persistirá somente *se houver excesso de frio, tensão nervosa, medo, ansiedade*, provocando o **endurecimento** das *carnes*, dos músculos, das articulações do organismo todo, fazendo-o retrair. Nesse caso, a *Mãe d'Água* acabará perdendo sua sensibilidade e sua sensibilidade receptiva perante a sua sobrenatureza.

Se a *Mãe d'Água* manter as suas vibrações energéticas e o calor durante toda a evolução do seu renascimento, ela se recreará durante o nascimento da *Y'xugu-gua-mitã-pa*, num profundo '*paraíso do fogo terrestre*', o '*magma*', que irá se manter para o bem dela e da *mitami ogureko*.



Abertura da Y'Guaçu e da pélvis flexível,
mostrando as ari'ranhas ablandadas

Os *anéis* do Beijo, do Lábio e o canal de nascimento via fluvial baixa.

O nascimento da *Y'Agury Kapi-ái* através do *Cepinho do Raio*.

A *Y'Agury Kapi-ái* se move no espaço materno, o tempo necessário, entre as *ari'ranhas macias*, ***pélvis flexíveis***. A ***olhinho d'água*** em virtude do fluido de suas *forças* energéticas em movimento, ela é atraída pelas forças energéticas da *Mãe Terra*.

49ª Mitami Ogureko: O nascimento da Y'Agury Kapi-aí

Mirĩ he'i ixu-pe

A semente que se transformou dentro das águas da *Mãe D'Umbigo*

O escancaramento da *Mãe d'Água*.

Num momento favorável, num tempo certo, tanto
para a *Mãe d'Água* como para a *Y'Agury Kapi-aí*

Nos nascimentos de assento realizados no
Cepinho do Fogo pelas *Mães d'Água*.

Sentar-se na calma

'é escancorar a *Mãe do Fogo*' para abrir
as carnes e vibrar no tempo e o espaço certo.

Sentar-se na calma no *Cepinho do Fogo* é
escancorar a *coragem*, as *garras*,

a *ferocidade* e a *agressividade* nos
nascimentos sobrenaturais.

'*Sentar-se na calma*' é atrair o rito de
transição da *Mãe d'Água*, cada renascimento
sobrenatural é uma volta à *origem da Mãe Terra*.

A Mãe d'Água atrai a

Y'Agury Kapi-aí, para a *Y'Guaçu*.

Influenciam-se mutuamente nos
nascimentos sobrenaturais de assento
no *Cepinho do Fogo*.

A Mãe d'Água possuída pelo seu poder de *transcendência* energética deverá se '*sentar na calma*', no *Cepinho do Fogo* e assim, conseguirá **coragem e garra** para escancarar suas carnes nos nascimentos de assento em casa.

A Mãe Terra e a Mãe d'Água, '*imantadas*' por natureza, possuem fluidos energéticos de *força positiva*, T'UY, que atraem para baixo a Y'Agury Kapi-aí, de *força negativa*, P'UY. A Mãe Terra e a Mãe d'Água são forças complementares atraindo um outro **imã**.

Qual a origem da evolução sobrenatural do nascimento da Y'Agury Kapi-aí imantada? Deve-se esperar o **tempo útil**, o momento **favorável** para a Y'Agury Kapi-aí e para a Mãe d'Água. Não deve ser demasiado cedo nem demasiado tarde.

A circulação de energia num campo magnético não é visível, porém a Mãe d'Umbigo Raizeira consegue reconhecer e perceber o momento favorável porque ela se orienta pela **teia** milenar dos fluidos energéticos da Y'Agury Kapi-aí, pelos sons vibratórios da pélvis (das *ari'ranhas macias*) e pelos movimentos das águas no **pé da barriga** da Mãe d'Água.

Ao seu agrado, a Mãe d'Umbigo Raizeira espera o **tempo útil**. Ela acredita e confia. A energia do organismo sensorial da Y'Agury Kapi-aí se encontra envolta num campo magnético. Quando a Y'Agury Kapi-aí atinge sua *plenitude*, fica cheia de energia e chega o tempo favorável para ela se manifestar, deixando o Anel d'Aguaí, a placenta, dirigindo-se à **Y'Guaçu**, aos *anéis* e ao canal de *nascimento de fluxo via baixa*. Esse é o tempo e o momento adequado para que a *grandeza energética* da Mãe d'Água seja estimulada.

É preciso esperar o fortalecimento da energia da Y'Agury Kapi-aí para que ela seja atraída pelas **ari'ranhas imantadas macias e flexíveis** (pélvis).

Quando definitivamente termina sua passagem e aparece nos *anéis*, agora transformada em *Y'Poty Hu*, a '*flor bonita de as águas doces*', são atraídas para **baixo** e para **fora**, a energia da Mãe d'Água se restabelecerá naturalmente por si mesma.

Muitos problemas poderão ser evitados no futuro, aceitando-se a *atração sobrenatural* dos organismos sensoriais opostos que se estimulam em base aos movimentos complementares dos campos magnéticos imantados, *positivo e negativo*, como é o caso da *pélvis flexível* da Mãe d'Água e da evolução energética da (o) '*olhinho d'água*'.

Da percepção do *tempo favorável*, obtém-se a transcendência da *atração universal energética* dos polos opostos complementares favoráveis ao nascimento da *Y'Agury Kapi-aí*.

Sentar-se na calma é, de fato, *dispersar os pensamentos perversos* e manter o **fogo** do nascimento aquecido. A tranquilidade da Mãe d'Água consiste em fazer *fluir o próprio coração* e a Mãe do Fogo para *intuir, sentir, ouvir, escutar, compreender e abraçar* todas as forças energéticas da Mãe Terra.

Sentar-se tranquilamente e se escancarar é basicamente uma forma de realização que '*arrebenta as carnes*', *aliviando* todos os **medos**.

"Pronto, desce tudo *quente e frio*. '*A olhinho d'água*' estava *florelando* e eu podia senti-la caindo".

"Oi, pode ficar tranquila que *seu 'olhinho d'água'* vai descer. Você pode ficar sossegada. Seu *olhinho d'água* vai descer e sair com a *força* que a Mãe D'Umbigo e a Mãe do Fogo possuem. Fique sossegada, Mãe d'Água, que eu, sua Mãe d'Umbigo Raizeira, estarei te *acompanhando* em todo o *fluir das águas*".

O primeiro sinal é a expansão, abertura instantânea do Anel d'Água, bolsa d'água, sinal de renovação.

“Senti que meu Anel d'Água tinha se expandido. Então, me lembrei do que a Mãe d'Umbigo Raizeira disse no princípio: se a bolsa d'água, se abrir, **não** é para sentir dor, mas é para sentir água escorrendo entre as pernas. É sinal de ficar sentada na calma, no assento do fogo, no Cepinho do Fogo. Isso que eu fiz. Sentei no Anel de Madeira para que a Y'Agury Kapi-aí **não voltasse ao colo** da Mãe D'Umbigo, porque a raiz da força dela estava nela.

Sentada na calma, tinha que me balançar muito devagar, para frente e para trás. Eu fiz isso porque senti algo quente descendo. Parecia que meu corpo estava se escancarando e algo estava se movendo no pé da barriga. A Y'Agury Kapi-aí estava começando a **sair** e eu podia senti-la, mexendo-se para baixo. Podia sentir meus **ossos brandos** (bacia e quadris, as ari'ranhas) se abrindo e se separando para os lados. A Y'Agury Kapi-aí estava **rotando** e se **acomodando**.

Quando eu estava sentindo tudo isso escancarada no Anel de Madeira, a Mãe d'Umbigo Raizeira chegou. Ela me disse para deitar rápido. Era para ela perceber através do toque se o colo da Mãe D'Umbigo estava escancarando, dilatando. Ela me toca suavemente e me disse: está tudo muito bem. Volta a sentar, que juntas vamos receber “a olhinha d'água”.

Ela deu início à cerimônia de renovação através do Grande Patuá e do Patuazinho. A Mãe d'Umbigo Raizeira ficava aliviando nossos medos, nossas preocupações, dizendo que temos uma Força d'Alento e que se quiséssemos ser muito bem-sucedidas em nossa renovação e no fluir do ‘olhinho d'água’, tínhamos que nos ajudar.

Eu tinha **confiança** em mim e nela. Ela continuava a me encorajar dizendo: *essa chuva espontânea do Anel d'Água* não vai terminar e é a melhor coisa que podia acontecer. *Sentir essa chuva quente descer* é um bom sinal. *'Teu renascimento vai ser molhado'*. Conversar com a Mãe d'Umbigo Raizeira era muito importante porque você *podia falar de teus sentimentos* e porque o momento da *renovação* era valioso para nós. Então, eu levei as mãos para a *Y'Guaçu* e os *anéis do Beijo e do Lábio e ao canal de nascimento via baixa*, e toquei onde descia a *chuva quente*, *senti-me toda molhada* e isso me fez acreditar que tudo ia sair bem.

A Mãe d'Umbigo Raizeira ficou *agachadinha*, de **joelho a joelho**, junto às minhas pernas escancaradas a fim de ter uma visão completa e para que pudesse se mexer com total *flexibilidade*. Com as mãos umedecidas com um pouquinho de *azeite doce de mamona*, devagarzinho dava início à cerimônia do **Toque**.

Deslizava as suas mãos suavemente desde a região dos rins até alcançar o *pé da barriga* e deste, até a *Y'Guaçu*, canal de nascimento. Suavemente, ia ajudando a afastar os *anéis* fazendo círculos, até que ficassem completamente abertos.

Eu mesma ajudava no momento da minha renovação. Começava a forçar com minhas próprias mãos o centro do *anel do peito* ou o *anel de descida* (diafragma).

Sabia que de qualquer maneira tinha que descer. Não podia ficar dentro para sempre, então, eu ajudava a minha Mãe D'Umbigo a *abrir os Anéis*, e a Mãe do Fogo e a Mãe d'Umbigo Raizeira me ajudavam. Mesmo assim, eu precisava de minhas irmãs *Mães d'Água* juntas, no quarto, comigo. Era importante, também, ter alguém da nossa comunidade. Alguém tinha que

estar perto de mim, me preparando, me incentivando, para que pudesse continuar a me fortalecer.

Muitas Mães d'Água não desejavam ninguém por perto a não ser a *Mãe d'Umbigo Raizeira*, sua mãe e seu marido. Outras queriam a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e sua mãe; outras desejavam ficar só em companhia da *Mãe d'Umbigo Raizeira*; outras não desejavam ninguém. Cada uma tinha seu próprio *estilo*. Outras ganhavam ainda a '*olhinho d'água*' dentro da *capoeira*, junto das *irmãs árvores* e da *corrente do rio*; outras renasciam sentadas na *Ky-A*, rede.

Umas diziam que ficavam envergonhadas, algumas se transformavam *agressivamente*, outras gemiam demais, esperneavam, gritavam, outras pediam silêncio completo e sussurravam a si para que a *Força d'Alento brotasse com mais força*. Mas muitas *Mães d'Água* seguiam direitinho no *estilo*. Diziam que ter muitas *irmãs d'Água* ao seu redor lhes traziam conforto e alento. Eu mesma não me importava que as *irmãs d'Água* ficassem perto de mim.

Para mim, quanto mais *irmãs d'Água* perto de mim tanto melhor. Elas me transmitiam mais *Força d'Alento*, Forças Energéticas Universais. Elas contavam piadas, faziam tricô, falavam de seus *sonhos*. Para mim, isso representava força, **coragem** e **garra** nessa experiência tão importante e profunda de renovação e de renascimento.

O *segundo sinal*, depois de um bom tempo, era quando os *Anéis da carne* ficavam completamente abertos. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* falava que era para aumentar os *movimentos dos anéis da carne* (aumentar os tônus muscular). As *Dores de Puxo, contrações*, eram tão dolorosas que toda nossa atenção ficava só nesse ponto da *Mãe D'Umbigo*. Não tinha outra coisa além

da *Dor de Puxo* no ventre e a *Mãe do Fogo*. Tudo queimava no meu corpo, o corpo todo tremia. *Nesse vai e vem acontecia o grande trovão.*

A *Dor de Puxo* vinha de 15 em 15 minutos e, nos intervalos, tinha uma sensação de fogo que me mantinha totalmente escancarada. Pedia chá, pedia muita água, *fazia muito xixi. Ah! Era incrível!* As contrações eram muito fortes. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* me massageava a cada *Dor de Puxo*. Sentia que elas ficavam cada vez mais intensas.

Meu corpo estava *irradiando fogo*. Acho que meu corpo sabia o que estava acontecendo. Quando a dor era muito forte, ela simplesmente parava de me atormentar e começava a relaxar. Essas *vibrações* não me machucavam, mas faziam *estremecer todo o corpo*.

Muitas vezes, me contorcia com a *Dor de Puxo*. Respirava muito devagar e em cada contração me abandonava. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* dizia que estava indo bem. Eu ficava vibrando no *Anel de Madeira*.

As *vibrações* começam no alto da *coroa* e vai descendo, vai descendo, vai queimando por todo o *Tronco Branco* até chegar à *caudinha (cóccix)* ou à raiz do *Tronco Branco*.

A *grande dor de Força d'Alento* puxa a gente de cima para baixo. Ela é muito forte mesmo. A gente sente como se a ***Mãe D'Umbigo*** se rasgasse. Ela faz a *Y'Guaçu* se escancarar e faz tremer o *Anel de Metal*, períneo.

Muitas Mães d'Água e a gente mesmo tem a sensação no momento de fazer *brotar a 'olhinho d'água'*. Eu pensava que ia fazer *obra* (vontade de ir ao banheiro e fazer coco), mas não era. Eu sentia que as *carnes estavam repuxando*. Tinha a sensação de que todo meu corpo iria se estremecer. Eu me sentia escancarada e cheia, principalmente no *pé da barriga*. Estava cheia

e, então, vinha vibrando, vinha aquela força quente. Era a *Mãe do Fogo*, a dor de Força de Alento. Parecia estar queimando todo meu corpo.

Aí, veio como um **estouro** pelo *Anel do Beijo*, canal de nascimento via fluvial baixa. Tudo ficou aberto e quente. As dores iam ficando muito mais intensas até vir a grande *Dor de Força d'Alento Universal*. **Pronto!** Descia tudo *quente e frio*. A *Y'Poty Porã*, a 'flor bonita', estava *brotando* e eu podia senti-la puxando para fora.

Sentia que a *Y'Poty Porã* começava a sair e a *Mãe d'Umbigo Raizeira* dizia que podia fazer um último esforço para que ela saísse totalmente. Eu estava toda *entregue*. Só ficava esperando a nossa *irmã*, o **Anel d'Águaí**, *placenta*, descer para que o nosso renascimento se completasse”.

Para conseguir perceber a *plenitude* da energia da *Y'Agury Kapi-aí* é necessário saber escolher a *Pacha*, o *movimento*, o *espaço* e o *tempo certo*, o *momento favorável* tanto para a *Mãe d'Água* como para a *Y'Poty Porã*.

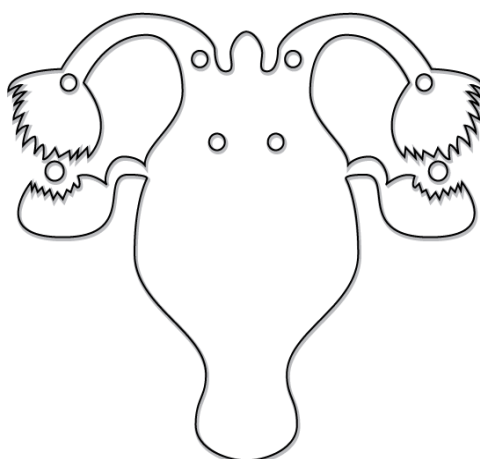
Observar, perceber e intuir a *plenitude da energia* da *Y'Poty Porã* o *tempo favorável* da *Mãe d'Água* não é tão simples, é uma *arte delicada*. As *mulheres-mães*, com sua **intenção**, a **intuição** e sua **instintividade** *aguçada*, sendo bem treinadas, farão fluir bons nascimentos energéticos.

*Campo magnético em equilíbrio e o sistema imunológico, são sinônimos



Configuração da levitação da poraceí

Existe uma infinidade de *movimentos energéticos* dentro da **Etã**, ovário, movimentos de contração e de expansão, nos quais se recria a **Poraceí**, óvulo, para a sua '**levitação**'.



O rito do *Maita*, o primeiro impulso, a '*levitação*' da *Poraceí*, óvulo, da *Etã*, ovário, para a *Poty maru* (flor que se abre), *trompa*.

A imagem da *poraceí* levitando da *Etã* pra *Poty maru* é nosso conhecimento.

50ª A Mãe d'Água molhada ou seca

Movimentos molhados que fluem ou
movimentos secos que estancam na Y'Guaçu

Jaxy Ovoguacu, Lua Cheia, Lua d'Água
Descida em ritmo e fluxo da umidade, cadenceio

Os fluidos da **energia**, da **água** e o
sangue são a mama'e das mães!
A Olho d'Água e a Mãe d'Água,
fluem por causa da persistência da
atração da *umidade da Lua*.

Elas são estimuladas a passar por esse
processo sobrenatural de purificação.
A Olho d'Água e a Mãe d'Água
são fontes do *Anel d'Aguai*
(placenta) das nascentes

sobrenaturais, fazendo fluir a
Mirĩ he'i ixu-pe (embrião), a semente da
mama'e dentro das águas na plenitude
do seu desenvolvimento.

Amadurecida a *Mirĩ he'i ixupe*, flui
para fora rapidamente ou lentamente
transformada em *Y'Agury Kapi-aí*.
Sendo recebida como *Y'Poty Porã*.

Duas formas de desenvolvimento podem se suceder na *passagem* da *Y'Agury Kapi-aí* pela *Y'Guaçu*: *fluente e molhada* ou, então, *truncada e seca*

A *Mãe Cósmica* e a *Mãe Natureza* determinam o movimento, tempo, a *dilatação*, a *flexibilidade* da *pélvis* e a *abertura* da *Y'uaçu* no *Y'we*, *renascimento e nascimento*.

As **Mães d'Água*⁷ aceitam o *resguardo* como um dos incentivos da harmonia da *dilatação* e da *flexibilidade* da *pélvis*. No princípio, o *resguardo* não é *nada*, porém, depois, seu potencial energético faz fluir o *todo*.

A *umidade* tem uma finalidade e uma ordem *intangível* no *Y'we*. Admitir esta realidade energética é primordial, pois vai além da realidade pessoal. Desta realidade intangível, surgiram os nascimentos da *prenha molhada (fluente)* ou da *prenha seca (truncada)*.

A *prenha úmida* ou *molhada* traz consigo a *flexibilidade*, a *suavidade* e a *dilatação*; ela une seus movimentos e suas forças energéticas para a *expansão* e a *dilatação* da *pélvis* e o *escancaramento* da *Y'Guaçu* em seu *todo*.

Assim, a *Y'Agury Kapi-aí*, ira vir *lentamente*, como uma 'esponja' acompanha a *chuva*; ambas fluem e isso proporciona serenidade e

⁷ A *Mãe d'Água* é constituída de **70% de água**, e **90% de humidade**

tranquilidade para a *Mãe d'Água* quando ela vai se sentar no *Cepinho do Fogo*.

Segundo o relato da *Mãe d'Umbigo Raizeira*, D. Alcira, realizavam-se cozimentos para serem usados nos banhos frios de assento, os quais serviam para *relaxar, abrir a Y'Guaçu*, e os *anéis, abrir as carnes e deixá-las úmidas*. “Tudo era uma preparação para que, chegado o momento, nós nos abaixássemos no ‘*Assento do Fogo*’. Era um estilo que minha *Bisavó de Umbigo Raiziera* ensinou já faz muito, muito tempo”.

51ª A descida em seco, choque e estremecimentos

Hoje, a Mãe d'Água, fica seca, árida, arrasada, quebrada
A Mãe d'Água antes fértil e úmida

“Episiotomia”

O cortezinho no *Anel do Metal* da Mãe d'Água.
A secura da *Mãe d'Água* resultante da quebra
da guarda e do resguardo torna-se penosa.
O *excesso de calor* provocado pelo
consumo de alimentos rimosos **evapora** a

água, fecha e endurece as carnes.

Quando a *Y'Guaçu*, os anéis e o canal de
nascimento via baixo fica seco, os movimentos da
Y'Agury Kapi-aí, ficam tenebrosos e causam
muitas dores na mama'e.

Então, abre-se uma *fendinha*, no *Anel de Metal*,
períneo, faz-se um cortezinho na *Mãe d'Água*.

Imagine a água evaporando de um *açude*,
ou seja, a água sendo *atraída* pelo céu.

O *açude* fica seco.

Abrem-se **fendas** na terra.

A estiagem endurece a *Mãe Terra*.

Ela fica com *alto teor* de sal. Sofre a *Mãe Terra*.

“Acontece uma **secura** e se sente muita dor **truncada** na Mãe D’Umbigo (ventre) pela *quebra* com a Mãe do Fogo e com os **fluidos da água** que são a *mama’e* das mães.

Identicamente, o nosso renascimento torna-se **árido e seco**, com muita *Dor de Puxo*, **dor seca e truncada**. Não se vai ao encontro da *Força d’Alento*. Muitas vezes, o *Anel d’Água* no *flui* e o *Anel d’Aguai*, placenta, não se rompe”. (D. Dulce, 60 anos)

“Muitas vezes, essa dor truncada permanece constante e a **olhinho d’água** nem se mexe. Não desliza para descer. Faz tudo ao contrário. Parece que quer *voltar* ao **colo** da Mãe D’Umbigo e até subir mais ainda. Então, *ela vai passando da hora*. Descer que é bom nada! Isso faz com que ela ou ele fique **preto, roxo**. Isto se faz muito perigoso para a *Y’Agury Kapi- aí* como para nós.

Quando a Mãe d’Água **não** tem **pele úmida**, é sinal de que a Mãe D’Umbigo tem as carnes, os *Anéis do Beíço e do Lábio* e o *Anel d’Aguai*, *enrijecidos, empedrados*. O renascimento e a descida da *Y’Agury Kapi- aí* acontecem com uma *tremenda Dor de Puxo*.

O coroamento em **seco** acontece por causa da **quebra do resguardo** da **boca**, da Mãe d’Água, da Mãe do Fogo e das *relações com o marido*. Nossos **seios ficam empedrados** e mesmo que nós queiramos amamentar a *mitami*, *não sai nem uma gota de leite*. Isso traz sofrimentos e dores como *jamais foram sentidos*”. (D. Claudinete, 65 anos, 10 renascimentos).

“Para fazer acontecer um *renascimento úmido*, satisfatório, nossa Mãe D’Umbigo era colocada à disposição dos **fluidos da água** que são a mãe das mães e à disposição da Mãe do Fogo.

Quando a gente ficava *Mãe d'Água* e prestes a fazer *descer a* e *sair a mitami*, tínhamos uma *forte modificação na alimentação*. Nossa *Mãe d'Umbigo Raizeira* passava a gente o que deveria comer e o que deveria evitar. Era preciso evitar alimentos rimosos, carregados e fortes para que a *Mãe d'Água* pudesse ter **prazer** durante o tempo em que ela e a *Mãe D'Umbigo* estivessem em guarda e em resguardo.

Deveríamos ter uma relação profunda com a *Força d'Alento* das *Grandes Águas* com a *Mãe do Fogo* durante todo o tempo em que a *Mirĩ he'i ixu-pe*, permanecesse no colo da *Mãe D'Umbigo*. Deveríamos ter muito cuidado para que a *Y'Agury Kapi- aí não descesse com cólica, saísse gaparenta, suja e dormindo*". (D. Donata, 68 anos, 12 renascimentos)

"Quando estávamos esperando para ganhar a *Y'Agury Kapi-aí* ou esperando a *Oguapy*, nos ensinavam a ter um grande *controle sobre a alimentação*. "**Comer não é intoxicar-se**", diziam as *Mães d'Umbigo Raizeiras*. Deveríamos comer muitos alimentos leves, verduras e todo tipo de folhas verdes, amarelas, preferivelmente, cruas. Se seguissemos a orientação das *Mães d'Umbigo Raizeiras*, nosso renascimento e a descida da *Y'Agury Kapi- aí*, iam ser muito úmidos e até muito gostoso. E acontecia assim mesmo". (D. Carmelita, 65 anos, 15 renascimentos).

"O *Anel d'Água e a placenta*, não se expandiam para o *Y'Agury Kapi-aí* iniciar a rotação. Algumas *Mães d'Água* davam à **luz** em **seco**, diferente de dar à **luz** em **úmido**. Quando a *bolsa d'água* se rompia e o *Anel d'Água* se expandia, *brotava água* em abundância e ajudava a descida da (o) *brotinha* (o). *Era mais fácil dar à luz no molhado e a Mãe D'Umbigo e a Mãe d'Água se sentiam mais ligadas*. O dar à luz em **seco** era mais grave e difícil. Ainda assim, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e as irmãs que se encontravam conosco davam uma *força medonha*, mas com o *Anel d'Água chovendo* seria melhor,

já que molhada, a *Mãe d'Água* ajudaria a **deslizar a mitami**. (D. Severina, 55 anos, 12 renascimentos).

Anel do Metal - Corte no Períneo

“Algumas vezes, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* faziam o cortezinho com a tesourinha no **Anel de Metal**, *períneo*, para ajudar a **Y'Agury Kapi-ai** a descer, sair e cair. Era um ato bem feito. A *Mãe d'Umbigo Raizeira* tinha aqueles instrumentozinhos que já vinham fervidos e envoltos em cueiros brancos, limpos. Levavam tudo direitinho para realizar aquela *força* assombrosa e *assistir* a *Mãe d'Água seca*.”

A guarda do **Anel do Metal** - Dieta

“Quando a *Mãe d'Água* era *cortadinha no Anel do Metal*, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* orientava uma *guarda de dieta rigorosa* para recuperar a *Força d'Alento Universal* da *Mãe D'Umbigo* através da *Mãe do Fogo*”.

Recomendações da Mãe d'Umbigo Raizeira:

- a). *nunca* se costurava o **Anel do Metal**;
- b). ficar em repouso, deitada, durante três dias;
- c). fazer banhos de sal todos os dias até fechar o cortezinho, pois a água salgada possui propriedades assépticas e curativas;
- d). alimentar-se só com frutas, verduras e folhas frescas;
- e). não fazer movimentos bruscos ou rígidos;
- f). não escancarar e nem forçar as pernas;
- g). não levantar coisas pesadas;
- h). ficar sessenta dias sem ter relações com o marido.

52ª A dor de puxo fria - ‘Dor truncada e seca’

“A dor de puxo vem como se uma força estivesse espremendo e escancarando as *carnes* da gente de cima para baixo”

“As dores são vibrações provenientes do fundo, do fundo das carnes. A dor começa com *cólicas pequenas*, progredindo para *cólicas mais fortes* até darem lugar às *contrações*.

A *dor da Força de Alento* é uma experiência universal que provém do céu e é contida na *Mãe Terra*, no *Anel de Madeira* (Cepinho do Fogo). A vibração começa no alto da cabeça da *Mãe d’Água* e vai descendo, vai descendo, vai queimando por toda a espinha até chegar à *caudinha* (cóccix). Alcança a *Y’Guaçu*, o *Anel do Lábio* e **sai** pelo *Anel do Beijo* junto com a *Poty Hu*.

Nós acreditamos que a *Dor de Puxo* ou a *Força de Puxo* tem relação com a *descida em seco*. Se mantiver por muito tempo a *Dor de Puxo* (dor truncada e seca), a *Y’Agury Kapi- aí*, vai querer ficar quieta, vai querer subir em direção ao peito ou *voltar* para o **colo** da *Mãe D’Umbigo*. Com a *Dor de Puxo* permanente, a *Y’Agury Kapi- aí* não entra em *rotação* e se faz muito doloroso e sofrido dar à luz”. (D. Amparo, 60 anos).

A *Mãe d’Água* utilizava o *Anel de Madeira*, *Cepinho do Fogo*, como apoio para assentar só a *raiz do osso* (sacro-cóccix), deixando a frente livre, a *Y’Guaçu* e o *canal de nascimento de fluxo baixo*. No *Anel de Madeira*, a *Mãe d’Água* curvava-se bastante, escancarava-se o máximo que podia, bem para frente, para dar à luz.

A substituição do *Cepinho do Fogo* pelo *peniquinho* era feita quando a *Mãe d'Umbigo Raizeira* não se encontrava presente.

“Quando a minha cunhada foi ganhar o *brotinho*, mandou me chamar para acompanhá-la enquanto o marido ia buscar a *Mãe d'Umbigo Raizeira*. Eu fiquei com ela e comecei a preparar o *peniquinho* para ela. Eu já estava preparada para ajudar a segurar o *brotinho* no momento em que isso acontecesse.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* e o marido estavam demorando muito porque ela morava muito longe. O *brotinho* já vinha quando a *Mãe d'Umbigo Raizeria* chegou. Ah! *É coisa séria, viu!* Suspirei aliviada. Essa minha cunhada era muito corajosa. Fazia aquelas *forças medonhas, mesmo com as dores truncadas e as **dores de puxo frias***. Nossa! Nossa! Ela era muito corajosa mesmo! (Dona Lu).



Jaxy Ovoguaçu: A umidade da Lua Cheia

A umidade lunar fortalece os fluxos da *Y'Guaçu*, os anéis d'água, e o canal de nascimento via de fluxo baixo.

A mensagem da *Y'Aguaí*, *bolsa d'água*, rompe o silencioso da Mãe D'Umbigo.

A água no processo de cristalização e o fluxo da *Mirĩ he'i ixu-pe*, a semente da mama'e dentro das águas limpas da *Mãe D'Umbigo*, na *plenitude de seu nascimento da origem a Y'Agury Kapi-ai* e o nascimento da *Y'Poty Porã*, a *flor bonita das águas doces*.

53ª A umidade lunar fortalece os fluxos energéticos de nascimento

Grau de secura e grau de umidade da Y'Guaçu, os anéis e o canal de nascimento via fluxo baixa

Jaxy Ovoguaçu ~ Lua Cheia

Jaxy Pya'Hu ~ Lua Nova

O nascimento da Y'Poty Porã, 'flor bonita das águas doces'. A assistência da Mãe d'Umbigo Raizeira à Mãe d'Água era um bem saber acompanhar a Miri he'i ixu-pe, dentro do **colo** da Mãe D'Umbigo. Praticava-se esta arte para intuir os Anéis d'água se a descida da Y' Poty Porã seria seca ou úmida.

O intervalo entre cada ciclo do fluido e o florescimento da Oguapy, a ovulação e a menstruação, representam a sabedoria da Força da Luz, a longevidade, a ancestralidade, a claridade e a fertilidade da menina-moça.

Essa sabedoria da Mãe d'Água era aplicada na recepção da semente e no acompanhamento da formação da Miri he'i ixu-pe dentro do colo da Mãe D'Umbigo, no fortalecimento de seu movimento e de sua resistência, no fortalecimento da humidade da Y'Guaçu, anéis do Lábio e do Beijo, na abertura e no relaxamento das carnes através de rituais orientados pela Mãe d'Umbigo Raizeira que a deixava mais sossegada e menos apreensiva. A

umidade lunar dos *anéis* indicava a percepção da mudança e da proximidade da descida da *Y'Agury Kapi-ai*.

A ***secura*** ou a ***umidade*** são fenômenos que expressam variadas situações no semear e na *colheita de alimentos* como também nos *renascimentos* e nos *nascimentos*. Dependendo do lugar, do momento e do tipo de alimentação ingerida sucediam as variações nos *movimentos da Mãe D'Umbigo, da Y'Guaçu, nos Anéis d'Água e o canal de nascimento via baixa*.

Associadas aos movimentos lunares, aconteciam as *Dores de Puxo* ou as *Dores d'Força d'Alento*. A partir dessa percepção era possível suspeitar se a descida da (o) *olhinha (o) d'água* seria ***seca*** ou ***úmida***.

E então, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* começava a centrar sua atenção na realização de determinadas atividades terapêuticas junto à *Mãe d'Água*.

A *umidade lunar* se faz presente quando a *Mãe do Fogo* chega até a raiz do *Tronco Branco* (sacro-cóccix). Nele, a ***umidade*** se concentrará e se irradiará até a *Y'Guaçu, os Anéis do Lábio, o Anel do Beíço e o canal de nascimento via baixa*.

As ervas eram colhidas e selecionadas cuidadosamente na *Lua Cheia* pela *Mãe d'Umbigo Raizeria*. Depois, ela orientava as *Mães d'Água* quanto ao uso delas. Elas precisavam saber quais ervas podiam ser utilizadas nos *banhos de assento*, ingeridas e consumidas através de ***chás***, *infusões*, tudo de acordo com o estado ***seco*** ou ***úmido*** da *Mãe d'Água*, para, assim, *favorecer a abertura, a contração e o relaxamento das carnes e dos Anéis d'água*. Acreditavam que a *umidade constante da Mãe d'Água* favoreceria um *nascimento rápido e úmida da flor bonita das águas doces*.

54^a A *secura* lunar e os alimentos rimosos, os alimentos medicinais úmidos

A quebra da guarda, da boca e do resguardo
trazem *secura*, dor e vida seca

A ***secura*** e a ***dor*** acontecem
quando o *raio lunar* e a
Mãe do Fogo não banham a
Mãe d'Água e nem
atingem o *tronco branco*, a *coluna*.

A *Mãe D'Umbigo* ficará
doída, ferida, rígida, truncada.
A *Mãe d'Água* ***seca*** se debaterá, se
encurvará de tanta dor, a ponto de a
“*dor de puxo*”, a “*Dor de Dor*”, triturar-la.

“Quando o *raio da Lua Cheia* não banha a *Mãe d'Água*, a *Mãe do Fogo* traz *dor seca* e *ardor* que se transformam em calor excessivo. O *Anel d'Aguai* e o *Anel d'Água* se tornam rígidos, os *duto*s e os *canais*, *inflexíveis* a qualquer movimento da *Y'Agury Kapi-aí* por causa da *estiagem* que circunda a *Mãe D'Umbigo*. Trunca-se a dor, e chamam isso de a “*Dor de Puxo*” ou a “*Dor de Dor*” por causa da permanência constante das *contrações* ***secas*** nas ***carnes***

rígidas não lubrificadas provocadas pela *quebra da guarda da boca* e do *resguardo*.

As frustrações, o sofrimento, a preocupação, fazem, ainda, *vir o medo*, provocam a *perda dos sentidos*, fazem ficar *doida*, esgotando as forças da *Y'Agury Kapi-aí* e da *Mãe d'Água*. Esses *renascimentos da Mãe d'Água* são extremamente *dolorosos*, não se predispõem as carnes a se relaxarem.

A **secura** provocava muitas complicações. A *Y'Agury Kapi-aí* ficava com **cólica** e *sofria muito*. Muitas vezes, *fazia obra, defecava*. Algumas vezes, tinha o *cordão do umbigo* cercando o pescoço. Outras vezes, a *Y'Agury Kai-aí* era sugada em direção ao *peito da mama'e* ou ficava junto ao colo da *Mãe D'Umbigo*.

Para a **flor bonita das águas doces** sair da *Mãe d'Água* exigia um esforço medonho da *mama'e*, da *Mãe d'Umbigo Raizeira* e de todas as irmãs de *Água* presentes na casa.

Às vezes, o *Anel d'Aguaí, placenta*, ficava *colado no colo* da *Mãe D'Umbigo* e acontecia *hemorragia*. Isso deixava mais preocupação. Esperava-se um tempo para soltar. Quando isso não acontecia, deitava-se a *Mãe d'Água* na *Bandeira do Grande Ágade*, rede em que se transportava a *Mãe d'Água desfalecida*, para levá-la ao povoado mais perto onde pudessem encontrar ajuda". (D. Estefani, 67 anos, 10 renascimentos).

55ª Cerimônia de defumação com alfazema: O ritual milenar da pulsação da Força d'Alento Universal

Antes e depois de chamar a *Mãe d'Umbigo Raizeira*, ganhava-se a cerimônia de **defumação** com o *cheiro doce sagrado* da erva de **alfazema**.

Através do ritual de *defumação com alfazema*, guardava-se a **Mãe D'Umbigo**, a *Mãe d'Água* e a *Mãe do Fogo* da *pancada do raio* ou do *mau-olhado*. Era necessário realizar o *resguardo* antes e depois de chamar a *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

A *Mãe d'Umbigo Raizeira* achava que a *Mãe d'Água* e a *Poty Porã*, por estarem passando por uma experiência universal, ficavam com as *carnes abertas e expostas*, correndo risco de receberem *pancadas de raios carregados*.

Muitas das irmãs, parentes, amigas e vizinhas que iam aparecer tinham suas fragilidades e suas contradições; frequentemente, elas estavam guardadas ou estavam com alguma *pancada do raio*, nas carnes. Muitas pessoas traziam consigo '*raios e trovões carregados*' quando optavam por vir e acompanhar o renascimento da *Mãe d'Água* e o nascimento da *flor bonita das águas doces*, a semente da *mama'e antes* dentro das águas limpas na plenitude de seu nascimento.

Os meninos-homens viriam ao *Petynguá* e muitas irmãs-de-água viriam se chegar e dar *Força d'Alento* para a *Mãe d'Água* dar à luz.

Antes da chegada de qualquer pessoa, fazia-se o *defumatório* com oferendas à *Mãe Terra* para limpar e guardar a cada um por dentro e por

fora. Recebia-se aquele cheiro doce da fumaça sagrada de *alfazema* para afastar *energias perversas dos raios carregados* como o **mau-olhado**, a *raiva, a desconfiança, a tristeza, a apatia, o medo, a angústia e a depressão*. Muitas pessoas faziam murchar as flores só com o olhar, algumas irmãs trazem a ‘*pancada do raio*’ diziam as *Mães d’Umbigo Raizeiras*.

A cerimônia de defumação com *alfazema* era continuamente efetuada durante *três luas antes e três luas depois* de “**escancarrar o colo**” da *Mãe D’Umbigo para o **desapego***. Defumavam-se, ainda, os cueiros (enxoval) de algodão, de cetim e de flanela para purificá-los e fortalecê-los com o cheiro de *alfazema*.

Após o *banho de experiência* ou o **banho esperto**, vestia-se a **mitami**, com tudo defumado para pô-la (o) junto ao colo da mama’e, da qual brotava a **kamby**, *leite do peito*.

56ª Petynguá Imburana: A cerimônia do cachimbo do menino-homem

A festividade da chuva do menino-homem

Na *mbaraet'e*, na *dança* e no *canto*, a comunidade se expande e se integra à *Força d'Alento Universal*. Ocorre a harmonização e a sincronização da comunidade solidária.

A comunidade *solidariza-se* com a *Mãe-Terra* e oferece-lhe a ***dança circular*** e a ***música***, ao *fogo*, à *chuva*, a *Mãe Sol*, ao *rio*, à *árvore*, ao *relâmpago*, ao *trovão*, às *nuvens*, etc. Ela se fundamenta no princípio dos *tairapé*, em os *povos originários*.

A comunidade unida para o benefício de todos. Profundo e simbólico é o mistério da *Força d'Alento Universal*. Na *festividade da chuva* ou do *Petynguá*, deixam cair *gotas de orvalho do imaginário* nos fluidos da chuva.

A preparação do *Petynguá* pelo menino-homem:

- a) pela mistura de diversas frutas com mel de abelha, obtinha-se uma variedade de bebidas;
- b) os meninos-homens *casados* ficavam dentro da casa (na cozinha);
- c) os meninos-homens *solteiros* ficavam fora da casa, no terreiro, realizando brincadeiras, dançando, soltando fogos de artifícios.

Quando o marido optava por acompanhar a *Mãe d'Água*, ajudava segurando-a pelos braços. Porém, se o marido estivesse ausente, a *Mãe d'Água* adotava um substituto para acompanhá-la no momento do nascimento da *Y'Poty Porã*. Muitas vezes, a escolha recaía sobre o avô ou o sogro. Demonstravam acreditar, com esta escolha, que a *Força Universal do menino-homem, pai*, era um apoio extremamente importante no momento da *Grande Dor da Força d'Alento do renascimento e da renovação da Mãe d'Água*.

- Na primeira ***flor bonita das águas doces***, *Y'Poty Hu*

“Os presentes faziam aquela agitação, aquele alvoroço. Essa festividade começava a partir do início das primeiras *Dores de Puxo* e se prolongava até virem as *Dores da Força d'Alento Universal* totalizante na *Mãe d'Água*. Isso indicava o renascer e a descida da *Y'Poty Hu*. Essa festividade era concluída com a defumação feita com as folhas sagradas de *alfazema*”

-Na segunda ***flor bonita das águas doces***

“A comunidade vai se habituando. Não existe mais tanto alvoroço na festividade da *chuva ou do Petynguá*. No terceiro *Y'Poty Porã*, a festividade diminui muito mais e no quarto, não se sente quase nada.

No meu caso, o primeiro foi aquele alvoroço, aquela euforia dentro e fora de casa. Quando era para descer a minha primeira *menina-moça*, tinha a *Mãe d'Umbigo Raizeira* e mais doze *Mães d'Água*. Na cozinha, tinha cinco

meninos-homens. Só as *Mães d'Água* entravam no quarto. Os meninos-homens entravam somente em casos de muita necessidade.

Ainda tive que *adotar* um *pai-homem* pela ausência do meu marido. *Ele tinha se escondido na capoeira*. Ele era *maior frouxo*. Não tinha coragem de assistir meu renascimento. Era sempre assim. Toda vez que eu ia fazer descer a *Y'Poty Porã*, ele fugia. Quando os mais novos desceram, ele estava em São Paulo". (D. G., 59 anos, 7 renascimentos)

57ª A pulsação energética de desapego da Mãe D'Umbigo, Y'Sy Gerere

O cerimonial do desapego da Mãe D'Umbigo, o corte do Anel d'Umbigo, embira (cordão umbilical) e o desprendimento e a aceitação do Anel d'Aguaí, placenta

A ciência étnica da *cosmovisão originária* tem como princípio supremo da **vida** a *PACHA* e todos seus equivalentes como o *movimento e a receptividade, o tempo e o espaço, a terra fértil e a fecundação, a criatividade e a sustentabilidade*.

Nesse contexto se realiza o **ritual** de **desapego** (separação energética da Mãe d'Umbigo), e podemos senti-lo através dos fluidos de nossas *emoções, da nossa sensibilidade, instintividade e inspiração energética*.

Relembrar a **Mãe D'Umbigo** (ventre materno), o *centro energético da Mãe d'Água onde não existem conflitos de desprendimento do **ajayo***. O convívio de **desapego energético**, entre a *mama'e* e a *Y'Agury Kapi-aí*, colocam à disposição a compreensão entre *ambas partes* para a *aceitação* de um **distanciamento físico** mais **não energético**, *equilibrado e harmonioso* num todo sustentável. Quando o *desapego equilibrado* se realiza no *centro energético da Mãe D'Umbigo*, não coexistiram conflitos de *opressão, de tristeza ou dor*, mas sim *regozijo de sustentação energética*.

Separar a *embira*, Anel d'Umbigo (cordão umbilical) do Anel d' Aguaí:

- a *Mãe d'Umbigo Raizeira* aparava o *Anel d'Umbigo* e o *Anel d'Aguaí*, placenta. Após o término da *pulsção* do *Anel d'Aguaí*, medindo três polegadas a partir do centro da *mitami*, aparava-se o *Anel d'Umbigo*;

- num primer momento, um *cordão*, um pavio de algodão ou, ainda, um pavio de ***embira*** ensopado em azeite doce de *mamona* para amarrar o cordão umbilical e *fazer o corte* a três polegadas do *pé do umbigo da mitami*;

- num segundo momento se preparava uma *dobradura de papel branco* de tamanho certo. Queimava-se o centro, deixando-a na forma de uma rodinha. Ensopá-la com ***azeite de gergelim*** para ser embocada em o *cordão umbilical* que brotava de seu umbigo;

- assim, a ***mitami*** era enfaixada de três a quatro dias com o *cueiro*, do ***pé do umbigo*** até a altura do peito, acompanhada pelo cheirinho doce da sagrada erva, a *alfazema*.

O *cordão umbilical*, que *brotava* do *Anel d'Aguaí*, pertencia à *Mãe d'Água* e à *Mãe Terra*. O *Anel d'Aguaí* era unido a um cordão de algodão ou de *embira* para ser colocado ao redor da cintura da *Mãe d'Água* e formar um novo grande *Anel*.

Aparada a ***mitami***, suavemente se fazia deslizar o *Anel d'Aguaí* (placenta) até a conclusão do renascimento da *Mãe d'Água*. O *Anel d'Aguaí* era logo plantado ou semeado dentro da capoeira, debaixo de uma *irmã árvore* pela *Mãe D'Umbigo Raizeira*. Desta maneira, era finalizada a cerimônia da *pulsção* do *Anel d'Aguaí*.

Sonhos prolongados: se a *mitami* ainda estava *sonhando* (dormindo) depois de *aparada* e *separada* da *Mãe D'Umbigo*, era levada ao ***gongo***. O *sino* era muitas vezes feito especialmente de *cabaça*. Quando as mãos

experientes da *Mãe d'Umbigo Raizeira* davam três toques firmes, ele emitia um som suave e harmonioso. Na ausência do *gongo*, utilizava-se uma *bacia*. O importante era fazer *ecoar* um *som harmonioso* para acordar a *mitami*. Quanto mais leve e suave fosse o *som*, melhor seria porque o *toque* deveria *acompanhar* o *batimento cardíaco da mama'e*. Também, se levava a *mitami* para o *gongo* para que ela não sentisse *falta do **colo*** da *Mãe D'Umbigo* assim que acordasse, nos dizia a *Mãe d'Umbigo Raizeira*, Marta, de 72 anos.

58ª O banho escaldado para a *mitami* e o banho do aperto das carnes escancaradas da Mãe d'Água

A preparação do banho era feita com muito carinho. A ***mitami*** era recebida com água escaldada, imediatamente após o *desapego do colo* da Mãe D'Umbigo para o colo da Mãe d'Umbigo Raizeira. A partir desse momento, iniciava-se o resguardo da ***flor bonita das águas doces*** durante *oito* dias.

Preparação:

- a água era esquentada em fogo vivo, num fogão de barro ou de pedra amarela;
- após o aquecimento, a água era despejada num tacho de *madeira cheirosa*, ***ipewa***, no qual se misturava uma pitadinha de ***sal grosso*** em pedra;
- assim, o banho com ***água escaldada*** estava pronto para limpar as *impurezas* e acelerar a *cicatrização do umbigo* da *mitami*. O banho escaldado era, também, uma forma importante de proteção contra as impurezas do *mau-olhado*, do relâmpago e da '*pancada do raio*', *tupã*.

“Descendo *acordada* ou *sonhando*, a *mitami* era levada para aquele banho escaldado. O primeiro banho era sempre feito pelas mãos experientes das Mães d'Umbigo Raizeira.

Depois de lavar a *mitami*, a Mãe d'Umbigo Raizeira limpava-a, secava-a e defumava-a com *alfazema*. Assim, recebia-se a *mitami* que, então, ia para o ***colo*** da Mãe d'Água, a qual lhe oferecia aconchego, carinho e a amamentava

com o *leite da mama'e*. Era muito bonito, era um momento nosso, era muito emocionante o que acontecia no instante do nosso renascimento e do nascimento da *olhinha d'água*. (D. Ana)

Todos gostavam de assistir e de ajudar quando a *Mãe d'Água* dispunha a se *sentar na calma* e fazia *chover e descer a flor bonita das águas doces*. As *irmãs d'Água* iam para a casa da *Mãe d'Água* acompanhar aqueles momentos de experiências universais inesquecíveis assistidos pela *Mãe d'Umbigo Raizeira*.

Banhos:

-Banho para o **retraimento** da *Mãe D'Umbigo* e para fechar as carnes da *Mãe d'Água*. Depois do seu renascimento, a *Mãe d'Água* tomava o '*banho de assento do aperto*' para que as *carnes voltassem* a seu lugar e para que as dores do *escancaramento* *abrandassem*.

-Banho de assento do **aperto** para **voltar** a *Mãe D'Umbigo* (ventre), a seu lugar de origem: aru era; imburana velha (cheirosa); imbu; caju novo; romão; malva branca; catinga da mulata.

-Banho de assento para o *ventre inchado*:

Asa Peixe, Aru era, Quichava, Barba Timão, Tanxagem

-Banho de assento para o *Anel do Metal*, *fechar* o períneo:

Tanxagem, Ipewa, Pereite, Guajama (sal)

-Banho para a inflamação do útero e hemorroidas:

Tanxagem, Sarama, Murure, Ochoo, Sal de pedra.

59ª **Nhe'ẽ Ambará Amby: O seio, a cuia das virtudes e das atitudes, que gera o caráter da mama'e**

Do **seio**, a *cuia energética*, é necessário beber o leite materno no momento apropriado e na medida certa, **nhe'ẽ mbará amby**, para que se possa 'sentir o ritmo dos movimentos da evolução'.

Isso explica o porquê das *virtudes* e das *atitudes* dos povos originários amazônicos **não** serem chamadas de *ética* nem de *moralidade*, mas, sim, de **nhe'ẽ ambará amby**.

O seio, a cuia das virtudes e das atitudes, que gera o caráter da mama'e.

Dos domínios profundos da *vida natural*, uma gota de leite surge para alimentar a *mitami*. É como uma *faísca que faz ascender a fogueira* para alimentar a *Força d'Alento Universal*, a *coragem*, o *ânimo*. São duas substancias, os fluidos *d'água* e o *fogo*, provenientes de uma *força íntima e fecunda*, a **instintividade**, para manter viva a Mãe Terra.

Da *natureza íntima* da mama'e, de sua *cuia energética*, *flui o leite*, contendo as *virtudes* e as *atitudes* da mama'e, para alimentar a *Força d'Alento* da *mitami*.

A *ética humana*, os *direitos humanos* e a *moralidade humana* surgiram como ***ervas daninhas perversas*** para os povos originários. Cresceram os *brancos*, provocando muitas dores e sofrimentos, sendo intoxicadas e cegadas pela sua *própria ambição*. Árvores foram destruídas e transformadas em fumaça e as águas dos rios e riachos ficaram *estagnadas*, perdendo a fluidez. Transformaram-se em prisioneiros de sua própria ilusão e ambição. As *espumas brancas* nos rios vão crescendo, levando para suas camas contaminadas, uma insondável e *infinita solidão*.

A *natureza última*, do poder da *ética humana* e a *moralidade* do *homem civilizado* (um índio bom, é um índio morto), *romperam* frontalmente com os hábitos *tradicionais de preservação, sustentabilidade* e de *amamentação*, os quais tinham a intuição e o instinto de *prevenir* qualquer doença, são meios de subsistência insubstituíveis para os *recém-nascidos*.



Jaguanhenhén, jaguanhenhén - Mama'e, mama'e,
eu prefiro teu suave rosar e teu leite materno.

*A jaguaratê, a Mãe do Fogo sempre presente nos renascimentos das Mães
d'Água e nos nascimentos das mitamis.*

*A representação da jaguanhenhén, jaguanhanhén, a mama'e jaguaratê que
amamenta a jaguaramirã amazônica. A jaguaratê e o jaguar, símbolos
antigamente recorrentes, estão ressurgindo após terem ficado adormecidos
durante muito tempo na Terra sem Males, Abya Yala.*

60ª Kamby Aí: Leite do peito da Mãe d'Água

O homem civilizado se empenha
em dar comida à *jaguaratê*, *onça fêmea*.

Convida-a com expressões que
anunciam a mil vozes suas provisões
das mais excelentes e agradáveis.

A mama'e *jaguaratê* aceita alegre.

Vai com muito apetite.

Porém, encontra sobre a mesa
folhas secas dentro de uma
fonte afunilada.

Para ela que as observava
com sentimento e apetite,
pareciam ser uma ricota macia, saborosa.

Inútil era tentar com suas **garras** o
garfo imitar.

O distinto civilizado, com seus dentes,
triturava a *maminha* sobre a
achatada fonte. Limpava-a tão bem
quanto podia com suas
mãos e com sua língua.

Mais tarde, para o convidado, a
mãe jaguaratê achava-se preparada: uma
tambikuka'a-guá cheia de *leite materno*.

Aí, se viu a aflição do distinto civilizado,
aí, seu desespero, aí, sua angústia.

Seu nariz gozoso à **Nhe'ê ka'a-guá**,
Força d'Alento do leite, se achegou em vão.

Pois, na sua arrogância, no seu
orgulho, na sua inveja e vaidade tomou a
tambiku ka'a-guá da vida e lançou-a fora.

Saborear, lamber com sua língua anelava.

Triturar com seus dentes desejava,
pois era **predador**. *Queria beber sangue*,
pois era canibal por excelência.
Assim foi criado pelo homem *racional*.

Invejoso se quedo perceber que a
serenidade, a jaguanhenhén, convivia
com a **kamby**, *leite do peito materno*.
Só uma voz se ouvia com *toque maternal*:
jaguanhenhén, jaguanhenhén.

O *canibal civilizado* voltou, tentou, se afastou,
cheirou, se desconsolou, se desatinou e,
enfim, se aborreceu. 'Pôs o 'Rabo'
entre as pernas tão depressa que
nem teve, ainda, tino da saída.

O que dizer dos refinados civilizados?

“Estão verdes ainda”,

imatuross como antes?

Negam, ainda, trilhar o
início da transcendência energética?

Também há o *desengano*
para os pícaros *civilizados religiosos*
do sádico inferno católico, os
euroíndios e os euro intelectuais.

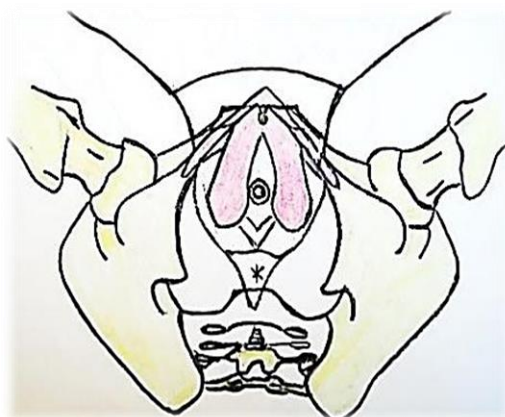
Ainda existem o

Jaguanhenhén, jaguanhenhén

Mama’e, mama’e,

eu prefiro teu suave rosar e teu

leite materno.



Panambi Miratamo do Anel do Beijo:
Pequena borboleta dos grandes lábios

Material: argila

Dimensão: 26x26 cm.

61ª Mirĩ panamby: A pequena borboleta

A pequena *Panambi* disse a sua mama'e:
apanha para mim essa *flor bonita d'água dulce*,
essa flor bonita d'água dulce, mama'e.
Então, a mama'e pegou a
bonita flor d'água dulce.

A mama'e lhe disse:
vamos brincar no céu,
pequena borboleta!
No céu existem plantas, mama'e?
Perguntou a *mirĩ panamby* a sua mama'e.

Para as *Mães d'Umbigo Raizeiras* as estações do ano - *primavera, verão, outono e inverno* - nutrem a *Força d'Alento Universal*, a **vida**, possibilitam a colheita de diversos alimentos para o fortalecimento da constituição orgânica da *mitami* e da *Mãe d'Água*. A existência é engendrada pela reunião da *Mãe Terra* e da *Mãe Cósmica*.

A **vida** conserva a essência da chamada *combinação de elementos*. Essa essência é composta de dois elementos: um provém do cosmos, o **ar**, enquanto que o outro provém dos **alimentos**, ou seja, da *Mãe Terra*. Esses dois elementos formam a *Força d'Alento Universal* que produz o **leite do peito** Mãe d'Água.

Quando a *bebida e a comida entram na Mãe d'Água, transformam-se em **leite materno***. Abundante será se a *Mãe d'Água* seguir o ritual do resguardo.

O leite da ***Mãe do Peito*** é uma substância pura e essencial para a *Força d'Alento da mitami*. É o alimento mais puro e pode ser bebido de acordo com a vontade da *mitami* até os três anos de idade.

Fazendo um parêntesis temos uma experiência tradicional dos *alimentos* a citar. Todos os anos na *terça de carnaval* os povos originários do *Kollasuyo* (Estado Plurinacional de Bolívia), vão para os seus cultivos que estão em essa época em sua máxima plenitude energética, para realizar o *ritual da CHA'LLA*.

Esta cerimônia se realiza em honor à *SHPALLA*, o *ajayo* (energia), de todo alimento. Este *valor energético para uso próprio*, *Luquiqaman Tink'u*, que fortalece a toda *Wariwiracocharuna, persona paisagem*, que o consume. Um bom cultivo quantitativamente e qualitativamente não depende exclusivamente da *tecnologia Kolla*, mais também dos *rituais e cerimônias* que o acompanham. A *ISHPALLA* somente será extinta quando *existir algo melhor* para substituí-lo.



Ka á: A rede dos bons sonhos e a boa fortuna da mitami e da Mãe d'Água

A **ka á**, pode transformar-se na grande ágade, irmã dos grandes infortúnios da Mãe d'Água em momentos de extrema necessidade.

62ª O resguardo da Mãe d'Água depois de seu renascimento e do nascimento da mitami

Tupã, a pancada do raio do céu acomete a parte superior do corpo.

A pancada do raio da terra acomete a parte inferior do corpo.

A pancada do raio do céu e da terra tem

influências variáveis.

O frio na água e o calor no fogo mudam em todo momento.

Se a Mãe d'Água não fizer a primeira guarda, ficará com doença de difícil tratamento.

Trindade da pancada do raio: antes e após o renascimento da Mãe d'Água, a Mãe d'Umbigo Raizeira orientava-a para que tomasse cuidado com a *trindade da pancada do raio*: em alimentos, no organismo sensorial e nos sentimentos.

Fazer o resguardo:

- a) de quarenta dias, para a mama'e se recuperar após o renascimento;
- b) de vinte dias, para fortalecer a Mãe do Fogo após o renascimento.

Evitar *molhar* a coroa da cabeça e os pés:

a) a **cabeça** da *Mãe d'Água* absorve a *força do alto do céu* especialmente do sol ou do fogo que viaja;

b) os **pés** da *Mãe d'Água* absorvem a *força da MãeTerra*, especialmente a *umidade* da terra-pisada.

Evitar movimentos bruscos:

- levantar coisas pesadas; varrer a casa ou o terreiro; subir e descer escadas; cair de assento e bater a bacia; sentar-se no chão, direto, sem proteção para o calor ou o frio; tomar líquidos gelados; lavar coisas pesadas; puxar água do poço e andar no sereno.

Evitar relações maritais durante quarenta dias.

6. Evitar frustrações e tristezas:

a) semear susto, medo, raiva, gritos, brigas;

b) tampar os ouvidos com algodão durante todo o resguardo;

c) fazer *banhos de assento* com folhas de algodão para não ter pesadelos e insônias.

Evitar alimentos como: carnes e ovos. *Ovo* forma **gases** na *Mãe D'Umbigo* que sai pelo *Anel do Beijo*, a sensação é muito desagradável, comer raízes, folhas cruas e frutas frescas da época à vontade.

Depois do término do *resguardo*, tomar um *chá quente* de ‘*canela forte*’ com profunda fé para limpar e fechar a *Mãe D’Umbigo*, e agradecer a *Mãe do Fogo, jaguaratê*, para extirpar qualquer enfermidade **fria**.

Essa tradição milenar faz parte do *nascimento* da *mitami*, e da *renovação* da *Mãe d’Água*, que passa por uma aprendizagem universal. Passo a passo, ela é levada a vivenciar o mistério completo do *renascimento* através do ritual da ***hospedagem*** da *Mãe do Fogo*. Para isso, a *Mãe d’Água* deve silenciar a mente e se sentar na calma em **base do tronco branco** (cóccix), para poder eliminar bloqueios que impeçam o *fluxo* da *Mãe do Fogo*, até chegar a uma purificação total.

63ª Deitar na Grande Ágade, a irmã dos infortúnios - Anel d'Aguaí, a placenta colada na Mãe D'Umbigo

Para iniciar o nascimento em casa, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* tinha por estilo ungir as mãos com *azeite doce de mamona* e a *Mãe d'Água* era orientada a tomar uma gotinha de azeite para ajudar a relaxar as carnes. Ainda assim, a *Mãe d'Umbigo Raizeira* precisava conversar bastante com a *Mãe d'Água*, que ficava sentada no assento de madeira, *Cepinho do Fogo*, para distraí-la e fazê-la **relaxar** as carnes e o **pya'**, coração.

“Eu comecei a sentir as *Dores de Puxo* na sexta-feira. Vinham umas dorzinhas pequenas. Mandeí avisar a minha *Mãe d'Umbigo Raizeira* que morava um pouco longe. Aí, minhas irmãs *Mães d'Água* vieram ficar comigo. Sexta, sábado e domingo fiquei muito atenta às *Dores de Puxo*. Fiquei naquele *vai e vem* sentindo pequenas dorzinhas. Na quarta-feira à noite, veio a *Grande Dor de Força de Alento* e desceu a *mitami*. Eu já estava sentindo que ia ter dificuldades para me *renovar*, como ter o Anel d'Aguaí **colado no colo da Mãe D'Umbigo**, por excesso de comida e sujeira no sangue.

Durante todo o tempo que a *Mirĩ he'i ixu-pe* (embrião), estava no colo da *Mãe D'Umbigo*, eu não tinha nada a fazer. Vivia muito quieta. Eu ficava sentada o tempo todo sem fazer nada, só com aqueles trabalhinhos em casa. Dormia muito durante o dia, tomava muito leite de cabra e comia arroz integral. Aí, a *menina-mulher* cresceu muito, era forte e grande, engordou muito aqui na *Mãe D'Umbigo* e quando era para descer, eu sofri bastante. Ah! Que sofrimento eu passei! Pensei que não ia suportar as dores e não conseguiria me renovar”. (D. Marli, 46 anos. 10 renascimentos).

Às vezes, a *Y'Agury Kapi-aí* descia, mas o *Anel d'Aguaí*, placenta, não descia. A mama'e tinha a placenta **truncada** e dava **sangureira**. Então, não existia a renovação, o renascimento. Muitas vezes, a *Mãe d'Umbigo Raiziera* fazia a *Mãe d'Água* tomar remédios e depois de fazer massagens no *Pé da Barriga* dela, esperava um tempo. Frequentemente, conseguia-se limpar a *Mãe d'Umbigo* e o *Anel d'Aguaí* **descia**, mas, outras vezes, não se conseguia fazê-lo descer de nenhum jeito. Eram várias tentativas frustradas. Nesse caso, não havia outra coisa a fazer a não ser *tirar* a *Mãe d'Água* para algum lugar onde pudessem **parar a hemorragia** e fazer **descer** o *Anel d'Aguaí*. Procurava-se uma enfermeira ou, se tivesse sorte, era levada para um *Posto de Saúde*, o que era muito raro encontrar nos arredores.

Nessa época, não havia estrada nem nada disso. Só existiam trilhas de animais. A *Mãe d'Água* tinha que ser transportada na *Grande Ágade*, a grande irmã. Os meninos-homens pegavam a *Grande Ágade*, irmã dos infortúnios, que ajudava nos momentos difíceis. Eram dois pendões de madeira suave, leve, muito resistente e forte para sustentar o corpo da *Mãe d'Água*.

Pegava-se uma *grande rede* feita de algodão e os seus extremos eram amarrados aos pendões de madeira com as cordas da própria rede. Assim, estava *formada e pronta* a irmã dos infortúnios, o que as *Mães d'Umbigo Raizeira* chamavam de a *Grande Ágade*.

Colocava-se deitada a *Mãe d'Água* na irmã dos infortúnios, com o *Anel d'Aguaí*, a **placenta, truncada**, colada no **colo** da *Mãe d'Umbigo*. Assim, carregando a *Mãe d'Água*, saíam os meninos-homens de casa à procura da trilha. Caminhavam catorze léguas de distância aproximadamente. Só assim era possível alcançar a estrada de terra e, talvez, pegar carona num carro, mas

isso raramente acontecia. O que restava era *caminhar* e *caminhar* até alcançar o povoado mais próximo para procurar e encontrar alguma ajuda.

Muitas *Mães d'Água* eram levadas deitadas na *Grande Ágade* por causa da ***placenta colada*** e da ***sangueira*** (hemorragia). Elas iam se murchando, se ***apagando como uma flor*** no caminho, não voltando nunca mais, pois não dava tempo de chegar a nenhum povoado e se chegavam, não tinha ninguém para assisti-las. Elas *somente nos deixavam seus sentimentos* e partiam, sem voltas, na *Grande Ágade*.

Segundo D. Lu, havia um remédio para cortar a sangueira, um remédio que sua tataravó lhe passara. Era o *chá de Mufungo*, água com açúcar moreno ou mascavo ou, em último caso, era para tomar com *açúcar cristal*.

Esses remédios eram muito bons para ***estancar a hemorragia***, dizia ela, e eram utilizados pelas *Mães d'Água*.

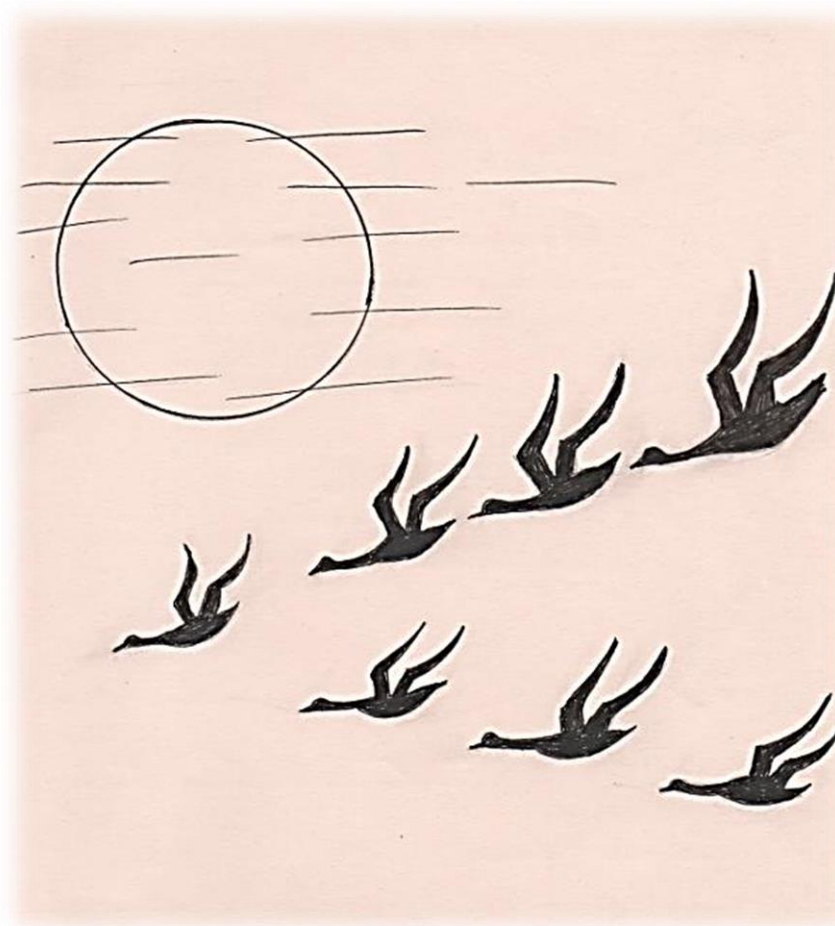
“Uma vez, minha tia veio correndo em casa e disse: minha filha, tua tia está lá com *sangueira*. O que nós vamos fazer? Dá um copo de *garapa de açúcar* bem grosso para ela. Logo, vou levar o chá de *Mufungo*.

Fui correndo para a *floresta* e antes de entrar na *capoeira*, parei, fiquei em silêncio. Antes de entrar na capoeira, nós devemos pedir autorização para entrar, para manter e *não extrair ato a sua Força d'Alento*, para que ela *alivie nossas dores*. Depois de haver feito isso, peguei a *parenta Mufungo* junto com outras ervas e fui depressa para casa de minha tia.

Quando cheguei lá, rapidinho, nós cozinhamos aqueles galhos, folhas e flores junto com a *parente Mufungo*. Coamos e demos para minha tia beber. A fé, a garapa de mascavo e o cozimento das ervas fizeram a *sangueira parar*. Só sei que a *Raiz do Raio* parou de trovoar e a *Mãe d'Umbigo Raizeira*

ajudava com massagens, o *Anel d'Aguaí* se **separou do colo** da Mãe D'Umbigo.

Mas, temos de alertar que existem vários tipos de sangueira. Algumas vezes, o *Anel d'Aguaí* está tão enraizado no colo da Mãe D'Umbigo que não se consegue separá-los. Nesse caso, é preciso outros meios para ajudar a Mãe d'Água. Agora, com esse mesmo cozimento podemos ajudar **as sangueiras causadas pelo vento**, pelo raio, pelo susto do raio e outros. Em geral, para qualquer *sangueira* pode-se tomar a parente *Mufungo*, mais duas colheres de açúcar num copo de água morna”. (D. Cristina).



As Mães d'Água somente nos deixavam seus sentimentos e partiam, sem volta, na *Grande Ágade*.

64ª As concepções originárias da Olho d'Água: A concepção das águas vivas e águas mortas

Um *pya' hu*, coração, novo com sentimento
de sensação de plenitude para dizer:
vamos fazer transbordar as águas vivas da Etã, ovário

Por sua *transcendência*, as *concepções originárias* da *Olho d'Água* podem ser consideradas *sensitivas e instintivas*, e se mostram complementares às *concepções energéticas*.

A *lealdade instintiva*, a honestidade sensitiva, a solidariedade, a *ordem das dilatações, das contrações pélvicas* e o *fluxo das águas claras junto com a Y'Jaú Mitã*, nascimento da *mitami*, estão energeticamente constituídos pela sua *ancestralidade*.

As verdadeiras *crenças energéticas* da *Olho d'Água* descrevem os fundamentos de uma *antiga transcendência intuitiva, sensitiva e instintiva* que surgiu para o *alvorecer* e o *florescer* da *Mãe d'Água*.

A *antiga transcendência intuitiva*, *sensitiva e instintiva* das *águas vivas*, como as *Olhos d'Água*, a *Mãe D'Umbigo*, as *Mães d'Água* e as *Mães d'Umbigo Raizeiras*, princípios e fundamentos do *ventre energético*, de si mesma divina, nunca *chegaria a concordar* com as novas experiências artificiais, científicas do “*trabalho de parto sistemático das águas mortas*”: *anestesias*, ***curetagens a sangue frio*** (sem anestesia), *cesáreas*, *episiotomias*, etc., aplicadas impetuosamente e *indiscriminadamente* com a

*intenção de mostrar **superioridade e poder** de intervenção institucional, a pretexto de *anular a dor do parto corporativista*.*

Em São Paulo, por exemplo, há obstetras de hospitais particulares que marcam cesáreas desnecessárias desde o *alvorecer* até o *poente*. Os *trabalhos de partos sistemáticos* são feitos a partir das quatro da manhã, de trinta em trinta minutos, em cinco salas separadas, cada recinto ocupado por uma parturiente diferente. O obstetra termina de realizar cesárea numa gestante, se dirige à sala vizinha para realizar a próxima cesárea até terminar de realizá-la sequencialmente nas cinco gestantes de cinco salas diferentes. Uma verdadeira *sistematização dos partos abomináveis*.

Não existe nesse processo das **águas mortas** (onde as ilusões morrem e a energia se desvanece) um mínimo de confiança, de sensibilidade e de solidariedade para que se possa dar continuidade à *transcendência sensitiva e intuitiva feminina*. A **hegemonia obstétrica** usufrui ao máximo do jargão **custo-benefício** através da acomodação e da paralisia do *trabalho do parto-ginecológico*, recorrente da *enchente fluvial das águas mortas putrefatas racionais—irracionais*.

A **embira**, cordão umbilical, que é um **elo** entre as antigas *etnias* como as *Olhos d'Água*, *Mãe D'Umbigo*, as *Mães d'Água* e as *Mães d'Umbigo Raizeiras*, dão **valor prático** à *lealdade*, à *honestidade*, à *confiança*, à *ordem natural das dilatações*, às *contrações* e às *flexibilidades pélvicas* e a *Y'Guaçu*; é essa fluidez energética sincronizada que mantem viva a *origem do ventre energético sensitivo feminino*.

Esse é o primeiro e talvez o **único princípio** das concepções das **águas vivas** que as *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* seguem regularmente. Esse princípio proporciona *valores práticos* recorrentes e frequentes pelos quais *elas* poderiam se sentir mais à vontade em oposição

aos métodos *racionais civilizados religiosos*, fenômenos artificiais que privilegiam um reordenamento sistematicamente acadêmico (mecânico de salvação) e químico dos nascimentos ginecológicos.

As Olhos d'Água, as Mães d'Umbigo Raizeiras e as Mães d'Água trazem consigo *valores práticos das antigas verdades*, os quais são ignorados por completo pelas culturas modernas ocidentais. Os '*nascimentos humanizados*' são apreciados e são sempre valorizados pelos novos reordenamentos *mecânicos do custo-benefício* e pelas mulheres-mães que passaram por experiências traumatizantes dos anestésicos e da mesa ginecológica dos obstetras.

As mulheres-mães são submetidas às *AVALANCAS físicas, mecânicas e químicas do obstetra*, ignorando-se os *fluidos energéticos dos seus ventres latejantes*, os quais são *potencialmente livres e imprevisíveis* para seu renascimento. É impossível *transcenderem estando sob efeito de intoxicantes químicos* e permanecerem *lúcidas* diante das feridas e dos traumas resultantes do deslocamento de órgãos provocados pelas ***avalancas obstétricas criminosas***.

Os casos mais complexos e abstratos das *novas verdades mecânicas e químicas* são a NÃO adição das implicações singulares dos caóticos sistemas obstétricos, pediátricos e ginecológicos em suas *estatísticas, ou seja, os erros médicos e as complicações decorrentes do uso de anestésicos, da realização de cesáreas desnecessárias*, da prática de ***alavancas obstétricas***, das episotomias e das ***curetagens ao frio*** e suas *sequelas complexas* tanto na *criança* como na *mulher-mãe* não são contabilizados.

O acúmulo de '*colagens*' nas adições *cirúrgicas abomináveis* em sua grande maioria desnecessárias supõe *alterações radicais* nas velhas práticas

naturais dos *fluidos mornos* e nas concepções das **águas claras** sensitivas das mulheres-mães *contemporâneas*.

Uma *cesárea abominável* segue a outra, como um ponto de costura mecânica segue o outro, como uma cicatriz segue a outra, assim como um dia segue a noite. As *incisões* e as *episotomias* seguem a ordem do dia e assim, sucessivamente, seus conteúdos financeiros vão simplesmente multiplicando e *agregando mulheres mutiladas no períneo*.

Essas novas experiências e seus conteúdos *não são explicados nem questionados*. Simplesmente, as *mulheres-mães* entram na *sala de inibição* e pronto. Com dia, tempo e espaço marcado, **as águas vivas e mornas** *deixam de existir* pelo rompimento rude e mecânico da *bolsa d'água*.

Hoje em dia, os *sistemas fechados* incitam **medos patológicos**, remorsos, frustrações, lamentações, sofrimentos, depressões pós-partos, pela ignorância completa, pelo desprezo em relação às outras *manifestações femininas* e pelo desejo de eliminá-las. Assim, apareceram as contradições entre a *natureza fluente das mães* e a ideia *retrógrada paralisante* dos civilizados religiosos salvadores (saúde).

Os *movimentos energéticos* na Terra sem Males haviam se identificado há milênios com a *transcendência energética por questões de existência e permanência na Mãe Terra*. Essas radiações de *energia fluem e refluem* potencialmente na *Y'Guaçu, ventre e pélvis flexível feminino* e nos fluidos dos rios, dia após dia até hoje.

Elas se distanciam das manifestações e das *abstrações masculinas* paralisantes, das insuficiências artificiais, dos *olhares dominantes*, das soluções verbais impostas, dos princípios imutáveis das máquinas, dos *sistemas fechados absolutos*.

As *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água* se voltam para a *prática*, para a *realidade*, para o adequado, para o momento, para os fatos, para os seus sentimentos, para a ação e para o **poder do toque sensitivo e instintivo**.

Isto significa que os *fluidos transcendentais*, o *ar-livre*, a *escolha*, e as possibilidades do *Universo energético aberto* se *posicionam contra* os *dogmas racionais ocidentais*, a *artificialidade* e a pretensão de uma finalidade na *verdade absoluta*.

Os mestres e doutores do tipo *ultra racionalistas*, os *rabinos*, os *papas*, os *sacerdotes*, os *pastores*, os *obstetras religiosos* se estremecem perante as *Olhos d'Água*, a *Mãe D'Umbigo* ((colo da Mãe d'Água onde não existem *conflitos energéticos*), as *Mães d'Umbigo Raizeiras* e as *Mães d'Água*, as *ignoram por completo*. Elas não precisam de um **poder estrutural machista**, de sua *patologia*, de sua *esmola* e nem de seu *doutrinação cultural*. Elas representam a ancestralidade energética de suas *mama'es* faz milênios.

Bastam os 2025 anos de servidão, de escravidão e de discriminação dos povos originários. Não é possível permanecer mais 2000 anos na escuridão do **machismo doentio SIONISTA e GENOCIDA**, do “Óvulo-Pater-Fetal-Fálico corrupto”.

65ª O trabalho de parto obstétrico: A demolição emocional pelo tormento físico obstétrico

O trabalho de parto ginecológico ocidental, uma tortura e uma guerra angustiante contra a Mãe d'Água

A **instintividade** é o princípio
que distingue a *Olho d'Água, Y'ry Oty*, da
ração e da irracionalidade da *'barbárie civilizatória'*.
Isto quer dizer: é o atributo primordial que
a distingue do *homem bruto e frio*.

Dividir o **corpus do pecado**
através de *cortes e furos* é o
objetivo da máquina intervencionista.
O *corpus da contração uterina* é submetido à
guerra pela ingerência médica obstétrica.

As velhas verdades da arte dos nascimentos
das parteiras diplomadas foram
abortadas e arrancadas pela
intervenção obstétrica e pela prática dos
partos induzidos.

A espera *resignada e inevitável* no
parto vaginal pôde ser

revogada com a revelação da
fisiopatologia do ventre materno.
Isso permitiu o controle sobre as

contrações uterinas, encurtando as suas
fases e provocando o *parto induzido*.

O aperfeiçoamento da
anestesiologia tornou indolor o nascimento,
propulsionando, mais tarde, a

realização e a popularização do
parto abominável, a *operação cesariana*,
gerando, assim, inúmeras sequelas iatrogênicas,
orgânicas, psíquicas, físicas,
neurológicas e energéticas.

O ***braço de ferro*** dos ***trancos ventrais*** se fundamenta na filosofia
teísta da medicina obstétrica contemporânea.

O obstetra é ***o cabeça***, o líder que submete a parteira, a enfermeira e a
grávida que são ***a cabeça***, ‘parte *insignificante* da instituição e do corpo’.
Dividir o ***corpus do pecado*** (mãe puta, a mãe dos homens, filho da puta, a
puta que te páreo), realizar o ‘***trabalho de parto***’ é o objetivo do *braço de
ferro do obstetra*.

Os *duros*, os *rígidos*, os *conservadores*, os *liberais de sangue frio*
pensam que as *flexíveis são sentimentais e moles*. As *flexíveis e suaves*
pensam que os dogmáticos são vulgares, covardes, brutais, bárbaros,
insensíveis e sem nenhuma prática ginecológica. Cada um considera o outro

inferior a si, ainda que a desconsideração de cada profissional venha pela *falta de apreço um pelo outro*.

Os ***fatos reais*** são valores práticos e bons, dizem as parteiras. Os princípios lógicos ***intervencionistas*** são bons, dizem os dogmáticos-obstetras. É indiscutível que cada um tem seu *mundo idealizado e arquitetado* . Porém, cada uma das *meninas-mulheres* e das *mulheres-mães* deveria observar esses mundos idealizados de mais além, de fora da instituição racional, com muita atenção, intuição e carinho. E então, deveria realizar a sua escolha sobre qual seria a verdadeira filosofia médica ou prática médica contemporânea a seguir. (Ver mais em Violência Obstétrica do mesmo autor). www.mallkuchanez.com

66ª As diferenças entre as Olhos d'Água, as Mães d'Água e as Mães d'Umbigo Raizeiras amazônicas e os obstetras e as parteiras cosmopolitas são como eclipses do Sol e da Lua

A arte da ciência étnica ancestral da *Olho d'Água*, *Y'ry Oty* e da *Mãe do Fogo*, *Y'SY Tata*, não podem ser negadas ou ignoradas pelo ocidente coletivo repressor

Tradições, costumes da *Olho d'Água* e da *Mãe do Fogo* (irmã íntima), sempre será o *bálsamo* dos renascimentos e nascimentos *sobrenaturais* nos rios fluentes, através das vias fluviais baixas. É uma das formas possíveis de viabilizar os nascimentos *sobrenaturais* que raras vezes terminam em *agonia*, *pânico*, *doença*, *sofrimento*, *dor*, *luto*, pois eles se dão pela concentração dos pensamentos, pela *Força d'Alento Universal*, pela intuição e pelos **instintos felinos** e poderosos da **coragem**, da **agressividade** e **ferocidade** (comportamento da *jaguaratê*) que estimulam as relações energéticas e as emanções magnéticas.

A *Olho d'Água* e a *Mãe do fogo* expressam e valorizam concepções que revelam *reciprocidade constante* nas trocas de **relações de energia** e nas emanções magnéticas e a interdependência permanente entre elas, adquirindo a *Força d'Alento Universal*. Elas são uma evocação sobrenatural

daqueles tempos antigos onde os *espelhos naturais* eram os rios cristalinos fluentes no Amazonas.

A complexidade das diferenças que ocorrem entre os povos originários e os povos latinos americanos, em América do Sul não os leva a se destruir ou a se adormecer, mas as levam a se complementar, a integrar e a interagir num todo possível.

E assim **integram-se** como a *noite e a lua cheia*, como os rios e a *Olho d'Água*, como a *Olho d'Água e a Mãe do Fogo*, como a *Mãe d'Água e a Mãe do Fogo*, como a *Mãe D'Umbigo e a Mãe d'Água*, com a *Mãe d'Umbigo Raizeira e a Mãe d'Água*, como o *Patuá e o Patuazinho*, como a *Mãe d'Umbigo Raizeira e o Patuá*, como a *Mãe d'Água e o Patuazinho*, como o *potencial energético e a energia funcional*, como a *Y'Pajé e o Pajé*, como a *vida e o nascimento*, como o *sol e a lua*, como o *céu e a terra*, como os **alucinógenos** e o **Pajé**, como o **pajé** e o **jaguar**, como a **jaguaratê** e o **jaguar**, como da *máxima plenitude da criança para nascer* e o *tempo favorável da Mãe d'Água para renascer*, como a *arqueologia andina e a etnografia amazônica*.

Ao chegarem os *euroíndios* à *Terra sem Males*, quase sempre encontraram culturas pré-históricas, as quais não puderam e nem quiseram compreender. São culturas que se desenvolveram através de astrologia, transformações, metamorfoses e *simbologias complexas* como a da **jaguaratê** e do **jaguar**, seres sobrenaturais recorrentes, poderosos, ferozes e *parentes íntimos* das *guaranis anhangatus* e de outras etnias, como também das grandes áreas andinas.

Os povos amazônicos com suas inúmeras *forças sobrenaturais*, culturais, qualidades, atitudes, habilidades, formas possíveis e *escolhas* para seu cotidiano, como a sua feminilidade, a sua virilidade, a sua fertilidade, a

suas inspirações, a sua concepção, a sua prenhes, com os **renascimentos** das mama'es, com os **nascimentos** das *mitamis*, os quais se desenvolveram a partir das margens dos rios, junto às águas claras existentes dentro da floresta tropical para uma coexistência pacífica com a *Mãe Natureza e Mãe Cósmica*.

Os *fluidos energéticos e as emanções magnéticas*, complementadas com a associação dos ciclos lunares podem ser percebidos através de instintos, sensibilidade, intuição. Através deles, torna-se possível vivenciar o calor e as vibrações do *ovário*, o movimento ou a '**levitação do óvulo**'. Todas estas vibrações estão associadas à *menarca*, à *menstruação*, à *concepção e a prenhes*.

Inicialmente, os *fenômenos energéticos* positivos e negativos, o *óvulo* e o *espermatozoide* em suas relações de movimento, se juntam e se transformam em relações energéticas e emanções magnéticas dentro da **Mãe D'Umbigo** onde a *vacuidade sublime* é preenchida pela inspiração do óvulo fertilizado, ou seja, pelos *fenômenos energéticos complementares* em **movimento** e evolução.

Dessa fecundação sobrenatural, *desse nada e desse todo* se forma a *Mirĩ he'i ixu-pe (embrião)*, a semente da *mama'e*, dentro das águas, na plenitude de seu movimento. É o começo da *prenhes instintual*, da transformação da *Olho d'Água*.

Concluída a prenhes, a *Olho d'Água* abraçará todas as forças possíveis para *transcender energeticamente*, para se transformar (hospedar) através da *irmã íntima*, a *jaguaratê*, a *Mãe do Fogo* **sem** ingerir *alucinógenos*. Eis que as íntimas relações da mulher-mãe com suas polaridades *energéticas* e suas emanções magnéticas favorecerão a criação e a obtenção de uma entre a

Olho d'Água e a *jaguaratê*, a *Mãe do Fogo*, a **coragem** que a incitará no final da prenhes e no início do renascimento.

Criasse um **poder mútuo** entre elas e passam a querer **possuir-se uma a outra**. Desta maneira, a mulher-mãe adquire poderes da *Força d'Alento Universal*, frutos dessa união complementar entre a *água* e o *fogo*, que atraem a atenção da *mulher-mãe* para a consumação de sua prenhes e o início de seu renascimento no limite do rio.

Intuir, enxergar a *máxima plenitude* da *energia funcional* da **Mirĩ he'ï ixu-pe**, para se transformar em **Y'Agury, Kapi-aí**, e *está evolucionar em Y'Poty Porã*, o qual, a leva a seu nascimento, correlativamente deve-se sentir o *tempo favorável* da *Mãe d'Água*, mulher-mãe para dar **à luz**, quando ela *instintivamente pressentir* o todo do potencial da *água* e do *fogo*, que trazem com sigo, a **sagacidade** e a **coragem**, a **ferocidade** e a **agressividade** farão canalizar os fluidos quentes maternos *via baixa*.

É o grande início do sentimento de *transformação*, **intuir** a *transcendência* energética e as *emanações magnéticas*, através dos movimentos da **dilatação** e a **flexibilidade pélvica**, como também perceber os *fluidos energéticos* vindos pela *via baixa* do canal de nascimento, *Anel do Beijo*, quando a *bolsa de água* *vazar* naturalmente, garante-a um bem suceder dos renascimentos e nascimentos sobrenaturais.

Reconhecer o *enflorar* da **Y' Guaçu** maternal e adquirir uma sutil *coragem* e *sagacidade*, é o desejo instintual para *impulsionar* a **Y'Agury Kapi-aí**. Chegou o momento da *Olho d'Água* **investir** sua energia de dentro para fora, o *valor energético para uso próprio* (LqqT'), e as *abluções magnéticas*, **incidir** sobre a **Y'Agury Kapi-aí**, quando a sua passagem pela pélvis e **pelo** canal fluvial de nascimento, momento em que fará vibrar e

brotar a seu magnetismo energético para a se transformar em *mitami*, recém-nascida.

Quando escancarar a *via fluvial baixa*, o canal de nascimento, para a passagem da *Y'Agury Kapi-aí* e deslizar-se até emergir e aparecer pelo *Anel do Beijo*, ela será amparada e aparada pela *Força d'Alento* da *mama'e*.

A *Olho d'Água*, a *mama'e* *aura* pode medir e ajustar o cordão umbilical amarrá-lo com *embira*, para cortar com os dentes e mastigá-lo. No final fortalece todo seu *poder instintivo* para fazer *deslizar* a *placenta* através do *Anel do Beijo*, e assim, dar término ao nascimento da *Y'Agury Kapi-aí*, “*meu novo coração*”, *xe pya'hu*.

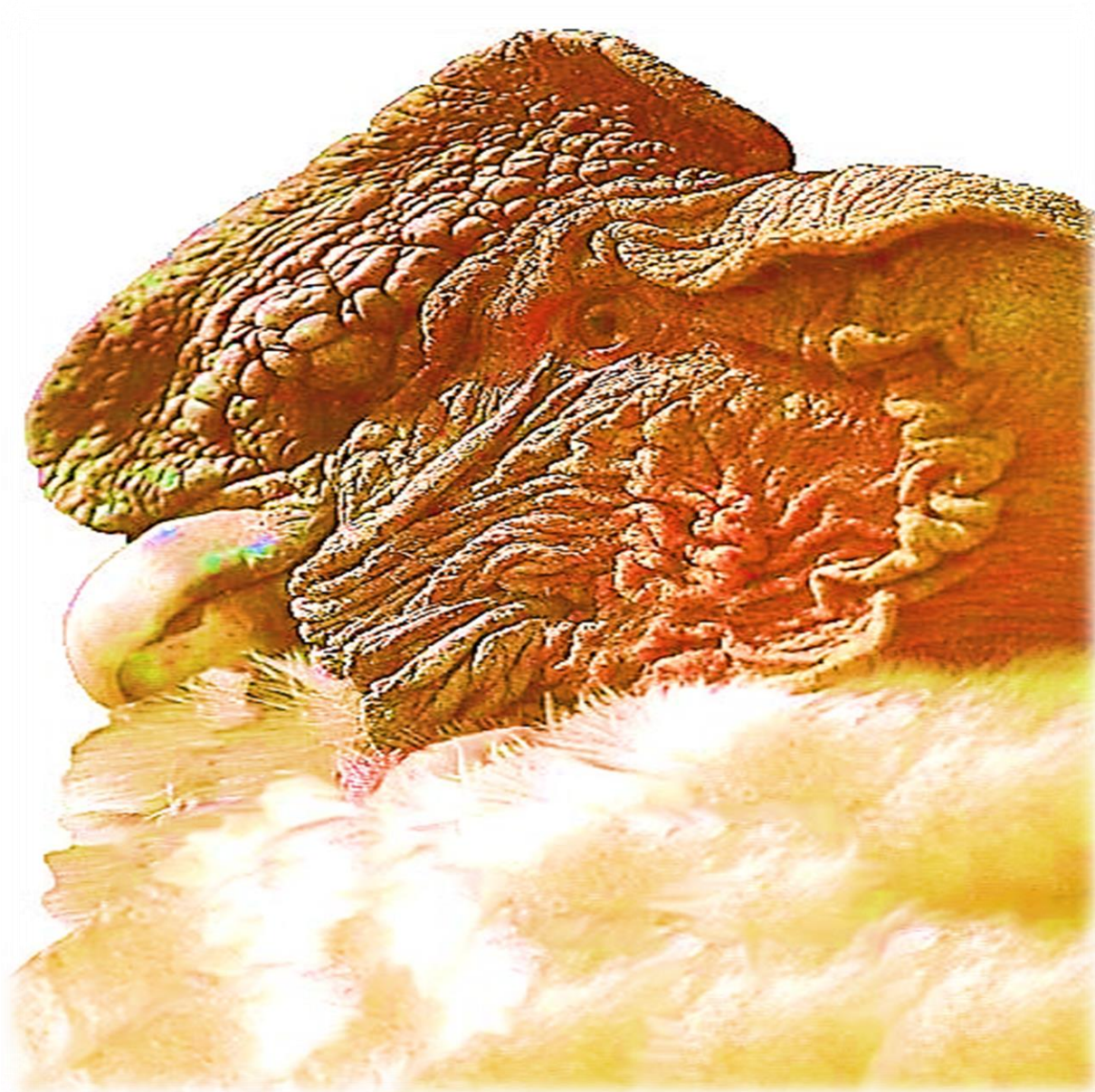
À *mama'e* só lhe resta expressar seu alvoroço maternal, desafogar seus sentimentos internos por haver concluído com *coragem*, *sagacidade*, *ferocidade e agressividade* seu **prazer** e seu **deleite** de seu renascimento, que a *levou* a sua transformação e a sua transcendência energética.

O *renascimento* da *Olho d'Água* e o *nascimento* da *Y'Agury Kapi-aí* é uma passagem sobrenatural, sempre permaneceram distantes das *fraquezas* e as condições racionais ocidentais (dos machistas humanos) e da poluição obstétrica. A *iluminação sobrenatural* de dar à luz, corresponde à *Olho d'Água*, à *Mãe d'Água*, à *mulher-mãe* assistida e amparada pela Mãe d'Umbigo Raizeira e *outras* afins.

Todos esses fenômenos vivenciados pela *Olho d'Água* e outros processos sobrenaturais são *fluxos transitórios sobrenaturais*, são relações complementares em *Pacha* (*movimento e tempo, tempo e espaço*), como as **estrelas cadentes** que nos acompanham numa noite de luar. Elas não devem ser ignoradas, anuladas, mutiladas

e tratadas com descaso pela *lógica racional* obsoleta e religiosa as quais escapam profundamente e totalmente a sua compreensão da transcendência energética.

A *mulher-mãe* deve acreditar e aceitar que tem uma identidade e um poder de *degeneração natural*, mas também que tem um **poder de transformação sobrenatural**. Não siga as penosas *encruzilhadas da ignorância obstétrica*, do *sofrimento*, da *culpa*, do **pecado**, até chegar à sala de inibição do trabalho de parto. Vivencie todos os momentos da sua existência. Transcenda, transforme-se energeticamente em um bálsamo, num deleite interminável. *Vibre! Vibre!* Junto a seu *Y'Guaçu*.



O Mull'pu, *dinossauro* e o Mall'ku, *condor branco*

Símbolos das transformações e mutações energéticas e psicossociais milenares.

67ª Mall'ku

O livre-arbítrio é um dom, uma dádiva
do voo do *Mall'ku* e dos povos originários.

No Estado Plurinacional do *Kollasuyo*,
andino e amazônico,
nascemos *Phawary*, livres, para

alçar voo, e *Phawantaj*, livres
queremos continuar para escolher
instintivamente e transcender
energeticamente como o *valor energético para*
uso próprio, Luquiqaman Tnk'u.

O fluir pelas nuvens da *mama'e Wiphala*,
no grande Universo,
pelos ares quentes da eternidade do
Universo Andino e amazônico, não pode
ser *alcançado* através da política
intervencionista e *genocida* da

vaidade, da língua, dos olhos, das mãos,
dos ouvidos dos *euroíndios*.

Jallallay, Jallallay, Jallallay, pela nossa existência ...

O terrorismo midiático ocidental fantasia, escreve e fala aos quatro ventos sobre as nações desenvolvidas e os povos originários, *fazem lavagem cognitiva* de que só os **grandes** colonizadores e potências armamentistas como os Estados Unidos com os seus judeus sionistas, a OTAM dos europeus colonizadores e as corporações multinacionais são capazes. E são estes que, exatamente, estimulam e *executam* os genocídios étnicos e golpes de estado no mundo, de acordo com seus interesses, modelos, protótipos como a filosofia, a psicologia, a medicina, etc., a serem adotados “*por todos os seres inferiores a eles*”. É a maior *imbecilidade inventada* por essas *corjas paternalistas* e pelo *inferno sádico da igreja católica que semeiam a culpa e cria ovelhas humildes*.

O *sádico inferno católico colonialista e imperial* deu passos gigantescos ao catequizar os povos originários e alcoolizar os ‘*povos pagãos*’. Seus deuses e suas deusas foram transformados em demônios como se esses infelizes, ao introduzirem o progresso e os parâmetros da civilização ocidental, fossem modelos de felicidade para os **não** civilizados. A igreja católica e os sionistas judeus cometeram e cometem os **MAIORES GENOCÍDIOS E MONSTRUOSIDADES** do mundo.

A civilização ocidental, *império armamentista* e o *sádico inferno eclesiástico não são*, de forma alguma, desejáveis como *modelos* de convivência para os povos étnicos do continente *Abya Yala, Aywa Yala* (hoje, Latino América) *Terra sem males*.

Os *corações das pessoas paisagens, Mall’pu e Mall’ku*, não são joelhos e suas tradições milenares não se dobram perante os tiranos, acadêmicos, religiosos, reis, rainhas, judeus sionistas, políticos partidários de turno, estes nos tratam com desdém (por manter-se no poder), com ódio absoluto. Já que mantem as alegorias civilizatórias: dos *arcãos da mulher-puta, mãe dos*

homens, filha (o) da puta, a Lilit, a demônio, o clitóris, a teta do demônio, da virgem Maria, mãe de deus, a prostituição, a pornografia, os estupros, a pedofilia da sádica igreja católica (jesuítas), os genocídios étnicos, etc.

68ª A aliança entre a Olho d'Água e a jaguaratê em compromisso pela pacificidade

Unidade nas Diferenças

A **Olho d'Água** e a **jaguaratê** (onça fêmea) são verdadeiramente potências energéticas com *coragem* e habilidades exteriores independentes, *sagacidade* e *agressividade* de defesa interior independentes, originado pelo **pacifismo** e pela **generosidade**.

A **Olho d'Água** e a **jaguaratê** são parentes independentes com uma dinâmica energética interna entre as duas partes; ambas possibilitam a **hospedagem**, ressaltando a convivência pacífica amazônica. As entidades sobrenaturais e naturais desde sempre convivem, transformam-se e interagem. Energias originárias estão isentas da **interferência** do **ocidente coletivo**. A floresta amazônica é transcende.

A **Olho d'Água** e a **jaguaratê**, apesar de uma **desejar** possuir a outra, vão adquirindo compromisso e segurança na floresta amazônica por não serem **obrigadas** a possuir uma a outra. O dia do renascimento da **Olho d'Água** e do nascimento da **Y'Agury Kapi-aí** são dias de sensível pacifismo.

O **pacifismo** na floresta amazônica com a **hospedagem** da **Olho d'Água** e da **jaguaratê** é uma oportunidade energética de toda a vida: sabemos que ao **ocidente coletivo** não lhe importa a integridade energética nem a vida das pessoas paisagens e menos ainda a sua própria humanidade branca que este transformou em **carne de canhão** durante suas guerras perpétuas.

O *ocidente coletivo* *colonizam-te*, provoca um grande dano psicossocial quando apoia **genocídios** dos povos étnicos com seu temperamento e suas atitudes supertônicas, ao encerrar qualquer negociação de **Paz**.

Os liberais e os partidos de guerra da Europa, com suas máximas demandas, subjugam, submetem, dominam, humilham e conquistam; e essas humilhações tem sido reservados para o resto do mundo.

Reparar a relação e os danos provocados pelo *ocidente coletivo* escolhido por seu deus sempre foi bastante difícil porque o homem branco ocidental nunca esquece a Europa guerreira conquistadora. O estrangeiro europeu não vê ainda que tenha os olhos abertos e não sente ainda que esteja com o coração aberto.

Promover o **pacifismo amazônico** e **andino** genuíno e duradouro a longo prazo é muito difícil porque as alternativas para os povos originários do *Abya Yala* são demasiadamente perigosas pela diversidade amazônica e por causa do **Lítio do Kollasuyo**, Estado Plurinacional de Bolívia.

A postura da maioria dos governos latino-americanos não é própria para o tipo de acordo de **Paz** porque os povos originários são considerados *fundo de quintal de suas terras*. Propor a *Paz* é muito difícil e complicado nessa situação inflexível.

Os povos originários amazônicos não tem direito a suas **terras** pela justiça governamental de seu país e, ainda assim, o *ocidente coletivo repressor* mantém sua **soberania** inquestionável e está relação sempre se faz presente na mentalidade do *ocidente coletivo*, já que negam a relação transcendental dos câmbios estruturais pelos benefícios que usufruem do *judiciário romano*, dos políticos e do estado de plantão.

A relação de **pacifismo** entre a *Olho d'Água e a jaguaratê* é muito estável **não** porque se *amam*, mas sim, porque existem interesses básicos de cada um. A *Olho d'Água e a jaguaratê* tem superado a oscilação entre o *amor e o ódio*, a *virgindade religiosa ocidental e o pecado*, os *prostibulos e a prostituição*, a *Virgem Maria, mãe de Deus e a mulher puta, mãe dos homens civilizados*, a *lua de mel e o divórcio*, a *guerra fria dos partos na mesa ginecológica e a violência obstétrica*. Ao invés de levantarem a cabeça para o céu em sinal de salvação e de arrependimento, elas (es) *aram a Mãe-terra, a Pachamama*, para se vestir e se alimentar.

A chegada do coletivo ocidental colonizam-te (bandeirantes) foi muito prejudicial para a **pacificidade** da *Olho d'Água e a jaguaratê*, as quais ininterruptamente, durante milênios, praticavam a **hospedagem**, incorporação, vira, transcendência metafísica.

Ambas partes aprenderam a respeito do **valor energético para uso próprio, Luquiqaman Tink'u**, e investiram seu tempo na sua estabilidade através de seu equilíbrio energético e na construção de uma relação de **confiança e de alianças**.

Nessa relação fica claro o acordo perpétuo de ambas partes para a manutenção da **estabilidade** e da **pacificidade** ao longo dos séculos na Amazônia, através da conservação e do aperfeiçoamento da riqueza energética natural e sobrenatural. Em muitas destas dinâmicas energéticas internas apresentam-se duas partes, as quais se tratam como parentes, **honis**, sem lhes importar o que se possa suceder.

A *Olho d'Água e a jaguaratê* são genuinamente potencias energéticas com habilidades *energéticas e coragem exterior*, sagacidade e coragem de defesa interior independentes. Por certo, há poucas pessoas independentes e

esforçadas. Há poucas pessoas no mundo civilizado que tenham uma *independência de acerto energético*.

Os povos originários não querem conflitos, não desejam guerras. Até agora tem sobrevivido abrindo trilhas e tentando conversar com a mentalidade desagregadora, ***sionista coletiva ocidental***, a qual ainda deixa rastros de ódio através de intervenções, invasões, explosões, detenções, torturas, humilhações, fragmentações físicas e sentimentais, manobras dissociativas em mulheres y crianças etc. Os rastros de destruição estão por toda parte espalhadas em *Gaza*.

O *ocidente coletivo europeu* não é capaz de sair de seus ferros, grifos, dogmas quadrados, fora do terror que está acostumado a semear. Quando percebe que a *Olho d'Água* e a *jaguaratê* estão se solidarizando, ajudando, colaborando, cooperando, para formar uma ***aliança*** de *passividade e pacifismo genuíno*, então, imediatamente intenta rechaçá-as, estigmatizando-as como débeis, selvagens e partindo para destrata-las. Que tipo de incompreensão existe nas múltiplas práticas de diálogo para se tentar chegar a um acordo de ***Paz***?

Estamos abordando a política arrasadora imposta às *pessoas paisagens*, entre elas a ***Olho d'Água*** e a ***jaguaratê***, sofrerem e sofrem na floresta amazônica. O ocidente coletivo conspira, constantemente, para aniquilar os povos originários. Ironicamente, os europeus possuem uma memória correta para seus interesses, pois pensam que sabem mais que as (os) nativas (os). Eles sabem mais plagiar, roubar, dinamitar, populações inteiras, mas respeitar as *pessoas paisagens* é, para eles, uma ilusão.

As relações entre a *Olho d'Água* e a *jaguaratê* não são de *branco nem de preto*, existem muitos matizes e cantos na floresta amazônica que não caem no monólogo de sim ou não, enraizados nas escolas *alarmistas*

européias. O ocidente coletivo insensível vem limitando o mundo para os povos originários.

O ocidente vê o mundo em *branco e preto, bom e mau, pecado e castigo, salvação e medo através do sádico inferno católico*. Qualquer fenômeno diferente dos fetichismos ocidentais é ameaçante para os europeus e os estadunidenses.

O *ocidente coletivo cego* nega-se a ver que o mundo real a seu *redor é diverso*, dinâmico e múltiplo, e que não é ameaçante, para a **Paz**. Isto poderia ser alarmante para os europeus e os estadunidenses compostos por partidos de guerra que apoiam **genocídios** ao redor do seu mundo imaginário.

As *Olhos d'Água* e a *jaguaratê* são *pragmáticas*, com mentalidades diferentes e abertas, ninguém deve impor-lhes nada, nasceram livres e livres querem continuar, isto é algo grandioso para seu ecossistema e biodiversidade. Para o ocidente coletivo, essas práticas são crimes, **furioso**, quer que triunfe seu mundo; com o seu mundo há de triunfar o ilícito; que triunfe o pecaminoso para que os povos originários sejam vencidos.

Os povos originários são menos ideológicos, e mais **pragmáticos** e *mentalmente abertos* como a multiplicidade energética da *mama'e Wiphala*. A **Wiphala** do *Kollasuyo* é o fundamento do *Estado Plurinacional de Bolívia*, outrora **Kollasuyo**, no Continente do *Abya Yala*.

A nossa perseverança energética através da *Wiphala* não deve ser *motivo* para que uma *fidelidade mal entendida* ponham um cadeado em nossa boca em prejuízo de nossa *entidade genuína*. Nós dizemos isto porque resguardemos o *equilíbrio energético* de nossos ancestrais e estamos convencidos de que todas as contradições levam a uma necessária *ilustração e reflexão*. Acreditamos que si dos *ignorantes* conversão e disputam sobre um **desejo**, sucederá que, em meio de grandes e terríveis desatinos, expressaram

certas palavras que poderão servir de *lição* para a pessoa mais **esforçada**. Essa *ciência étnica* não deverá existir nas duas pessoas que disputam este litígio, porque elas são *ignorantes*; porém devemos nos lembrar de que existem os matizes da discussão, porque ela é verbal e não uma *força armada de intervenção* de uma trincheira.

Assim mesmo, qualquer política de **intervenção** que se faça contra os povos originários, não se permitirá que o **pacifismo** dos povos originários seja superado ou retalhado. O vigor dos povos originários, é o sopro vital, e estamos seguros de que *o vigor e a vida* na floresta amazônica tem uma mesma origem. São uma potência energética originária, e contam com uma força essencial para viver, pensar e se mover. É a **Força d'Alento Energético** a que damos o nome de **vida**; a simbioses de *virtude e de vegetação*.

O *ocidente coletivo* absorvente não são capazes de deixar de atuar e pensar nos **marcos**, nos **cercos** e nas **trincheiras** que estão acostumados a impor e seguir detonando tudo o que odeiam. Não obstante *forçar*, impor, *ameaçar* é cometer uma grande violência.

Cada vez que os europeus percebem alguma mudança acontecendo entre os povos originários, demonizam suas tradições e seus costumes, etc. Eles continuam ignorando-os, desprezando-os deliberadamente, são genuinamente incapazes de entender, qualquer confrontação que realizem as pessoas paisagens em benefício de si mesmas. Pensam que tudo em eles é maligno, males que os ameaçam, os tornam inimigos, os desterram ou os exilam nas reservas indígenas.

Os europeus e os estadounidenses se detêm e forçam a **unidade** da **similitude**, a **igualdade**, da globalização liberal e não aceitam algo

diferente. Se não pensam da mesma forma, os impõem, os ameaçam ou os castigam.

Para o ocidente coletivo, se alguém realizar algo ou estiver fazendo algo *grandioso*, dirá que certamente está se usurpando deles; é uma mentalidade totalmente diferente. O ocidente *continua* com essa mentalidade de imposição a tudo. Os povos originários não julgam e nem sentenciam o ocidente da forma que o ocidente julga e sentenciam aos demais.

A **democracia** (utópica para os povos originários), e os **direitos humanos** são instrumentos políticos para alardear, desviar a atenção e impor malos tratos a seus adversários, para deixar *cicatrices nos olhos, corpos dilacerados, árvores sendo derrubadas*, destratar as pessoas paisagens que tem ombros feridos por carregar este fardos.

O *ocidente coletivo repressor* impõe o desespero, o medo e a morte. Onde estão os corpos desaparecidos? Não existem corpos presentes para suas sepulturas. O ocidente coletivo é um **totalitarismo liberal**, quer **pregar** (reprender, culpar, julgar e fazer desaparecer) para todas as **ovelhas** do mundo. Ele não tem nenhuma consideração pelas pessoas paisagens.

Quais são as intenções da academia parasitaria do ocidente coletivo, se arrancam as bocas para silenciar as pessoas paisagens? A academia é uma escola *obscurantista* e *alarmista*, pois coloca limitações extremas, ao saber genuíno originário, não reconhece a *multiplicidade das línguas* dos povos originários, de modo que, para ela, isso é algo totalmente indiferente.

Acaso expressar, **Eiko Porã Pya'** ("como está seu coração?"), que corresponde "bom dia" para o ocidente), é repugnante? A semente da melodia do idioma, **guarani anhangatu**, essa melodia que tanto há para se sentir, foi plantada na grande floresta amazônica. O azar é do *ocidente coletivo*

carcinoma, um azar que lhes faz *gemer*, *agoniar-se* em suas camas contaminadas a cada hora do dia, quitando-lhe o ar que pode respirar nas escolas ocidentais. Nunca tentaram ensinar nas escolas científicas ocidentais, línguas, ou melodias tradicionais de INICIAÇÕES femininas ou masculinas. Isso é um **crime social** e **violência psicossocial**.

O ocidente coletivo ignora a existência da Olho d'Água e da jaguaratê, considera-as **demônios**. São extremos criados pela academia. Estas escolas que não conseguem ressaltar e realizar a **pacificidade** existente entre a Olho d'Água e a jaguaratê, vão limitando o mundo com a **unidade das semelhanças**, sua igualdade liberal.

Crianças e mulheres da *palestina*, intolerável genocídio! Bombas estadounidenses caem como um cruel castigo à Paz e a educação. O terror diz: “*não terás pés, não terás mãos, não terás olhos*”, mas foram através dessas crueldades que a *palestina* mostrou ao mundo o *hediondo* que é o ocidente coletivo genocida.

Para o ocidente coletivo junto com suas potências democráticas, autocráticas e a *unidade de igualdades*, qualquer movimento diferente rumo a Paz é ameaçante. A **força das diferenças**, a política e o desenvolvimento comunitário não importam, pois este equilíbrio natural não manteria o mundo em conflitos perpétuos e sem rumo.

Nos últimos 525 anos, *europeus e estadounidenses*, vem valorizando a prostituição e o tráfico de drogas que fazem parte do seu PIVE econômico, o colonialismo, o imperialismo, o comercio de escravos, o sometimento e a repressão aos povos originários, *guerras e intervenções intermináveis* com a desculpa de combater drogas; e o acobertamento destes grupos pelo ocidente contribuíram para a **ascensão** do ocidente coletivo repressor às dispensas do resto do mundo.

A **unidade das diferenças** é totalmente diferente da noção do *coletivo ocidental* da *unidade das semelhanças* dos políticos de guerra de Estados Unidos e Europa, os quais partem do **racismo**, do **exclusivismo**, fazem parte da *política da identidade*, *julgam* pelas **aparências e não, pelas realizações**, *julgam* pela *color da pele e gênero*, *se é mulher ganha menos*. Assim, o **ocidente coletivo exclusivista democrático** julga os povos originários, por qualquer reivindicação que eles pretendam realizar, os enxergam, os ameaça, por exemplo, quando tentam *clamar* por suas terras, a ponto de proferir que **“índio bom é índio morto”**.

As terras dos *patifes* são extensas, porém produzem pouco *trigo*, ameaçando a integridade das pessoas paisagens mediante o pacto maligno da *seguridade nacional agropecuária*. O *ocidente coletivo* é usurpador em muitos aspectos, vive com mentalidade **empobrecedora** e **escravista**, não aceita algo **diferente**, que inspire, que *alente* algo melhor para nossa convivência dentro a *unidade nas diferenças*.

O ocidente coletivo é um **totalitarismo liberal**, quer impor seus valores dogmáticos, quer **predicar**, endeusar-se, para o mundo de qualquer maneira. Não quer reconhecer que tem problemas e continua desafortunadamente a manter a estratégia de **dividir**, usurpar, conquistar, golpear, a qual vai em oposição à **unidade na diferença**.

Quer se apoderar de tudo, semeando medos, pesadelos tenebrosas. Essa inteligência maligna, sempre dividiu a política partidária dos países latino-americanos através da *corrupção diplomática* que é uma *guerra por outros meios*, pressupondo-se a sua vitória.

A estratégia de **dividir** foi vem sucedida quando os britânicos colonizaram o Continente Africano. Quando deixaram o subcontinente, os deixaram **divididos, abandonados** na mais completa miséria e em estado

de guerra civil perpetua, e o mesmo fizeram com a maioria dos estados africanos. Isto é exatamente que os *européus*, más sabem fazer: roubar a riqueza alheia.

No *Pindo Rentã (Brasil)*, a FUNAI, através das *líneas administrativas*, do *ocidente coletivo* criou **reservas indígenas** onde estão enclaustrados e encarcerados muitas etnias.

Estas *linhas administrativas* impostas pelo *ocidente coletivo*, **cortaram** os costumes *linguísticos* e seus idiomas, **marginalizaram**, **separaram** e **dividiram**, **fazendo desaparecer inúmeras aldeias**. Abandonaram-nas ao vento, fizeram perder seus ninhos, seus rituais, seus cantos e sua floresta. Essa é a causa raiz de muitos conflitos políticos nas *terras surrupiadas*, à *mão armada*, inicialmente pelos *bandeirantes* (*analfabetos, ignorantes, estupradores*) e, depois, pelo *ocidente coletivo*. Essa história continua a fluir, somando-se a ela problemas psicossociais, fortalecendo o **racismo**, a *escravidão* e as divisões sociais.

A *ascensão* do império norte-americano segue o *caminho da unidade das semelhanças*, da *igualdade*, da manipulação, do intervencionismo, trilham seu fervor canibalesco acompanhado dos *subservientes* europeus, engolem a todo mundo sem admitir os câmbios e o futuro do mundo multipolar.

O **asenso** das relações da *unidade da diferença* não significa o fim do *ocidente coletivo*, só terminaria com a **dominação** e o **terrorismo** do *ocidente coletivo*, do monólogo usurpador.

Os valores *ocidentais coletivos* sempre argumentam que a *democracia* (uma utopia), os *direitos humanos* e a *liberdade* constituem o melhor sistema; essa é a *lição primaria* do ocidente **divisor**, *cujas ferramentas são o medo*, as **ameaças** e a **fome**. Sim, os povos originários **tropeçam** e

mostram o **oco da mão** (pedindo esmola ao FMI) como **prato** do órfão, eles riem-se.

Na prática, é um **pseudônimo** de *perturbação*, golpes de estado, *torturas e corrupção*, pois não tem sentimentos nem por sua própria gente. Europa e os Estados Unidos estão totalmente adormecidos. Os pretos dos Estados Unidos deveriam ser respeitados e tratados como os brancos são tratados. E que dizer dos emigrantes? Foram transformados em inimigos e delinquentes por serem **diferentes** e não se enquadram no dogma *branco* racista estabelecido.

É muito mais fácil *conversar* com alguém que te agrade, porém, é muito mais desafiante *conviver, trabalhar*, com alguém que tenha uma *visão e vivência diferente*.

A **unidade** na **diferença** é distinta da **unidade na similitude**, a OTAN, a *União europeia*, e os *partidos políticos de guerra* do ocidente coletivo são todos **semelhantes**, iguais. O maior problema dos europeus é que desejam conservar o *colonialismo* e acreditam que com este ato possam *manter* o **racismo**, esta estratégia singular é *estão trágica e baixa* que forma e garante a **submissão** do mundo ante a *unidade da igualdade ocidental*.

Esta *patologia* é tão *benigna* que assegura que todos os demais são muito **ameaçantes** para os interesses do *ocidente coletivo*, e isto é uma tragédia absoluta infligida por sua *altives e arrogância*. ‘Não **deixam** que as *pessoas paisagens* decidam por si mesmas’. Esta *ordem liberal totalitária* (democrática), está desmoronando, está em ruínas, está em uma crise profunda pela *irracionalidade* do *ocidente coletivo* causada por suas guerras perpetuas e tragédias eternas.

O melhor exemplo é Gaza, o **holocausto** do século 21. O **mal instinto** dos judeus sionistas deixa-os cegos quando a paixão pelo poder

ofuscou seus sentimentos. Que se pode fazer respeito ao *conflito Israel/Palestina*?

O *ocidente coletivo* não soube resolver seu próprio dilema. O *genocídio* iniciou-se no ocidente com as *bombas doadas* dos Estados Unidos de América eliminando sem piedade crianças, mulheres, anciãos. Por que não respeitam a vida dos povos étnicos? Toda guerra do mundo é estimulada pelo império do *ocidente coletivo*. Criam choques de civilizações para beneficiar seus aliados, pois eles nunca deixam de lutar numa guerra. Pelo tanto, o pentágono cria guerras civis ocidentais, putrefatas, impactando milhões de pessoas sem sentido algum.

Fim da manipulação ocidental coletiva. Os povos originários multipolares querem ver as *pessoas paisagens, grandes ou pequenos*, de matizes diferentes, tenham igual poder de representatividade política, igual posição, iguais diretos para o fim da **manipulação** do *ocidente coletivo* repressor.

Isto quer dizer que tenham que se mobilizar todos juntos para que *triunfe a ciência étnica*, dos povos originários amazônicos e andinos, através das **alianças** da **Olho d'Água e a jaguaratê**, com seus compromissos com a **pacificidade**. Que triunfe a **Unidade na diferença**, ainda que o *ocidente coletivo* haja de ser **vencido** para o desenvolvimento das outras tradições milenares.

Vocabulário Guarany Anhangatu

Aí	mama'e, mãe, mamãe
Aí Vyteri	ventre materno
Abati	milho
Aiko Porã Py'a	como está seu coração
Ajayo	energia ancestral dos povos originários vermelhos
Ambareté	força de levantar
Amaná	chuva que cai
Anajá	palmeira
Anhangatu	idioma guarany
Amawtas	mestras (os) andinas
Apuka	risada
Apó	semente da planta
Etã	ovário
Atipe	sobrinha
Ava	homem
Abaeté	energia boa, originária (o), pessoa do lugar
Avaré	força degenerativa, colonizador (a), sacerdote
Ayvu	assim mesmo divina (o)
Aywa Yala, Aby-Yala	terra sem males (hoje, América Latina)
Baeto lexopó	pensar

Boroay	entoar, canto
Capuli, Chilto	fruto energético, representa a forma da poraceí, <i>ovulo</i>
Chacana	Cruz do Sul
Chaycha Katipa	meditação através da natureza
Cherady	filha
Cheray	filha
Cheru Y'Pyruá	Vó d'Umbigo, a que organizou as luas
Chiramay	avó feminina
Chichary Ava	avô masculino
Choucho Kuyuy	movimento do centro
Chyriê	fecundação
Diácira	favo de mel
<i>Eiko Porã Py'a</i>	meu coração está bem
<i>Eiko Porã Marã</i>	sensualidade sublime do movimento; dança do fogo
Eiko Ambarete Ñe'ẽ	força d'Alento da ancestralidade, ajayo
Echara'u	sonho
Echara'u Entoar	ritual do sonho
Entoar	ritual, energia que mora no Patuá, ritmo que traz brisa da floresta
Etã	ovário
Evyru	levar dentro da Mãe D'Umbigo
Evyrumitã	recém-nascida

Guaraná	força poderosa, remoinho das águas
Guarany	pessoa que tem medo do frio; guerreiro
Gua Mitã-pa	criança
Guenbireko	esposa
Guãxa	nora
Guyrapa	arco
Guyrá	ave
Guyvirá	irmã
Gwirá Pepoti	garça que vive na água
Intanha	a força que mora na água; seu entoar lembra o choro de uma criança
Iporã	em todo ciclo de purificação, nasce e renasce tudo que se move
I Sy	sua mama'e
Ikoẽ	noite inteira
Ikoporã	alento
Ikoporã Marã	sentir-se bem; orgasmo
Ikoporã Mbraeté Ñe'ẽ	Força d'Alento Energética
Jaguar	puma, wari, titi, canguçu, onça
Jagw	ser intermediário entre a jaguaratê e o jaguar
Jaguaratê	onça fêmea, wari
Jaguaratê	Mãe do Fogo
Jagwaramirĩ	onça pequena
Jarecutay	dança

Jari	vó
Jaxy	lua, mês
Jaxy Endy	luar, dança da lua cheia
Jaxy Oñemi	coração que se esconde; lua minguante
Jaxy Ovoguaçu	coração grande; lua cheia, rosto grande
Jaxy Py'a	novo coração; lua nova
Jaxy Tata	luz da estrela
Jaxy Yvyté	águas altas; água que pulsa, lua crescente
Jegwa	enfeites, colares, cintos, penas de tucano
Jeru	boca
Ju'utihã hina	febre amarela, milita
Jururu	triste
Jy'y	arco íris
Luquiqam Tink'u	ajayo, o valor energético para uso próprio
Ka'a	erva mate
Kaeté	mata originária
Kapi aí	semente da mama'e
Kau'i	bebida sagrada
Kaia'y	moça-jovem
Ka'ripu	patuá, árvore
Kallawaya	sanador itinerante andino
Kiriri	serenidade, tranquilidade
Kollasuyo	Estado Plurinacional de Medicina (Bolívia)

Kunhã	adolescente
Kunhataĩ	menina-moça
Kuaray	Sol
Kuarasy	Mãe Sol
Kururu	sapo
Kúntur – kunturi	condor negro
Kuy-á	rede de dormir
Maino	beija-flor
Maita	primeiro impulso da Poraceí (óvulo)
Mandiô	mandioca
Mandubi	amendoim
Mall’ku Phawary	liberdade, é um dom, uma dádiva do voo do condor branco que traz bons mensagem
Marã	sagrado
Maru	seiva
Mba’e Poty	flor da mata
Mbaraet’e	entoar, forças poderosas
Mbokja	coco
Mboé	ensinar
M’Boi Rehegua	picada de cobra
Mboraet’e	o canto que mora no py’a, das montanhas, dos rios das árvores
Mborah’ei	entoar
Mbaraká Endy	luz do trovão

Miratamo Panambi	pequena borboleta
Mirĩ he'i ixu-pe	embrião
Mitã	criança no ventre
Mity	beijo
Mity Yba	anel do beijo, grandes lábios
Mombeu	narrar, contar histórias
Maru	a divindade que mora dentro da árvore
Nderu	seu pai
Nhanderu	céu
Nhane Ramo'i	princípio
Nhandexe – Tere	mãe terra
Nhapuã Japoraí Pacha	vamos cantar ao movimento-tempo-espço
Nhe'ẽ	ajayo, ancestralidade, identidade, movimento
Nhe'ẽ Tata	divino do fogo
Nuk'inchus	é todo original
Oarõ	esperar, ter paciência
Oguapy-	primeira ovulação e menarca, a menina-mulher fica sob a influência dos ciclos menstruais
Omerã	movimento
Ojajo	energia do sono
Omerã Poraceí	período fértil
Omopuã	erguer-se, levantar-se, movimentar-se

Omopuã Pacha	mãe natureza, mãe cósmica, terapêutica
Ogureko	nascimento da criança
Pacas Mili – Kheno da Pacas Mili	ventre eletromagnético feminino, fertilidade
Pacha	movimento- tempo-espaço; Terra - mundo
Pachamama	Mãe Terra
Pacha Kutij	transformação dos povos originários
Pai'titu	carinhosa
Pakova	plátano\ banana
Panambi	borboleta
Paraná Guaçu	grandes águas
Pará	escrever, gravar
Pakuá	a placenta uma multiplicidade energética
Parakutia	pólen multicolor, livro, caderno
Patuá	amuleto, árvore, único ser que está ligada à Terra e ao Céu
Patuá	bolsa medicinal com poder energético
Patuá	árvore com energia de criança; as placentas são guardadas em baixo do Patuá
Patuazinho	árvore para fazer rituais
Patuazinho	saquinho da Mãe d'água
Pete-ĩ	um
Petyngua	cachimbo feito de barro preto serve para esfumaçar o ambiente
Petynguá	ritual de nascimento feito pelos homens

Picati	sabão, erva d'água cheirosa
Pindó Renta	lugar dos cocos e das palmeiras
Pira	peixe
Y'Piraguaçu	peixe grande, mãe do corpo; útero, região embrionária, matriz
Poraceí	óvulo, energia, de maior força e poder de intuição e intenção
Poraceí	que brota e flui com serenidade intuitiva
Poty	flor
Poty-maru	trompa de falópio
PU'Y	negativo masculino
Py'a	coração, tambor, vida, coragem, sentimento, emoção
Py'a Hu	coração novo
Pytã	vermelho; cor das pessoas originárias, sangue
Sacha	a semente torna-se uma árvore, as ramas, as folhas, as flores e os frutos chegam através de seu próprio movimento
Sy	mãe
Sy Biterauly	retorno ao centro da mãe d'água para ter uma referência de si mesma
Sy Gerere	mãe d'umbigo
Sy pe	sua mãe
Taba	aldeia
Tairapé	povo originário

Tatachin-ĩ	fogo branco
Tainha	para ti, menina
Taipiti	coelho
Tata Endy	luz do fogo
Tata Mirim	faísca de fogo
Tata Morã	dança do fogo
Tata sina	fumaça sagrada
Tatá Y'Sy	Mãe do Fogo, <i>jaguaratê</i> (onça fêmea): sublime serenidade que tem a força, o movimento e o fogo da jaguaratê
Tataurã	taturana
Tata'y	fogo
Tata'y Piriri Mirĩ	chispa, fogo pequeno
Temity	plantas
Tiputue'chi	respirar fundo
Tink'u	movimento, encontro
Titi	puma, Illampu, jaguar
TU'Y	positivo feminino
Tuja pé	velha
Tukã	tucano
Tupã	ancestral, trovões e raios
Tupã Veraba	brilho dos raios
Tyma	lábio
Thuru	formas de barro

Uape	flor d'água, bolsa de água
Umã	ancestralidade
Unha	menina-moça
Uy	flecha
Uypyty	zarabatana
Verá	atravessando a chuva; raios, trovões; nascimento
Xe Aí	mama'e (na intimidade)
Xe Memby	minha filha
Xe Perua	criança dentro da mãe
Xe Py'a	meu coração, minha vida
Xe Pya' Ñe'ẽ	hospedar a ancestralidade da Olho d'Água
Xe Ra'y	minha filha
Xe Ru	meu pai
Y'	água, fluido, rio, mar
Y'Agury Kapi-aí	a semente da mama'e dentro das águas na plenitude de seu movimento
Yaku'a-a-para	chuva contida na cabaça, instrumento para ritual de línguas
Y'Jaú Mitã	nascimento da mitami
Yruku	urucum
Y'ry	água, vera
Y'ry – Oty	Olho d'Água
Y'Sy	mãe d'água: toda menina-mulher, mulher, que passou pelos rituais de iniciação: <i>Oguapy</i>

Y'Sy	mãe d'água, preña, gestante
Y'Sy Ryepy	ventre da mama'e
Y'Taipu	água saltando nas pedras
Y'Tororo	água sonora
Y'Tu	cachoeira
Y'Uape	flor d'água, vitória regia
Yvaté	lugar alto
Y'varypy	trovão
Yvy Butantã	terra dura- terra pisada
Yvy	Terra
Yvy Popy	o fim na Terra
Y'Poty Porã	flor bonita das águas doces
Yvy Sy	Mãe Terra
Yvyrá	árvore, madeira, pau
Yvyrá Pytã	árvore vermelha (Pau brasil)
Y'Pyruá Sy	Mãe d'Umbigo Raizeira, a que modela o 'Favo de Mel', <i>Pakoa Ei</i>
Y'Sy	Mãe d'Água
Yvyrá	pau-brasil
Y'vytery Aí	ventre materno
Y'we	renascimento e nascimento
Y'xugui-gua mitã-pa	preña, gestante